

IX

A vida de Amaro tornou-se então horrivelmente monótona. Depois da missa, dos deveres da igreja, do serviço paroquial, voltava para casa. O Inverno ia muito molhado e frio; uma chuva fina, miúda, mole caía constantemente. Não se podia passear e depois de tirar as botas enlameadas e húmidas, Amaro ficava em chinelas, a aborrecer-se em casa. Jantava às três horas. A mesa era de pinho, azul, e como ainda não havia toalhas, estendia-se a um lado um pequenino guardanapo onde ficava o prato. O resto da mesa, escura e nua, dava-lhe uma sensação inexplicável de miséria, de abandono e de viuvez. De pé, a Vicência servia tossindo e de vez em quando, tomando o avental como um lenço, assoava-se com grande ruído. Era uma velha extremamente suja. Amaro muitas vezes, ao tomar o garfo e a faca, sentia o cabo húmido da água gordurosa das lavagens. Comia mal, à pressa; mandava vir o café e ficava horas esquecidas sentado à mesa, quebrando a cinza do cigarro na borda do prato, perdido num grande tédio.

Às vezes o coadjutor vinha visitá-lo ao fim do jantar: sentava-se ao pé da mesa com o guarda-chuva entre os joelhos, calado e lúgubre. Era sempre o mesmo homem, magro, servil, amarelo, com o aspecto doente e sujo. Ficavam calados ou trocando, a largos espaços, raras palavras triviais: um baptizado que se fizera; o que dissera o cônego Campos; um frontal de altar que era necessário limpar.

- 352-61: tornou-se [...] sentia o cabo
- 361-2: lavagens. Comia
- 363: café e
- 364-6: num grande tédio.
- 367-8: coadjutor vinha visitá-lo ao
- 368-9: sentava-se ao pé da mesa com o guarda-chuva
- 369-82: joelhos, [...] o que dissera
- 382: frontal de
- 383-90: limpar.

A vida de Amaro tornou-se monótona. Março ia muito molhado, muito frio; e, depois do serviço na Sé, Amaro entrava em casa, tirava as botas enlameadas, ficava em chinelas a aborrecer-se. Às três horas jantava; e nunca levantava a tampa rachada da terrina sem se lembrar, com uma
 355 saudade pungente, do jantarinho na Rua da Misericórdia, quando Amélia, com o seu colar muito branco, lhe passava a sopa de grãos-de-bico, sorrindo, toda carinhosa. Ao lado a Vicência servia, tesa e enorme, com o seu corpo de soldado vestido de saias, sempre constipada; e de vez em
 360 quando, desviando a cabeça, assoava-se ao avental com ruído. Era muito suja: as facas tinham o cabo húmido da água gordurosa das lavagens. Amaro, desgostoso e indiferente, não se queixava; comia mal, à pressa; mandava vir o café, e ficava horas esquecidas sentado à mesa, quebrando a cinza do cigarro na borda do prato, perdido num tédio mudo, sentindo os pés e os joelhos frios do vento que entrava pelas frinchas da sala
 365 desabrigada.

Às vezes o coadjutor, que nunca o visitara na Rua da Misericórdia, aparecia ao fim do jantar: sentava-se arredado da mesa, e ficava calado, com o seu guarda-chuva entre os joelhos. Depois, julgando agradar ao pároco, repetia, invariavelmente:
 370

— Vossa Senhoria aqui está melhor, sempre é estar em sua casa.

— Está claro... rosnava Amaro.

Ao princípio, para consolar o seu despeito, dizia ligeiramente mal da S. Joaneira, provocando, animando o coadjutor (que era de Leiria) a contar os escândalos da Rua da Misericórdia. O coadjutor, por servilismo, tinha sorrisos mudos, repassados de perfídia.
 375

— Ali há podres, hem? dizia o pároco.

O outro encolhia os ombros, com as mãos muito espalmadas ao pé das orelhas, numa expressão de malícia; mas não pronunciava um som, receando que as suas palavras, repetidas, escandalizassem o senhor cônego. Ficavam então soturnos, trocando, a espaços, frases moles: um baptizado
 380 que havia; o que dissera o cônego Campos; um frontal do altar que era necessário limpar. Aquela conversa enfasiava Amaro: sentia-se muito

353: e.] e

368: sentava-se] sentava-se, / calado,] calado

372: claeo...] claro,

381: moles:] moles;

— O vento está sul? perguntava Amaro, bocejando.

— Sempre! respondia o coadjutor.

A chuva caía miúda, silenciosa na grande tristeza da rua.

Às nove horas o coadjutor erguia-se e saía abrindo o seu guarda-chuva, cumprimentando gravemente Vicência.

Era aquela a pior hora, a da noite, quando ficava só. O candeeiro de petróleo dava uma luz melancólica. Amaro procurava ler, mas a todo o momento se erguia, passeava no quarto, acendia o cigarro, ia à janela. A rua estava tenebrosa e o lajedo molhado reluzia vagamente.

Os livros enfasiavam-no; estava desabituaado do estudo e da leitura; não compreendia bem o que lia. Vinham-lhe sonolências; as ideias de estudar, de se aplicar, tinham-se dissipado depressa. Mas as grandes devoções, a adoração de Deus, em que ao princípio resolvera asilar-se como numa fortaleza, sepultar-se como num túmulo, — não o prendiam também. Andava mesmo distraído das coisas da igreja. E não se afligia, não tinha remorsos, porque julgava que o ter-se afastado de Amélia era já bastante uma penitência e um sacrifício. Não necessitava acrescentar as orações dos livros ou os rituais do culto. Sentia-se vagamente quite com o Céu!

391: perguntava Amaro.

393-4: A chuva caía [...] Vicência.

395-402: só. [...] Sentia-se

385 pouco padre, muito distante da panelinha eclesiástica: não o interessavam
as intriguinhas do cabido, as parcialidades tão comentadas do senhor
chantre, os roubos da Misericórdia, as turras da câmara eclesiástica com
o Governo Civil; e achava-se sempre alheio, mal informado, nas pales-
tras eclesiásticas em que tão femininamente se deleitam os padres, e que
390 têm a puerilidade duma caturrice e a tortuosidade duma conspi-
ração.

— O vento está sul? perguntava ele enfim, bocejando.

— Sempre! respondia o coadjutor.

Acendia-se a luz; o coadjutor erguia-se, sacudia o guarda-chuva, e saía
com um olhar de revés à Vicência.

395 Era aquela a pior hora, a da noite, quando ficava só. Procurava ler,
mas os livros enfastiavam-no: desabituaado da leitura não compreendia
«o sentido». Ia olhar à vidraça: a noite estava tenebrosa, o lajedo reluzia
vagamente. Quando acabaria aquela vida? Acendia o cigarro, e do lava-
tório para a janela recomeçava os seus passeios, com as mãos atrás das
400 costas. Deitava-se sem rezar às vezes: e não tinha escrúpulos: julgava que
ter renunciado a Amélia era já uma penitência, não necessitava cansar-se
a ler orações no livro; celebrara o «seu sacrifício» — sentia-se vagamente
quite com o Céu!

396: enfastiavam-no:] enfastiavam-no: / leitura] leitura.

No entanto afundava-se no seu tédio.

Assim passaram três semanas.

Um dia que tinha saído cedo encontrou na Praça, pelo toque do meio-dia, o cónego Dias.

— Você recebeu lá o ramo? perguntou-lhe o cónego.

— Que ramo? disse Amaro surpreendido.

— O ramo que lhe mandou a Amélia.

Amaro fez-se branco de surpresa e comoção.

— A rapariga diz que você é um ingrato, que se tem portado muito mal, continuou o cónego. A falar a verdade também acho. Por que diabo não tem você aparecido lá, homem? Que faz você à noite? Apareça, homem! Apareça! Que diabo!

Amaro separou-se logo do cónego e dirigiu-se a casa, num alvoroço, contendo-se para não correr pelas ruas, de batina. A Vicência estava à porta:

— Trouxeram aí um ramo? perguntou-lhe ele quase sem respiração.

— Trouxeram, sim, senhor.

Amaro trepou os degraus, raspando o corrimão com as unhas, febril, sôfrego. Atirou a porta do quarto com um ímpeto, olhou ansiosamente. O ramo lá estava, dentro da bacia, numa pouca de água. Eram grandes rosas escarlates e brancas, vivas, frescas, cheias, com uma forte folhagem verde, pequenos botões cerrados, todo um aroma em redor.

Foi como a erupção de uma grande luz:

— Gosta de mim! dizia ele. Gosta de mim!

Estava tão nervoso que não pôde jantar. Tinha decidido logo ir vê-la essa noite — e passeava pelo quarto impaciente, agitado, esperando que escurecesse.

— Custa a anoitecer hoje! dizia ele.

E *queria* a noite, *puxava-a para baixo* com a força do seu desejo. Por fim deram sete horas; escovou a batina, pôs banha no cabelo, saiu! Quando bateu à campainha da porta de Amélia, tremia, sentia palpitar alto o coração.

Foi uma admiração quando ele entrou.

— Ditosos olhos que o vêem!

— Pensávamos que tinha morrido!

Era sábado. Estava a sr.^a D. Maria da Assunção e as sr.^{as} Gansosos. Arredaram as cadeiras para lhe dar lugar.

E continuava a viver só: o cônego nunca vinha à Rua das Sosas,
405 «porque», dizia, «era casa que só o entrar nela até se lhe agoniava o estômago». E Amaro, cada dia mais amuado, não voltara à casa da S. Joaneira. Escandalizara-se muito que ela não lhe tivesse mandado pedir para ir às partidas da sexta-feira; atribuíra «a desfeita» à hostilidade de Amélia; e, mesmo para a não ver, trocara com o padre Silveira a missa
410 do meio-dia onde ela costumava ir, e dizia a das nove horas, furioso com aquele novo sacrifício!

Todas as noites Amélia, ao ouvir tocar a campainha, tinha uma palpitação tão forte no coração que ficava como sufocada um momento. Depois os botins de João Eduardo rangiam na escada, ou ela conhecia os
415 passos fofos das galochas das Gansosos: apoiava-se então às costas da cadeira, cerrando os olhos, como na fadiga duma desesperança repetida.

— Ora! Ora! Então que tem feito?

E a S. Joaneira reprendia-o brandamente:

— Seu ingrato! dizia ela, seu ingrato!

Amélia estava pálida e costurava com a cabeça baixa.

Mas logo depois das primeiras surpresas, dos cumprimentos, Amaro começou a estar descontente. Amélia não lhe falava: curvada sobre a sua costura, picava febrilmente a agulha; não olhava para ele. Ao chá sentou-se ao pé do cônego Dias, pôs-se a conversar, a rir, com o gato no colo, quase alheia à presença de Amaro. Amaro estava todo desiludido, começou a impacientar-se, a estar desatento à conversação, a encher-se de despeito. E quando a irmã do cônego se ergueu e se embrulhou no seu xale para sair, Amaro ergueu-se também, secamente.

— Já? disse então Amélia, voltando-se para ele, fixando-o com uma ternura franca.

Os seus olhos encontraram-se, penetraram-se, possuíram-se. E Amélia, baixando lentamente as pálpebras, coçando com as mãos as costas do gato, disse com a voz baixa, repreensiva e meiga:

— É cedo!

Mas a irmã do cônego agasalhava-se, com os seus exageros senis.

— Nada! Nada! Há uma aberta! Antes que venha alguma pancada de água!

Amaro hesitou um momento, mas como já se tinha embrulhado na capa, teve de descer com o cônego e com a irmã, que se queixava do mau tempo, toda quezilada, entrouxada em mantas, com os saiotes apanhados, os pés calçados numas vastas galochas.

Logo que Amaro saiu, Amélia fechou-se no seu quarto.

— Vou-me deitar, disse, estou com umas dores de cabeça que não paro!

Sentou-se ao pé da cama, ficou ali muito tempo imóvel, fixando o soalho:

— É certo, pensava ela, é certo! Estou doida por ele!

Tinha-o tornado a ver; achara-o mais pálido, mais triste. Mas tão simpático! Tão irresistível! E punha-se a recordar toda a sua pessoa, os seus olhos, a sua voz, a sua estatura, o seu sorriso!

— Como eu gosto dele!... Adoro-o!

Esperava o padre Amaro; e às vezes, pelas dez horas, quando já não era possível que ele viesse, a sua melancolia era tão pungente que se lhe entumecia a garganta de soluços, tinha de pousar a costura, dizer:

420 — Vou-me deitar, estou com umas dores de cabeça que não paro!

Atirava-se para a cama de bruços, murmurava numa agonia:

— Oh Senhora das Dores, minha madrinha! Porque não vem ele, porque não vem ele?

Nos primeiros dias, quando ele se foi embora, tinha passado horas de uma tristeza amarga. Como toda a casa lhe parecia escura, vazia e monótona! Quando tinha visto o quarto dele desabitado, os cabides sem a sua roupa, a cómoda sem os seus livros, começara a chorar. Tinha beijado a travesseirinha onde ele dormia, tinha esfregado as mãos, com força e amorosamente, à toalha a que ele se limpara! Como tinha padecido, suspirado e sonhado com ele! Mas lentamente, pouco a pouco, a reflexão veio aconselhá-la e acalmá-la. Ele era um padre! Aquele amor, irreflectido e equívoco, só lhe podia dar a vergonha e o escândalo. Seria a *amiga do pároco!* Via-se apontada ao dedo, com risadinhas, na igreja, no mercado, debaixo da Arcada. E vinha-lhe com terror a lembrança de uma amiga dela que se perdera com um padre, a Joaquina. Como a vira desgraçada, apupada, saindo só de noite, mirrando-se, entisicando!

Nos primeiros dias, apenas ele se fora embora, toda a casa lhe pareceu desabitada e lúgubre! Quando vira no quarto dele os cabides sem a sua roupa, a cómoda sem os seus livros, rompeu a chorar. Foi beijar a travesseirinha onde ele dormia, apertou ao peito com delfrio a última toalha a que ele limpara as mãos! Tinha constantemente o seu rosto presente, ele entrava sempre nos seus sonhos. E com a separação o seu amor ardia mais forte e mais alto, como uma fogueira que se isola.

Uma tarde, que fora visitar uma prima enfermeira no hospital, viu ao chegar à ponte gente parada, embasbacada com gozo para uma rapariga de cuia à banda e *garibaldi* escarlata, que, de punho no ar, já rouca, praguejava contra um soldado: o rapazola, um beirão de cara redonda e lorpa coberta de penugem loura, virava-lhe as costas, encolhendo os ombros, as mãos muito enterradas nos bolsos, rosnando:

— Não lhe fez mal, não lhe fez mal...

O sr. Vasques, com loja de panos na Arcada, parara a olhar, descontente daquela «falta de ordem pública».

— Alguém barulho? perguntou-lhe Amélia.

— Olá, menina Amélia! Não, uma brincadeira do soldado. Atirou-lhe um rato morto à cara, e a mulher está a fazer aquele espalhafato. Bêbedas!

Mas a rapariga de *garibaldi* vermelho voltara-se — e Amélia aterrada reconheceu a Joanhinha Gomes, sua amiga da mestra, que fora amante do padre Abílio! O padre fora suspenso, deixara-a; ela partira para Pombal, depois para o Porto; de miséria em miséria voltara a Leiria, e aí vivia nalguma viela ao pé do quartel, entisicando, gasta por todo um regimento! — Que exemplo, santo Deus, que exemplo!

E também ela gostava dum padre! Também ela, como outrora a Joanhinha, chorava sobre a sua costura quando o senhor padre Amaro não vinha! Onde a levava aquela paixão? À sorte da Joanhinha! A ser a *amiga do pároco*! E via-se já apontada a dedo, na rua e na Arcada, mais tarde abandonada por ele, com um filho nas entranhas, sem um pedaço de pão!... E, como uma rajada de vento que limpa num momento um céu enevoadado, o terror agudo que lhe dera o encontro de Joanhinha varreu-lhe do espírito as névoas amorosas e mórbidas em que ela se ia perdendo. Decidiu aproveitar a separação, esquecer Amaro: lembrou-se

449: exemplo] exemplo!...

453: apontada a] apontada ao

455: E,] E / vento] vento,

457: mórbidas] mórbidas,

O padre fora suspenso, deixara-a: ela tinha andado então, de miséria em miséria, pelas vielas lúgubres de ao pé do quartel! Vira-a um dia na rua, descomposta, com a cuia à banda, horrível, gritando contra um soldado que lhe atirara à cara com um rato morto! E tinha tido fome, tinha sido espancada, gasta por todo um regimento, morrera por fim no hospital! Esta história vinha-lhe à lembrança a cada momento, aterrava-a. Começou a considerar mais tranquilamente que fora uma felicidade sair o padre Amaro de sua casa e findar aquela convivência. Desejou esquecê-lo; lembrou-se mesmo de apressar o seu casamento com João Eduardo para se fortificar, para se tornar invencível; tornou-se até meiga com João Eduardo, procurou interessar-se mais por ele, começou a bordar-lhe umas chinelas...

Mas a *ideia má* que, atacada, se agachara e se fingira morta, — começou lentamente a mexer-se, a desenroscar-se, a subir, a invadi-la! De dia, de noite, costurando, sobretudo rezando, a ideia do padre Amaro, a sua figura, a sua voz apareciam-lhe, tentações teimosas! com um encanto crescente. Que faria ele? Por que não tinha voltado? Tê-la-ia esquecido? Gostaria doutra? Vieram-lhe ciúmes indefinidos, sem objecto, mas mordentes, que a queimavam. E aquela paixão, por fim, tornou-se para ela contínua, presente, envolvendo-a como uma atmosfera donde não podia sair, que a seguia se ela fugia e que a fazia viver. Tinha uma ideia permanente — vê-lo, falar-lhe, senti-lo subir a escada!

Começou a impacientar-se com o modesto amor de João Eduardo. Achava-o insípido e piegas:

— Que maçada! pensava ela quando lhe sentia os passos na escada, à noite.

Não o suportava com os seus olhos voltados sempre para ela, a sua quinzena preta e as suas conversas sobre o Governo Civil.

E idealizava Amaro, desejava-o! As suas noites eram todas sacudidas de sonhos amorosos; os seus dias atravessados de desejos e impaciências. Começou a fazer-se amarela e a perder o apetite. Aquela excitação contínua deu-lhe uma febre. Esteve alguns dias de cama. O dr. Gouveia veio vê-la. Estava toda pálida, com grandes olheiras. O velho prático saiu do quarto, com um pequeno sorriso cínico.

— Então, sr. doutor? disse a S. Joaneira.

mesmo de apressar o seu casamento com João Eduardo para se refugiar
 460 num dever dominante; durante alguns dias forçou-se a interessar-se por ele;
 começou mesmo a bordar-lhe umas chinelas...

Mas pouco a pouco a *ideia má* que, atacada, se encolhera e se
 fingira morta, — principiou lentamente a desenroscar-se, a subir, a inva-
 di-la! De dia, de noite, costurando e rezando, a ideia do padre Amaro,
 465 os seus olhos, a sua voz apareciam-lhe, tentações teimosas! com um encanto
 crescente. Que faria ele? Porque não vinha? Gostava doutra? Tinha ciú-
 mes indefinidos, mas mordentes, que a queimavam. E aquela paixão ia-a
 envolvendo como uma atmosfera donde não podia sair, que a seguia se
 ela fugia, e que a fazia viver! As suas resoluções honestas ressequiam-
 470 -se, morriam como débeis florinhas naquele fogo que a percorria. Se às
 vezes a lembrança de Joanhinha ainda voltava, repelia-a com irritação; e
 acolhia alvoroçadamente todas as razões insensatas que lhe vinham de
 amar o padre Amaro! Tinha agora só uma ideia: — atirar-lhe os braços
 ao pescoço e beijá-lo... Oh! Beijá-lo! Depois, se fosse necessário, morrer!

475 Começou então a impacientar-se com o amor de João Eduardo. Acha-
 va-o «palerma».

— Que maçada! pensava quando lhe sentia os passos na escada,
 à noite.

Não o suportava com os seus olhos voltados sempre para ela, a sua
 480 quinzena preta, as suas monótonas conversas sobre o Governo Civil.

E idealizava Amaro! As suas noites eram sacudidas de sonhos
 lúbricos; de dia vivia numa inquietação de ciúmes, com melancolias
 lúgubres, que a tornavam, como dizia a mãe, «uma mona, que até enrai-
 vece!»

485 O génio azedava-se-lhe.

— Credo, rapariga! Que tens tu? exclamava a mãe.

— Não me sinto boa. Estou para ter alguma!

Andava, com efeito, amarela, perdera o apetite. E enfim uma manhã
 ficou de cama com febre. A mãe, assustada, chamou o doutor Gouveia.
 490 O velho prático, depois de ver Amélia, veio à sala de jantar sorvendo com
 satisfação a sua pitada.

— Então, senhor doutor? disse a S. Joaneira.

470: florinhas] florinhas,

473: ideia: —] ideia —

474: pescoço e beijá-lo... Oh! Beijá-lo!] pescoço, e beijá-lo, oh, beijá-lo!...

487: Estou para] Estou pra

488: enfim] enfim,

490: prático.] prático / sala de] sala do

— Case-me esta rapariga, S. Joaneira, case-me esta rapariga. Tenho-lho dito tantas vezes, criatura!

— Mas sr. doutor...

— Mas case-a por uma vez, S. Joaneira, case-a por uma vez!

E saiu, arrastando um pouco a perna, como costumava e rindo baixo.

Mas no outro dia Amélia estava melhor; e na manhã em que se levantou tinha mandado a Amaro o ramo de rosas.

No domingo seguinte, à missa das nove horas, na Sé, a igreja estava cheia.

Ao subir para o altar, atravessando entre as devotas que se arredavam aconchegando os seus vestidos, Amaro, com o cálice na mão, grave, viu de relance Amélia ajoelhada ao pé da mãe, com o seu vestido de seda preta de largos folhos. Durante toda a missa o padre Amaro distraído, nervoso, resmungando as leituras do missal, apressando as cerimónias, encurtando as genuflexões, trémulo, sentiu por um instinto, magneticamente, que o olhar de Amélia o seguia, o abraçava, o chamava. As mãos tremiam-lhe quando ergueu a hóstia!

Mal findou a missa entrou na sacristia, despiu os paramentos num momento. Queria encontrá-la ainda na igreja ou à saída vê-la, falar-lhe se pudesse.

A manhã estivera nublada e fria e durante a missa tinha começado a chover. Amaro desceu rapidamente pela nave e com efeito encontrou à porta Amélia e a mãe que estavam, com outras senhoras, esperando uma *aberta*.

— Olá! Por aqui? disse Amaro chegando-se.

— Case-me esta rapariga, S. Joaneira, case-me esta rapariga. Tenho-
-lhe dito tantas vezes, criatura!

495 — Mas, senhor doutor...

— Mas case-a por uma vez, S. Joaneira, case-a por uma vez! repetia ele pelas escadas, arrastando um pouco a perna direita que um reumatismo teimoso encolhia.

Amélia enfim melhorou — com grande alegria de João Eduardo, que
500 enquanto ela estivera doente vivera numa aflição, lamentando não poder ser seu enfermeiro, e derramando às vezes no cartório uma lágrima triste sobre os papéis selados do severo Nunes Ferral.

No domingo seguinte, à missa das nove horas na Sé, Amaro, ao subir
para o altar, entre as devotas que se arredavam viu de relance Amélia ao
505 pé da mãe, com o seu vestido de seda preta de largos folhos. Cerrou um momento os olhos; e mal podia sustentar o cálice com as mãos trémulas.

Quando, depois de resmungar o Evangelho, Amaro fez uma cruz
sobre o missal, se persignou e se voltou para a igreja dizendo *Dominus*
510 *vobiscum* — a mulher do Carlos da Botica disse baixo a Amélia «que o senhor pároco estava tão amarelo, que devia ter alguma dor». Amélia não respondeu, curvada sobre o livro, com todo o sangue nas faces. E durante a missa, sentada sobre os calcanhares, absorta, a face banhada num êxtase baboso, gozou a sua presença, as suas mãos magras erguendo a hóstia, a
515 sua cabeça bem feita curvando-se na adoração ritual; uma doçura corria-lhe na pele quando a voz dele, apressada, dizia mais alto algum latim: e quando Amaro, tendo a mão esquerda no peito e a direita estendida, disse para a igreja o *Benedicat vos*, ela, com os olhos muito abertos, arremessou toda a sua alma para o altar, como se ele fosse o próprio Deus
520 a cuja bênção as cabeças se curvavam ao comprido da Sé, até ao fundo, onde os homens do campo com os seus varapaus pasmavam para os dourados do sacrário.

À saída da missa começara a chover; e Amélia e a mãe, à porta com outras senhoras, esperavam uma «aberta».

525 — Olá! Por aqui!?! disse de repente Amaro, chegando-se, muito branco.

503: Amaro,] Amaro
504: arredavam] arredavam,
516: pele] pele,
517: latim:] latim; / peito] peito,
524: «aberta-»,] aberta.
525: aqui!?!] aqui?

— Estamos à espera que passe a chuva, sr. pároco, disse a S. Joaneira. Amélia tinha-se feito toda corada. Amaro ofereceu logo o seu guarda-chuva. Aceitaram; e enquanto a S. Joaneira o abria, já fora da porta, apanhando o seu vestido de seda, Amélia disse baixo a Amaro:

— Até à noite, sim? — E mais baixo, com uma voz apaixonada, olhando em redor, com medo: — Tenho estado tão triste! Vá, peço-lho eu.

Amaro foi e todas as noites voltou, regularmente.

— Estamos à espera que passe a chuva, senhor pároco, disse a S. Joaneira voltando-se. E imediatamente, muito repreensiva: — E porque não tem aparecido, senhor pároco? Realmente! Que lhe fizemos nós?
530 Credo, até dá que falar...

— Muito ocupado, muito ocupado... balbuciou o pároco.

— Mas um bocadinho à noite. Olhe, pode crer, tem-me causado desgosto... E todos têm reparado. Não, lá isso, senhor pároco, tem sido ingratição!

535 Amaro disse, corando:

— Pois acabou-se. Hoje à noite lá apareço, e estão as pazes feitas...

Amélia, muito vermelha, para encobrir a sua perturbação olhava para todos os pontos o céu carregado, como assustada do temporal.

Amaro então ofereceu-lhe o seu guarda-chuva. E enquanto a S. Joaneira o abria, apanhando com cuidado o vestido de seda, Amélia disse ao pároco:

— Até à noite, sim? — E mais baixo, olhando em redor, com medo: — Oh, vá! Tenho estado tão triste! Tenho estado como doida! Vá, peço-lho eu!

545 Amaro, voltando para casa, continha-se para não correr de batina pelas ruas. Entrou no quarto, sentou-se aos pés da cama, e ali ficou saturado de felicidade, como um pardal muito farto num raio de sol muito quente: recordava o rosto de Amélia, a redondeza dos seus ombros, a beleza dos encontros, as palavras que lhe dissera: — *Tenho estado como doida!*

550 A certeza de que «a rapariga gostava dele» entrou-lhe então na alma com a violência de uma rajada, e ficou a sussurrar por todos os recantos do seu ser com um murmúrio melodioso de felicidades agitadas. E passeava pelo quarto com passadas de côvado, estendendo os braços, desejando a posse imediata do seu corpo: sentia um orgulho prodigioso: ia defronte

555 do espelho altear a arca do peito, como se o mundo fosse um pedestal expresso que só o sustentasse a ele! Mal pôde jantar. Com que impaciência desejava a noite! A tarde clareara; a cada momento tirava o seu «cebolão» de prata, indo olhar à janela, com irritação, a claridade do dia que se arrastava devagar no horizonte. Engraxou ele mesmo os seus

560 sapatos, lustrou o cabelo de banha. E antes de sair rezou cuidadosamente o seu Breviário — porque, em presença daquele amor adquirido, viera-

530: Credo.] Credo!

543: como doida!] como doida!

545-6: correr de batina pelas ruas.] correr pelas ruas de batina.

549: como doida!] como doida!

569-71: vêm! // — Pensávamos que tinha morrido! // Era sábado. Estava

571: Assunção e as sras.

571-2: cadeiras para

572-3: lugar. // — Então

573-88: — Ora! [...] todas as noites voltou, regularmente. *[Este fragmento corresponde grosso modo na edição ne varietur às linhas 424-568]*

-lhe um susto supersticioso que Deus ou os santos escandalizados o viessem perturbar: e não queria, com desleixos de devoção, *dar-lhes razão de queixa*.

565 Ao entrar na rua de Amélia o coração bateu-lhe tão forte que teve de parar, sufocado; e pareceu-lhe melodioso o piar das corujas na velha Misericórdia, que há tantas semanas não ouvia.

Que admiração quando ele apareceu na sala de jantar!

— Ditosos olhos que o vêem! Pensávamos que tinha morrido! Grande milagre!...

Estava a sr.^a D. Maria da Assunção, as Gansosos. Arredaram as cadeiras com entusiasmo para lhe dar lugar, admirá-lo.

— Então que tem feito, que tem feito? E olhe que está mais magro!

O Libaninho, no meio da sala, imitava foguetes subindo ao ar. O sr. Artur Couceiro improvisou-lhe um *fadinho* à viola:

Ora já cá temos o senhor pároco
Nos chás da S. Joaneira.
Isto já parece outra coisa,
Volta a bela cavaqueira!

580 Houve palmas. E a S. Joaneira, toda banhada de riso:

— Ai, tem sido uma ingratidão dele!

— Uma ingratidão, diz a senhora? rosnou o cónego. Uma casmurrice, digo eu!

585 Amélia não falava, com as faces abrasadas, os olhos húmidos pasmados para o padre Amaro — a quem tinham dado a poltrona do cónego, e que se repoltreava nela, túmido de gozo, fazendo rir as senhoras pelas pilhérias com que contava os desleixos da Vicência.

João Eduardo, isolado a um canto, ia folheando o velho álbum.

565: forte] forte.

566: parar.] parar

571: Estava] Estavam

578: outra coisa.] outra coisa.

580: S. Joaneira.] S. Joaneira

X

E assim recomeçou a intimidade de Amaro na casa da S. Joaneira. Tinha então regularizado os seus hábitos. Jantava cedo, depois lia o seu *Breviário*, fazia as orações do dia. Às sete horas ia.

Logo ao começo da Rua da Misericórdia, ordinariamente, via a janela da sala do jantar alumiada; e ao toque agudo e retinido da campainha sentia uma ansiedade, um vago receio. Se já tivessem desconfiado! Se ela tivesse saído! Vinham-lhe então superstições; entrava sempre com o pé direito!

Àquelas horas estavam já a sr.^a D. Joaquina Gansoso e a irmã do cônego. João Eduardo entrava mais tarde, pondo ao canto sobre uma cadeira o seu xale-manta e o seu guarda-chuva. Passavam a noite na sala do jantar. Sobre a mesa estendia-se uma manta de xadrez para jogarem. Naquele Inverno o luxo nas partidas da S. Joaneira era a *manilha*.

1: E assim / na casa da S. Joaneira. Tinha então regularizado os seus hábitos.

2-5: *Breviário*, fazia as orações do dia. Às sete horas ia. // Logo ao começo da Rua da Misericórdia, ordinariamente, via a

6-8: alumiada; [...] entrava

9: direito!

10-25: Àquelas horas [...] Amélia,

IX

Assim recomeçou a intimidade de Amaro na Rua da Misericórdia. Jantava cedo, depois lia o seu Breviário; e apenas na igreja batiam as sete horas, embrulhava-se no seu capote e dava volta pela Praça passando rente da botica, onde os frequentadores caturravam, com as mãos moles
5 apoiadas ao cabo dos guarda-chuvas. Mal avistava a janela da sala de jantar alumada, todos os seus desejos se erguiam; mas ao toque agudo da campainha sentia às vezes um susto indefinido de achar a mãe já desconfiada ou Amélia mais fria!... Mesmo por superstição entrava sempre com o pé direito.

10 Encontrava já as Gansosas, a D. Josefa Dias; e o cônego, que jantava agora muito com a S. Joaneira, e que àquela hora, estirado na poltrona, findava a sua soneca, dizia-lhe bocejando:

— Ora viva o menino bonito!

Amaro ia sentar-se ao pé de Amélia que costurava à mesa; o olhar
15 penetrante que se trocavam era todos os dias como o mútuo juramento mudo que o seu amor crescera desde a véspera; e às vezes mesmo, debaixo da mesa, roçavam os joelhos com furor. Começava então a «cavaqueira». Eram sempre os mesmos interessezinhos, as questões que iam na Misericórdia, o que dissera o senhor chantre, o cônego Campos
20 que despedira a criada, o que se rosnava da mulher do Novais...

— Mais amor do próximo! resmungava o cônego mexendo-se na poltrona. E com um arrote curto tornava a cerrar as pálpebras.

Então as botas de João Eduardo rangiam na escada, e Amélia imediatamente abria a mesinha para a partida de *manilha*: os parceiros eram

3: capote] capote.

5: sala de] sala do

10: cônego.] cônego

13: bonito!] bonito.

21: cônego] cônego.

A partida era feita pela sr.^a D. Joaquina Gansoso, a irmã do cônego e o padre Amaro. Logo desde as primeiras vasas as altercações começavam. As duas velhas ralhavam constantemente, irritadas, cheias de desconfiança. Amaro sorria, acalmava-as.

Jogavam a real.

Amaro jogava mal e comprometia-se sempre; Amélia, que era *mestra*, sentava-se por trás dele, vendo-lhe as cartas por cima do ombro, ensinando-o com grande atenção. Amaro às vezes voltava o rosto para ela, ficavam todos chegados um ao outro, os seus hálitos trocavam-se.

— Esta? perguntava ele indicando a carta.

— Não! Não! Espere. Deixe ver.

Aquilo era cheio de contactos. Amaro sentia o cheiro de água de Colónia que ela usava exageradamente.

Depois do chá Amélia sentava-se ao piano. Causava então grande entusiasmo em Leiria uma velha canção mexicana, a *Chiquita*. Amélia tinha-a aprendido. Amaro achava-a *de appetite*. Pedia-lha sempre. Amélia dizia-a com uma grande affectação de ternura e de languidez tropical:

Quando salí da¹ la Habana,
Valga-me² Dios!

Mas Amaro amava sobretudo a outra estrofe, quando Amélia poisando os dedos frouxamente no teclado, o busto deitado para trás, os olhos errantes, bamboleando a cabeça, dizia voluptuosamente, silabando o espanhol:

Si á tua³ ventana llega
Una paloma,
Trata-la com carino⁴
Que es mi persona!

¹ Quando salí da: conforme o original.

² Valga-me: conforme o original.

³ á tua: conforme o original.

⁴ Trata-la com carino: conforme o original.

26-7: por trás dele, vendo-lhe as cartas por cima do ombro, ensinando-o com grande atenção. Amaro às vezes

27-32: para ela, [...] de água de Colónia

32-42: usava exageradamente.

43: estão grande

44: *Chiquita*. Amélia tinha-a aprendido.

45-6: *apetite*. Pedia-lha sempre. Amélia dizia-a com uma grande affectação de ternura e de languidez

48: Dios!

49-50: Amélia poisando os dedos frouxamente

50-1: trás, os olhos errantes, bamboleando a cabeça, dizia voluptuosamente,

55: carino

56: persona!

25 a Gansoso, D. Josefa, o pároco: e como Amaro jogava mal, Amélia, que era *mestra*, sentava-se por detrás dele para o «guiar». Logo às primeiras vazas havia altercações. Então Amaro voltava o rosto para Amélia, tão perto que confundiam os seus hálitos.

— Esta? perguntava, indicando a carta com o olho lânguido.

30 — Não! Não! Espere, deixe ver, dizia ela, vermelha.

O seu braço roçava o ombro do pároco: Amaro sentia o cheiro da água-de-colónia que ela usava com exagero.

Defronte, ao pé de Joaquina Gansoso, João Eduardo, mordicando o bigode, contemplava-a com paixão; Amélia, para se desembaraçar daqueles dois olhos langorosos fitos nela, tinha-lhe dito por fim «que até era indecente, diante do pároco que era de cerimónia, estar assim a cocá-la toda a noite».

Às vezes mesmo dizia-lhe, rindo:

40 — Ó sr. João Eduardo, vá conversar com a mamã, senão temo-la aqui temo-la a dormir.

E João Eduardo ia sentar-se ao pé da S. Joaneira, que, de lunetas na ponta do nariz, fazia sonolentamente a sua meia.

Depois do chá Amélia sentava-se ao piano. Causava então entusiasmo em Leiria uma velha canção mexicana, a *Chiquita*. Amaro achava-a
45 *de appetite*; e sorria de gozo, com os seus dentes muito brancos, apenas Amélia começava com muita languidez tropical:

*Quando sali de La Habana,
Valga-me Dios!...*

50 Mas Amaro amava sobretudo a outra estrofe, quando Amélia, com os dedos frouxos no teclado, o busto deitado para trás, rolando os olhos ternos, em movimentos doces de cabeça, dizia toda voluptuosa, silabando o espanhol:

*Si á tua ventana llega
Una paloma,
Trata-la com carinho,
Que es mi persona.*

55

34-5: *daqueles dois*] *daqueles dous*

47: [*Quando: conforme 1889*]

48: [*Valga-me: conforme 1889*]

51: *dizia*] *dizia*,

53: [*á tua: conforme 1889*]

55: [*Trata-la com: conforme 1889*] / *carinho,*] *carino*

56: *persona.*] *persona!*

E como Amaro a achava graciosa, toda crioula, quando ela gorgeava, requebrando-se:

Ay chiquita que si,
Ay chiquita que no-o-o-o-o!

Mas as velhas reclamavam-no para continuar a partida e ele ia sentar-se, todo distraído, cantarolando as últimas notas, o cigarro na boca, os olhos húmidos, felizes!

Às sextas-feiras era a grande partida. A sr.^a D. Maria da Assunção entrava, solenemente, toda espartilhada no seu rico vestido de seda preta. O Artur Couceiro trazia a guitarra: estava cada dia mais chupado, mais amarelo, mais tísico. Tinha estudado um *fado* novo que cantava, repicando a viola, com a melodia plangente do *fado de Coimbra*. Chamava-se o *Fado da confissão*: eram quadras apropriadas àquela piedosa reunião de saias e de batinas, que enchia de risinhos maliciosos os padres e as beatas:

Na capelinha do amor,
No fundo da sacristia,
Ao senhor padre Cupido
Confessei-me noutro dia...

Vinha depois a história equívoca da confissão, a série de pecadinhos doces, um acto de contrição de amor e a imposição de uma penitência terna; e aquilo era galante, devoto, cheio de sensualidadezinhas beatas e de alusões a Jesus e ao pecado de amar. Tinha sido muito apreciada em toda a sociedade eclesiástica de Leiria. O sr. chantre pedira uma cópia e perguntara, referindo-se ao poeta:

— Quem é o hábil Anacreonte?

57: como Amaro / graciosa, toda / gorgeava, requebrando-se:

60: a partida

61: sentar-se, todo distraído, / notas, o cigarro na

62: húmidos, felizes!

63-4: Assunção entrava, solenemente, toda espartilhada no seu rico

64-72: preta. [...] quadras apropriadas àquela

72: batinas, que enchia de risinhos maliciosos os padres e as beatas:

77: a história equívoca da confissão, a série de

78: amor e a imposição de

78-83: terna; [...] apreciada em toda a

84: cópia

86-90: Anacreonte? // Àquelas

E como a achava graciosa, crioula, quando ela gorjeava:

*Ay chiquita que si,
Ay chiquita que no-o-o-o!*

60 Mas as velhas reclamavam-no para continuar a *manilha*, e ele ia sentar-se, cantarolando as últimas notas, com o cigarro ao canto da boca, os olhos húmidos de felicidade.

Às sextas-feiras era a grande partida. A sr.^a D. Maria da Assunção aparecia sempre com o seu belo vestido de seda preta: e como era rica e
65 tinha parentela fidalga davam-lhe com deferência o melhor lugar ao pé da mesa — que ela ia ocupar, meneando pretensiosamente os quadris, com *ruge-ruges* de seda. Antes do chá a S. Joaneira levava-a sempre ao seu quarto, onde guardava para ela uma garrafa de jeropiga velha: e ali as duas amigas tagarelavam muito tempo, sentadas em cadeirinhas baixas.
70 Depois Artur Couceiro, cada dia mais chupado e mais tísico, cantava o *fado* novo que compusera, chamado o *Fado da confissão*; eram quadras feitas para regalar aquela piedosa reunião de saias e de batinas:

75 Na capelinha do amor,
No fundo da sacristia,
Ao senhor padre Cupido
Confessei-me noutro dia...

Vinha depois a confissão de pecadinhos doces, um acto de contrição de amor, uma penitência terna:

80 Seis beijinhos de manhã,
De tarde um abraço só...
E pra acalmar doces chamas
Jejuar a pão-de-ló.

Aquela composição galante e devota fora muito apreciada na sociedade eclesiástica de Leiria. O senhor chantre pedira uma cópia, e pergun-
85 tara, referindo-se ao poeta:

— Quem é o hábil Anacreonte?

67: chá] chá,

Àquelas reuniões nunca faltava o Libaninho: uma das suas últimas pilhérias era furtar beijos à sr.^a D. Maria da Assunção; a velha escandalizava-se muito alto, atirando-lhe de revés um olhar meigo. O padre Brito, o Natário também vinham: formava-se então um grande *quino*. Amaro e Amélia ficavam sempre juntos e durante toda a noite os seus pés, os seus joelhos tinham toda a sorte de contactos suaves; estavam ambos calados, distraídos, um pouco embaraçados, curvados sob a forte pressão da mesma ideia, do mesmo agudo desejo.

Amaro saía sempre da casa da S. Joaneira perdido de amor por Amélia. Como ela era atenta com ele, meiga, quase devota! Pertencia-lhe, amava-o. Ele conhecia-o pela intenção dos seus olhos e pelo contacto dos seus dedos. Estava todo na alegria da sua vitória; não sentia as solicitações estreitas do egoísmo nem os espantos da consciência católica! Pensava só que ela era uma das mais lindas raparigas da cidade e escolhera-o a ele, a ele padre, o eterno excluído dos sonhos femininos, o ser duvidoso e equívoco, melancólico e neutro, que ronda como um ser suspeito e hostil à beira do sentimento! Olhava-se ao espelho, sentia-se vaidoso como um plebeu que é fitado por uma princesa.

Mas a sua paixão começava a sentir impaciências. Havia três semanas que ia a casa dela: encontrava sempre o seu bom sorriso, o querido contacto da sua mão, o seu olhar humilde. Mais nada. Não podia falar-lhe só, não queria escrever-lhe, não tinha meio de a encontrar e irritava-se. Queria que ela fosse a primeira a falar, a dizer-lhe — vem! E acusava-a a ela da timidez que ele tinha.

Em casa, só, de noite, tinha horas dolorosas. Contava vinte e oito anos: era forte, sanguíneo e as agudas solicitações do seu sangue novo torturavam-no; queria-a às vezes ali, de repente, palpitante, sob o calor do seu desejo! Os frios aspectos celibatários do seu quarto indignavam-no. E voltava então a grande amargura: não ser livre, não poder entrar claramente naquela casa, esposá-la, possuí-la sem pecado, comodamente, com orgulho! Por que era ele padre? Por que o tinham feito padre? E acusava sua mãe, *aquela velha pega* da marquesa de Alegros, debatia-se

90: Libaninho: uma das suas últimas pilhérias

92: alto, atirando-lhe

92-6: olhar meigo. O padre Brito, o Natário também vinham:

97-9: juntos [...] agudo desejo.

100-8: sempre da casa [...] da cidade e

109: ser duvidoso e equívoco, melancólico

110: suspeito e hostil

110-12: sentimento! Olhava-se ao espelho, sentia-se vaidoso como um plebeu que é fitado por uma prin-

cesa.

113-28: Mas a sua paixão [...] para a Igreja

E informado que era o escrevente da administração, falou dele com tanto apreço à esposa do senhor governador civil, que Artur obteve a gratificação de oito mil réis, que havia anos implorava.

90 Àquelas reuniões nunca faltava o Libaninho. A sua última pilhéria era furtar beijos à sr.^a D. Maria da Assunção; a velha escandalizava-se muito alto, e abanando-se com furor atirava-lhe de revés um olhar guloso. Depois o Libaninho desaparecia um momento, e entrava com uma saia de Amélia vestida, uma touca da S. Joaneira, fingindo uma chama
95 lúbrica por João Eduardo — que, entre as risadas agudas das velhas, recuava, muito escarlate. Brito e Natário vinham às vezes: formava-se então um grande *quino*. Amaro e Amélia ficavam sempre juntos; e toda a noite, com os joelhos colados, ambos vermelhos, permaneciam vagamente entorpecidos no mesmo desejo intenso.

100 Amaro safa sempre de casa da S. Joaneira mais apaixonado por Amélia. Ia pela rua devagar, ruminando com gozo a sensação deliciosa que lhe dava aquele amor — uns certos olhares dela, o arfar desejoso do seu peito, os contactos lascivos dos joelhos e das mãos. Em casa despi-
-se depressa, porque gostava de pensar nela, às escuras, atabafado nos
105 cobertores; e ia percorrendo em imaginação, uma a uma, as provas suces-
sivas que ela lhe dera do seu amor, como quem vai aspirando uma e outra flor, até que ficava como embriagado de orgulho: era a rapariga mais bonita da cidade! E escolhera-o a ele, a ele padre, o eterno excluído dos sonhos femininos, o ser melancólico e neutro que ronda como um
110 ser suspeito à beira do sentimento! À sua paixão misturava-se então um reconhecimento por ela; e com as pálpebras cerradas murmurava:

— Tão boa, coitadinha, tão boa!

Mas na sua paixão havia às vezes grandes impaciências. Quando tinha estado, durante três horas da noite, recebendo o seu olhar, absorvendo a
115 voluptuosidade que se exalava de todos os seus movimentos, — ficava tão carregado de desejos que necessitava conter-se «para não fazer um disparate ali mesmo na sala, ao pé da mãe». Mas depois, em casa, só, torcia os braços de desespero: queria-a ali de repente, oferecendo-se ao seu desejo: fazia então combinações — escrever-lhe-ia, arranjariam uma casita dis-
120 creta para se amarem, planeariam um passeio a alguma quinta! Mas todos aqueles meios lhe pareciam incompletos e perigosos, ao recordar o olho finório da irmã do cônego, as Gansosas tão mexeriqueiras! E diante

no seu sacerdócio como na estreiteza de um cárcere. Não fora ele que abdicara voluntariamente a virilidade do seu peito. Fora educado no seminário, sem vontade, sem espontaneidade. Tinha sido subjugado àquele destino. Tinham-no impellido para a Igreja como um boi para o curral!

E a Igreja, a sábia Igreja, pensava ele, por que proibia ela assim aos seus sacerdotes, homens vivendo entre homens, o grande contentamento humano — o amor? Que fabuloso orgulho o de uma seita, de um sistema, que pretende pela sua autoridade parar as forças do sol, as forças da seiva, as forças do sangue! Quem imagina que desde que um velho bispo diz — *serás casto* — a um homem novo, forte, vivo e sensível, os seus nervos vão imobilizar-se, o seu sangue esfriar-se? E que uma velha palavra latina — *accedo* — dita a tremer pelo seminarista assustado, será o bastante para conter a rebelião formidável e incessante do Corpo e do Desejo? E quem inventou isto? Quem o decretou? Um velho concílio de bispos decrépitos, vindos do fundo dos seus claustros, da paz das suas escolas, trôpegos e trémulos, mirrados como pergaminhos, inúteis como eunucos! O que sabiam eles da Natureza e das suas tentações? E que importa à Natureza? Ela continua sublime, forçando o homem ao amor, quer ele seja padre, quer ele seja escravo — tão indiferente à Igreja, que se eriça e ralha, como um leão é indiferente a uma cadelinha que ladra. Não sabiam os Santos Padres, eles que mais que ninguém no mundo estudaram a Carne e os seus mistérios, não sabiam eles que tudo se ilude, se evita, menos o amor? E se ele é fatal, por que impediram então

129-30: E a Igreja, a sábia Igreja, pensava ele, por que

131-2: entre homens, [...] do sangue! Quem

133: novo, forte, vivo e sensível, os seus nervos vão imobilizar-se, o seu sangue esfriar-se?

134: uma velha

135-6: conter a rebelião formidável e incessante do Corpo e do Desejo?

136: inventou isto? Quem o decretou? Um velho

137: escolas, trôpegos e trémulos,

138: eunucos? O

139-41: tentações? [...] se ilude, se

141: fatal, por que

142: o sentisse, o realizasse com pureza, com dignidade, com respeito?

143: o vão procurar, de noite,

143-60: obscenas! // Não compreendia isto! Mas todos os livros santos falam de amor! A Bíblia

daquelas dificuldades que se erguiam como as muralhas sucessivas duma
 cidadela, voltavam as antigas lamentações: não ser livre! Não poder en-
 125 trar claramente naquela casa, pedi-la à mãe, possuí-la sem pecado, como-
 damente! Porque o tinham feito padre? Fora «a velha pega» da marquesa
 de Alegros! Ele não abdicara voluntariamente a virilidade do seu peito!
 Tinham-no impelido para o sacerdócio como um boi para o curral!

Então, passeando excitado pelo quarto, levava as suas acusações mais
 130 longe, contra o Celibato e a Igreja: porque proibia ela aos seus sacerdo-
 tes, homens vivendo entre homens, a satisfação mais natural, que até têm
 os animais? Quem imagina que desde que um velho bispo diz — *serás casto* —
 a um homem novo e forte, o seu sangue vai subitamente esfriar-se? E
 que uma palavra latina — *accedo* — dita a tremer pelo seminarista assus-
 135 tado, será o bastante para conter para sempre a rebelião formidável do
 corpo? E quem inventou isso? Um concílio de bispos decrépitos, vindos
 do fundo dos seus claustros, da paz das suas escolas, mirrados como
 pergaminhos, inúteis como eunucos! Que sabiam eles da Natureza e das
 suas tentações? Que viessem ali duas, três horas para o pé da Ameliazinha,
 140 e veriam, sob a sua capa de santidade, começar a revoltar-se-lhes o desejo!
 Tudo se ilude e se evita, menos o amor! E se ele é fatal, porque impediram
 então que o padre o sinta, o realize com pureza e com dignidade?
 É melhor talvez que o vá procurar pelas vielas obscenas! — Porque a
 carne é fraca!

A carne! Punha-se então a pensar nos três inimigos da alma —
 145 MUNDO, DIABO e CARNE. E apareciam à sua imaginação em três fi-
 guras vivas: uma mulher muito formosa; uma figura negra de olho de
 brasa e pé de cabra; e o *mundo*, coisa vaga e maravilhosa (riquezas, ca-
 valos, palacetes) — de que lhe parecia uma personificação suficiente o
 150 senhor conde de Ribamar! Mas que mal tinham eles feito à sua alma? O
 Diabo nunca o vira; a mulher formosa amava-o e era a única consolação
 da sua existência; e do mundo, do senhor conde, só recebera protecção,
 benevolência, tocantes apertos de mão... E como poderia ele evitar as
 influências da Carne e do Mundo? A não ser que fugisse, como os santos
 155 de outrora, para os areais do deserto e para a companhia das feras! Mas
 não lhe diziam os seus mestres no seminário que ele pertencia a uma

126: Fora «a velha pega»] Fora a *velha pega*

136: inventou isso?] inventou isto?

139: horas para] horas pra

148: mundo, coisa] mundo, coisa

que o padre o sentisse, o realizasse com pureza, com dignidade, com respeito? É melhor talvez que o vão procurar, de noite, pelas vielas obscenas!

Não compreendia isto! Mas todos os livros santos falam de amor! A Bíblia está cheia de núpcias! Quantos quadros épicos de noivados! As rainhas amorosas adiantam-se nos seus espessos vestidos recamados de pedras; o noivo radioso vem-lhe ao encontro, a cabeça coberta de faixas de linho puro, arrastando pelas pontas um cordeiro branco; os levitas batem em discos de prata, gritam o nome de Deus; abrem-se as portas de ferro da cidade para deixar passar a caravana que leva os bem-esposados; queimam-se aromas bárbaros; e as arcas de sândalo onde vão os tesouros do dote rangem, amarradas com cordas de púrpura, sobre o dorso dos camelos! Os mártires no circo casam-se num beijo, sob o bafo dos leões, ante as aclamações da plebe! Jesus mesmo não vivera sempre na sua santidade inumana; era inacessível, frio e abstracto nas ruas de Jerusalém, nos mercados do Bairro de David; mas lá tinha o seu lugar de ternura e de abandono em Betânia, sob os sicômoros do Jardim de Lázaro: ali, enquanto as pombas voam e os magros nazarenos seus amigos bebem o leite e conspiram à parte — ele olha defronte os tectos doirados do Templo batidos de luz, os soldados romanos que jogam o disco ao pé da Porta de Ouro, os pares amorosos que passam enlaçados sob os arvores de Getsemani¹ — e poisa a sua mão sobre os cabelos loiros de Marta, que ama e fia a seus pés!

Pensava assim vagamente.

Às vezes lembrava-se de se fazer protestante; mas tremia diante do escândalo da apostasia; não queria perder a sua paróquia, a sua posição católica.

Quantas vezes queria rezar, afundar-se em devoções! Mas então sentia uma coisa terrível, inexplicável. Quanto mais rezava e mais se dava às práticas rituais, mais se exaltava e mais lhe vinham ideias amorosas.

¹ Getsemani: conforme o original.

160: núpcias! Quantos quadros épicos de noivados! As
 161: seus espessos / noivo radioso / encontro, a
 165: bem-esposados; queimam-se aromas bárbaros; / os tesouros
 167: leões, ante as
 169: era inacessível,
 171: Lázaro: ali, enquanto as pombas voam e
 172: parte —
 173: tectos doirados do Templo batidos de luz,
 174: de Ouro, / passam enlaçados
 175: e poisa a sua / cabelos loiros
 177-9: Pensava assim vagamente. // Às vezes lembrava-se
 179-88: protestante; [...] quatro horas da manhã.

Igreja militante? O ascetismo era culpado, sendo a deserção dum serviço santo. — Não compreendia, não compreendia!

Procurava então justificar o seu amor com exemplos dos livros di-
 160 vinhos. A Bíblia está cheia de núpcias! Rainhas amorosas adiantam-se nos
 seus vestidos recamados de pedras; o noivo vem-lhe ao encontro, com a
 cabeça coberta de faixas de linho puro, arrastando pelas pontas um cor-
 deiro branco; os levitas batem em discos de prata, gritam o nome de
 Deus; abrem-se as portas de ferro da cidade para deixar passar a caravana
 165 que leva os bem-esposados; e as arcas de sândalo onde vão os tesouros do
 dote rangem, amarradas com cordas de púrpura, sobre o dorso dos came-
 los! Os mártires no circo casam-se num beijo, sob o bafo dos leões, às
 aclamações da plebe! Jesus mesmo não vivera sempre na sua santidade
 inumana; era frio e abstracto nas ruas de Jerusalém, nos mercados do
 170 Bairro de David; mas lá tinha o seu lugar de ternura e de abandono em
 Betânia, sob os sicômoros do Jardim de Lázaro; ali, enquanto os magros
 nazarenos seus amigos bebem o leite e conspiram à parte, ele olha de-
 frente os tectos dourados do templo, os soldados romanos que jogam o
 disco ao pé da Porta de Ouro, os pares amorosos que passam sob os
 175 arvoredos de Getesemani — e poussa a mão sobre os cabelos louros de
 Marta, que ama e fia a seus pés!

O seu amor era pois uma infracção canónica, não um pecado da
 alma: podia desagradar ao senhor chantre, não a Deus: seria legítimo num
 sacerdócio de regra mais humana. Lembrava-se de se fazer protestante:
 180 mas onde, como? Parecia-lhe mais extraordinariamente impossível que
 transportar a velha Sé para cima do monte do Castelo.

Encolhia então os ombros, escarnecendo toda aquela vaga argumen-
 tação interior. «Filosofia e palhada!» Estava doido pela rapariga, — era o

175: [Getesemani: conforme 1889]

183: Estava doido] Estava doido

O seu espírito sobreexcitado idealizava-a, desejava-a mais. E o seu impulso para Deus terminava sempre por uma excitação para o seu intenso amor!

Ficava às vezes assim nestas perturbações até às três, quatro horas da manhã.

Quantas vezes João Eduardo, passando alta noite pela Rua das Soisas, tinha visto no quarto do pároco uma luz amortecida! Porque ultimamente João Eduardo, como todos os que têm um desgosto de amor, tinha tomado o hábito de andar de noite até tarde pelas ruas.

João Eduardo, logo desde os primeiros tempos, percebera a simpatia de Amélia pelo pároco e começara a detestar Amaro. Não desconfiava de Amélia, sabia que ela seria honesta, que cumpriria a sua palavra; conhecia a sua educação devota e tinha a convicção de que ela era toda cheia de atenções, quase humilde com Amaro por ele ser o padre, o confessor, o que absolve, o que dá o Paraíso. Receava, porém, aquele valimento beato: era inimigo dos padres, detestava a confissão, temia a sua influência meiga e tirânica nas mulheres; e com fragmentos de leituras e com os seus instintos honrados, formara para si mesmo uma vaga religião platónica — hostil ao clero, ao culto, às práticas e toda cheia de admiração pelo Jesus poético, perdoador, revolucionário, loiro e amigo dos pobres! Só desde que amava Amélia é que ouvia missa, para não a descontentar e para agradar à S. Joaneira.

Desde que sentira a lenta influência do pároco naquela casa e na vida de Amélia, começara a impacientar-se. Desejava apressar o casamento, tirá-la daquela sociedade de beatas e de padres, mas não podia; só teria meios de casar quando obtivesse, enfim, o lugar tanto tempo desejado e espreitado de amanuense do Governo Civil. E começava a sentir que a sua felicidade tardava a chegar!

Ultimamente saía sempre da casa da S. Joaneira desconsolado e infeliz. Tinha mil pequenas amarguras: Amélia não falara quase com ele!

189-90: das Soisas, tinha visto no quarto

191: todos os

191-2: desgosto de amor, tinha tomado o hábito de andar de noite até

193: João Eduardo, logo

194-203: pelo pároco [...] e toda cheia de

203-5: poético, perdoador, revolucionário, loiro e amigo dos pobres!

206: para não a descontentar e para

207: Desde que sentira a lenta influência do pároco naquela casa e na vida de Amélia, começara a impacientar-se. Desejava apressar o casamento, tirá-la

208-20: e de padres, [...] Amélia, está-me

positivo. Queria-lhe o amor, queria-lhe os beijos, queria-lhe a alma...
185 E o senhor bispo se não fosse velho faria o mesmo, e o Papa faria o mesmo!

Eram às vezes três horas da manhã, e ainda passeava no quarto, falando só.

Quantas vezes João Eduardo, passando alta noite pela Rua das Sosas, tinha visto na janela do pároco uma luz amortecida! Porque ultimamente
190 João Eduardo, como todos que têm um desgosto amoroso, tomara o hábito triste de andar até tarde pelas ruas.

O escrevente, logo desde os primeiros tempos, percebera a simpatia de Amélia pelo pároco. Mas conhecendo a sua educação e os hábitos devotos da casa, atribua aquelas atenções quase humildes com Amaro ao
195 respeito beato pela sua batina de padre, pelos seus privilégios de confessor.

Instintivamente porém começou a detestar Amaro. Sempre fora inimigo de padres! Achava-os um «perigo para a civilização e para a liberdade»; supunha-os intrigantes, com hábitos de luxúria, e conspirando sempre para restabelecer «as trevas da Meia Idade»; odiava a confissão que julgava uma arma terrível contra a paz do lar; e tinha uma religião vaga —
200 hostil ao culto, às rezas, aos jejuns, cheia de admiração pelo Jesus poético, revolucionário, amigo dos pobres, e «pelo sublime espírito de Deus que enche todo o Universo»! Só desde que amava Amélia é que ouvia
205 missa, para agradar à S. Joaneira.

E desejava sobretudo apressar o casamento para tirar Amélia daquela sociedade de beatas e padres, receando ter mais tarde uma mulher que tremesse do Inferno, passasse horas a rezar estações na Sé, e se confessasse aos padres «que arrancam às confessadas os segredos da alcova»!
210

Quando Amaro voltara a frequentar a Rua da Misericórdia, ficou contrariado. «Cá temos outra vez o marmanjo!» pensou. Mas que des-

199: padres!] padres;

207: casamento] casamento.

Vira-a a sorrir-se toda enlevada para o pároco! Chegava-se tanto para ele que os seus ombros roçavam-se! Começava a ter desconfianças dolorosas. Se ela gostasse do padre!...

Já por vezes lhe quisera dizer: — Menina Amélia, está-me a dar um grande desgosto com esses modos com que trata o sr. padre Amaro! — Mas acanhava-se diante dela. Sempre assim fora com Amélia, tímido, assustado, encolhido, cheio de escravidão: receava sempre ofendê-la!

220-1: com esses modos

221-315: o sr. padre [...] errava pelas ruas.

gosto, quando reparou que Amélia tratava agora o pároco com uma familiaridade mais terna, que a presença dele lhe dava visivelmente uma
 215 animação singular, «e que havia uma espécie de namoro»! Como ela se fazia vermelha, mal ele entrava! Como o escutava, com uma admiração babosa! Como arranjava sempre a ficar ao pé dele nas partidas de *quino*!

Uma manhã, mais inquieto, veio à Rua da Misericórdia, — e enquanto a S. Joaneira tagarelava na cozinha, disse bruscamente a Amélia:

220 — Menina Amélia, sabe? Está-me a dar um grande desgosto com essas maneiras com que trata o senhor padre Amaro.

Ela ergueu os olhos muito espantados:

— Que maneiras?! Ora essa! Então como quer que o trate? É um amigo da casa, esteve aqui de hóspede...

225 — Pois sim, pois sim...

— Ah! Mas sossegue. Se isso o quezila, verá. Não me torno a chegar ao pé do homem.

João Eduardo, tranquilizado, raciocinou — que «não havia nada». Aqueles modos eram excessos de beatério. Entusiasmo pela padraria!

230 Amélia decidiu então disfarçar o que lhe ia no coração: sempre considerara o escrevente um pouco tapado — e se ele percebera, que fariam as Gansosos tão finas, e a irmã do cónego que era curtida em malícia! Por isso mal sentia Amaro na escada, daí por diante, tomava uma atitude distraída, muito artificial: mas, ai! apenas ele lhe falava com a sua voz suave ou voltava para ela aqueles olhos negros que lhe faziam correr
 235 estremeções nos nervos, — como uma ligeira camada de neve que se derrete a um sol muito forte a sua atitude fria desaparecia, e toda a sua pessoa era uma expressão contínua de paixão. Às vezes, absorvida no seu enlevo, esquecia que João Eduardo estava ali; e ficava toda surpreendida
 240 quando ouvia a um canto da sala a sua voz melancólica.

Ela sentia de resto que as amigas da mãe envolviam a sua «inclinação» pelo pároco numa aprovação muda e afável. Ele era, como dizia o cónego, o menino bonito: e das maneirinhas e dos olhares das velhas

223: maneiras?! Ora essa!] maneiras? Ora essa,

226-7: chegar ao] chegar para ao

228: raciocinou — que] raciocinou que

235: suave] suave,

exalava-se uma admiração por ele que fazia ao desenvolvimento da paixão de Amélia uma atmosfera favorável. D. Maria da Assunção dizia-lhe às vezes ao ouvido:

— Olha para ele! É de inspirar fervor. É a honra do clero. Não há outro!...

E todas elas achavam João Eduardo «um presta pra nada»! Amélia então já não disfarçava a sua indiferença por ele: as chinelas que lhe andava a bordar tinham há muito desaparecido do cesto do trabalho, e já não vinha à janela vê-lo passar para o cartório.

A certeza agora tinha-se estabelecido na alma de João Eduardo — na alma, que, como ele dizia, lhe andava mais negra que a noite.

— A rapariga gosta do padre, tinha ele concluído. E à dor da sua felicidade destruída juntava-se a aflição pela honra dela ameaçada.

Uma tarde, tendo-a visto sair da Sé, esperou-a adiante da botica, e muito decidido:

— Eu quero-lhe falar, menina Amélia... Isto não pode continuar assim... Eu não posso... A menina traz namoro com o pároco!

Ela mordeu o beijo, toda branca:

— O senhor está a insultar-me! — E queria seguir, indignada.

Ele reteve-a pela manga do casabeque:

— Ouça, menina Amélia. Eu não a quero insultar, mas é que não sabe... Tenho andado, que até se me parte o coração! — E perdeu a voz, de comovido.

— Não tem razão... Não tem razão... balbuciava ela.

— Jure-me então que não há nada com o padre!

— Pela minha salvação!... *Não há nada!*... Mas também lhe digo, se torna a falar em tal, ou a insultar-me, conto tudo à mamã, e o senhor escusa de nos voltar a casa.

247: — Olha para] — Olha pra

254: que.] que

260: traz namoro] traz um namoro

265: coração!] coração.

267: razão... balbuciava] razão, balbuciava

— Oh, menina Amélia...

— Não podemos continuar aqui a falar... Está ali já a D. Micaela a cocar...

275 Era uma velha, que levantara a cortina de cassa numa janela baixa, e espreitava com olhinhos reluzentes e gulosos, a face toda ressequida encostada sofregamente à vidraça. Separaram-se então — e a velha desconsolada deixou cair a cortina.

280 Amélia nessa noite — enquanto as senhoras discutiam com algazarra os missionários que então pregavam na Barrosa — disse baixo a Amaro, picando vivamente a costura:

— Precisamos ter cautela... Não olhe tanto para mim nem esteja tão chegado... Já houve quem reparasse.

285 Amaro recuou logo a cadeira para junto de D. Maria da Assunção; e, apesar da recomendação de Amélia, os seus olhos não se despregavam dela, numa interrogação muda e ansiosa, já assustado que as desconfianças da mãe ou a malícia das velhas «andassem armando escândalo». Depois do chá, no rumor das cadeiras que se acomodavam ao *quino*, perguntou-lhe rapidamente:

290 — Quem reparou?

— Ninguém. Eu é que tenho medo. É preciso disfarçar.

Desde então cessaram as olhadelas doces, os lugares chegadoinhos à mesa, os segredos; e sentiam um gozo picante em afectar maneiras frias, tendo a certeza vaidosa da paixão que os inflamava. Era para Amélia delicioso — enquanto o padre Amaro afastado tagarelava com as senhoras — adorar a sua presença, a sua voz, as suas graças, com os olhos castamente aplicados às chinelas de João Eduardo que muito astutamente começara a bordar.

272: — Oh.] — Oh

277: então —] então, —

282: mim] mim,

E cada dia se sentia mais desgraçado! Quando saía da casa da S. Joaneira e Amélia lhe apertava frouxamente a mão, punha-se a passear, só, pelas ruas ao acaso; entrava um momento na sombra nocturna da Alameda à beira do rio; mas a fria escuridão da água vagarosa, o ramalhar soturno da folhagem negra enchiam-no de terror e de pensamentos de morte.

La então ao bilhar, ao pé do Terreiro, que às vezes estava aberto até tarde: dois homens jogavam, batendo monotonamente as bolas; ao redor, nos bancos de palhinha, figuras imóveis embrulhadas nos xales-mantas, com os guarda-chuvas entre os joelhos, olhavam bocejando; o chão estava todo cuspidado, cheio da lama das solas e de pontas de cigarros. Um cheiro de petróleo sufocava. O marcador, encostado à parede, cabeceava de sono, dizendo os números com uma voz dormente.

Saía do bilhar e até quase de madrugada errava pelas ruas.

Todavia o escrevente vivia ainda inquieto: amargurava-o encontrar
300 o pároco instalado ali todas as noites, com a face próspera, a perna traçada,
gozando a veneração das velhas. «A Ameliuzinha, sim, agora portava-se
bem, e era-lhe fiel, era-lhe fiel...»: mas ele sabia que o pároco a desejava,
a «cocava»; e apesar do juramento dela *pela sua salvação*, da certeza que
305 *não havia nada* — temia que ela fosse lentamente penetrada por aquela
admiração caturra das velhas, para quem o senhor pároco *era um anjo*:
só se contentaria em arrancar Amélia (já empregado no Governo Civil)
àquela casa beata: mas essa felicidade tardava a chegar — e saía todas as
noites da Rua da Misericórdia mais apaixonado, com a vida estragada de
ciúmes, odiando os padres, sem coragem para desistir. Era então que se
310 punha a andar pelas ruas até tarde; às vezes voltava ainda ver as janelas
fechadas da casa dela; ia depois à Alameda ao pé do rio, mas o frio ramalhar
das árvores sobre a água negra entristecia-o mais; vinha então ao bilhar,
olhava um momento os parceiros carambolando, o marcador, muito
esguedelhado, que bocejava encostado ao *reste*. Um cheiro de mau petró-
315 leo sufocava. Saía; e dirigia-se, devagar, à redacção da *Voz do Distrito*.

XI

Foi então que João Eduardo começou a frequentar a redacção da *Voz do Distrito*. O redactor principal, o Agostinho Pinheiro, era seu amigo. Eram ainda parentes. O Agostinho era um rapaz macilento, um pouco héctico, com um aspecto de noites mal dormidas, de roupa suada e de vícios antigos.

A *Voz do Distrito* fora criada por alguns homens, a quem chamavam em Leiria o *grupo da Maia*, particularmente inimigos do governador civil. O dr. Godinho que era o advogado, o chefe, o candidato do *grupo*, tinha encontrado em Agostinho, como ele dizia, o *homem que se precisa*: o que o *grupo* precisava era um homem miserável e dependente, com alguma ortografia e sem escrúpulos, que redigisse, pontuasse, coordenasse em linguagem sonora as acusações, os insultos, as calúnias, as maledicências, as alusões que eles traziam informemente à redacção, em apontamentos vagos. Agostinho era o estilista daquelas vilezas. Davam-lhe por isto quinze mil réis por mês e casa de habitação na redacção — um terceiro andar, sujo e desmantelado, numa viela ao pé da Praça.

1-11: Foi então [...] vícios antigos.

13-4: particularmente inimigos do governador civil. O dr. Godinho que era o advogado, o chefe, o

16: era um homem miserável e dependente, com alguma ortografia e

17-8: redigisse, pontuasse, coordenasse em linguagem sonora as acusações, os insultos, as calúnias, as maledicências, as alusões

18-9: apontamentos vagos. Agostinho era o estilista daquelas vilezas. Davam-lhe por isto

20-1: andar, sujo e desmantelado,

22-30: João Eduardo reconhecia que o carácter de Agostinho era equívoco e nunca se mostrava com ele, de dia,

X

O redactor da *Voz do Distrito*, o Agostinho Pinheiro, era ainda seu parente. Chamavam-lhe geralmente o *Raquítico*, por ter uma forte corcunda no ombro e uma figurinha enfesada de héctico. Era extremamente sujo; e a sua carita de fêmea, amarelada, de olhos depravados, revelava vícios antigos, muito torpes. Tinha feito (dizia-se em Leiria) toda a sorte de maroteira. E ouvira tantas vezes exclaimar: «Se você não fosse um raquítico, quebrava-lhe os ossos» — que, vendo na sua corcunda uma protecção suficiente, ganhara um descaro sereno. Era de Lisboa, o que o tornava mais suspeito aos burgueses sérios: atribuíam-se a sua voz rouca e acre «a faltar-lhe as campainhas»: e os seus dedos queimados terminavam em unhas muito compridas — porque tocava guitarra.

A *Voz do Distrito* fora criada por alguns homens, a quem chamavam em Leiria o *grupo da Maia*, particularmente hostis ao senhor governador civil. O doutor Godinho, que era o chefe e o candidato do grupo, tinha encontrado em Agostinho, como ele dizia, o *homem que se precisa*: o que o grupo precisava era um patife com ortografia, sem escrúpulos, que redigisse em linguagem sonora os insultos, as calúnias, as alusões que eles traziam informemente à redacção, em apontamentos. Agostinho era um estilista de vilezas. Davam-lhe quinze mil réis por mês e casa de habitação na redacção — um terceiro andar desmantelado numa viela ao pé da Praça.

Agostinho fazia o artigo de fundo, as locais, a *Correspondência* de Lisboa; e o bacharel Prudêncio escrevia o folhetim literário sob o título de *Palestras Leirienses*: era um moço muito honrado, a quem o sr. Agostinho era repulsivo; mas tinha uma tal gula de publicidade, que

3: ombro] ombro,

João Eduardo reconhecia que o carácter de Agostinho era equívoco e nunca se mostrava com ele, de dia, nas ruas; mas gostava de ir para a redacção, alta noite, fumar cigarros e conversar com Agostinho; sobretudo quando ele começava a falar de Lisboa e do tempo que lá vivera empregado na redacção de jornais, no teatro da Rua dos Condes e numa casa de penhores.

Àquela hora da noite João Eduardo encontrava sempre Agostinho abancado, com uma velha jaqueta de peles que tinha as mangas excessivamente curtas e cujos colchetes de prata tinham sido empenhados — ruminando, todo curvado, à luz de um candeeiro de petróleo, sobre longas tiras de papel: estava fazendo o jornal! João Eduardo estirava-se sobre um canapé de palhinha ou indo buscar a um canto a velha guitarra de Agostinho repenicava o *fado corrido*. Agostinho então, erguendo a cabeça do seu trabalho infeliz, espreguiçava-se escancaradamente, acendia o cigarro e com a sua voz um pouco rouca:

Ora foi o fado tirano
Que me levou à má vida.

E a guitarra: derlin, din, din, dir-lin, din, don:

Na vida do negro fado
Que me traz assim perdida...

Isto trazia-lhe sempre as recordações de Lisboa; não se podia consolar de viver em Leiria, *naquela pocilga*, como ele dizia; e voltavam então

- 31-2: cigarros e conversar com Agostinho; sobretudo quando ele começava a falar de Lisboa e
32-3: de jornais,
33: Condes e
33-4: penhores.
35-7: noite João Eduardo encontrava sempre Agostinho
37: peles que tinha as mangas excessivamente curtas e cujos
38-9: ruminando, todo curvado, à luz de um candeeiro
40-1: jornal! João Eduardo estirava-se sobre um
41: palhinha
42-6: *corrido*. Agostinho então, erguendo a cabeça do seu trabalho infeliz, espreguiçava-se
46-7: cigarro e com a sua voz um pouco rouca:
49: vida.
50: guitarra: derlin, / don:
51-2: fado // Que
53-6: Lisboa; não

se sujeitava a sentar-se todos os sábados fraternalmente à mesma banca, a rever as provas da sua prosa — prosa tão florida de imagens, que se murmurava na cidade, ao lê-la: «*Que opulência! Que opulência, Jesus!*»

30 João Eduardo reconhecia também que o Agostinho era «um trastezito»; não se atreveria a passear com ele de dia nas ruas; mas gostava de ir para a redacção, alta noite, fumar cigarros, ouvir o Agostinho falar de Lisboa, do tempo que lá vivera empregado na redacção de dois jornais, no teatro da Rua dos Condes, numa casa de penhores, e em outras instituições. Estas visitas eram *segredos!*

35 Àquela hora da noite a sala da tipografia no primeiro andar estava fechada (o jornal tirava-se aos sábados); e João Eduardo encontrava em cima Agostinho abancado, com uma velha jaqueta de peles cujos colchetes de prata tinham sido empenhados — ruminando, curvado, à luz dum medonho candeeiro de petróleo, sobre longas tiras de papel: estava fazendo o jornal, e a sala escura em redor tinha o aspecto duma caverna. João Eduardo estirava-se no canapé de palhinha, ou indo buscar a um canto a velha guitarra de Agostinho repenicava o *fado corrido*. O jornalista no entanto, com a testa apoiada a um punho, produzia laboriosamente: «a coisa não lhe safa catita»: e como nem o *fadinho* o inspirava, erguia-se, 40 ia a um armário engolir um copinho de genebra que gargarejava nas fauces estanhadas, espreguiçava-se escancaradamente, acendia o cigarro, e aproveitando o acompanhamento cantarolava roucamente:

Ora foi o fado tirano
Que me levou à má vida,

50 E a guitarra: dir-lin, din, din, dir-lin, din, don.

Na vida do negro fado
Ai! Que me traz assim perdida...

Isto trazia-lhe sempre as recordações de Lisboa, porque terminava por dizer, com ódio:

55 — Que pocilga de terra esta!

32: de dois] de dois

34: eram segredos!] eram segredos!

38: luz dum] luz de um

44: «a coisa» «a coisa

55: terra] terra,

as reminiscências saudosas, sobretudo das noites de Lisboa, das ceias de bacalhau, de madrugada, na taverna do tio João, à Mouraria, com a Ana Alfaiata ou com o Bigodinho, ouvindo o João das Biscas de cigarro ao canto da boca, o olho choroso, meio fechado pelo fumo do tabaco, a perna traçada, fazer chorar a guitarra dizendo a morte da Sofia!

Depois Agostinho lia a João Eduardo os artigos do jornal que estava escrevendo. Discutiam então e muitas vezes Agostinho dizia-lhe:

— Por que não escreves tu alguma coisa, homem?

Um dia tinha-lhe mostrado um artigo sobre uma questão que agitava Leiria: o dr. Godinho tinha sido excluído da administração da Misericórdia. Atribuía-se geralmente aquela violência às influências do cabido: o dr. Godinho era, com efeito, conhecido pela sua hostilidade às *sotainas*, como ele dizia.

O artigo de Agostinho, portanto, inspirado pelo despeito do doutor, era uma longa declamação contra o clero e o seu «*pernicioso domínio*». Depois de celebrar as virtudes do dr. Godinho, «*respeitável chefe de família*» e a sua eloquência no tribunal que «*arrancara tantos desventurados ao cutelo da lei*», o artigo, tomando um tom roncante, apostrofava Cristo: — «Quem te diria a ti, escrevia Agostinho, oh! imortal Crucificado, quem te diria, quando do alto do Gólgota expiravas exangue, quem te diria que um dia, em teu nome, à tua sombra, seria expulso de um estabelecimento de caridade o dr. Godinho, a alma mais pura, o talento mais robusto...» — E as virtudes do dr. Godinho desfilavam diante dos leitores, gloriosas, extraordinárias, apoiadas a adjectivos nobres.

Depois, deixando por um momento de contemplar o dr. Godinho, Agostinho dirigia-se directamente a Roma: — «É no século XIX que vindes

56-7: Leiria, [...] na taverna

58: Bigodinho,

59: choroso, / tabaco, a perna traçada,

61: Depois Agostinho lia

62-78: os artigos [...] era uma longa

78-9: e o seu «*pernicioso domínio*». Depois

79: do dr. Godinho, «*respeitável*

82-3: ti, escrevia Agostinho, oh! imortal Crucificado,

83: quando do

84-5: expulso de um

85: o dr. Godinho, a

86-7: do dr. Godinho desfilavam diante dos leitores, gloriosas, extraordinárias, apoiadas a

89: o dr.

Não se podia consolar de viver em Leiria, de não poder beber o seu quartilho na taberna do tio João, à Mouraria, com a Ana Alfaiata ou com o Bigodinho — ouvindo o João das Biscas de cigarro ao canto da boca, o olho choroso meio fechado pelo fumo do tabaco, fazer chorar a guitarra dizendo a morte da Sofia!

Depois, para se reconfortar com a certeza do seu talento, lia a João Eduardo os seus artigos, muito alto. E João interessava-se — porque essas «produções», sendo ultimamente sempre «desandas ao clero», correspondiam às suas preocupações.

Era por esse tempo que, em virtude da famosa questão da Misericórdia, o doutor Godinho se tornara muito hostil ao cabido e «à padraria». Sempre detestara padres; tinha uma má doença de fígado, e como a Igreja o fazia pensar no cemitério, odiava a sotaina, porque lhe parecia uma ameaça da mortalha. E Agostinho, que tinha um profundo depósito de fel a derramar, instigado pelo doutor Godinho, exagerava as suas verrinas: mas, com o seu fraco literário, cobria o vitupério de tão espessas camadas de retórica que, como dizia o cónego Dias, «aquilo era ladrar, não era morder!»

Uma dessas noites João Eduardo encontrou Agostinho todo entusiasmado com um artigo que compusera de tarde, e que lhe «saíra cheio de piadas à Victor Hugo!»

— Tu verás! Coisa de sensação!

Como sempre, era uma declamação contra o clero e o elogio do doutor Godinho. Depois de celebrar as virtudes do doutor, «esse tão respeitável chefe de família» e a sua eloquência no tribunal que «arrancara tantos desventurados ao cutelo da lei», o artigo, tomando um tom roncante, apostrofava Cristo: — «Quem te diria a ti (bradava Agostinho), ó imortal Crucificado! quem te diria, quando no alto do Gólgota expiravas exangue, quem te diria que um dia, em teu nome, à tua sombra, seria expulso dum estabelecimento de caridade o doutor Godinho, — a alma mais pura, o talento mais robusto...» — E as virtudes do doutor Godinho voltavam, em passo de procissão, solenes e sublimadas, arrastando caudas de adjetivos nobres.

Depois, deixando por um momento de contemplar o doutor Godinho, Agostinho dirigia-se directamente a Roma: — «É no século XIX que

77: verás! Coisa] verás! Coisa

83: quando no] quando do

84-5: expulso dum] expulso de um

atirar à face de Leiria liberal os ditames do *Syllabus*? Pois bem. Quereis a guerra? Tê-la-eis.»

— Hem, João?!

— É forte! dizia ele. Está forte que tem diabo!

E retomando a leitura: — «Quereis a guerra? Tê-la-eis! Levantaremos bem alto o nosso estandarte, que não é o da demagogia, compreendei-o bem! e arvorando-o, com braço firme, no mais alto baluarte das liberdades públicas, gritaremos à face da Europa: Filhos do século XIX! Às armas! Às armas pelo progresso!»

Com este grito de guerra Agostinho terminava.

João Eduardo tinha ficado calado, preocupado; e de repente levantando-se e meneando a cabeça:

— Eu se quisesse, Agostinho, eu é que te escrevia um dia uma desanda aos padres... Eu é que os conheço.

Agostinho começou logo a instar com ele para que escrevesse a *desanda*.

— Vem a calhar! dizia ele.

O dr. Godinho tinha-lhe recomendado: — «Daqui por diante, em tudo que cheirar a padre, para baixo! Havendo escândalo conta-se, não havendo inventa-se!»

Mas nessa noite João Eduardo fez apenas promessas vagas.

Nos dias seguintes Agostinho perguntava-lhe:

— E o artigo, homem? Traz-me o artigo.

João Eduardo hesitava, receava. Se se viesse a saber?

— Qual! afirmava Agostinho. A coisa publica-se como um *comunicado* e assinada — *Um liberal*. Quem diabo vai saber?

91: *Syllabus*?

92: Tê-la-eis.»

93: João?! // — É forte! dizia ele. Está forte que tem diabo!

97: gritaremos à face da Europa:

99-107: Com este grito de guerra Agostinho terminava. // João Eduardo tinha ficado calado, preocupado; e de repente levantando-se e meneando a cabeça: // — Eu se quisesse, Agostinho,

107: escrevia um dia

107-8: padres... Eu é que os conheço.

109: Agostinho começou logo a instar

110: — Vem a calhar! dizia ele.

111: O dr. Godinho tinha-lhe recomendado: — «Daqui por diante, em

112-3: escândalo conta-se, não havendo

114-7: Mas nessa noite João Eduardo fez apenas promessas vagas. // Nos dias seguintes Agostinho perguntava-lhe:

119-22: João Eduardo hesitava, receava. Se

122: saber?

123-4: como um *comunicado* e assinada — *Um liberal*. Quem

vindes atirar à face de Leiria liberal os ditames do *Syllabus!* Pois bem. Quereis a guerra? Tê-la-eis!»

— Hem, João?! dizia. Está forte! Está filosófico!

E retomando a leitura: — «Quereis a guerra? Tê-la-eis! Levantaremos
95 bem alto o nosso estandarte, que não é o da demagogia, compreendei-o bem! e arvorando-o, com braço firme, no mais alto baluarte das liberdades públicas, gritaremos à face de Leiria, à face da Europa: Filhos do século XIX! Às armas! Às armas pelo progresso!»

— Hem? Está de os enterrar!

100 João Eduardo, que ficara um momento calado, disse então, levantando as suas expressões em harmonia com a prosa sonora de Agostinho:

— O clero quer-nos arrastar aos funestos tempos do obscurantismo!

Uma frase tão literária surpreendeu o jornalista: fitou João Eduardo, disse:

105 — Porque não escreves tu alguma coisa, também?

O escrevente respondeu, sorrindo:

— E eu, Agostinho, eu é que te escrevia uma *desanda* aos padres...
E eu tocava-lhes os podres. Eu é que os conheço!...

Agostinho instou logo com ele para que escrevesse a *desanda*.

110 — Vem a calhar, menino!

O doutor Godinho ainda na véspera lhe recomendara: — «Em tudo que cheirar a padre, para baixo! Havendo escândalo, conta-se! Não havendo, inventa-se!»

E Agostinho acrescentou, com benevolência:

115 — E não te dê cuidado o estilo, que eu cá o florearé!

— Veremos, veremos, murmurou João Eduardo.

Mas daí por diante Agostinho perguntava-lhe sempre:

— E o artigo, homem? Traz-me o artigo.

120 Tinha avidez dele, porque sabendo como João Eduardo vivia na intimidade da «panelinha canónica da S. Joaneira» supunha-o no segredo de infâmias especiais.

João Eduardo, porém, hesitava. Se se viesse a saber...?

— Qual! afirmava Agostinho. A coisa publica-se como minha. É artigo da redacção. Quem diabo vai saber?

91: *Syllabus!*] *Syllabus?*

92: Tê-la-eis!] Tê-la-eis.-

105: alguma coisa.] alguma coisa,

112: padre, para] padre, pra / conta-se!] conta-se;

122: saber...?] saber?

123: A coisa] A coisa

Enfim, uma noite, João Eduardo entrou na redacção com cinco largas tiras de papel, miudamente escritas com uma letra de cartório. Era o artigo e intitulava-se: *Os modernos fariseus!* — Depois de algumas considerações, cheias de flores, sobre Jesus e o Gólgota, o artigo de João Eduardo era, sob alusões diáfanas, um vingativo ataque ao cônego Dias, ao padre Brito, ao padre Amaro e ao padre Natário. Todos tinham a sua *dose*, como disse, cheio de júbilo, o Agostinho.

O artigo parecia-lhe excelente; somente João Eduardo terminava-o exclamando: — «*Alerta! mães de família!*» E o Agostinho sugeriu que este final — *Alerta!* — podia dar lugar à réplica jocosa — *Alerta está!* — E depois de largas combinações decidiram-se por este fecho: — *Cuidado, sotainas negras!*

E no domingo seguinte apareceu o artigo, assinado: — *Um liberal.*

125-8: Enfim, uma noite, João Eduardo entrou na redacção com cinco

128: escritas com uma

129: artigo

131: alusões diáfanas, um

133: Natário.

133-4: *dose*, como disse, cheio de júbilo,

135-53: O artigo parecia-lhe excelente; somente João Eduardo terminava-o exclamando: — «*Alerta!*

153: *família!*» E

154: final — *Alerta!* — / *está!* —

157: E no / o artigo, assinado: —

159-233: Quando nessa mesma noite [...] a S. Joazeira

125 Sucedeu na noite seguinte que João Eduardo surpreendeu o padre Amaro resvalando sorrateiramente um segredinho a Amélia — e ao outro dia apareceu de tarde na redacção com a palidez duma noite velada, trazendo cinco largas tiras de papel, miudamente escritas numa letra de cartório. Era o artigo, e intitulava-se: *Os modernos fariseus!* — Depois de
130 algumas considerações, cheias de flores, sobre Jesus e o Gólgota, o artigo de João Eduardo era, sob alusões tão diáfanas como teias de aranha, um vingativo ataque ao cónego Dias, ao padre Brito, ao padre Amaro e ao padre Natário!... Todos tinham a sua *dose*, como exclamou cheio de júbilo o Agostinho.

135 — E quando sai? perguntou João Eduardo.

O Agostinho esfregou as mãos, reflectiu, disse:

— É que está forte, diabo! É como se tivesse os nomes próprios! Mas descansa, eu arranjaréi.

Foi cautelosamente mostrar o artigo ao doutor Godinho — que o
140 achou «uma catilinária atroz». Entre o doutor Godinho e a Igreja havia apenas um arrufo: ele reconhecia em geral a necessidade da religião entre as massas; sua esposa, a bela D. Cândida, era além disso de inclinações devotas, e começava a dizer que aquela guerra do jornal ao clero lhe causava grandes escrúpulos: e o doutor Godinho não queria provocar
145 ódios desnecessários entre os padres, prevendo que o seu amor da paz doméstica, os interesses da ordem e o seu dever de cristão o forçariam bem cedo a uma reconciliação, — «muito contra as suas opiniões, mas...»

Disse por isso a Agostinho secamente:

150 — Isto não pode ir como artigo da redacção, deve aparecer como comunicado. Cumpra estas ordens.

E Agostinho declarou ao escrevente — que a coisa publicava-se como um *Comunicado*, assinado: *Um liberal*. Somente João Eduardo terminava o artigo exclamando: — *Alerta, mães de família!* O Agostinho sugeriu que este final *Alerta* podia dar lugar à réplica jocosa — *Alerta está!*
155 E depois de largas combinações decidiram-se por este fecho: — *Cuidado, sotainas negras!*

No domingo seguinte apareceu o comunicado assinado: *Um liberal*.

160 Durante toda essa manhã de domingo, o padre Amaro, à volta da Sé, estivera ocupado em compor laboriosamente uma carta a Amélia. Im-

141: reconhecia em geral] reconhecia, em geral,

146: ordem] ordem,

151: a coisa] a coisa

paciente, como ele dizia, «com aquelas relações que não andavam nem desandavam, que era olhar e apertos de mão e dali não passava» — tinha-lhe dado uma noite, à mesa do *quino*, um bilheteinho onde escrevera com boa letra, a tinta azul: — *Desejo encontrá-la só, porque tenho muito que*
 165 *lhe falar. Onde pode ser sem inconveniente? Deus proteja o nosso afecto.* Ela não respondera: — E Amaro despeitado, descontente também por não a ter visto nessa manhã à missa das nove, resolveu «pôr tudo a claro numa carta de sentimento»: e preparava os períodos sentidos que lhe deviam ir revolver o coração, passeando pela casa, juncando o chão de
 170 pontas de cigarro, a cada momento curvado sobre o *Dicionário de sinónimos*.

«Ameliuzinha do meu coração: (escrevia ele) Não posso atinar com as razões maiores que a não deixaram responder ao bilheteinho que lhe dei em casa da senhora sua mamã; pois que era pela muita necessidade
 175 que tinha de lhe falar a sós, e as minhas intenções eram puras, e na inocência desta alma que tanto lhe quer e que não medita o pecado.

Deve ter compreendido que lhe voto um fervente affecto, e pela sua parte me parece, (se não me enganam esses olhos que são os faróis da minha vida, e como a estrela do navegante) que também tu, minha
 180 Ameliuzinha, tens inclinação por quem tanto te adora; pois que até outro dia, quando o Libano *quinou* com os seis primeiros números, e que todos fizeram tanta algazarra, tu apertaste-me a mão por baixo da mesa com tanta ternura, que até me pareceu que o Céu se abria e que eu sentia os anjos entoarem o *Hossana!* Porque não respondeste pois? Se pensas que
 185 o nosso affecto pode ser desagradável aos nossos anjos da guarda, então te direi que maior pecado cometes trazendo-me nesta incerteza e tortura, que até na celebração da missa estou sempre com o pensar em ti, e nem me deixa elevar a minha alma no divino sacrificio. Se eu visse que este mútuo affecto era obra do Tentador, eu mesmo te diria: oh minha bem-amada filha, façamos o sacrificio a Jesus, para lhe pagar parte do sangue que derramou por nós! Mas eu tenho interrogado a minha alma e vejo
 190 nela a brancura dos lírios. E o teu amor também é puro como a tua alma, que um dia se unirá à minha, entre os coros celestes, na bem-aventurança. Se tu soubesses como eu te quero, querida Ameliuzinha, que até às vezes me parece que te podia comer aos bocadinhos! Responde
 195 pois, e dize se não te parece que poderia arranjar-se a vermo-nos no

172: coração:] coração,

Quando nessa mesma noite de domingo o padre Amaro entrou em casa da S. Joaneira encontrou a sala do jantar, de ordinário tão pacata e tão dormente, cheia de barulho e de consternação. Estavam todos: o padre Natário, o padre Brito, o cônego Dias e as velhas amigas. A causa daquela excitação era, naturalmente, o artigo do jornal. E quando o padre Amaro confessou que o não tinha lido ainda, foi um espanto:

— Pois não leu, sr. pároco? Pois não leu?

E explicavam-lhe, citavam frases destacadas.

Morenal, pela tarde. Pois eu anseio por te exprimir todo o fogo que me
 abrasa, bem como falar-te de coisas importantes, e sentir na minha mão
 a tua que eu desejo que me guie pelo caminho do amor, até aos êxtases
 200 duma felicidade celestial. Adeus, anjo feiticeiro, recebe a oferta do cora-
 ção do teu amante e pai espiritual

Amaro.»

Depois de jantar copiou esta carta a tinta azul, e com ela bem do-
 brada no bolso da batina foi à Rua da Misericórdia. Logo da escada senti-
 205 tiu em cima a voz aguda de Natário, discutindo.

— Quem está por cá? — perguntou à *Ruça*, que alumiava, encolhida
 no seu xale.

— As senhoras todas. Está o senhor padre Brito.

— Olá! Bela sociedade!

210 Galgou os degraus, e à porta da sala, com o seu capote ainda pelos
 ombros, tirando alto o chapéu:

— Muito boas-noites a todos, começando pelas senhoras.

Natário, imediatamente, plantou-se diante dele e exclamou:

— Então que lhe parece?

215 — O quê? perguntou Amaro. E reparando no silêncio, nos olhos
 cravados nele: — O que é? Alguma coisa de novo?

— Pois não leu, senhor pároco!? exclamaram. Não leu o *Distrito!*?

Era papel em que ele não pusera os olhos, disse. Então as senhoras
 indignadas romperam:

220 — Ai! É um desaforo!

— Ai! É um escândalo, senhor pároco!

Natário, com as mãos enterradas nas algibeiras, contemplava o pá-
 roco com um sorrisinho sarcástico, soltando de entre os dentes:

— Não leu! Não leu! Então que fez?

225 Amaro reparava, já aterrado, na palidez de Amélia, nos seus olhos
 muito vermelhos. E enfim o cónego erguendo-se pesadamente:

— Amigo pároco, dão-nos uma desanda!...

198: de coisas] de cousas

216: Alguma coisa] Alguma cousa

217: pároco!]? pároco? / *Distrito!*?] *Distrito?*

222: Natário.] Natário / algibeiras.] algibeiras

227: desanda!...] desanda...

— Mas leia, faz favor de ler!

— O sr. cônego que leia! Leia, sr. cônego!

— É um desaforo, sr. pároco! É um escândalo!

O cônego Dias, que tinha trazido o jornal, teve de fazer uma leitura solene.

Rodearam a mesa, a S. Joaneira deu mais luz ao candeeiro, e no silêncio o cônego Dias, desdobrando o jornal, pondo os óculos cuidadosamente, com o lenço do rapé nos joelhos, começou a leitura com a sua voz pachorrenta.

Mas o princípio do artigo não interessava: eram períodos enternecidos e adjectivados em que o *liberal*, que assinava, exprobrava mais uma vez aos fariseus a crucificação de Jesus: — «Por que o matásteis? exclamava ele, respondei!» — E os fariseus respondiam: — «Matámo-lo porque ele era a liberdade, a emancipação, a aurora de uma nova era, etc.» — E o *liberal* então esboçava, a largos traços, a noite romanesca do Calvário: — «Ei-lo pendente da cruz, traspassado de lanças, a sua túnica jogada aos dados, a plebe infrene, etc.» — E então, voltando a dirigir-se aos fariseus infelizes, o *liberal* gritava-lhes com uma ironia épica: — «Contemplai a vossa bela obra!» — E logo, por uma gradação hábil, o *liberal* descia de Jerusalém a Leiria: — «Mas pensam os leitores que os fariseus morreram? Como se enganam! Vivem! Conhecêmo-los nós; Leiria está cheia deles...»

— Agora é que elas começam, disse o cônego, olhando para todos em redor por cima dos óculos.

Com efeito, as alusões começavam, diáfanas, francas, parecidas como fotografias: era uma galeria de retratos eclesiásticos: o primeiro era o do forte padre Brito: — «Vede-o, exclamava o *liberal*, grosso como um toiro, montado na sua égua castanha...»

233-4: candeeiro, e no silêncio o cônego Dias, desdobrando o jornal, pondo

234: cuidadosamente, com

235: leitura com a

237: Mas o princípio do artigo / enternecidos e adjectivados

238: *liberal*, que assinava, exprobrava mais uma vez / a crucificação

239: matásteis? exclamava ele, respondei!» —

241: era, etc.» — E / noite romanesca

243: infrene, etc.» — E então,

244: com uma ironia épica:

245: obra!» — E logo, por

247-8: deles...»

249: cônego,

250: redor

251-2: efeito, as alusões começavam, diáfanas, francas, parecidas como fotografias: era uma galeria de retratos eclesiásticos: o primeiro era o do forte

252-3: — «Vede-o, exclamava o *liberal*,

253: um toiro,

— Ora essa! exclamou Amaro.

— Tesa!

230 O senhor cónego, que trouxera o jornal, devia ler alto — lembraram.

— Leia, Dias, leia, acudiu Natário. Leia, para saborearmos!

A S. Joaneira deu mais luz ao candeeiro: o cónego Dias acomodou-se à mesa, desdobrou o jornal, pôs os óculos cuidadosamente, e, com o lenço do rapé nos joelhos, começou a leitura do *Comunicado* na sua voz pachorrenta.

O princípio não interessava: eram períodos enternecidos em que o *liberal* exprobrava aos fariseus a crucifixão de Jesus: — «Por que o matásteis? (exclamava ele). Respondei!» E os fariseus respondiam: 240 — «Matámo-lo porque ele era a liberdade, a emancipação, a aurora de uma nova era», etc. O *liberal* então esboçava, a largos traços, a noite do Calvário: — «Ei-lo pendente da cruz, traspassado de lanças, a sua túnica jogada aos dados, a plebe infrene», etc. E, voltando a dirigir-se aos fariseus infelizes, o *liberal* gritava-lhes com ironia: — «Contemplai a vossa 245 bela obra!» Depois, por uma gradação hábil, o *liberal* descia de Jerusalém a Leiria: — «Mas pensam os leitores que os fariseus morreram? Como se enganam! Vivem! Conhecemo-los nós; Leiria está cheia deles, e vamos apresentá-los aos leitores...»

— Agora é que elas começam, disse o cónego olhando para todos em redor, por cima dos óculos.

250 Com efeito «elas começavam»; era, numa forma brutal, uma galeria de fotografias eclesiásticas: a primeira era a do padre Brito: — «Vede-o, (exclamava o *liberal*) grosso como um touro, montado na sua égua castanha...»

239: [matásteis: conforme 1889]

241: era-, etc.] era, etc.»

243: infrene-, etc.] infrene, etc.»

252-3: «Vede-o, (exclamava o *liberal*)» «Vede-o (exclamava o *liberal*)».

— Até a cor da água! exclamou com uma indignação piedosa a sr.^a D. Maria da Assunção.

«... Estúpido como um melão, sem sequer saber latim...»

O padre Amaro fazia oh! oh! assombrado; o padre Brito mexia-se na cadeira e soprava.

«... Espécie de caceteiro, continuava o cônego que lia aquelas frases cruéis com uma tranquilidade doce, — desabrido de maneiras, mas que não desgosta de se dar à ternura, e, segundo dizem os bem informados, escolheu para Dulcineia a própria e legítima esposa do seu regedor...»

O padre Brito não se pôde dominar:

— Eu racho-o de meio a meio, exclamou ele, levantando-se, rubro.

— Escute, homem, disse Natário severamente.

— Qual escute! O que é, é que o racho!

Mas se ele não podia saber quem era o *liberal*, observaram-lhe os outros.

— Qual liberal! Quem eu racho é o dr. Godinho. O dr. Godinho é que é o dono do jornal. O dr. Godinho é que eu racho!

Estava apoplético, com a voz trovejante e dava enormes punhadas nos joelhos.

Queriam sossegá-lo: lembravam-lhe o dever cristão de perdoar as injúrias! A S. Joaneira então citou a bofetada que Jesus Cristo tinha suportado.

— Qual Cristo! Qual cabaça! gritou Brito desorientado, esquecendo-se inteiramente.

A esta impiedade houve um terror na sala.

— Credo! sr. padre Brito, credo! exclamou a irmã do cônego recuando a cadeira.

O Libaninho tinha levado as mãos à cabeça, como sob um desastre:

— Nossa Senhora das Dores, que até pode cair um raio!

255: água! exclamou

258-9: Amaro fazia oh! oh! assombrado; o padre Brito mexia-se na cadeira e soprava.

260: caceteiro,

261: doce, — desabrido

264: se pôde dominar:

265-6: meio, exclamou ele, levantando-se, rubro.

267: homem, disse Natário severamente.

269: não podia saber / *liberal*, observaram-lhe os outros.

270: o dr. Godinho. O dr.

271: O dr.

272-4: Estava apoplético, com a voz trovejante e dava enormes punhadas nos joelhos. // Queriam sossegá-lo: lembravam-lhe

274: injúrias!

275-7: Cristo tinha suportado. // — Qual Cristo!

277-9: Brito desorientado, esquecendo-se inteiramente. // A esta impiedade houve um terror na sala. //

— Credo! sr.

281-2: Libaninho tinha levado as mãos à cabeça, como sob um desastre:

255 — Até a cor da égua! murmurou com uma indignação piedosa a sr.^a D. Maria da Assunção.

«... Estúpido como um melão, sem sequer saber latim...»

O padre Amaro, assombrado, fazia: Oh! Oh! E o padre Brito, escarlate, mexia-se na cadeira, esfregando devagar os joelhos.

260 «... Espécie de caceteiro», continuava o cônego que lia aquelas frases cruéis com uma tranquilidade doce, «desabrido de maneiras, mas que não desgosta de se dar à ternura, e, segundo dizem os bem informados, escolheu para Dulcineia a própria e legítima esposa do seu regedor...»

O padre Brito não se dominou:

265 — Eu racho-o de meio a meio! exclamou erguendo-se e recaindo pesadamente na cadeira.

— Escute, homem! disse Natário.

— Qual escute! O que é, é que o racho!

Mas se ele não sabia quem era o *liberal!*

270 — Qual *liberal!* Quem eu racho é o doutor Godinho. O doutor Godinho é que é o dono do jornal. O doutor Godinho é que eu racho!

A sua voz tinha tons roucos: e atirava furioso grandes palmadas à coxa.

275 Lembraram-lhe o dever cristão de perdoar as injúrias. A S. Joaneira com unção citou a bofetada que Jesus Cristo suportou. Devia imitar Cristo.

— Qual Cristo, qual cabaça! gritou Brito apoplético.

Aquela impiedade criou um terror.

280 — Credo, senhor padre Brito, credo! exclamou a irmã do cônego recuando a cadeira.

O Libaninho, com as mãos na cabeça, vergado sob o desastre, murmurava:

— Nossa Senhora das Dores, que até pode cair um raio!

258: Amaro.] Amaro

267: homem!] homem,

274: injúrias.] injúrias!

277: Cristo.] Cristo!

279: — Credo.] — Credo! / cônego] cônego,

Amélia estava indignada; e então o padre Amaro disse gravemente:
— Brito, realmente você excedeu-se.

— Pois se estão a puxar por mim!...

— Homem, ninguém puxou por você, disse severamente Amaro. — E com um tom sacerdotal e pedagogo: — Apenas lhe lembrarei, como devo, que em tais casos quando se diz a *blasfêmia má*, o rev. padre Scomelli recomenda confissão geral e dois dias de recolhimento a pão e água.

O padre Brito resmungava ainda como uma trovoada que se afasta roncando. Todos estavam um pouco *embatucados*, como disse depois o cônego Dias.

— Bem, bem, resumiu Natário. O Brito cometeu uma grande falta, mas saberá pedir perdão a Deus — e a misericórdia de Deus é infinita!

Houve um silêncio comovido; e o cônego, que durante a catástrofe tinha poisado os seus óculos sobre os joelhos, retomou-os e continuou serenamente a leitura:

«... Conheceis um outro com cara de furão?...»

Todos olharam para o padre Natário.

«... Desconfiai dele: se puder trair-vos não hesita; se puder prejudicar-vos folga: as suas intrigas trazem o cabido numa confusão porque é a víbora mais daninha da diocese; mas com tudo isso muito dado à jardinagem, porque cultivava com cuidado *duas rosas do seu canteiro*».

— Homem, essa! disse Amaro indignado.

— É para que você veja, disse Natário, erguendo-se lívido. Que lhe parece? Você sabe que eu, quando falo das minhas sobrinhas, costume dizer *as duas rosas do meu canteiro*. É um gracejo. Pois senhores, até vem com isto! — E tremiam-lhe os beiços: e com um sorriso macilento, de fel: — Mas amanhã hei-de saber quem é. Olaré! Olaré! Eu hei-de saber quem é!

284: Amélia estava indignada; e então o padre

287-8: Amaro. — E com um tom sacerdotal e

289: casos / o rev.

291: resmungava ainda como uma trovoada que se afasta roncando. Todos estavam um pouco *embatucados*, como disse depois o cônego Dias.

293: Deus —

295-6: Houve um silêncio comovido; e

297: catástrofe tinha poisado os seus óculos sobre os joelhos, retomou-os

300: Todos olharam para

301: trair-vos

301-2: prejudicar-vos

303: diocese;

305: essa! disse Amaro indignado.

306: Natário,

309: isto! — E tremiam-lhe os beiços; e

310: é. Olaré! Olaré!

E, vendo mesmo Amélia indignada, o padre Amaro disse gravemente:

285 — Brito, realmente você excedeu-se.

— Pois se estão a puxar por mim!...

— Homem, ninguém puxou por você, disse severamente Amaro.

E com um tom pedagogo: — Apenas lhe lembrarei, como devo, que em tais casos, quando se diz a *blasfêmia má*, o reverendo padre Scomelli recomenda confissão geral e dois dias de recolhimento a pão e água.

290 O padre Brito resmungava.

— Bem, bem, resumiu Natário. O Brito cometeu uma grande falta, mas saberá pedir perdão a Deus, e a misericórdia de Deus é infinita!

295 Houve uma pausa comovida em que se ouviu a sr.^a D. Maria da Assunção murmurar «que ficara sem pinga de sangue»; e o cônego, que durante a catástrofe pousara os óculos sobre a mesa, retomou-os, e continuou serenamente a leitura:

«... Conheceis um outro com cara de furão?...»

300 Olhares de lado fixaram o padre Natário.

«... Desconfiai dele: se puder trair-vos, não hesita; se puder prejudicar-vos, folga: as suas intrigas trazem o cabido numa confusão porque é a vrbora mais daninha da diocese, mas com tudo isso muito dado à jardinagem, porque cultiva com cuidado *duas rosas do seu canteiro*.»

305 — Homem, essa! exclamou Amaro.

— É para que você veja, disse Natário erguendo-se lívido. Que lhe parece? Você sabe que eu, quando falo das minhas sobrinhas, costumo dizer *as duas rosas do meu canteiro*. É um gracejo. Pois senhores, até vem com isto! — E com um sorriso macilento, de fel: — Mas amanhã hei-de saber quem é! Olaré! Eu hei-de saber quem é!

310

289: casos,] casos

290: e dois] e dois

293: Deus,] Deus

295: comovida] comovida,

296: sangue=:] sangue=:

300: Olhares de lado] Olhares, de lado,

301: trair-vos,] trair-vos

301-2: prejudicar-vos,] prejudicar-vos

— Deite ao desprezo, sr. padre Natário, deite ao desprezo, dizia a S. Joaneira, sempre pacificadora.

— Obrigado, minha senhora, disse Natário curvando-se, arrastando as sílabas com uma ironia rancorosa, — obrigado!

E começou a cantarolar rufando com os dedos na mesa.

Mas a voz imperturbável do cônego retomou a leitura. Agora era o retrato dele, vingativamente traçado:

«... Cônego bojudo e glutão, que foi caceteiro do sr. D. Miguel, que foi expulso da freguesia de Ourém, antigo mestre de Moral num seminário e hoje mestre de imoralidade em Leiria...»

— Isso é infame! disse Amaro exaltado.

O cônego poisou o jornal e com a voz muito pachorrenta:

— Você pensa que me dá isto cuidado? disse ele. Boa! Tenho que comer e que beber, graças a Deus! Deixar rosnar quem rosna!

— Não, mano, interrompeu a irmã, a sr.^a D. Josefa Dias; mas a gente sempre tem o seu bocadinho de brio.

— Ora mana! disse o cônego Dias, a quem uma raiva domada e disfarçada por dentro afogava. — Ora mana! Ninguém lhe pede a sua opinião!

— Nem preciso que ma peçam, gritou ela empertigando-se toda. Sei-a dar muito bem quando quero e como quero. Se não tem vergonha, tenho-a eu!

E a sua voz sibilava.

— Então! Então... disseram em roda, acalmando-a.

— Menos língua, mana, menos língua! disse o cônego fechando os seus óculos. Olhe não lhe caíam os dentes postiços!

— Seu malcriado!

E ia a falar, bradar... Mas sufocou-se, começou a dar ais agudos e soluçados.

311: desprezo, sr.

311-2: desprezo, dizia a S. Joaneira, sempre

313: senhora, disse Natário curvando-se, arrastando as sílabas

314: rancorosa, — obrigado! // E começou a cantarolar rufando com os dedos na mesa.

315: cônego retomou

316: dele, vingativamente traçado:

317: do sr.

318: Ourém, antigo

320: infame! disse

321: cônego poisou o jornal e com a voz muito

324: irmã, a sra. D. Josefa Dias; mas

325: brio.

326-7: — Ora mana! disse o cônego Dias, a quem uma raiva domada e disfarçada por dentro afogava. — Ora

328: peçam, / empertigando-se toda.

331: Então...

335: E ia a falar, bradar... Mas sufocou-se, começou a dar ais agudos e soluçados.

— Deite ao desprezo, senhor padre Natário, deite ao desprezo, disse a S. Joaneira pacificadora.

— Obrigado, minha senhora, acudiu Natário curvando-se com uma ironia rancorosa — obrigado! Cá recebi!

315 Mas a voz imperturbável do cónego retomara a leitura. Agora era o retrato dele, traçado com ódio:

«... Cónego bojudo e glutão, antigo caceteiro do senhor D. Miguel, que foi expulso da freguesia de Ourém, outrora mestre de Moral num seminário e hoje mestre de imoralidade em Leiria...»

320 — Isso é infame! exclamou Amaro exaltado.

O cónego pousou o jornal, e com a voz pachorrenta:

— Você pensa que me dá isto cuidado? disse ele. Boa! Tenho que comer e que beber, graças a Deus! Deixar rosar quem rosna!

325 — Não, mano, interrompeu a irmã, mas a gente sempre tem o seu bocadinho de brio!

— Ora, mana! replicou o cónego Dias com um azedume de raiva concentrada. Ora, mana! Ninguém lhe pede a sua opinião!

330 — Nem preciso que ma peçam! gritou ela empertigando-se. Sei-a dar muito bem quando quero e como quero. Se não tem vergonha, tenho-a eu!

— Então! Então!... disseram em roda, acalmando-a.

— Menos língua, mana, menos língua! disse o cónego fechando os seus óculos. Olhe não lhe caíam os dentes postiços!

— Seu malcriado!

335 Ia falar, mas sufocou-se; e começou subitamente a soltar *ais*.

314: rancorosa —] rancorosa, —

316: ódio:] ódio.

326: — Ora,] — Ora / Dias] Dias,

327: Ora,] Ora

Recearam logo que lhe desse o *flato*: a S. Joaneira e a sr.^a D. Joaquina Gansoso levaram-na para dentro, para o quarto, com palavras brandas:

— Estás doida! Por quem és, filha! Olha que escândalo! Nossa Senhora te valha!

Amélia queria mandar buscar água de flor de laranja, éter.

— Deixe-a lá, disse o cônego rindo, deixe-a lá! Aquilo passa-lhe. São calores! — E voltando-se para o padre Amaro: — Oiça agora você que é a sua vez, disse ele retomando o jornal:

«... Mas o perigo são certos padres novos e ajanotados, párocos por influências de certos condes da capital, vivendo na intimidade das famílias de bem onde há donzelas inexperientes e aproveitando-se da influência do seu sagrado ministério...»

Amélia fez-se muito escarlate.

— Perdão, disse Amaro, eu não quero ouvir mais, padre-mestre. Estou satisfeito.

— Homem, escute...

— Desculpe, padre-mestre, mas não me interessa. — Estava lívido, tremiam-lhe os beiços: — Isso é uma série de calúnias sem motivo, sem

336: e a sr.^a

337: para dentro, para o quarto, com

341: Amélia queria mandar / laranja, éter.

342: lá, disse o cônego rindo,

343-7: calores! — E voltando-se para o padre Amaro: — Oiça agora você que

347-51: vez, disse ele retomando o jornal: // «...Mas

352: de certos

353: inexperientes

354-420: ministério...» [...] disse prontamente Nazário.

Recearam logo que lhe desse o *flato*: a S. Joaneira e a D. Joaquina Gansoso levaram-na para o quarto, em baixo, amparando-a, com palavras brandas:

— Estás doida! Por quem és, filha! Olha que escândalo! Nossa Senhora te valha!

Amélia mandava buscar água de flor de laranja.

— Deixe-a lá, rosnou o cônego, deixe-a lá! Aquilo passa-lhe. São calores!

Amélia deu um olhar triste ao padre Amaro, e desceu ao quarto com a sr.^a D. Maria da Assunção e a Gansoso surda, que iam também «sossegar a D. Josefa, coitadita!» Os padres agora estavam sós; e o cônego voltando-se para Amaro: — Ouça você, que é a sua vez — disse retomando o jornal.

— E verâ que dose! disse Natário.

O cônego escurrou, aproximou mais o candeeiro, e declamou:

«... Mas o perigo são certos padres novos e ajanotados, párocos por influências de condes da capital, vivendo na intimidade das famílias de bem onde há donzelas inexperientes, e aproveitando-se da influência do seu sagrado ministério para lançar na alma da inocente a semente de chamuscras criminosas!»

— Pouca-vergonha! murmurou Amaro lívido.

«... Dize, sacerdote de Cristo, onde queres arrastar a impoluta virgem? Queres arrastá-la aos lodaçais do vício? Que vens fazer aqui ao seio desta respeitável família? Porque rondas em volta da tua presa como o milhafre em torno da inocente pomba? Para trás, sacrílego! Murmuras-lhe sedutoras frases, para a desviares do caminho da honra; condenas à desgraça e à viuvez algum honrado moço que lhe queira oferecer sua mão trabalhadora; e vais-lhe preparando um horroroso futuro de lágrimas. E tudo para quê? Para saciares os torpes impulsos de tua criminosa lascívia!...»

— Que infame! rosnou com os dentes cerrados o padre Amaro.

base, sem coisa nenhuma. Não tem importância. — E depois de uma pequena pausa: — Em todo o caso, a mim parece-me... Sim, é a minha opinião, que se deve avisar a autoridade.

— Isso é que é! gritou Natário. Isso é que é uma boa ideia!

— É necessário falar ao secretário-geral, fazer suspender o jornal, pôr o clero ao abrigo dos insultos.

— Mas quem lhe há-de falar?

— Eu é que lhe vou falar, disse prontamente Natário.

«... Mas acautela-te, presbítero perverso!» E a voz do cónego tinha tons cavos ao soltar aquelas apóstrofes. «Já o arcanjo levanta a espada da justiça. E sobre ti, e teus cúmplices, já a opinião da ilustrada Leiria fita seu olho imparcial. E nós cá estamos, nós, filhos do trabalho, para vos marcar na fronte o estigma da infâmia. Tremei, sectários do *Syllabus*! Cuidado, sotainas negras!»

— De escacha! fez o cónego suado, dobrando a *Voz do Distrito*.

O padre Amaro tinha os olhos enevoados de duas lágrimas de raiva: passou devagar o lenço pela testa, soprou, disse com os beiços a tremer:

— Eu, colegas, nem sei o que hei-de dizer! Pelo Deus que me ouve, isto é a calúnia das calúnias.

— Uma calúnia infame... rosaram.

— E a mim o que me parece, continuou Amaro, é que nos dirijamos à autoridade!

— É o que eu tinha dito, acudiu Natário, é necessário falar ao secretário-geral...

— Um cacete é que é! rugiu o padre Brito. Autoridade! O que é, é rachá-lo! Eu bebia-lhe o sangue!...

O cónego, que meditava coçando o queixo, disse então:

— E você, Natário, é que deve ir ao secretário-geral. Você tem língua, tem lógica.

— Se os colegas decidem, disse Natário curvando-se, vou. E hei-de-lhas cantar, à autoridade!

Amaro ficara junto da mesa com a cabeça entre as mãos, aniquilado. E o Libaninho murmurava:

— Ai, filhos, eu não é nada comigo, mas só de ouvir todo esse aranzel, até se me estão a vergar as pernas. Ai, filhos, um desgosto assim...

Mas sentiram a voz da sr.^a Joaquina Gansoso subindo a escada; e o cónego imediatamente com uma voz prudente:

— Colegas, o melhor, diante das senhoras, é não se falar mais nisto. Bem basta o que basta.

Daí a momentos, apenas Amélia entrou, Amaro ergueu-se, declarou que estava com uma forte dor de cabeça, e despediu-se das senhoras.

368: cavos] cavos,

379: mim] mim,

387: lógica.] lógica...

390: mesa] mesa,

Ao outro dia Natário voltou exasperado da sua longa visita ao secretário-geral, o sr. Gouveia Ledesma, antigo jornalista e, em anos mais inexperientes, autor do livro sentimental *Devaneios de um sonhador*. Estava então dirigindo o distrito na ausência do governador civil.

421: Ao outro dia Natário voltou exasperado da sua longa visita ao secretário-geral, / jornalista

422: mais inexperientes,

422-3: *sonhador*, Estava

424-94: Recebeu Natário, [...] porque ele diz

— E sem tomar chá? acudiu a S. Joaneira.

— Sim, minha senhora, disse ele embrulhando-se no seu capote, não me estou a sentir bem. Boas-noites... E você, Natário, apareça amanhã pela Sé à uma hora.

405 Apertou a mão de Amélia, que se lhe abandonou entre os dedos passiva e mole, — e saiu com os ombros vergados.

A S. Joaneira notou, desconsolada:

— O senhor pároco ia muito pálido...

O cónego levantou-se, e com um tom impaciente e quezilado:

410 — Se ia pálido, amanhã estará corado. E agora quero dizer uma coisa: esse aranzel do jornal é a calúnia das calúnias! Eu não sei quem o escreveu, nem para que o escreveu. Mas são tolices e são infâmias. É pateta e maroto, quem quer que seja. O que devemos fazer já o sabemos, e como já se tagarelou bastante sobre o caso, a senhora mande vir o chá.
415 E o que lá vai, lá vai, não se fala mais na questão.

As faces em roda continuavam contristadas. — E então o cónego acrescentou:

— Ah! E quero dizer outra coisa: como não morreu ninguém, não há necessidade de estar aqui com cara de pêsames. E tu, pequena, senta-te
420 ao instrumento e repenica-me essa *Chiquita!*

O secretário-geral, o sr. Gouveia Ledesma, antigo jornalista, e, em anos mais expansivos, autor do livro sentimental *Devaneios de um sonhador*, estava então dirigindo o distrito na ausência do governador civil.

425 Era um moço bacharel que passava por ter talento. Representara de galã no teatro académico, em Coimbra, com muito aplauso; e tomara a esse tempo o hábito de passear à tarde na Sofia, com o ar fatal com que no palco arrepelava os cabelos, ou levava, nos transe de amor, o lenço aos olhos. Depois em Lisboa arruinara um pequeno património com o amor de Lolas e de Carmens, ceias no Mata, muita calça no Xafredo e perniciosas convivências literárias: aos trinta anos estava pobre, saturado
430 de mercúrio e autor de vinte folhetins românticos na *Civilização*: mas tornara-se tão popular, que era conhecido nos lupanares e nos cafés por um cognome carinhoso — era o *Bibi*. Julgando então que conhecia a fundo a existência, deixou crescer as suças, começou a citar Bastiat, frequentou as câmaras e entrou na carreira administrativa; chamava agora à
435

410: uma coisa:] uma coisa.

418: outra coisa:] outra coisa:

431: mercúrio] mercúrio,

Recebeu Natário, familiarmente, almoçando, ofereceu-lhe uma *gota de chá* e declarou-lhe, passando voluptuosamente os dedos pelas suas suíças alouradas, que a liberdade de imprensa era uma *coisa sagrada!*

república que tanto exaltara em Coimbra *uma absurda quimera*; e Bibi era um pilar das instituições.

440 Detestava Leiria, onde passava por espirituoso; e dizia às senhoras, nas *soirées* do deputado Novais, — «que estava cansado da vida». Rosnava-se que a esposa do bom Novais andava doida por ele: e em verdade Bibi escrevera a um amigo da capital: — «Enquanto a conquistas, pouco por ora; tenho apenas no papo a Novaisitos».

445 Levantava-se tarde; e nessa manhã, de robe-de-chambre à mesa do almoço, partia os seus ovos quentes, lendo com saudade no jornal a narração apaixonada duma pateada em S. Carlos, quando o criado, — um galego que trouxera de Lisboa — veio dizer que «estava ali um cura».

— Um cura? Que entre para aqui! — E murmurou para sua satisfação pessoal: — O Estado não deve fazer esperar a Igreja.

450 Ergueu-se, e estendeu as duas mãos ao padre Natário que entrava, muito composto, na sua longa batina de lustrina.

— Uma cadeira, Trindade! Toma uma chávena de chá, senhor cura? Soberba manhã, hem? Estava justamente pensando em V. S.^a — isto é, estava pensando no clero em geral... Acabava de ler as peregrinações que se estão fazendo a Nossa Senhora de Lourdes... Grande exemplo! Milhares de pessoas da melhor roda... É realmente consolador ver renascer a fé... Ainda ontem eu disse em casa do Novais: «No fim de tudo a fé é a mola real da sociedade». Tome uma chávena de chá... Ah! É um grande bálsamo!...

— Não, obrigado, almocei já.

460 — Mas não! Quando digo um grande bálsamo refiro-me à fé, não ao chá! Ah! Ah! É boa, não?

E prolongou a sua risadinha com complacência. Queria agradar a Natário, pelo princípio que repetia muito, com um sorriso astuto — «que quem está metido na política deve ter por si a padraria».

465 — E depois, acrescentou, como eu dizia ontem em casa do Novais, que vantagem para as localidades! Lourdes, por exemplo, era uma aldeola; pois com a afluência dos devotos está uma cidade... Grandes hotéis, *boulevards*, belas lojas... É por assim dizer o desenvolvimento económico, correndo parilhas com o renascimento religioso.

440: andava doida] andava douda

447: entre para] entre pra

452: hem?] hem! / em V. S.^a —] em si, —

453: clero] clero,

— Suspender um jornal porque ele diz duas ou três pilhérias a respeito do cabido! Mas sr. cura — insistia em chamar cura ao padre Natário — seria uma refinada arbitrariedade! As leis de imprensa não o permitem! Mas então, meu caro sr. cura, tínhamos de suspender toda a imprensa de Portugal com excepção da *Nação* e do *Bem Público*. Onde iria parar então a liberdade de pensamento, a civilização, vinte anos de um progresso incontestável, os felizes resultados do estabelecimento da Carta, enfim — e sorvia o seu chá às colheres — digamo-lo sem rebuço, a própria ideia governamental! Mas nós não somos os Cabrais, meu caro senhor! Não somos os Cabrais! Nós queremos luz! Muitíssima luz! Justamente o que nós queremos é luz! Tome uma gota de chá! Que diabo!

— Mas o dr. Godinho, que é a alma do jornal, é oposição, tinha objectado Natário; proteger-lhe o jornal é implicitamente proteger-lhe as manobras eleitorais.

O secretário-geral teve um pequeno riso ufano:

— Lá, lá, lá! meu caro sr. cura. Bem se vê que Vossa Senhoria não está no segredo da política. — E inclinando-se com bonomia: — Então pensa que é uma boa tática azedar um inimigo, fazê-lo *mais* inimigo! Lá, lá, lá! A tática, meu caro sr. cura, é amaciá-lo, passar-lhe a mão pelo lombo e em lugar de lhe suprimir o jornal — o que lhe não faz nada — prometer-lhe um bom emprego — o que lhe faz muito. — Ora aí tem sr. cura! A política é isto!

494-5: pilhérias [...] toda a imprensa de Portugal

496: *Público*. Onde iria parar então

496-7: pensamento, [...] ideia governamental!

498: senhor! Não somos os Cabrais! / queremos luz!

499-508: luz! Tome uma gota de chá! Que diabo! // — Mas o dr.

470 E deu com satisfação um puxãozinho grave ao colarinho.
— Pois eu vinha aqui falar a V. Ex.^a a respeito dum comunicado na
Voz do Distrito.

— Ah! interrompeu o secretário-geral, perfeitamente, li! Uma famosa
verrina... Mas literariamente, como estilo e como imagens, que miséria!

475 — E que tenciona V. Ex.^a fazer, senhor secretário-geral?

O sr. Gouveia Ledesma apoiou-se nas costas da cadeira, perguntou
pasmado:

— Eu!?

Natário disse, destilando as palavras:

480 — A autoridade tem o dever de proteger a religião do Estado, e
implicitamente os seus sacerdotes... Que tenha V. Ex.^a em vista, eu não
venho aqui em nome do clero...

E acrescentou com a mão sobre o peito:

485 — Sou apenas um pobre padre sem influência... Venho, como par-
ticular, perguntar ao senhor secretário-geral se se pode permitir que ca-
racteres respeitáveis da Igreja diocesana sejam assim difamados...

— É certamente lamentável que um jornal...

Natário interrompeu, empertigando o busto com indignação:

— Jornal que já devia estar suspenso, senhor secretário-geral!

490 — Suspenso!? Por quem é, senhor cura! Mas V. S.^a decerto não quer
que eu volte aos tempos dos corregedores-mores! Suspender o jornal! Mas
a liberdade de imprensa é um princípio sagrado! Nem as leis de imprensa
o permitem... Mesmo querelar pelo ministério público porque um periód-
ico diz duas ou três pilhérias sobre o cabido, impossível! Tínhamos de
495 querelar de toda imprensa de Portugal, com excepção da *Nação* e do *Bem*
Público! Onde iria parar a liberdade de pensamento, trinta anos de pro-
gresso, a própria ideia governamental? Mas nós não somos os Cabrais,
meu caro senhor! Nós queremos luz, muitíssima luz! Justamente o que
nós queremos é luz!

500 Natário tossiu devagarinho, disse:

— Perfeitamente. Mas então quando, pelas eleições, a autoridade nos
vier pedir o nosso auxílio, nós, vendo que não encontramos nela protec-
ção, diremos simplesmente: *Non possumus!*

505 — E pensa o senhor cura, que por amor de alguns votos que dão os
senhores abades, nós vamos trair a civilização?

495: [querelar de: conforme 1889] / toda imprensa] toda a imprensa

508-9: oposição, tinha objectado Natário;

510: manobras eleitorais.

511-2: um pequeno riso ufano: // — Lá, lá, lá! meu caro sr. cura. Bem se vê que Vossa Senhoria

512-54: política. — [...] — É um asno! resumiu

E o antigo *Bibi*, tomando uma grande atitude, soltou esta frase:

— Somos filhos da liberdade, não renegaremos nossa mãe!

— Mas o doutor Godinho, que é a alma do jornal, é oposição, observou então Natário; proteger-lhe o jornal é implicitamente proteger-

510

-lhe as manobras...

O secretário-geral teve um sorriso:

— Meu caro senhor cura, V. S.^a não está no segredo da política. Entre o doutor Godinho e o Governo Civil não há inimizade, há apenas um arrufo... O doutor Godinho é uma inteligência... Vai reconhecendo

515

que o *grupo da Maia* não produz nada... O doutor Godinho aprecia a política do Governo, e o Governo aprecia o doutor Godinho.

E, rebuçando-se todo num mistério de Estado, acrescentou:

— Coisas de alta política, meu caro senhor.

Natário ergueu-se:

520

— De modo que...

— *Impossibilis est*, disse o secretário. De resto acredite, senhor cura, que como particular revolto-me contra o *Comunicado*; mas como autoridade devo respeitar a expressão do pensamento... Mas creia, e pode dizê-lo a todo o clero diocesano, a Igreja católica não tem um filho mais fervente que eu, Gouveia Ledesma... Quero porém uma religião liberal, de harmonia com o progresso, com a ciência... Foram sempre as minhas ideias; preguei-as bem alto, na imprensa, na universidade e no grémio... Assim, por exemplo, não acho que haja poesia maior que a poesia do cristianismo! E admiro Pio IX, uma grande figura! Somente lamento que ele não arvore a bandeira da civilização! — E o antigo *Bibi*, contente da sua frase, repetia: — Sim, lamento que ele não arvore a bandeira da civilização... O *Syllabus* é impossível neste século de electricidade, senhor cura! E a verdade é que nós não podemos querelar dum jornal porque ele diz duas ou três pilhérias sobre o sacerdócio, nem nos convém, por

525

530

535

altas razões de política, escandalizar o doutor Godinho. Aqui tem o meu pensamento.

— Senhor secretário-geral... disse Natário curvando-se.

— Um criado de V. S.^a. Sinto que não tome uma chávena de chá...

E como vai o nosso chantre?

540

— S. Ex.^a nestes últimos dias, segundo creio, tem tornado a sofrer de tonturas.

518: — Coisas] — Cousas

531: frase, repetia:] frase, repetia-a.

533: jornal] jornal.

537: secretário-geral...] secretário-geral.

538: chá...] chá.

540: — S. Ex.^a nestes] — S. Ex.^a estes

— É um asno! resumiu o padre Natário contando esta conversação ao padre Amaro, no largo da Sé. — E parando, batendo fortemente com a ponteira do guarda-chuva no lajedo: — Mas descanse você, que eu hei-de saber quem é o *liberal*; hei-de sabê-lo e hoje. Quem o esmaga não é o Governo Civil, sou eu!

Mas no dia seguinte Amaro encontrou-o todo contrariado e sombrio. Estava mais trigueiro, de uma cor térrea de bñis e esfregava febrilmente o nariz com a palma da mão — o que naquele excelente sacerdote indicava invariavelmente uma saturação de raiva.

— Não pude saber nada, disse ele a Amaro. Nem posso saber nada por todo este mês.

— A respeito do *liberal*?

— A respeito do *liberal*. Havia uma criatura que mo dizia logo, sem rebuço, com todas as sílabas...

— O dr. Godinho?

— Não, homem! — E falando-lhe quase ao ouvido: — O Agostinho, o redactor do jornal. Tenho-o aqui. — E mostrava a mão fechada.

— E então?

— Foi para Lisboa! Veja você que fatalidade! Não lhe sabem a morada lá, nem aquilo naturalmente mora em parte nenhuma. Demora-se um mês. — E com um sorriso lívido: — Foi comprar tipo novo para o jornal!

— Tipo novo? perguntou Amaro, como assustado.

— Tipo novo. A corja prospera!

No entanto João Eduardo triunfava. O seu artigo fora lido e espalhado. Tinham-se vendido a mais oitenta números do jornal. Relia-o todos os dias com uma deleitação paternal, só, no seu quarto. Achava-o eloquente, irónico, admirável! Tinha às vezes vontade de ir pelas lojas e pelas boticas dizer bem alto: — *Fui eu! Eu é que o escrevi!* — E já ruminava outro, mais explícito, mais incisivo, cheio de garras, que se deveria intitular: — *O Diabo feito ermita, ou O sacerdócio de Leiria perante o século XIX!*

554-6: Natário [...] descanse você, que eu

556-7: é o *liberal*; [...] — Tipo novo. A corja prospera!

558-68: João Eduardo [...] — *Fui eu!*

568: mais explícito, mais incisivo, cheio de garras, que

— Sinto. Uma inteligência também! Grande latinista... Tenha cuidado com o degraú!...

545 Natário correu à Sé, com um passo nervoso, resmungando alto de cólera. Amaro passeava devagar no terraço, com as mãos atrás das costas: tinha as olheiras batidas e a face envelhecida.

— Então? disse ele, indo rapidamente ao encontro de Natário.

— Nada!

550 Amaro mordeu o beijo: e enquanto Natário lhe contava, excitado, a conversação com o secretário-geral, «e como argumentara com ele, e como o homem tagarelara, tagarelara», — a face do pároco cobria-se duma sombra desconsolada, e ia arrancando raivosamente, com a ponta do guarda-sol, a erva que crescia nas fendas do terraço.

555 — Um patarata! resumiu o padre Natário com um grande gesto. Pela autoridade não se faz nada. É escusado... Mas a questão agora é entre mim e o *liberal*, padre Amaro! Eu hei-de saber quem é, padre Amaro! E quem o esmaga sou eu, padre Amaro, sou eu!...

560 No entanto João Eduardo desde o domingo triunfava: o artigo fizera escândalo: tinham-se vendido oitenta números avulsos do jornal, e o Agostinho afirmara-lhe que na botica da Praça a opinião era «que o *liberal* conhecia a padraria a fundo e tinha cabeça!»

— És um génio, rapaz! disse o Agostinho. É trazer-me outro, é trazer-me outro!

565 João Eduardo gozava prodigiosamente «daquele falatório que ia pela cidade».

570 Relia então o artigo com uma deleitação paternal; se não receasse escandalizar a S. Joaneira, desejaria ir pelas lojas dizer bem alto — *Fui eu, eu é que o escrevi!* — E já ruminava outro, mais terrível, que se deveria intitular: *O Diabo feito ermita, ou O sacerdócio de Leiria perante o século XIX!*

554: Natário] Natário.

562: rapaz!] rapaz.

567: lojas] lojas.

Mas a sua grande alegria era outra: o dr. Godinho, que sempre o protegera, tinha-lhe dito na véspera:

— O seu negócio arranja-se. Lá para o fim do mês tem você o seu lugar de amanuense no Governo Civil.

Que boa palavra! Era o fim das necessidades e das dúvidas, a posse de Amélia, todo um futuro certo, terno e abundante!

Mandara logo fazer camisas, dois pares de botas novas: ria-se só, consigo, pelas ruas.

Além disso, depois do artigo, parecia a João Eduardo que as maneiras de Amélia começavam a mudar.

571-83: Mas a sua grande alegria era outra: o dr. Godinho, que sempre o protegera, tinha-lhe dito na véspera:

// — O seu negócio

583-4: o fim do mês tem você o seu lugar de amanuense

585-661: Que boa palavra! [...] palavras de João Eduardo: que

O doutor Godinho encontrara-o na Praça, e parara com condescendência, para lhe dizer:

— A coisa tem feito barulho. Você é o diabo! E a piada ao padre Brito é bem jogada. Que eu não sabia... E diz que é bonita, a mulher do regedor...

— V. Ex.^a não sabia?

— Não sabia, e saboreei. Você é o diabo! Eu fui que disse ao Agostinho que publicasse a coisa como um comunicado. Você compreende... Eu não me convém ter turras de mais com o clero... E depois lá minha esposa tem seus escrúpulos... Enfim é mulher, e é conveniente que as mulheres tenham religião... Mas no meu foro interior saboreei... Sobre-

tudo a piada ao Brito. O patife fez-me uma guerra dos diabos na eleição passada... Ah! E outra coisa, o seu negócio arranja-se. Lá para o mês que vem tem você o seu emprego no Governo Civil.

— Oh, sr. doutor... V. Ex.^a...

— Qual história! Você é um benemérito!

João Eduardo foi para o cartório, trémulo de alegria. O sr. Nunes Ferral saíra: o escrevente aparou devagar uma pena, começou a cópia duma procuração — e de repente, agarrando o chapéu, correu à Rua da Misericórdia.

A S. Joaneira costurava só à janela; Amélia fora ao Morenal; e João Eduardo, logo da porta:

— Sabe, D. Augusta? Estive agora com o doutor Godinho. Diz que lá para o mês que vem tenho o meu emprego...

A S. Joaneira tirou a luneta, deixou cair as mãos no regaço:

— Que me diz?...

— É verdade, é verdade...

E o escrevente esfregava as palmas, com risinhos nervosos de júbilo.

573: — A coisa] — A cousa

574: bonita.] bonita

578: a coisa] a cousa

580: Enfim] Enfim,

583: outra coisa.] outra cousa.

585: — Oh, sr. doutor...] — Oh! sr. doutor.

586: história.] história.

589: procuração —] procuração, —

591: janela:] janela: / Morenal:] Morenal:

594: lá para] lá pra

— Que pechincha! exclamou. De modo que agora, se a Ameliazinha
600 estiver de acordo...

— Ai, João Eduardo! fez a S. Joaneira com um grande suspiro, que
me tira um peso do coração... Que tenho estado... Olhe, nem tenho dor-
mido!...

João Eduardo presentiu que ela ia falar do *Comunicado*. Foi pôr o
605 chapéu numa cadeira ao canto; e voltando à janela, com as mãos nos
bolsos:

— Então porquê, porquê?

— Aquela pouca-vergonha no *Distrito!* Que diz você? Aquela calú-
nia! Ai! Tenho-me feito velha!

João Eduardo escrevera o artigo sob as solicitações do ciúme, só
610 para «enterrar» o padre Amaro; não previra o desgosto das duas senho-
ras; e vendo agora a S. Joaneira com duas lágrimas no branco dos olhos,
sentia-se *quase arrependido*. Disse ambiguamente:

— Eu li, é o diabo...

615 Mas aproveitando o sentimento da S. Joaneira para servir a sua
paixão, acrescentou sentando-se, chegando a cadeira para ao pé dela:

— Eu nunca lhe quis falar disso, D. Augusta, mas... Olhe que a
Ameliazinha tratava o pároco com muita familiaridade... E pelas Gansosos,
620 pelo Libaninho, mesmo sem quererem, a coisa ia-se sabendo, ia-se ros-
nando... Eu bem sei que ela, coitada, não via o mal, mas... A D. Augusta
sabe o que é Leiria. Que línguas, hem!

A S. Joaneira então declarou que lhe ia falar como a um filho: o
artigo afligira-a, sobretudo por causa dele, João Eduardo. Porque enfim
625 ele podia acreditar também, desfazer o casamento, e que desgosto! E ela
podia dizer-lhe, como mulher de bem, como mãe, que não havia entre
a pequena e o senhor pároco nada, nada, nada! Era a rapariga que tinha
aquele génio comunicativo! E o pároco tinha boas palavras, sempre muito
delicado... Que ela sempre o dissera, o senhor padre Amaro tinha manei-
ras que tocavam o coração...

630 — Decerto, disse João Eduardo mordendo o bigode, com a cabeça
baixa.

599: agora,] agora

601: — Ai,] — Ai!

602: coração...] coração!

619: a coisa] a cousa

622: S. Joaneira então] S. Joaneira, então,

A S. Joaneira então pôs a mão de leve sobre o joelho do escrevente, e fitando-o:

— E olhe, não sei se me fica mal dizer-lho, mas a rapariga quer-lhe
635 deveras, João Eduardo.

O coração do escrevente teve uma palpação comovida.

— E eu! disse. A D. Augusta sabe a paixão que eu tenho por ela...
E lá do artigo que me importa a mim!

Então a S. Joaneira limpou os olhos ao avental branco. Ai! Era uma
640 alegria para ela! Ela sempre o dissera, como rapaz de bem, não havia
outro na cidade de Leiria!

— Você sabe, quero-lhe como filho!

O escrevente enterneceu-se:

— Pois vamos a isso, e tapam-se as bocas do mundo...

645 E erguendo-se, com uma solenidade engraçada:

— Sr.^a D. Augusta! Tenho a honra de lhe pedir a mão...

Ela riu-se — e na sua alegria João Eduardo beijou-a na testa,
filialmente.

— E fale à noite à Ameliuzinha, disse ao sair. Eu venho amanhã, e
650 felicidade não há-de faltar...

— Louvado seja Nosso Senhor! acrescentou a S. Joaneira retomando
a sua costura, com um suspiro de muito alívio.

Apenas nessa tarde Amélia voltou do Morenal, a S. Joaneira, que
estava pondo a mesa, disse-lhe:

655 — Esteve aí o João Eduardo...

— Ah!...

— Aí esteve a falar, coitado...

Amélia, calada, dobrava a sua manta de lã.

— Aí esteve a queixar-se... continuou a mãe.

660 — Mas de quê? perguntou ela muito vermelha.

647: riu-se —] riu-se, —

651: Senhor!] Senhor,

653: Apenas nessa tarde] Apenas, nessa tarde, / S. Joaneira,] S. Joaneira

659: queixar-se...] queixar-se,

- 662: periódico quando se falava de
663: era: Quem
664-5: Misericórdia. Que João Eduardo estava desgostoso, aflito e que não
665-6: a falar a Amélia... // — Mas
666: mãe? perguntou
667-8: olhos cheios de lágrimas.
670-4: mundo... Eu
674: que eu fazia para obrigar a
676-1202: é um bom rapaz, [...] e enche de chuva.

— Ora de quê! Que se falava muito na cidade do artigo do *Distrito*; que se perguntava a quem aludia o periódico com as *donzelas inexperientes*, e que a resposta era: «Quem há-de ser? A Amélia da S. Joaneira, da Rua da Misericórdia!» O pobre João diz que tem andado tão desgostoso!...

665 Não se atrevia, por delicadeza, a falar-te... Enfim...

— Mas que hei-de eu fazer, minha mãe? exclamou Amélia com os olhos subitamente cheios de lágrimas àquelas palavras que caíam sobre os seus tormentos como gotas de vinagre sobre feridas.

— Eu digo-te isto para teu governo. Faze o que quiseres, filha. Eu bem sei que são calúnias! Mas tu sabes o que são línguas do mundo...
670 O que te posso dizer é que o rapaz não acreditou no periódico. Que era isso que me dava cuidado!... Credo! Tirou-me o sono... Mas não, diz que não lhe importa o artigo, que te quer da mesma maneira, e está a arder por que se faça o casamento... E eu por mim o que fazia, para calar toda
675 essa gente, era casar-me já. Eu bem sei que tu não morres por ele, bem sei. Deixa lá! Isso vem depois. O João é bom rapaz, vai ter o emprego...

— Vai ter o emprego!?

— Pois foi o que ele me veio dizer também... Esteve com o doutor Godinho, diz que lá para o fim do mês está empregado... Enfim tu fazes
680 o que entenderes... Que olha que eu estou velha, filha, posso faltar-te dum momento para o outro...

Amélia não respondeu, olhando de frente no telhado voarem os pardais — menos desassossegados, naquele instante, que os seus pensamentos.

685 Desde domingo vivia atordoada. Sabia bem que a *donzela inexperiente* a que aludia o *Comunicado* era ela, Amélia, e torturava-a o vexame de

663: era: «Quem] era: Quem

664: Misericórdia! Misericórdia!

677: emprego!] emprego?

681: outro...] outro!...

O artigo, com efeito, fora para Amélia uma revelação inesperada; não podia esquecer, fazendo-se pálida, aquela frase: — «... padres ajatados vivendo na intimidade de famílias honestas, onde há uma donzela inexperiente, que se aproveitam da influência do seu sagrado ministério...»

Mas aquela frase designava-a claramente a ela! pensava. O pároco não tinha outras visitas, outras intimidades senão ali. Então o seu amor era uma coisa tão clara que andava já nos artigos dos jornais! E na reali-

ver assim o seu amor publicado no jornal. Depois (como ela pensava, mordendo o beijo numa raiva muda, com os olhos afogados de lágrimas), aquilo vinha estragar tudo! Na Praça, na Arcada já se diria com risinhos perversos: — «Então a Ameliazita da S. Joaneira metida com o pároco, hem?» Decerto o senhor chantre, tão severo em «coisas de mulheres», reprenderia o padre Amaro... E por alguns olhares, alguns apertos de mão, aí estava a sua reputação estragada, estragado o seu amor!

Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, parecera-lhe sentir pelas costas risinhos a escarnecê-la; no aceno que lhe fez da porta da botica o respeitável Carlos julgou ver uma secura repreensiva; à volta encontrara o Marques da loja de ferragens, que não lhe tirou o chapéu, e ao entrar em casa julgava-se desacreditada — esquecendo que o bom Marques era tão curto da vista que usava na loja duas lunetas sobrepostas.

— Que hei-de eu fazer? Que hei-de eu fazer? murmurava, às vezes, com as mãos apertadas na cabeça. O seu cérebro de devota apenas lhe fornecia soluções devotas — entrar num recolhimento, fazer uma promessa a Nossa Senhora das Dores «para que a livrasse daquele apuro», ir confessar-se ao padre Silvério... E terminava por se vir sentar resignadamente ao pé da mãe com a sua costura, considerando, muito enternecida, que desde pequena fora sempre bem infeliz!

A mãe não lhe falara claramente sobre o *Comunicado*; tivera apenas palavras ambíguas:

— É uma pouca-vergonha... É deitar ao desprezo... Quando a gente tem a sua consciência sossegada, o mais histórias...

Mas Amélia via-lhe bem o desgosto — na face envelhecida, nos tristes silêncios, nos suspiros repentinos quando fazia meia à janela com a luneta na ponta do nariz: e então mais se convencia que havia «grande falatório na cidade», de que a mãe, coitada, estava informada pelas Gansosos e pela D. Josefa Dias — cuja boca produzia o mexerico mais naturalmente que a saliva. Que vergonha, Jesus!

E então o seu amor pelo pároco, que até aí, naquela reunião de saias e batinas da Rua da Misericórdia se lhe afigurara natural, agora, julgando-o reprovado pelas pessoas que desde pequena fora acostumada a respeitar — os Guedes, os Marques, os Vazes, — aparecia-lhe já monstruoso: assim as cores dum retrato pintado à luz de azeite, e que à luz de azeite parecem justas, tomam tons falsos e disformes quando lhes cai em cima a luz do sol. E quase estimava que o padre Amaro não tivesse voltado à Rua da Misericórdia.

691: em «coisas» em «cousas»

696: [Em 1889: repreensível; seguimos a lição de 1880]

707: *Comunicado*; *Comunicado*:

dade o que havia era tão pouco... E se era assim por um simples olhar, por um brando aperto de mão, — o que seria mais tarde... E tremia, via-se já perdida, escarnecida, com o seu nome dito entre risadas na botica da Praça, nas lojas da Arcada e impresso no jornal! Que desgraça! E não era também a desgraça de Amaro? Ele tinha inimigos decerto; alguém implacável, vigilante, ávido de o ver cair, seguia-o espreitando-lhe os passos e as pancadas do coração! Poderia ser suspenso, preso! Santo Deus! E exaltando-se, via-o já numa enxovia, como um criado do campo

725 No entanto, com que ansiedade esperava todas as noites o seu toque de campainha! Mas ele não vinha; e aquela ausência, que a sua razão julgava prudente, dava ao seu coração o desespero duma traição. Na quarta-feira à noite não se conteve, disse, corando sobre a sua costura:

— Que será feito do senhor pároco?

730 O cónego, que na sua poltrona parecia dormir, tossiu grosso, mexeu-se, rosnou:

— Mais que fazer... E escusam de esperar por ele tão cedo!...

735 E Amélia, que ficara branca como a cal, teve imediatamente a certeza que o pároco, aterrado com o escândalo do jornal, aconselhado pelos padres timoratos zelosos «do bom nome do clero» — tratava de se descartar dela! Mas, cautelosa, diante das amigas da mãe, escondeu o seu desespero: foi mesmo sentar-se ao piano, e tocou mazurcas tão estrondosas — que o cónego, tornando a mexer-se na poltrona, grunhiu:

— Menos espalhafato e mais sentimento, rapariga!

740 Passou uma noite agoniada, e sem chorar. A sua paixão pelo pároco flamejava mais irritada; e todavia detestava-o pela sua cobardia. Mal uma alusão num jornal o picara, ficara a tremer na sua batina, apavorado, não se atrevendo sequer a visitá-la — sem se lembrar que também ela se via diminuída na sua reputação, sem ser satisfeita no seu amor! E fora ele que a tentara com as suas palavrinhas doces, as suas denguiças! Infame!...
745 Desejava violentamente apertá-lo ao coração — e esbofeteá-lo. Teve a ideia insensata de ir ao outro dia à Rua das Sousas atirar-se-lhe aos braços, instalar-se-lhe no quarto, fazer um escândalo que o obrigasse a fugir da diocese... Porque não? Eram novos, eram robustos, poderiam viver longe, noutra cidade — e a sua imaginação começou a repastar-se logo histericamente nas perspectivas deliciosas dessa existência, em que se figurava constantemente a dar-lhe beijos! Através da sua intensa excitação, aquele plano parecia-lhe muito prático, muito fácil: fugiriam para o Algarve; lá, ele deixaria crescer o cabelo (que mais bonito seria então!) e ninguém
750 saberia que era um padre; poderia ensinar latim, ela coseria para fora; e viveriam numa casinha — onde o que mais a atraía era o leito com as duas travesseirinhas chegadas... E a única dificuldade que via em todo

747: Rua das Sousas] Rua dos Soisas

750: cidade —] cidade, —

757: via] via,

que ela um dia fora visitar, por compaixão, à cadeia de S. Francisco, e que estava embrulhado numa manta, ignóbil, coçando os piolhos e com a cara lívida encostada às grades pedia esmola, com voz lamentável! Devia casar, casar depressa, esquecer, fugir àquele encanto que a perdia, que a estonteava como um vinho muito forte. E não podia deixar de casar! Como havia de romper com João Eduardo agora que ele tinha o seu emprego, o futuro fixo! Depois de o ter recebido como namorado, como noivo, havia de lhe dizer bruscamente, quase à porta da igreja: — Vai-te!

este plano radiante era fazer sair de casa, às escondidas da mãe, o baú com a sua roupa! — Mas quando acordou, essas resoluções mórbidas, à luz clara do dia, desfizeram-se como sombras: tudo aquilo lhe parecia agora tão impraticável, e ele tão separado dela, como se entre a Rua da Misericórdia e a Rua das Sousas se erguessem inacessivelmente todas as montanhas da terra. Ai, o senhor pároco abandonara-a, era certo! Não queria perder os lucros da sua paróquia nem a estima dos seus superiores!...
 760
 765 Pobre dela! Considerou-se então para sempre infeliz e desinteressada da vida. Guardou, todavia, muito intenso o desejo de se vingar do padre Amaro.

Foi então que reflectiu, pela primeira vez, que João Eduardo desde a publicação do *Comunicado* não aparecera na Rua da Misericórdia.
 770 Também me volta as costas — pensou com amargura. Mas que lhe importava! No meio da aflição que lhe dava o abandono do padre Amaro, a perda do amor do escrevente, piegas e pesado, que lhe não trazia utilidade nem prazer, era uma contrariedade imperceptível: uma infelicidade viera que lhe arrebatava bruscamente todas as afeições — a que lhe enchia a alma e a que apenas lhe acariciava a vaidadezinha: e irritava-a, sim,
 775 não sentir já o amor do escrevente colado às suas saias, com a docilidade dum cão — mas todas as suas lágrimas eram para o senhor pároco, «que já não queria saber dela!» Só lamentava a deserção de João Eduardo, porque perdia assim um meio sempre pronto de fazer enraivecer o padre Amaro...
 780

Por isso nessa tarde à janela, calada, olhando no telhado defronte voarem os pardais — depois de saber que João Eduardo, certo do emprego, viera falar enfim à mãe, — pensava com satisfação no desespero do pároco ao ver publicados na Sé os banhos do seu casamento. Depois

758: radiante] radiante.
 762: Rua das Sousas] Rua dos Soisas
 764: paróquia] paróquia.
 765: infeliz] infeliz.
 770: Mas] Mas.
 775: alma] alma.
 776: [Em 1889: a suas saias]
 777: pároco.] pároco
 782: Eduardo.] Eduardo
 783: mãe,—] mãe —

Não te quero! O que diriam! Teria de dar uma explicação, uma razão; e poderia dizer mesmo baixo à sua consciência: — Eu não quero este homem, porque gosto de um padre; eu não quero ser esposa, porque estou para ser concubina?

Um dia que estes pensamentos a torturavam, a mãe, que cosia calada ao pé dela, disse-lhe bruscamente:

— Sabes o que me veio dizer esta manhã o João Eduardo?

785 as palavras muito práticas da S. Joaneira trabalhavam-lhe silenciosamente na alma: o emprego do Governo Civil rendia 25\$000 réis mensais; casando, reentrava logo na sua respeitabilidade de senhora; e se a mãe morresse, com o ordenado do homem e com o rendimento do Morenal, podia viver com decência, ir mesmo no Verão aos banhos... E via-se já na Vieira,
790 muito cumprimentada pelos cavalheiros, conhecendo talvez a do governador civil.

— Que lhe parece, minha mãe? — perguntou bruscamente. Estava decidida pelas vantagens que entrevia; mas, com a sua natureza lassa, desejava ser persuadida e forçada.

795 — Eu ia pelo seguro, filha — foi a resposta da S. Joaneira.

— É sempre o melhor — murmurou Amélia entrando no quarto. E sentou-se muito triste aos pés da cama, porque a melancolia que lhe dava o crepúsculo tornava-lhe agora mais pungente a saudade «dos seus bons tempos com o senhor pároco».

800 Nessa noite choveu muito, as duas senhoras passaram sós. A S. Joaneira, repousada agora das suas inquietações, estava muito sonolenta, a cada momento cabeceava com a meia caída no regaço. Amélia então pousava a costura, e com o cotovelo sobre a mesa, fazendo girar o *abat-jour* verde do candeeiro, pensava no seu casamento: o João Eduardo era bom rapaz, coitado; realizava o tipo de marido tão estimado na pequena
805 burguesia — não era feio e tinha um emprego; decerto o oferecimento da sua mão, apesar das infâmias do jornal, não lhe parecia, como a mãe dissera, «um rasgo de mão-cheia»; mas a sua dedicação lisonjeava-a, depois do abandono tão covarde de Amaro: e havia dois anos que o pobre
810 João gostava dela... Começou então laboriosamente a lembrar tudo o que nele lhe agradava — o seu ar sério, os seus dentes muito brancos, a sua roupa asseada.

815 Fora ventava forte, e a chuva, fustigando friamente as vidraças, dava-lhe apetites de confortos, um bom lume, o marido ao lado, o pequerrucho a dormir no berço — porque seria um rapaz, chamar-se-ia Carlos e teria

797: cama,] cama

809: havia dois] havia deus

Amélia fez-se muito vermelha. Então a S. Joaneira, poisando a costura, começou a contar-lhe as palavras de João Eduardo: que se falava muito na cidade do artigo do *Distrito*; que se perguntava a quem aludia o periódico quando se falava de *donzelas inexperientes*, e que a resposta era: Quem há-de ser? A Amélia da S. Joaneira, da Rua da Misericórdia. Que João Eduardo estava desgostoso, aflito e que não se atrevia, por delicadeza, a falar a Amélia...

os olhos negros do padre Amaro. O padre Amaro!... Depois de casada, decerto, tornaria a encontrar o senhor padre Amaro... E então uma ideia atravessou todo o seu ser, fê-la erguer bruscamente, ir por instinto procurar a escuridão da janela para ocultar a vermelhidão do rosto. Oh! Isso não, isso não! Era horrível!... Mas a ideia implacavelmente apoderara-se
820 dela como um braço muito forte que a sufocava e lhe dava uma agonia deliciosa. E então o antigo amor, que o despeito e a necessidade tinham recalçado no fundo da sua alma, rompeu, inundou-a: murmurou repetidamente, com paixão, torcendo as mãos, o nome de Amaro: desejou
825 avidamente os seus beijos — oh! Adorava-o! E tudo tinha acabado, tudo tinha acabado! E devia casar, pobre dela!... Então à janela, com a face contra a escuridão da noite, choramingou baixinho.

Ao chá a S. Joaneira disse-lhe, de repente:

— Pois a coisa a fazer-se, filha, devia ser já... Era começar o enxoval, e se fosse possível casar-te para o fim do mês.
830

Ela não respondeu — mas a sua imaginação alvoroçou-se àquelas palavras. Casada daí a um mês, ela! Apesar de João Eduardo lhe ser indiferente, a ideia daquele rapaz, novo e apaixonado, que ia viver com ela, dormir com ela, deu uma perturbação a todo o seu ser.

E quando a mãe ia descer ao quarto disse-lhe:
835

— Que lhe parece, minha mãe? Eu está-me a custar entrar em explicações com o João Eduardo, dizer-lhe que sim. O melhor era escrever-lhe...

— Também acho, filha, escreve-lhe... A *Ruça* leva a carta pela manhã... Uma carta bonita, e que agrade ao rapaz.
840

Amélia ficou na sala de jantar até tarde fazendo o rascunho da carta. Dizia:

«Sr. João Eduardo.

A mamã cá me pôs ao facto da conversação que teve consigo. E se
845 a sua afeição é verdadeira, como creio e me tem dado muitas provas, eu estou pelo que se decidiu com muito boa vontade, pois conhece os meus

821: dela] dela,

829: a coisa] a cousa

— Mas que hei-de eu fazer, minha mãe? perguntou Amélia com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu digo-te isto para teu governo. Faze o que quiseres, filha. Eu bem sei que são calúnias! Mas tu sabes o que são línguas do mundo... Eu por mim o que eu fazia para obrigar a calar toda essa gente, era casar-me já. Eu bem sei que tu não morres por ele, bem sei. Deixa lá! Isso vem depois. O João é um bom rapaz, tem um emprego, é trabalhador... Enfim, tu farás o que entenderes.

E a S. Joaneira não falou nem sequer no nome do padre Amaro.

sentimentos. E a respeito de enxoval e papéis, amanhã se falará, pois que o esperamos para o chá. A mamã está muito contente e eu desejo que tudo seja para nossa felicidade, como espero há-de ser, com a ajuda de Deus. A mamã recomenda-se e eu sou

a que muito lhe quer,
Amélia Caminha.»

Apenas fechou a carta, as folhas de papel branco espalhadas diante dela deram-lhe o desejo de escrever ao padre Amaro. Mas o quê? Confiar-lhe o seu amor, com a mesma pena, molhada na mesma tinta, com que aceitava por marido o *outro*?... Acusá-lo da sua cobardia, mostrar o seu desgosto — era humilhar-se! E, apesar de não ter motivo para lhe escrever, a sua mão ia traçando com gozo as primeiras palavras «*Meu adorado Amaro...*» Deteve-se, considerando que não tinha por quem mandar a carta. Ai! Tinham de separar-se assim, em silêncio, para sempre!... Separarem-se porquê? — pensou. Depois de casada podia bem ver o senhor padre Amaro. E a mesma ideia voltava, subtilmente, mas numa forma tão honesta agora, que a não repelia: decerto, o senhor padre Amaro podia ser o seu confessor; era em toda a cristandade a pessoa que melhor guiaria a sua alma, a sua vontade, a sua consciência; haveria então entre eles uma troca deliciosa e constante de confidências, de doces admoestações; todos os sábados iria receber ao confessionário, na luz dos seus olhos e no som das suas palavras, uma provisão de felicidade; e aquilo seria casto, muito picante, e para glória de Deus.

Sentiu-se quase satisfeita com a impressão, que não definia bem, duma existência em que a carne estaria legitimamente contente, e a sua alma gozaria os encantos duma devoção amorosa. Tudo vinha a calhar bem, por fim... E daí a pouco dormia serenamente, sonhando que estava na sua casa, com o seu marido, e que jogava a *manilha* com as velhas amigas, no meio do contentamento de toda a Sé, sentada nos joelhos do senhor pároco.

857: E.] E

870: satisfeita] satisfeita.

Amélia passou essa noite quase toda em claro, reflectindo, choramingando. Mas no dia seguinte estava na sala do jantar só com João Eduardo, ao cair da noite, e disse-lhe sem transições:

— Por que é que me não disse que estava zangado comigo?

— Mas eu não estou zangado consigo, disse João Eduardo.

— Está, está! A mãe disse-me tudo.

— Mas não estou zangado, menina Amélia. Eu o que disse foi...

— Escute. Sabe qual é a maneira de fazer calar o mundo?...

E ficou silenciosa, encostada à janela, de pé. O crepúsculo caía e por cima dos telhados ela via além grandes nuvens inflamadas que arroxavam sobre o poente. João Eduardo chegou-se para ela e baixo:

— Diga-me: e quer que as façamos calar? É casarmos. Mas já, numa semana. — E falando-lhe junto do rosto: — Quer?

— Quero, disse ela quase num murmúrio.

Ao outro dia a *Ruça* levou a carta a João Eduardo, e toda a manhã as duas senhoras, costurando à janela, falaram do casamento. Amélia não se queria separar da mãe, e, como a casa tinha acomodações, os noivos viveriam no primeiro andar, e a S. Joaneira dormiria no quarto em cima; decerto o senhor cônego ajudaria para o enxoval; podiam ir passar a lua-de-mel para a fazenda da D. Maria. E Amélia àquelas perspectivas felizes fazia-se toda escarlate, sob o olhar da mãe que, de luneta na ponta do nariz, a admirava babosa.

Às Ave-Marias a S. Joaneira fechou-se em baixo no seu quarto a rezar a sua coroa, e deixou Amélia só «para se entender com o rapaz». — Daí a pouco, com efeito, João Eduardo bateu à campainha. Vinha muito nervoso, de luvas pretas, enfrascado em água-de-colónia. Quando chegou à porta da sala de jantar não havia luz, e a bonita forma de Amélia destacava de pé, junto à claridade da vidraça. Ele pôs o xale-manta a um canto como costumava, e vindo para ela que ficara imóvel, disse-lhe, esfregando muito as mãos:

— Lá recebi a cartinha, menina Amélia...

— Eu mandei-a pela *Ruça* logo pela manhã para o pilhar em casa, disse ela imediatamente com as faces a arder.

— Eu ia para o cartório, até já ia na escada... Haviam de ser nove horas...

— Haviam de ser... disse ela.

Calaram-se, muito perturbados. Ele então tomou-lhe delicadamente os pulsos, e baixo:

— Então sempre quer?

— Quero, murmurou Amélia.

— E o mais depressa possível, hem?

— Pois sim...

Ele suspirou, muito feliz.

882: D. Maria.] D. Maria;

884: admirava] admirava.

887: efeito.] efeito

893: Amélia...] Amélia.

898: ser...] ser... —

Ele tomou-lhe as mãos:

— Olhe para mim! Seja boa para mim!

Ela ergueu os olhos para João Eduardo e ele, atraindo-a a si, deu-lhe um beijo, ao de leve, todo trémulo, ao canto da boca — e admirado, sobressaltado com a sua vitória inesperada, sentia aquele forte corpo de rapariga, pesado e firme, que se abandonava, desfalecer e cair-lhe sobre o peito.

Mas a voz da S. Joaneira falou na escada. Amélia desprendeuse e foi para junto do aparador arranjar o candeeiro, tossindo devagarinho.

— Havemos de nos dar muito bem, havemos de nos dar muito bem! dizia. E as suas mãos, com pressões ternas, iam-se apoderando dos braços dela, dos pulsos aos cotovelos.

— A mamã diz que podemos viver juntos, disse ela, esforçando-se por falar tranquilamente.

— Está claro, e eu vou mandar fazer lençóis, acudiu ele, todo alterado.

Atraiu-a então a si, subitamente, beijou-lhe os lábios; ela teve um soluçozinho, abandonou-se-lhe entre os braços, toda fraca, toda lânguida.

— Oh, filha! murmurava o escrevente.

Mas os sapatos da mãe rangeram na escada, e Amélia foi vivamente para o aparador acender o candeeiro.

A S. Joaneira parou à porta; e para dar a sua primeira aprovação maternal, disse, com bonomia:

— Então vocês estão aqui às escuras, filhos?

Foi o cónego Dias que participou ao padre Amaro o casamento de Amélia, uma manhã, na Sé. Falou no «a-propósito do enlace», e acrescentou:

— Eu estimo, porque é a contento da rapariga, e é um descanso para a pobre velha...

— Está claro, está claro... — murmurou Amaro que se fizera muito branco.

O cónego pigarreou grosso, e ajuntou:

— E você agora apareça por lá, agora está tudo na ordem... A patifaria do jornal isso pertence à história... O que lá vai, lá vai!

Está claro, está claro... — rosnou Amaro. Traçou bruscamente a capa, saiu da igreja.

Ia indignado; e continha-se, para não praguejar alto, pelas ruas. À esquina da viela das Sosas quase esbarrou com Natário, que o agarrou logo pela manga, para lhe soprar ao ouvido:

— Ainda não sei nada!

— De quê?

— Do *liberal*, do *Comunicado*. Mas trabalho, trabalho!

906: bem!] bem.

915: — Oh,] — Oh

934: viela das Sosas] viela dos Sosas

935: logo] logo.

Amaro, que ansiava por desabafar, disse logo:

940 — Então ouviu a novidade? O casamento de Amélia... Que lhe parece?

— Disse-me o animal do Libaninho. Diz que o rapaz apanhou o emprego... Foi o doutor Godinho... É outro que tal!... Veja você esta corja: o doutor Godinho no jornal às bulhas com o Governo Civil, e o
945 Governo Civil a atirar postas aos afilhados do doutor Godinho... Vá lá entendê-los! Isto é um país de biltres!

— Diz que grande alegrão na casa da S. Joaneira! — disse o pároco, com um azedume negro.

— Que se divirtam! Eu não tenho tempo de lá ir... Eu não tenho
950 tempo para nada!... Eu cá ando no meu fito, saber quem é o *liberal* e escachá-lo! Não posso ver esta gente que leva a chicotada, coça-se, e curva a orelha. Eu cá não! Eu guardo-as! — E, com uma contracção de rancor que lhe curvou os dedos em garra e lhe encolheu o peito magro, disse por entre os dentes cerrados: — Eu, quando odeio, odeio bem!

955 Esteve um momento calado, gozando o sabor do seu fel.

— Você se for à Rua da Misericórdia dê lá os parabéns a essa gente... — E acrescentou com os olhinhos em Amaro: — O palerma do escrevente leva a rapariga mais bonita da cidade! Vai encher o papo!

— Até à vista! exclamou bruscamente Amaro, abalando pela rua
960 furioso.

Depois daquele terrível domingo em que aparecera o *Comunicado*, o padre Amaro, ao princípio, muito egoistamente, apenas se preocupara com as consequências — «consequências fatais, santo Deus!» — que lhe podia trazer o escândalo. Hem! Se pela cidade se espalhasse que era ele
965 o *padre ajanotado* que o *liberal* apostrofava! Viveu dois dias aterrado, tremendo de ver aparecer o padre Saldanha, com a sua cara ameninada e voz melíflua, a dizer-lhe «que Sua Excelência o senhor chantre reclamava a sua presença!» Passava já o tempo preparando explicações, respostas hábeis, lisonjas a Sua Excelência. — Mas quando viu que, apesar

939: Amaro,] Amaro

944: corja:] corja.

945: Godinho...] Godinho.

946: entendê-los!] entendê-los.

950: tempo para] tempo pra

952: E,] E

953: garra] garra,

954: Eu,] Eu

965: Viveu dois] Viveu dois

969: viu que,] viu, que

970 da violência do artigo, Sua Excelência parecia disposto «a fazer a vista grossa», ocupou-se então, mais tranquilo, dos interesses do seu amor tão violentamente perturbados. O medo tornava-o astucioso; e decidiu não voltar algum tempo à Rua da Misericórdia.

— Deixar passar o aguaceiro, pensou.

975 Ao fim de quinze dias, três semanas, quando o artigo estivesse esquecido, apareceria de novo em casa da S. Joaneira: deixaria ver bem à rapariga que a adorava sempre, mas evitaria a antiga familiaridade, as conversazinhas baixas, os lugarzinhos chegados ao *quino*; depois, pela D. Maria da Assunção, pela D. Josefa Dias, obteria que Amélia deixasse
980 o padre Silvério e se confessasse a ele: poderiam então entender-se, no segredo do confessor: combinariam uma conduta discreta, encontros cautelosos aqui e além, cartinhas pela criada: e aquele amor assim conduzido, com prudenciazinha, não teria o perigo de aparecer uma manhã anunciado no periódico! E regozijava-se já da habilidade desta combinação,
985 quando lhe vinha o grande choque — casava-se a rapariga!

Depois dos primeiros desesperos, desabafados em patadas no soalho e blasfêmias de que pedia logo perdão a Nosso Senhor Jesus Cristo, quis serenar, estabelecer a razão das coisas. Aonde o levava aquela paixão? Ao escândalo. E assim, casada ela, cada um entrava no seu destino legítimo
990 e sensato — ela na sua família, ele na sua paróquia. Depois, quando se encontrassem, um cumprimento amável; e ele poderia passear a cidade com a sua cabeça bem direita, sem medo dos apartes da Arcada, das insinuações da gazeta, das severidades de Sua Excelência e das picadinhas da consciência! E a sua vida seria feliz. — Não, por Deus! A sua vida
995 não poderia ser feliz sem ela! Tirado à sua existência aquele interesse das visitas à Rua da Misericórdia, os apertozinhos de mão, a esperança de delícias melhores — que lhe restava a ele? Vegetar, como um dos tortulhos nos cantos húmidos do adro da Sé! E ela, ela que o entontecera com os seus olhinhos e as suas maneirinhas, voltava-lhe as costas mal lhe parecia outro, bom para marido, com 25\$000 réis por mês! Todos aqueles
1000 suspiros, aquelas mudanças de cor — chalaça! Mangara com o senhor pároco!...

976: deixaria ver bem] deixaria bem ver

980: confessasse a] confessasse com

988: das coisas.] das cousas.

990: sensato —] sensato.

No dia seguinte Amaro estava na saleta, em baixo, com o cónego. A S. Joaneira entrou com o aspecto muito alegre:

— Ah! Estava aqui, sr. pároco! Sabe? O João Eduardo há-de ir amanhã falar consigo à Sé. É por causa dos papéis.

Amaro teve um sobressalto:

— Que papéis? Do casamento?

— Os papéis do casamento, disse a S. Joaneira. Um dia havia de ser, acrescentou ela rindo.

Houve um silêncio.

— Estimo, estimo, disse Amaro. — E depois de um intervalo: — Ele é bom rapaz!

— E leva uma mocetona, acrescentou o cónego. — E rindo pesadamente: — Deus os faça felizes e lhes dê poucos filhos, que a carne está cara!

E não disseram mais nada.

Que noite aquela para Amaro!

— Ela casa-se! Casa-se!

Esta ideia tinha-se-lhe fixado no cérebro com a insistência de uma dor. Via-a já no seu vestido branco, sob as flores de laranjeira; depois ao jantar da boda, entre os fortes gracejos dos amigos da casa, palpitando ao ver descer a noite; e mais tarde, numa penumbra da alcova, corar, empalidecer, deixando cair em redor fofas brancuras de saias...

Queria então consolar-se, estabelecer a razão das coisas:

— Melhor assim! Melhor assim, pensava!

O que a odiava! — menos que o outro porém, o outro que triunfava porque era um homem, tinha a sua liberdade, o seu cabelo todo, o seu bigode, um braço livre para lhe dar na rua! Repastava então a imaginação rancorosamente nas visões de felicidade do escrevente: via-o trazendo-a da igreja triunfantemente; via-o beijando-lhe o pescoço e o peito... E a estas ideias dava patadas furiosas no soalho — que assustavam a Vicência na cozinha.

Depois procurava sossegar, retomar a direcção das suas faculdades, applicá-las todas a achar uma vingança, uma boa vingança! E voltava então o antigo desespero de não viver no tempo da Inquisição, e com uma denúncia de irreligião ou de feitiçaria, mandá-los ambos para um cárcere. Ah! Nesse tempo um padre gozava! Mas agora, com os senhores liberais, tinha de ver aquele miserável escrevente a seis vinténs por dia apoderar-se-lhe da rapariga — e ele, sacerdote instruído, que podia ser bispo, que podia ser Papa, tinha de vergar os ombros e ruminar solitariamente o seu despeito! Ah! Se as maldições de Deus tinham algum valor — malditos fossem eles! Queria vê-los cheios de filhos, sem pão na prateleira, com o último cobertor empenhado, ressequidos de fome, injuriando-se, — e ele a rir-se, ele a regalar-se!...

Na segunda-feira não se conteve, foi à Rua da Misericórdia. A S. Joaneira estava em baixo na saleta com o cónego Dias. E apenas viu Amaro:

— Oh, senhor pároco! Bem aparecido! Estava a falar em V. S.*! Já estranhava não o vermos, agora que há alegria em casa.

— Já sei, já sei, murmurou Amaro pálido.

— Alguma vez havia de ser, disse o cónego jovialmente. Deus os faça felizes e lhes dê poucos filhos, que a carne está cara.

Amaro sorriu — escutando em cima o piano.

Era Amélia que tocava como outrora a *Valsa dos dois mundos*; e João Eduardo, muito chegado a ela, voltava as folhas da música.

— Quem entrou, *Ruça*? gritou ela sentindo os passos da rapariga nas escadas.

— O senhor padre Amaro.

Um fluxo de sangue abrasou-lhe o rosto — e o coração batia-lhe tão forte, que ficou um momento com os dedos imóveis sobre o teclado.

1025: — Oh, senhor pároco!] — Oh senhor pároco, / em V. S.*] em Vossa Senhoria!

1031: *dos dois*] *dos dois*

1033: *ela*] *ela*,

Onde o poderia levar aquela paixão? Ao escândalo, ao crime. E aquele casamento, ao contrário, era para ele o sossego, o fim das agitações impuras, a vida tranquila e sincera! Era melhor assim! Cada um no seu destino. Ela na sua família, ele na sua Igreja! — Mas enquanto a sua razão se regozijava alto, a sua paixão chorava baixo... E a cada momento as visões da felicidade de João Eduardo voltavam como brasas. Via-os em todas as atitudes do amor — sentimentais ou lascivas; passeando pelas alamedas aromáticas com os braços enlaçados; debruçando-se na mesma janela, todos chegados, vendo a parda tarde alargar-se no ar; possuindo-se e murmurando nas expirantes balbuciações do amor o nome de Deus! E odiava-o, imaginava vinganças, queria vê-los pobres, cheios de filhos, sem pão na prateleira, com o último cobertor empenhado, ralhando, injuriando-se, com as crianças embrulhadas em trapos, chorando a sua necessidade e a sua miséria!

— Não se precisava cá do senhor padre Amaro, rosnou João Eduardo por entre dentes.

1040 Amélia mordeu o beijo. Teve ódio ao escrevente: num instante repugnou-lhe a sua voz, os seus modos, a sua figura de pé junto dela: pensou com deleite como depois de casada (já que tinha de casar) se confessaria toda ao padre Amaro, e não deixaria de o amar! Não sentia naquele momento escrúpulos; e quase desejava que o escrevente lhe visse no rosto
1045 a paixão que a revolvia.

— Credo, criatura! disse-lhe. Chegue-se um pouco mais para lá, que nem me deixa os braços livres para tocar!

Terminou bruscamente a *Valsa dos dois mundos*, começou a cantar o *Adeus*:

1050 Ai! Adeus! Acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado!

A sua voz elevava-se, com uma modulação ardente, — dirigindo o canto, através do soalho, ao coração do pároco, em baixo.

1055 E o pároco, com a sua bengala entre os joelhos, sentado no canapé, devorava todos os tons da voz dela — enquanto a S. Joaneira tagarelava, contando as peças de algodão que comprara para lençóis, os arranjos que ia fazer no quarto dos noivos, e as vantagens de viverem juntos...

1060 — Uma felicidade por aí além, interrompeu o cónego erguendo-se pesadamente. E vamos lá para cima, que isto de noivos não se querem sós...

— Ah, lá nisso, disse a S. Joaneira rindo, fio-me nele, que é homem de bem às direitas.

1065 Amaro, ao subir a escada, tremia — e, mal entrou na sala, o rosto de Amélia, alumiado pelas luzes do piano, deu-lhe um deslumbramento, como se as vésperas do noivado a tivessem embelezado e a separação lha tornasse mais apetitosa. Foi dar-lhe gravemente um aperto de mão, outro ao escrevente, disse baixo, sem os olhar:

— Os meus parabéns... Os meus parabéns...

1042: deleite] deleite,

1047: tocar!] tocar.

1048: dos dois] dos dois

1050: Adeus] Adeus,

1051: lado!] lado.

1059: lá para] lá pra

1063: e.] e

1064: Amélia.] Amélia

1065: embelezado] embelezado,

1070 Voltou as costas, e foi conversar com o cónego que se enterrara na sua poltrona queixando-se de enfatiamento e reclamando o chá.

Amélia ficara como abstracta, correndo inconscientemente os dedos pelo teclado. Aquele modo do padre Amaro confirmava a sua ideia: queria a todo o custo descartar-se dela, o ingrato! Fazia «como se nada tivesse havido», o vilão! Na sua cobardia de padre, com o terror do senhor chantre, do jornal, da Arcada, de tudo, — sacudia-a da sua imaginação, do seu coração, da sua vida, como se sacode um insecto que tem peçonha!... Então, para o enraivecer, começou a cochichar ternamente com o escrevente; roçava-se-lhe pelo ombro, rendida, com risinhos, segredinhos; tentaram, em alarido jovial, tocar uma peça a quatro mãos; depois ela beliscou-o, ele deu um gritinho exagerado. — E a S. Joaneira contemplava-os babosa, enquanto o cónego dormitava já, e o padre Amaro, abandonado a um canto como outrora o escrevente, ia folheando o velho álbum.

1085 Mas um brusco repique da campainha veio sobressaltá-los todos: passos rápidos galgaram a escada, pararam em baixo na saleta: e a *Ruça* apareceu dizendo «que era o senhor padre Natário, que não desejava subir, e queria dar uma palavra ao senhor cónego».

— Fracas horas para embaixadas, rosnou o cónego, arrancando-se com custo ao fundo confortável da poltrona.

1090 Amélia fechou logo o piano — e a S. Joaneira pousando a meia foi em bicos de pés escutar ao alto da escada: fora ventava forte, e para os lados da Praça afastava-se o toque de retreta.

Enfim a voz do cónego chamou, de baixo, da porta da saleta:

— Ó Amaro?

1095 — Padre-mestre?

— Venha cá, homem. E diga à senhora que pode vir também.

A S. Joaneira desceu logo, muito assustada: Amaro imaginava que o padre Natário enfim descobrira o *liberal!*

1100 A saleta parecia muito fria com a luz pequenina da vela sobre a mesa: e na parede, num velho painel muito escuro — que ultimamente o cónego dera à S. Joaneira — destacava uma face lívida de monge e um osso frontal de caveira.

1076: vida,] vida

1077: Então,] Então

1084: campainha veio sobressaltá-los] campainha veio-os sobressaltar

O cônego Dias acomodara-se ao canto do canapé, sorvendo reflectidamente a pitada; e Natário, que se agitava pela sala, exclamou logo:

— Boas-noites, senhora! Olá, Amaro! Trago novidades!... Não quis subir porque imaginei que estaria o escrevente, e estas coisas são cá para nós. Estava a começar a dizer ao colega Dias... Tive lá em casa o padre Saldanha. Temo-las boas!

O padre Saldanha era o confidente do senhor chantre. E o padre Amaro, já inquieto, perguntou:

— Coisa que nos toca?

Natário começou com solenidade erguendo alto o braço:

— *Primo*: o colega Brito mudado da freguesia de Amor para ao pé de Alcobaça, para a serra, para o inferno...

— Que me diz!? exclamou a S. Joaneira.

— Obras do *liberal*, minha senhora! O nosso digno chantre levou-lhe tempo a meditar o *Comunicado* do *Distrito*, mas por fim saiu-se! O pobre Brito lá vai esfoguetado!...

— Sempre é o que se dizia da mulher do regedor... murmurou a boa senhora.

— Olá! interrompeu severamente o cônego. Então, senhora, então! Isto aqui não é casa de murmuração!... Siga com o seu recado, colega Natário.

— *Secundo*, continuou Natário: é o que eu ia dizer ao colega Dias... O senhor chantre, em vista do *Comunicado* e de outros ataques da imprensa, está decidido a «reformar os costumes do clero diocesano», palavras do padre Saldanha. Que lhe desagradam sumamente os conciliábulos de eclesiásticos e de senhoras... Que quer saber o que é isso de sacerdotes ajanotados tentando meninas bonitas... Enfim, palavras textuais de Sua Excelência — *está decidido a limpar as cavalariças de Augias!*... — o que quer dizer em bom português, minha senhora, que vai andar tudo numa roda-viva.

1107: estas coisas] estas cousas

1112: — Coisa] — Cousa

1114: Amor para ao] Amor pra o

1115: para a serra, para] pra a serra, pra

1116: diz!]? diz?

1120: regedor...] regedor,

1122: então] então?

1128: Saldanha.] Saldanha...

1130: bonitas...] bonitas.

Houve uma pausa consternada. E Natário, plantado no meio da saleta
1135 com as mãos enterradas nas algibeiras, exclamou:

— Que lhes parece esta à última hora, hem?

O cónego ergueu-se pachorrentamente:

— Olhe, colega, disse, entre mortos e feridos há-de escapar alguém...

E a senhora não se fique aí com essa cara de *Mater-dolorosa*, e mande
1140 servir o chá, que é o importante.

— Eu lá disse ao padre Saldanha... — começou Natário perorando.

Mas o cónego interrompeu-o com força:

— O padre Saldanha é um patarata!... Vamos nós às torradinhas, e
lá em cima, diante dos rapazes, caluda.

O chá foi silencioso. O cónego, a cada bocado de torrada, respirava
1145 afrontado, franzia muito o sobrolho; a S. Joaneira, depois de falar da
D. Maria da Assunção que estava mal do catarro, ficou toda murcha,
com a testa sobre o punho; Natário, a grandes passadas, fazia uma ven-
tania na sala com as abas do casacão.

— E quando vem essa boda? exclamou ele, estacando subitamente
1150 diante de Amélia e do escrevente, que tomavam o chá sobre o piano.

— Um dia cedo, respondeu ela sorrindo.

Amaro então ergueu-se devagar, e tirando o seu *cebolão*:

— São horas de me ir chegando à Rua das Sousas, minhas senho-
1155 ras, disse com uma voz desalentada.

Mas a S. Joaneira não consentiu. Credo, estavam todos monos como
se estivessem de pêsames!... Que fizessem um *quino* para espairecer... —
O cónego porém, saindo do seu torpor, disse com severidade:

— Está a senhora muito enganada, ninguém está mono. Não há
1160 razões senão para estar alegre. Pois não é verdade, senhor noivo?

João Eduardo mexeu-se, sorriu:

— Eu cá por mim, senhor cónego, não tenho razão senão para estar
feliz.

— Pois está claro, disse o cónego. E agora Deus lhes dê boas-noites a
1165 todos, que eu vou *quinar* para vale de lençóis. E o Amaro também.

Amaro foi apertar silenciosamente a mão de Amélia, — e os três
padres desceram calados.

1146: sobrolho:] sobrolho:

1148: punho:] punho.

1154: Rua das Sousas:] Rua dos Soisas,

E cada dia que se seguia era uma amargura crescente. O cónego contava-lhe os progressos dos arranjos para o casamento; João Eduardo ajustara uma casa; a S. Joaneira comprara uma peça de algodão para lençóis...

— E eu cá estou para a benção, dizia Amaro lívido, sorrindo.

— *Amen!* dizia o cónego.

E o coração do pároco enegrecia, enegrecia, como um céu que se tolda e enche de chuva.

Na saleta a vela ainda ardia com um morrão. O cónego entrou a buscar o seu guarda-chuva; e então, chamando os outros, cerrando devagarinho a porta, disse-lhes baixo:

— Eu, colegas, não quis assustar há pouco a pobre senhora, mas essas coisas do chantre, esses falatórios... É o diabo!

— É ter cautelinha, meninos! aconselhou Natário, abafando a voz.

— É sério, é sério, murmurou lugubrememente o padre Amaro.

Estavam de pé no meio da saleta. Fora o vento uivava: a luz da vela agitada fazia alternadamente destacar e reentrar na sombra do quadro o osso frontal da caveira: e em cima Amélia cantarolava a *Chiquita*.

Amaro recordava outras noites felizes em que ele, triunfante e sem cuidados, fazia rir as senhoras, — e Amélia, gorjeando *Ai chiquita que si*, revirava-lhe olhares rendidos...

— Eu, disse o cónego, os colegas sabem, tenho que comer e beber, não me importa... Mas é necessário manter a honra da classe!

— E não carece dúvida, acrescentou Natário, que se há outro artigo e mais falatórios, estala com certeza o raio...

— Olha o pobre Brito, murmurou Amaro, esfoguetado para a serra!...

Em cima decerto houve alguma graça, porque sentiram as risadas do escrevente.

Amaro rosou com rancor:

— Grande galhofa, lá em cima!...

Desceram. Ao abrir a porta uma rajada de vento bateu a face de Natário numa chuva miudinha.

— Olha que noite! exclamou furioso.

Só o cónego tinha guarda-chuva; e abrindo-o devagar:

— Pois meninos, não há que ver, estamos em calças pardas...

Da janela de cima, alumiada, saíam os sons do piano, nos acompanhamentos da *Chiquita*. O cónego soprava, agarrando fortemente o guarda-chuva contra o vento; ao lado Natário, cheio de fel, rilhava os dentes, encolhido no seu casacão; Amaro caminhava de cabeça caída, num abatimento de derrota; e enquanto os três padres, assim agachados sob o guarda-chuva do cónego, iam chapinhando as poças pela rua tenebrosa, por trás a chuva penetrante e sonora ia-os ironicamente fustigando!

1172: essas coisas] essas cousas

1190: galhofa.] galhofa

1194: guarda-chuva:] guarda-chuva: / devagar:] devagar, disse:

1196: cima.] cima

XI

Daf a dias, os frequentadores da botica, na Praça, viram com espanto o padre Natário e o doutor Godinho conversando em harmonia, à porta da loja de ferragens do Guedes. O recebedor, — que era escutado com deferência em questões de política estrangeira — observou-os com
5 atenção através da porta vidrada da farmácia, e declarou com um tom profundo «que não se admiraria mais se visse Vítor Manuel e Pio IX passearem de braço dado!»

O cirurgião da Câmara porém não estranhava aquele «comércio de amizade». — Segundo ele o último artigo da *Voz do Distrito*, evidentemente escrito pelo doutor Godinho, (era o seu estilo incisivo, cheio de
10 lógica, atulhado de erudição!) mostrava que a gente da Maia se queria ir aproximando da gente da Misericórdia. O doutor Godinho (na expressão do cirurgião da Câmara) fazia tagatés ao Governo Civil e ao clero diocesano: a última frase do artigo era significativa — «não seremos nós
15 que regatearemos ao clero os meios de exercer proficuamente a sua divina missão!»

A verdade era (como observou um indivíduo obeso, o amigo Pimenta) que, se não havia ainda paz, já havia negociações — porque na
20 véspera ele vira, com aqueles seus olhos que a terra tinha de comer, o padre Natário saindo de manhã muito cedo da redacção da *Voz do Distrito!*

— Oh, amigo Pimenta, essa é fabricada!

4: estrangeira —] estrangeira. —

10: Godinho.] Godinho

11: erudição!)] erudição!).

17-8: Pimenta) que.] Pimenta), que

18: paz.] paz / porque] porque,

19: vira.] vira

22: — Oh.] — Oh

XI

Daf a dias, os frequentadores da botica, na Praça, viram com espanto o padre Natário e o doutor Godinho conversando em harmonia, à porta da loja de ferragens do Guedes. O recebedor, — que era escutado com deferência em questões de política estrangeira — observou-os com atenção através da porta vidrada da farmácia, e declarou com um tom profundo «que não se admiraria mais se visse Vítor Manuel e Pio IX passearem de braço dado!»

O cirurgião da Câmara porém não estranhava aquele «comércio de amizade». — Segundo ele o último artigo da *Voz do Distrito*, evidentemente escrito pelo doutor Godinho, (era o seu estilo incisivo, cheio de lógica, atulhado de erudição!) mostrava que a gente da Maia se queria ir aproximando da gente da Misericórdia. O doutor Godinho (na expressão do cirurgião da Câmara) fazia tagatés ao Governo Civil e ao clero diocesano: a última frase do artigo era significativa — «não seremos nós que regatearemos ao clero os meios de exercer proficuamente a sua divina missão!»

A verdade era (como observou um indivíduo obeso, o amigo Pimenta) que, se não havia ainda paz, já havia negociações — porque na véspera ele vira, com aqueles seus olhos que a terra tinha de comer, o padre Natário saindo de manhã muito cedo da redacção da *Voz do Distrito!*

— Oh, amigo Pimenta, essa é fabricada!

4: estrangeira —] estrangeira, —

10: Godinho.] Godinho

11: erudição!)] erudição!),

17-8: Pimenta) que,] Pimenta), que

18: paz.] paz / porque] porque,

19: vira,] vira

22: — Oh,] — Oh

Havia porém duas semanas, uma tarde de chuva Natário fizera re-
 55 pentinamente uma visita ao padre Silvério — sob pretexto que «o pilha-
 ra ali uma pancada de água, e que se vinha recolher um instante».

— E também, acrescentou, para lhe pedir a sua receita para a dor
 de ouvidos, que uma das minhas sobrinhas, coitada, está como doida,
 colega!

60 O bom Silvério, esquecendo decerto que ainda nessa manhã vira as
 duas sobrinhas de Natário sãs e satisfeitas como dois pardais, apressou-se
 a escrever a receita, todo feliz de utilizar os seus queridos estudos de
 medicina caseira; e murmurava, banhado de riso:

— Ora que alegria, colega, vê-lo aqui de novo nesta sua casa!

65 A reconciliação foi tão pública — que o cunhado do senhor barão
 de Via-Clara, bacharel de grandes dotes poéticos, lhe dedicou uma daque-
 las sátiras que ele intitulava *Ferrões*, que iam manuscritas de casa em casa,
 muito saboreadas e muito temidas; e chamara a composição, tendo pre-
 sente decerto a figura dos dois sacerdotes: *Famosa reconciliação do Macaco*
 70 *e da Baleia!* Era com efeito frequente, agora, ver a pequena figura de
 Natário gesticulando e saltitando ao lado do vulto enorme e pachorrento
 do padre Silvério.

Uma manhã mesmo os empregados da administração (que era então
 no largo da Sé) gozaram muito, observando da sacada os dois padres que
 75 passeavam no terraço, ao tépido sol de Maio. O senhor administrador,
 — que passava as horas da repartição namorando com um binóculo, por
 trás da vidraça do seu gabinete, a esposa do Teles alfaiate — começara
 subitamente a dar gargalhadas à janela: o escrivão Borges correu logo, de
 pena na mão, à varanda, a ver de que ria Sua Senhoria, e, muito diver-
 80 tido, a fungar, chamou à pressa o Artur Couceiro que estava copiando,
 para estudar à guitarra, uma canção da *Grinalda*; o amanuense Pires, severo
 e digno, aproximou-se, carregando para a orelha o seu barretinho de seda,
 com horror às correntes de ar; e em grupo, de olho arregalado, observa-
 vam os dois padres, que tinham parado à esquina da igreja. Natário parecia
 85 excitado; procurava decerto persuadir, abalar o padre Silvério; e em bi-

57: acrescentou, para] acrescentou, pra / receita para] receita pra

58: como doida,] como douda,

61: como dois] como dous

65: do senhor] do sr.

69: dos dois] dos dous

74: os dois] os dous

77: Teles] Teles,

83-4: arregalado, observavam os dois] arregalado, observaram os dous

XII

Passaram duas semanas. Amaro não voltara a casa da S. Joaneira: tinha pretextado afazeres, registros atrasados, incómodos de cabeça... Um dia tinha tido um responso na Sé por um negociante que morrera, o Moraes, e só, no quarto das vestimentas, ao pé da sacristia, escrevia, à luz de um candeeiro, o assento do óbito. A porta estava cerrada e havia um silêncio mortuário.

— Ó Amaro, disse por trás dele de repente uma voz sobressaltada.

O pároco voltou-se, com um susto nervoso.

— Que é?

Era o padre Natário, num alvoroço, com a capa no braço, a volta desarranjada. Fechou a porta, veio a Amaro com grandes passos e agitando os punhos fechados:

— É o escrevente, gritou ele abafadamente.

cos de pés, plantado diante dele, agitava freneticamente as mãos muito magras. Depois, subitamente, apoderou-se-lhe do braço, arrastou-o ao comprido do terraço lajeado: ao fundo parou, recuou, fez um gesto largo e desolado, como atestando a perdição possível dele, da Sé ao lado, da cidade, do universo em redor; o bom Silvério, com os olhos muito abertos, parecia apavorado. E recomeçaram a passear. Mas Natário exaltava-se: dava recuões bruscos, atirava estocadas com um longo dedo ao vasto estômago de Silvério, batia patadas furiosas nas lajes polidas; e de repente, de braços pendentes, mostrava-se acabrunhado. Então o bom Silvério falou um momento com a mão espalmada sobre o peito; imediatamente, a face biliosa de Natário iluminou-se; pulou, bateu no ombro do colega palmadinhas de muito júbilo, — e os dois sacerdotes entraram na Sé, chegados e rindo baixinho.

— Que patuscos! disse o escrivão Borges, que detestava sotainas.

— Aquilo tudo é a respeito do jornal, disse Artur Couceiro, vindo retomar o seu trabalho lírico. O Natário não sossega enquanto não souber quem escreveu o *Comunicado*; disse-o ele em casa da S. Joaneira... E a coisa pelo Silvério vai bem, que é o confessor da mulher do Godinho.

— Corja! rosnou o Borges com nojo. E continuou pachorrentamente o ofício que compunha, remetendo para Alcobaça um preso — que ao fundo da saleta, entre dois soldados, esperava sobre um banco, prostrado e embrutecido, com uma face de fome e as mãos em ferros.

Daf a dias tinha havido na Sé o ofício de corpo presente pelo rico proprietário Morais, que morrera dum aneurisma, e a quem sua esposa (em penitência decerto dos desgostos que lhe dera com a sua afeição desordenada por tenentes de infantaria) estava fazendo, como se disse, «exéquias de pessoa real». — Amaro desvestira-se, e na sacristia, à luz dum velho candeeiro de latão, escrevia assentos atrasados, quando a porta de carvalho rangeu, e a voz agitada de Natário disse:

— Ó Amaro, você está af?

— Que temos?

O padre Natário fechou a porta, e atirando os braços para o ar:

— Grande novidade, é o escrevente!

91: exaltava-se:] exaltava-se:

97: os dois] os dous

103: a coisa] a cousa

106: entre dois] entre dous

— Que escrevente? perguntou Amaro sem compreender.

— O João Eduardo. É ele!

Amaro teve um palpite.

— Foi ele que escreveu o artigo? exclamou com voz ansiosa.

— Foi ele! quase gritou Natário. Ele é que é o *liberal*. Foi ele que escreveu o artigo.

— Oh! Que patife! exclamou Amaro, batendo com as mãos uma na outra com assombro.

— Tenho provas, meu amigo, tenho provas. Vi-o eu, o original, escrito pela letra dele. O que se chama *ver*. Cinco tiras de papel!

Amaro estava calado, com os olhos fitos em Natário, mordendo os beiços.

— Custou! disse Natário, com o rosto radioso, os olhos reluzentes. — Custou! Mas soube-se tudo! Cinco tiras de papel! E quer escrever outro! É o sr. João Eduardo! dizia ele passeando a largos passos, arrastando as palavras. É o nosso rico amigo sr. João Eduardo! — E ria sarcasticamente.

— Você está certo disso? disse, enfim, Amaro.

— Se estou certo? gritou Natário, estacando. Se estou certo? Certíssimo! Estou a dizer-lhe que vi!

E todo chegado a Amaro, contava-lhe a *campanha*: Agostinho voltara de Lisboa, ele fora logo falar-lhe, procurar tirar-lhe o segredo. Agostinho ao princípio resistira...

— Mas eu tenho-o aqui, meu amigo, exclamava Natário. — E mostrava a mão fechada. — Percebe você? Tenho-o aqui!

E explicava porquê: o Agostinho falsificara outrora em Lisboa a assinatura de um amigo dele Natário; Natário tinha as provas; Agostinho desde esse momento pertencia-lhe, era seu; podia deixá-lo andar livre pelas ruas ou atirá-lo para uma enxovia.

— Percebe você? Por consequência, já se vê, disse-me logo tudo, mostrou-me as provas emendadas por ele, o original... Tudo!

— Isso é extraordinário! dizia Amaro.

— A mim não me admira nada, nada! O tal sr. João Eduardo é um maroto antigo!

123: amigo, tenho provas. Vi-o eu, o

124: *ver*.

125-6: Amaro estava calado, com os olhos fitos em Natário, mordendo os beiços. // — Custou! disse Natário, com o rosto radioso, os olhos reluzentes. — Custou! Mas

127-8: outro! É o sr. João Eduardo! dizia ele passeando a largos passos, arrastando as palavras. É o nosso rico amigo sr. João Eduardo! — E ria sarcasticamente.

129: disso? disse, enfim, Amaro.

130: certo? gritou Natário, estacando. Se estou certo? Certíssimo! Estou

130-57: vi! [...] — Você acha?

— Que escrevente?

120 — O João Eduardo! É ele! É o *liberal!* Foi ele que escreveu o *Comunicado!*

— Que me diz você!?! — fez Amaro atônito.

— Tenho provas, meu amigo! Vi o original, escrito pela letra dele. O que se chama *ver!* Cinco tiras de papel!

125 Amaro, com os olhos esgazeados, fitava Natário.

— Custou! exclamou Natário. Custou, mas soube-se tudo! Cinco tiras de papel! E quer escrever outro! O senhor João Eduardo! O nosso rico amigo senhor João Eduardo!

— Você está certo disso?

130 — Se estou certo!... Estou a dizer-lhe que vi, homem!

— E como soube você, Natário?

Natário dobrou-se; e com a cabeça enterrada nos ombros, arrastando as palavras:

135 — Ah, colega, lá isso... Os *comos* e os *porquê*s... Você compreende... *Sigillus magnus!*

E com uma voz aguda de triunfo, a largos passos pela sacristia:

— Mas ainda isto não é nada! O senhor Eduardo que nós víamos ali na casa da S. Joaneira, tão bom mocinho, é um patife antigo! É o

122: você!?!] você?

130: certo!...] certo!

137: Eduardo] Eduardo.

E passeando, com a batina desabotoada, as mãos nas largas algibeiras de uns calções pardos cheios de nódoas, ia contando a Amaro que o escrevente era um homem sem religião, nunca ia à missa, escarnecia os padres, era um caluniador, um pedreiro-livre e amontoava acusações, datas, nomes...

— Há quatro anos que não se confessa!

E contava as relações de João Eduardo com o dr. Godinho: apresentava-o como um intrigante, um invejoso, perdido de dívidas!

— Tenho provas, exclamava ele, batendo na mesa com os nós dos dedos. Tenho provas!

— Mas agora?... perguntou o padre Amaro.

— Agora? exclamou Natário. Ainda você mo pergunta! Agora é esmagá-lo!

Amaro tinha ficado com a cabeça baixa, fitando o chão.

— Em primeiro lugar, disse Natário, é necessário desmanchar-lhe o casamento.

— Você acha? perguntou sofregamente Amaro, com os olhos dilatados para Natário.

— Se acho? Pois há-de-se deixar casar uma pobre rapariga com um brejeiro, um desbocado, um pedreiro-livre, uma alma perdida?

— Com efeito! Com efeito! apoiava Amaro. — E os olhos riam-lhe quase marejados de lágrimas.

— É desmanchar-lhe o casamento; mas já, amanhã. Não estar lá com coisas! É já!

Amaro estava estonteado; vinham-lhe risos nervosos de alegria; coçava a cabeça febrilmente.

— Você acha, hem? Você acha? dizia tomando-o pelos braços, fitando-o alegremente. Este Natário! Este Natário! Mas como você soube tudo!

E voltavam-lhe os risos nervosos; tinha vontade de beijar Natário, de o servir, de lhe limpar o pó dos sapatos!

— Você é o diabo, homem! Dê cá um abraço. Mas como você descobriu! Que diabo de homem! Isto é que é! Isto é que é! — Passava-lhe a mão pela cintura. — Este Natário! Que diabo de homem!

Mas o sacristão entrou: vinha perguntar se Suas Senhorias queriam alguma coisa; eram horas de fechar a igreja.

Os dois padres atravessaram a sacristia e entraram na nave. O sacristão, que se adiantara com o seu pesado molho de chaves, esperava à porta, encostado à pia de água benta.

157-62: Amaro, [...] Que diabo de homem!

163: entrou: vinha

164-7: Senhorias [...] falavam baixo.

140 íntimo do Agostinho, o bandido da *Voz do Distrito*. Está metido na redacção até altas horas da noite... Uma orgia, vinhaça, mulheres... E gaba-se de ser ateu... Há seis anos que se não confessa... Chama-nos a *canalha canónica*... É republicano... Uma fera, meu caro senhor, uma fera!

145 Amaro, escutando Natário, arrumava atarantadamente, com as mãos trémulas, papéis no gavetão da escrivaninha.

— E agora?... perguntou.

— Agora? exclamou Natário. Agora é esmagá-lo!

Amaro fechou o gavetão, e muito nervoso, passando o lenço pelos lábios secos:

150 — Uma assim, uma assim! E a pobre rapariga, coitada... Casar agora com um homem desses... Um perdido!

Os dois padres, então, olharam-se fixamente. No silêncio, o velho relógio da sacristia punha o seu *tic-tac* plangente. Natário tirou da algibeira dos calções a caixa do rapé, e com os olhos ainda fixos em Amaro, a
155 pitada nos dedos, disse sorrindo friamente:

— Desmanchar-lhe o casamentozinho, hem?

— Você acha? perguntou sofregamente Amaro.

— Caro colega, é uma questão de consciência... Para mim era uma
160 questão de dever! Não se pode deixar casar a pobre pequena com um brejeiro, um pedreiro-livre, um ateu...

— Com efeito! Com efeito! murmurava Amaro.

— Vem a calhar, hem? fez Natário; e sorveu com gozo a pitada.

Mas o sacristão entrou; eram as horas de fechar a igreja; vinha perguntar se Suas Senhorias se demoravam.

165 — Um instante, sr. Domingos.

148: e] e.

152: Os dois] Os dois

Os dois padres falavam baixo.

— Você vai ter com a S. Joaneira, dizia Natário. Não... Escute. É melhor que lhe fale o Dias; o Dias é que deve falar à S. Joaneira. Vamos pelo seguro. Você fala à pequena e diga-lhe isto: que o despeça, que rompa com ele, que o ponha fora de casa. — E depois de um silêncio, quase ao ouvido de Amaro: — Diga à rapariga que ele vive aí de casa e pucarinho com uma desavergonhada.

— Homem! disse Amaro retraindo-se, mas eu não sei se isso é verdade.

— Há-de ser, disse Natário; ele é capaz de tudo. E depois é um meio de levar a pequena.

E iam descendo a igreja, falando baixo. A noite enchia a nave. As capelas laterais, sem luz, estavam tenebrosas. Uma lâmpada bruxuleava diante do Santíssimo, dando reflexos ensanguentados à cortina escarlate toda corrida. Ao meio da igreja sobre o catafalco, com um tocha a cada canto, estava o caixão do morto; e sobre o pano preto os galões dourados reluziam vagamente.

No alto silêncio os passos dos dois padres tinham um eco lúgubre. Iam devagar, parando a cada momento, discutindo baixo. Chegaram ao pé do catafalco. O padre Natário parou:

— E depois, meu caro amigo, dizia ele, tenho-lhe outra preparada.

— O quê? perguntou Amaro.

Natário tomou-lhe o braço e baixo, com uma satisfação medonha:

— Cortar-lhe os víveres! exclamou.

— Cortar-lhe os víveres! disse Amaro assombrado.

— Oiça. Ele estava para ser empregado no Governo Civil, primeiro-amanuense, não é assim? Pois bem, não há-de ser! Mas nunca há-de ser!

Vendo então um tão grande ódio, Amaro teve um vago horror daquela intriga:

— Deus me perdoe, Natário, mas isso é perder o homem!

168: Não... Escute.

170: Você fala / diga-lhe isto: que o despeça, que rompa com ele, que

171: casa. — E depois de um silêncio, quase

172: desavergonhada.

173: Amaro retraindo-se, mas eu / verdade.

174: ser, disse Natário; ele

175: pequena.

176-85: E iam descendo [...] Natário parou:

186-7: tenho-lhe outra preparada. // — O quê? perguntou Amaro. // Natário tomou-lhe o braço e baixo, com uma satisfação medonha:

188: víveres! exclamou.

189-90: víveres! disse Amaro assombrado. // — Oiça. Ele

190-4: primeiro-amanuense, não é assim? Pois bem, não há-de ser! Mas nunca há-de ser! // Vendo então um tão grande ódio, Amaro teve um vago horror daquela intriga:

195: o homem! // O padre Natário baixou a voz e espaçando rancorosamente as sílabas:

E, enquanto o sacristão corria os pesados ferrolhos da porta interior do pátio, os dois padres muito chegados falavam baixo.

— Você vai ter com a S. Joaneira, dizia Natário. Não, escute, é melhor que lhe fale o Dias; o Dias é que deve falar à S. Joaneira. Vamos pelo seguro. Você fale à pequena e diga-lhe simplesmente que o ponha fora de casa! — E ao ouvido de Amaro: — Diga à rapariga que ele vive af de casa e pucarinho com uma desavergonhada!

— Homem! disse Amaro recuando, não sei se isso é verdade!

— Há-de ser. Ele é capaz de tudo. E depois é um meio de levar a pequena...

E foram descendo a igreja atrás do sacristão, que fazia tilintar o seu molho de chaves, pigarreando grosso.

Nas capelas pendiam as armações de paninho negro agaloadas de prata; ao centro, entre quatro fortes tocheiras de grosso morrão, estava a eça, com o largo pano de veludilho cobrindo o caixão do Morais, recaindo em pregas franjadas; à cabeceira tinha uma larga coroa de perpétuas; e aos pés pendia, dum grande laço de fita escarlata, o seu hábito de cavaleiro de Cristo.

O padre Natário então parou; e tomando o braço de Amaro com satisfação:

— E depois, meu caro amigo, tenho outra preparada ao cavalheiro...

— O quê?

— Cortar-lhe os víveres!

— Cortar-lhe os víveres!?

— O pateta estava para ser empregado no Governo Civil, primeiro-amanuense, hem? Pois vou-lhe desmanchar o arranjinho!... E o Nunes Ferral que é dos meus, homem de boas ideias, vai pô-lo fora do cartório... E que escreva então *Comunicados!*

Amaro teve horror àquela intriga rancorosa:

— Deus me perdoe, Natário, mas isso é perder o rapaz...

167: os dois] os dous

184: Amaro] Amaro,

189: víveres!?! víveres?

O padre Natário baixou a voz e espaçando rancorosamente as sílabas:

— Enquanto o não vir por essas ruas a pedir um bocado de pão não o largo, padre Amaro, não o largo!

— Cale-se homem! disse Amaro aterrado. Nem diga isso aqui, que Deus está a ouvi-lo.

Natário teve um sorriso mau.

— Não lhe dê isso cuidado, meu caro amigo. — E depois de um silêncio, dando uma gravidade lúgubre à sua voz: — Que, demais a mais, penso eu, o que faço é para bem de Deus. Deus serve-se assim, não é a resmungar padre-nossos.

Iam a sair; mas Natário deitou o olhar para o caixão do morto e apontando para ele com a ponteira do guarda-chuva:

— Quem está ali?

— O Moraes, disse Amaro.

— Um gordo, picado de bexigas, com um bonet de missanga?

— Isso.

— Boa besta!

Os dois padres saíram. Davam nove horas. O largo da Sé estava escuro. A botica do Carlos fechava-se com grande ruído de ferrolhos.

Estiveram ainda conversando algum tempo parados.

— Resumindo, dizia Natário. O Dias fala à S. Joaneira, você fala à pequena. Eu por mim me entenderei com a gente do Governo Civil. Encarreguem-se vocês do casamento que eu me encarrego do emprego. — E batendo no ombro do pároco com uma expansão jovial: — É o que se pode dizer atacá-lo pelo coração e pelo estômago! E adeusinho, que as pequenas estão à espera para a ceia, não as quero fazer esperar. Coitadas! A Rosita tem estado com defluxo! Com um defluxo! — E a sua voz tinha inflexões paternais. — Até amanhã.

196: pão

198-9: — Cale-se homem! disse Amaro aterrado. Nem diga isso aqui, que

199: ouvi-lo. // Natário teve um sorriso mau.

200: amigo. — E depois de um silêncio, dando uma gravidade lúgubre à sua voz: — Que, demais a mais, penso eu, o que faço é para bem de Deus. Deus

201-4: padre-nossos. // Iam

204: deitou o

204-5: morto e apontando para ele com a ponteira do

208-9: — Um gordo, picado de bexigas, com um bonet de missanga? // — Isso.

211-8: Os dois padres [...] — Resumindo, dizia Natário. O Dias

218: S. Joaneira, você

219-20: Civil. Encarreguem-se

220: casamento

221: emprego. — / pároco com uma expansão jovial: —

223: ceia, não as quero fazer esperar. Coitadas! A Rosita

223-6: com defluxo! Com um defluxo! — E a sua voz tinha inflexões paternais. — Até amanhã.

— Enquanto o não vir por essas ruas a pedir um bocado de pão, não o largo, padre Amaro, não o largo!

— Oh, Natário! Oh, colega! Isso é de pouca caridade... Isso não é de cristão... E então aqui que Deus está a ouvi-lo...

200 — Não lhe dê isso cuidado, meu caro amigo... Deus serve-se assim, não é a resmungar padre-nossos. Para ímpios não há caridade! A Inquisição atacava-os pelo fogo, não me parece mau atacá-los pela fome. Tudo é permitido a quem serve uma causa santa... Que se não metesse comigo!

205 Iam a sair; mas Natário deitou um olhar para o caixão do morto, e apontando com o guarda-chuva:

— Quem está ali?

— O Morais, disse Amaro.

— O gordo, picado das bexigas?

— Sim.

210 — Boa besta!

E depois dum silêncio:

215 — Foram os officios do Morais... Eu nem dei por isso, ocupado cá na minha campanha... E a viúva fica rica. É generosa, é presenteadora... Quem a confessa é o Silvério, hem? Tem as melhores pechinchas de Leiria, aquele elefante!

Saíram. A botica do Carlos estava fechada, o céu muito escuro.

No largo, Natário parou:

220 — Resumindo: o Dias fala à S. Joaneira, e você fala à pequena. Eu por mim me entenderei com a gente do Governo Civil e com o Nunes Ferral. Encarreguem-se vocês do casamento, que eu me encarrego do emprego! — E batendo no ombro do pároco jovialmente: — É o que se pode dizer atacá-lo pelo coração e pelo estômago! E adeusinho, que as pequenas estão à espera para a ceia! Coitadita, a Rosa tem estado com um defluxo!... É fraquita, aquela rapariga, dá-me muito cuidado... Que eu em a vendo murcha até perco logo o sono. Que quer você? Quando

225 se tem bom coração... — Até amanhã, Amaro.

198: — Oh, Natário! Oh, colega!] — Oh Natário, oh colega,

204: Iam a sair:] Iam sair;

— Até amanhã.

E os dois padres separaram-se.

Caminhando para casa, Amaro ia reflectindo: aquela perseguição a João Eduardo parecia-lhe cruel e Natário odioso:

— Que fera! pensava ele.

Deveria aceitar a cumplicidade daquela intriga? Falar a Amélia? Romper o casamento? Mas se o não fizesse, se fosse escrupuloso, timorato e piegas, ela casava! Casava! Seria do outro, pertencer-lhe-ia toda, os seus braços, as ondas do seu cabelo, a frescura e a brancura do seu peito... Impossível! Impossível! Não podia suportar aquela ideia! Que lhe importava? Desfaria o casamento por todos os modos! Caluniaria se fosse necessário! Mas que ela não casasse, que o outro a não pudesse beijar, livre, na glória de marido! E depois, não era justo que a avisasse? Que lhe revelasse as más qualidades do noivo, que ela conhecia mal, que era um ateu?

E Amaro quase deu um grito. Tinha achado um motivo supremo, imperioso, iniludível — para intervir, tomar parte na intriga e anular João Eduardo... É que ele era um ateu, devasso, pedreiro-livre, inimigo dos padres. É que educaria no mal a pobre alma da esposa, impedir-lhe-ia a vida devota e perfeita. É que não a deixaria ir à missa, nem orar! É que a lançaria no orgulho profano e no pecado irreparável! É que a perderia! Mas ele era o pároco, o salvador, o pastor. Subtraí-la-ia àquele destino herético. E acumulava estas ideias como se estivesse a justificar-se diante de um confessor.

Ah! Decerto! Devia impedir aquele casamento! Era um dever afastá-la do escrevente que lhe daria a impureza, o pecado, a perdição, o Inferno! Era um dever evitar que aquela alma católica e devota fosse pertencer a um espírito ateu e diabólico!

227: amanhã.

228: separaram-se.

229-67: Caminhando para casa [...] Que felicidade!

— Até amanhã, Natário.

E os dois padres separaram-se, quando davam nove horas na Sé.

230 Amaro entrou em casa ainda um pouco trémulo, mas muito decidido, muito feliz: tinha um dever delicioso a cumprir! E dizia alto, com passos graves pela casa, para se compenetrar bem dessa responsabilidade estimada:

— É do meu dever! É do meu dever!

235 Como cristão, como pároco, como amigo da S. Joaneira o *seu dever* era procurar Amélia, e, com simplicidade, sem paixão interessada, contar-lhe que fora João Eduardo, o seu noivo, que escrevera o *Comunicado*.

240 Foi ele! Difamou os íntimos da casa, sacerdotes de ciência e de posição; desacreditou-a a ela; passa as noites em deboche na pocilga do Agostinho; insulta o clero, baixamente; gaba-se de irreligião; há seis anos que se não confessa! Como diz o colega Natário, é uma fera! Pobre menina! Não, não podia casar com um homem que lhe impediria a *vida perfeita*, lhe achincalharia as boas crenças! Não a deixaria rezar, nem jejuar, nem procurar no confessor a direcção salutar, e, como diz o santo padre Crisóstomo, «amadureceria a sua alma para o Inferno»! Ele não
245 era seu pai, nem seu tutor; mas era pároco, era pastor: — e se a não subtraísse àquele destino herético pelos seus conselhos graves, pela influência da mãe e das amigas, — seria como aquele que tem a guarda dum rebanho numa herdade, e abre indignamente a cancela ao lobo! Não, a Ameliuzinha não havia de casar com o *ateu!*

250 E o seu coração então batia forte sob a efusão daquela esperança. Não, o outro não a possuiria! Quando viesse a apoderar-se legalmente daquela cinta, daqueles peitos, daqueles olhos, daquela Ameliuzinha, — ele, pároco, lá estava para lhe dizer alto: *Para trás, seu canalha! Isto aqui é de Deus!*

255 E tomaria então bem cuidado em guiar a pequena à salvação! Agora o *Comunicado* estava esquecido, o senhor chantre tranquilizado: daí a dias poderia voltar sem susto à Rua da Misericórdia, recomeçar os deliciosos serões — apoderar-se de novo daquela alma, formá-la para o Paraíso...

228: os dois] os deus

234: S. Joaneira] S. Joaneira,

236: Comunicado.] Comunicado!

253: etc.] ele / alto: Para] alto: Pra

Fora uma revelação inesperada, agradecia-a a Deus. Tinha uma alegria beata. O interesse da sua paixão coincidia com o dever do seu sacerdócio. Tornar-se o confessor de Amélia, o seu amigo, o seu confidente platónico, envolvê-la em orações, penitências, contrições! Salvaria a sua alma, ganhar-lhe-ia o Paraíso! Que felicidade!

Toda a noite sonhou com estas ideias numa espécie de alucinação mística, — sonhos incoerentes, cheios de devoção e de sensualidade. Via-se num grande espaço celeste, fugindo com Amélia, levando-a toda assustada para as profundidades do Céu! O Diabo perseguia-o; ele via-o com as feições de João Eduardo, soprando e rasgando com os cornos os delicados seios das nuvens! E ele apertava Amélia no seu capote de padre, escondendo-a, cobrindo-a de orações, devorando-a de beijos! Mas a estrada do Céu alargava-se, não findava. — Onde é a porta do Céu? perguntava ele a anjos luminosos que passavam cheios de auréolas e de rumor de asas. E todos lhe respondiam: — Na Rua da Misericórdia! Na Rua da Misericórdia, n.º 9! — E Amaro sentia-se aflito; tinha-se perdido no vasto Céu; não sabia o caminho e procurava debalde ao longe, no infinito claro de uma vaga cor de leite, uma tabuleta de hospedaria! Amélia tinha fome, tinha frio. — Paciência! Paciência! Meu amor! dizia ele. — Um homem passou, grave, com uma barba que varria o chão, lendo um *in-fólio* enorme, cujas folhas ao voltar-se faziam vento medonho: — Onde está Deus? perguntou-lhe Amaro, tendo Amélia toda conchegada ao peito. — O homem olhou-os desdenhosamente: — Não conheço, disse ele. — E as folhas do livro, voltando-se, faziam um venda-

268-9: Toda a noite sonhou [...] do Céu!

270: via-o

271: nuvens! E ele apertava Amélia

272: padre, escondendo-a, cobrindo-a de orações, devorando-a de

273: Céu alargava-se, não findava. — Onde é a porta do Céu? perguntava

273-5: anjos luminosos que passavam cheios de auréolas e de rumor de asas. E todos lhe respondiam: — Na

275-6: Misericórdia! Na

276-81: Misericórdia, n.º 9! — [...] de hospedaria!

282-300: frio. — [...] murmurava ela. —

260 E aquilo, Jesus! não era uma intriga para a arrancar ao noivo: os seus motivos (e dizia-o alto, para se convencer melhor) eram muito rectos, muito puros: aquilo era um trabalho santo para a arrancar ao Inferno: ele não a queria para si, queria-a para Deus!... *Casualmente*, sim, os seus interesses de amante coincidiavam com os seus deveres de sacerdote. Mas se ela fosse vesga e feia e tola, ele iria igualmente à Rua da Misericórdia, em serviço do Céu, desmascarar o sr. João Eduardo, difamador e ateu!

E, sossegado por esta argumentação, deitou-se tranquilamente.

Mas toda a noite sonhou com Amélia. Tinha fugido com ela: e ia-a levando por uma estrada que conduzia ao Céu! O Diabo perseguia-o; ele via-o, com as feições de João Eduardo, soprando e rasgando com os cornos os delicados seios das nuvens. E ele escondia Amélia no seu capote de padre, devorando-a por baixo de beijos! Mas a estrada do Céu não findava. — «Onde é a porta do Paraíso?» perguntava ele a anjos de cabeleireiras de ouro que passavam, num doce rumor de asas, levando almas nos braços. E todos lhe respondiam: — «Na Rua da Misericórdia, na Rua da Misericórdia número nove!» Amaro sentia-se perdido: um vasto éter cor de leite, penetrável e macio como uma penugem de ave, envolvia-o, e ele procurava debalde uma tabuleta de hospedaria! Por vezes resvalava junto dele um globo reluzente donde saía o rumor duma criação; ou um esquadrão de arcanjos, com couraças de diamantes, erguendo alto espadas de fogo, galopavam num ritmo nobre...

Amélia tinha fome, tinha frio. «Paciência, paciência, meu amor!» dizia-lhe ele. Caminhando, vieram a encontrar uma figura branca, que tinha na mão uma palma verde. «Onde está Deus, nosso pai?» perguntou-lhe Amaro, com Amélia conchegada ao peito. A figura disse: — «Eu fui um confessor, e sou um santo: os séculos passam, e imutavelmente, sempiternamente sustento na mão esta palma e banha-me um êxtase igual! Nenhuma tinta modifica esta luz para sempre branca; nenhuma sensação sacode o meu ser para sempre imaculado; e imobilizado na bem-aventurança, sinto a monotonia do Céu pesar-me como uma capa de bronze. Oh! Pudesse eu caminhar a passos largos nas torpezas diferentes da terra — ou bracejar, sob as variedades da dor, nas chamas do Purgatório!»

276: perdido:] perdido;

277: penetrável] penetrável,

277-8: envolvia-o,] envolvia-o;

287: sempiternamente] sempiternamente.

val. — Durmamos, meu amor! — E deitados de costas viam de perto as estrelas, quase lhes tocavam com os dedos! Mas as nuvens começaram a condensar-se em volta deles, tapavam-lhes o Céu! Eram brancas como cortinados, quentes como seios, perfumadas como *sachets*: Amaro sentia-se desfalecer; a sua mão errante encontrava a de Amélia, os seus dedos tremiam, apertavam-se; um desmaio, doce como um banho tépido, tomava-os, dissolvia-lhes a razão; os seus braços enlaçaram-se; Amaro tremia, tremia; os seus lábios erravam pelos lábios, pelo colo de Amélia: — Vem! Amo-te! dizia-lhe ele. — Amo-te! Amaro, quero-te! murmurava ela. — Mas de repente as nuvens afastaram-se como dois cortinados e então Amaro viu de pé, diante, o Diabo, que os tinha alcançado e que estava com outro personagem, vasto, velho como a terra, com uma barba branca que não findava nunca: — Aqui estão os dois sujeitos, dizia-lhe o Diabo retorcendo a cauda com uma alegria impudente. — E por trás Amaro via que uma multidão de anjos espreitava! E por trás dos anjos iam chegando, iam-se aglomerando legiões de santos e de santas! Amaro reconheceu S. Sebastião com as suas setas cravadas, Santa Cecília trazendo na mão o seu órgão! E todos espreitavam! E aquela multidão não findava, acotovelava-se para ver melhor! E Amaro não se podia desenlaçar de Amélia, que chorava baixo; os seus braços estavam colados: e Amaro notava aflito que os vestidos de Amélia estavam todos desmanchados e que se viam os seus joelhos brancos: — Aqui estão os dois sujeitos, dizia o Diabo ao velho personagem. E o personagem, cofiando a sua barba com a mão ainda cheia de barro, respondeu: — Fico inteirado, meu caro amigo, fico inteirado. — E voltando-se para os dois an-

301-7: como dois cortinados [...] — Aqui

307: sujeitos, / cauda com uma alegria impudente. —

308: via que uma multidão de anjos espreitava! E por trás dos anjos iam chegando, iam-se aglomerando / santas! Amaro

309: cravadas,

310-2: órgão! E todos espreitavam! E aquela multidão não findava, acotovelava-se para ver melhor! E Amaro

313-5: chorava baixo; os seus braços estavam colados: e Amaro notava aflito que os vestidos de Amélia estavam todos desmanchados e que se viam os

315: — Aqui / sujeitos,

316-21: personagem. E o personagem, cofiando a sua barba com a mão ainda cheia de barro, respondeu: — Fico

321-38: inteirado. — E voltando-se para os dois anjos imóveis e apoiados a espadas, disse-lhes: — Mandem lavar o auto. — Mas então o sol que vinha nascendo bateu

Amaro murmurou: «Bem fazemos nós em pecar!» — Mas Amélia desfalecia fatigada. «Durmamos, meu amor!» E, deitados, viam estrelas flutuando numa poeirada como o joio sacudido vivamente do crivo. Então nuvens começaram a dispor-se em torno deles, em pregas de cortinados, dando um perfume de *sachets*: Amaro pousou a sua mão sobre o peito de Amélia: um enleio muito doce enervava-os: enlaçaram-se, os seus lábios pegavam-se húmidos e quentes: — «Oh, Ameliuzinha!» murmurava ele. —

«Amo-te, Amaro, amo-te!» suspirava ela. — Mas de repente as nuvens afastaram-se como os cortinados dum leito; e Amaro viu diante o Diabo que os alcançara, e que, com as garras na cinta, esgaçava a boca numa risada muda. Com ele estava outro personagem: era velho como a substância; nos anéis dos seus cabelos vegetavam florestas; a sua pupila tinha a vastidão azul dum oceano; e nos dedos abertos, com que cofiava a barba infundável, caminhavam, como em estradas, filas de raças humanas. — «Aqui estão os dois sujeitos», dizia-lhe o Diabo retorcendo a cauda. — E por trás Amaro via aglomerarem-se legiões de santos e de santas. Reconheceu S. Sebastião com as suas setas cravadas; Santa Cecília trazendo na mão o seu órgão; por entre eles sentia balarem os rebanhos de S. João; e no meio erguia-se o bom gigante S. Cristóvão apoiado ao seu pinheiro. Espreitavam, cochichavam! Amaro não se podia desenlaçar de Amélia, que chorava muito baixo; os seus corpos estavam sobrenaturalmente colados; e Amaro, aflito, via que as saias dela levantadas descobriam os seus joelhos brancos. — «Aqui estão os dois sujeitos», dizia o Diabo ao velho personagem, «e repare o meu prezado amigo, porque todos aqui somos apreciadores, que a pequena tem bonitas pernas!» Santos vetustos alçaram-se sofregamente em bicos de pés, estendendo pescoços onde se viam cicatrizes de mártírios; e as onze mil virgens bateram o voo como pombas espavoridas! Então o personagem, esfregando as mãos donde se esfarelavam universos, disse grave: «Fico inteirado, meu caro amigo, fico inteirado! Com que, senhor pároco, vai-se à Rua da Misericórdia, arrufna-se a felicidade do sr. João Eduardo (um cavalheiro), arranca-se a Ameliuzinha à mamã, e vem-se saciar concupiscências reprimidas a um cantinho da Eternidade? Eu estou velho — está rouca esta voz que outrora tão sabiamente discursava pelos vales. Mas pensa que me assombra

294: E.] E

299: — «Oh.» — «Oh

307: os dois] os dous

315: os dois] os dous

320: personagem.] personagem / mãos] mãos.

325: velho — está] velho — e está

jos imóveis e apoiados a espadas, disse-lhes: — Mandem lavar o auto. — Mas então o sol que vinha nascendo bateu no rosto do personagem e Amaro com um grito reconheceu o Padre Eterno!

Acordou banhado em suor. Um raio de sol entrava pela janela.

Nesse mesmo dia à tardinha o pároco recebeu um recado aflito da S. Joaneira: a idiota estava a morrer, era necessária a extrema-unção!

Já estavam os candeeiros acesos quando o pároco saiu da Sé, sob o pátio, levando a custódia. O sino tinha repicado, tinha-se reunido gente formando procissão. As tochas faziam destacar com reflexos ensanguentados as opas de paninho escarlate; atrás homens descobertos, velhas com o mantéu pela cabeça e garotos cantavam arrastadamente o *Bendito*. Punham-se velas acesas por trás das vidraças. Sob o pátio tremeluziam vagamente os doirados baços da estola do pároco. Uma campainha tocava adiante, a espaços, monotonamente. Aquilo enchia as ruas de claridade, do rumor do *Bendito* e do terror da morte. E o sino repicava sem descontinuar. Perguntava-se com curiosidade *para quem era*; e por trás das vidraças, entre as luzes, começavam a aparecer vultos.

A escada da S. Joaneira estava iluminada com um candeeiro de petróleo sobre uma cadeira. Muita gente tinha-se aglomerado à porta; os homens que levavam o pátio, quando o pároco entrou, dobraram-no, encostando-o à parede, acenderam os seus cigarros e começaram a conversar baixo.

Falava-se da idiota e um velho contava que a conhecera bonita, leviana e com amantes; e até se lembrava de uma paixão que ela tivera por um alferes de cavalaria!

339: personagem e Amaro / grito

341-51: Nesse mesmo dia [...] iluminada com um

351-410: cadeira. [...] uivava incessantemente.

o senhor conde de Ribamar, seu protector, apesar de ser um pilar da Igreja e uma coluna da Ordem? Faraó era um grande rei — e eu afoguei-o, e os seus príncipes cativos, os seus tesouros, os seus carros de guerra, e as manadas dos seus escravos! Eu cá sou assim! E se os senhores eclesiásticos continuarem a escandalizar Leiria — eu ainda sei queimar uma cidade como um papel inútil, e ainda me resta água para dilúvios!» E voltando-se para dois anjos armados de espadas e lanças, o personagem bradou: «Chumbem uma grilheta aos pés do padre, e levem-no ao abismo número sete!» E o Diabo gania: «Aí estão as consequências, senhor padre Amaro!» Ele sentiu-se arrebatado de sobre o seio de Amélia por mãos de brasa; e ia lutar, bradar contra o juiz que o julgava — quando um sol prodigioso que vinha nascendo do Oriente bateu no rosto do personagem, e Amaro, com um grito, reconheceu o Padre Eterno!

Acordou banhado em suor. Um raio de sol entrava pela janela.

Nessa noite João Eduardo, indo da Praça para casa da S. Joaneira, ficou assombrado, ao ver aparecer à outra boca da rua, do lado da Sé, o Santíssimo em procissão.

E vinha para casa das senhoras! Por entre as velhas de mantéu pela cabeça, as tochas faziam destacar opas de paninho escarlate; sob o pálio os dourados da estola do pároco reluziam; uma campainha tocava adiante, às vidraças apareciam luzes; — e na noite escura o sino da Sé repicava, sem descontinuar.

João Eduardo correu aterrado — e soube logo que era a extrema-unção à entrevada.

Tinham posto na escada um candeeiro de petróleo sobre uma cadeira. Os serventes encostaram à parede da rua os varais do pálio, e o pároco entrou. João Eduardo, muito nervoso, subiu também: ia pensando que a morte da entrevada, o luto retardariam o seu casamento; contrariava-o a presença do pároco e a influência que ele adquiria naquele momento; e foi quase quezilado que perguntou à *Ruça* na saleta:

— Então como foi isto?

— Foi a pobre de Cristo que esta tarde começou a esmorecer, o senhor doutor veio, diz que estava a acabar, e a senhora mandou pelos sacramentos.

João Eduardo, então, julgou delicado ir assistir «à cerimónia».

333: para dois] para dous

O quarto da idiota era junto da cozinha; a cama era no chão. Tinham posto ao pé uma mesa com toalha de folhos e em cima um prato onde estavam cinco bolinhas de algodão, um copo com água e duas velas de cera. Sob a claridade que caía, a sua cabeça, com um lenço branco em redor donde saíam mechas de cabelos brancos, mal se distinguia dos travesseiros. Os olhos cavados, orlados de uma larga sombra cor de *bistre*, estavam cerrados e a boca tinha uma espuma aos cantos. Arquejava um pouco, tinha os braços estendidos fora da roupa ao comprido do corpo e as mãos, com um gesto vago e errante, apanhavam incessantemente a dobra do lençol. Encostadas à parede estavam grandes arcas pretas; das traves do tecto pendiam réstias de cebolas; e no fecho da janela uma saia engomada, tufada, hirta, arqueava a sua roda encanudada.

Havia dez anos que ela vivia ali, só, tossindo, caquética, fora da vida. A sua enxerga era uma sepultura provisória.

A S. Joaneira chorava, dizendo entre soluços trémulos que a morte era para a *sua pobre irmã uma felicidade*. Amélia, comovida pelos aspectos da agonia, estava calada e pálida. As amigas da S. Joaneira, na sala do jantar, falavam baixo, funerariamente.

O padre Amaro entrou e o quarto da moribunda encheu-se de gente; e enquanto ele, curvado, lhe punha os santos óleos no peito, na boca, nas mãos e nos pés, todos tinham ajoelhado calados, um pouco aterrados.

O quarto da velha era junto à cozinha, e tinha naquele momento uma solenidade lúgubre.

365 Sobre uma mesa coberta de toalha de folhos, estava um prato com cinco bolinhas de algodão entre duas velas de cera. A cabeça da entrezada, toda branca, a sua face cor de cera mal se distinguiam do linho do travesseiro; tinha os olhos estupidamente dilatados; e ia apanhando incessantemente com um gesto lento a dobra do lençol bordado.

A S. Joaneira e Amélia rezavam ajoelhadas à beira da cama: a sr.^a 370 D. Maria da Assunção (que casualmente entrara, ao voltar da fazenda) ficara à porta do quarto aterrada, agachada sobre os calcanhares, murmurando salve-rainhas. João Eduardo, sem ruído, dobrou o joelho junto dela.

O padre Amaro, curvado quase ao ouvido da entrezada, exortava-a a que se abandonasse à misericórdia divina; mas, vendo que ela não compreendia, ajoelhou, recitou rapidamente o *Misereatur*; e no silêncio, a sua 375 voz erguendo-se nas sílabas latinas mais agudas, dava uma sensação de enterro que enternecia, fazia soluçar as duas senhoras. Depois ergueu-se, molhou o dedo nos santos óleos: murmurando as expressões penitentes do ritual ungiu os olhos, o peito, a boca, as mãos — que há dez anos só 380 se moviam para chegar a escarradeira, e as plantas dos pés que há dez anos só se aplicavam a buscar o calor da botija. E depois de queimar as bolinhas de algodão húmidas de óleo, ajoelhou-se, ficou imóvel, com os olhos postos no Breviário.

João Eduardo voltou em pontas de pés à sala, sentou-se no mocho 385 do piano: agora decerto, durante quatro ou cinco semanas, Amélia não tornaria a tocar... E uma melancolia amoleceu-o, vendo no doce progresso do seu amor aquela brusca interrupção da morte e dos seus cerimoniais.

A sr.^a D. Maria entrou então, toda transtornada daquela cena — e 390 seguida de Amélia que trazia os olhos muito vermelhos.

— Ah! Ainda bem que aqui está, João Eduardo! disse logo a velha. Que quero que me faça um favor, que é acompanhar-me a casa... Estou toda a tremer... Estava desprevenida, e com perdão de Deus seja dito, não posso ver gente na agonia... Que ela, coitadinha, vai-se como um 395 passarinho... E pecados não os tem... Olhe, vamos pela Praça que é mais perto. E desculpe... Tu, filha, dispensa, mas não posso ficar... É que me

374: mas.] mas

378: óleos:] óleos;

O padre Amaro ao sair demorou-se um momento na sala e prometeu voltar para as acompanhar naquele transe; e as suas maneiras eram graves, cheias de cerimonial. Desceu, os homens das opas escarlates desdobraram o pálido, a campainha recomeçou a tocar, as vozes entoaram o *Bendito* e a procissão afastou-se para os lados da Sé. Daí a momentos a rua estava silenciosa. Só na casa vizinha um cão uivava incessantemente.

Às onze horas Amaro voltou, como prometera. As amigas da S. Joaneira tinham-se já retirado. A *Ruça*, sentada no quarto da idiota, a um canto, sobre uma trouxa de roupa, acompanhava-a na agonia, transida de frio e de medo. Quando Amaro entrou e se chegou ao leito da velha a respiração era já arquejada, com vagos arrancos; quase não tinha pulso.

— Coitadinha, pensou ele, está por momentos!

Amélia, aterrada, surpreendida com aqueles cerimoniais da morte, andava numa inquietação febril da cozinha para a sala do jantar, espreitando a cada momento para dentro do quarto onde a velha expirava. A S. Joaneira sentira-se doente, deitara-se um instante sobre a roupa, choramingando e rezando baixo. E quando Amélia lhe disse para dentro: — Minha mãe, está aqui o sr. pároco, — ela respondeu com a voz gemente:

— Faze-lhe companhia, minha filha; eu já vou. Desculpe, sr. pároco, desculpe. Eu estou com umas dores de cabeça que não me tenho.

Dava-lhe às vezes aquela enxaqueca e era necessário deitar-se alguns momentos numa imobilidade absoluta, com a cabeça amarrada em lenços ensopados de água canforada.

— Deixá-la sossegar, coitada, disse Amaro.

Amélia e o padre ficaram sós na sala do jantar. A luz esmorecia. Um silêncio pesava em toda a casa.

dava a dor... Ai, que desgosto!... Que para ela até é melhor... Pois olhem, sinto-me a desfalecer...

Foi mesmo necessário que Amélia a levasse a baixo, ao quarto da S. Joaneira, a reconfortá-la caridosamente com um cálice de jeropiga.

— Ameliuzinha, disse então João Eduardo, se eu sou cá necessário para alguma coisa...

— Não, obrigada. Ela está por instantes, coitadinha...

— Não te esqueças, filha, recomendou descendo a sr.^a D. Maria da Assunção, põe-lhe as duas velas bentas à cabeceira... Alivia muito na agonia... E se tiver muitos arrancos, põe outras duas apagadas, em cruz... Boas-noites... Ai, que nem me sinto!

À porta, mal viu o pátio, os homens com as tochas, apoderou-se do braço de João Eduardo, colou-se toda a ele com terror — um pouco também com o acesso de ternura que lhe dava sempre a jeropiga.

Amaro prometera voltar mais tarde, para «as acompanhar, como amigo, naquele transe». E o cônego (que chegara, quando a procissão com o pátio dobrava a esquina para o lado da Sé), informado desta delicadeza do senhor pároco, declarou logo que visto que o colega Amaro vinha fazer a noitada, ele ia descansar o corpo porque, Deus bem o sabia, aquelas comoções arrasavam-lhe a saúde.

— E a senhora não havia de querer que eu apanhasse alguma e me visse nos mesmos assados...

— Credo, senhor cônego! exclamou a S. Joaneira, nem diga isso!... — E começou a choramingar, muito abalada.

— Pois então boas-noites, disse o cônego, e nada de afligir. Olhe, a pobre criatura, alegria não a tinha: e como não tem pecados não lhe importa achar-se na presença de Deus. Tudo bem considerado, senhora, é uma pechincha! E adeusinho, que me não estou a sentir bem...

Também a S. Joaneira não se sentia bem. O choque, logo depois de jantar, dera-lhe ameaças de enxaqueca: — e quando Amaro voltou, às onze, Amélia que fora abrir a porta, disse-lhe, ao subir à sala de jantar:

— O senhor pároco desculpe... A mamã veio-lhe a enxaqueca, coitada... Estava que nem via... Deitou-se, pôs água sedativa e adormeceu...

— Ah! Deixá-la dormir!

397: Ai, que desgosto!...] Ai! Que desgosto...

402: alguma coisa...] alguma coisa...

417: alguma] alguma,

429: sedativa] sedativa,

— Tenho tido tanto medo, disse Amélia aconchegando-se no xale.

— Ora! disse Amaro.

— Não! Não! É que nunca vi gente morta, sr. pároco. — E suspirando: — Coitada! Para ela até é melhor.

Estava sentada ao pé da mesa, a cabeça apoiada à mão; a manga do seu casabeque que era larga escorregava um pouco, deixando ver o começo do braço branco, torneado e mimoso.

Estiveram um pouco calados e de repente sentiram dentro rressonar a S. Joaneira:

— Querem ver que a mamã adormeceu, disse Amélia levantando-se. E ergueu o reposteiro de chita, espreitou.

— Não a acorde, disse Amaro.

Amélia hesitava; mas Amaro insistindo:

— Não a acorde; para quê? Se houver alguma novidade chama-se.

Amélia tornou a sentar-se e começaram a falar da idiota, do médico e de doenças.

Mas Amélia começou a queixar-se de frio, batendo com os pés no chão devagarinho, encolhendo-se toda no xale. A noite fora estava extremamente agreste e chuvosa.

— Parece-me que é melhor irmos para a cozinha, para o pé da braseira, sr. pároco, disse ela.

— Parece-me que sim, disse o pároco.

Foram. Amélia deitou mais carvão na braseira, arrastou-a para o meio da casa. Tinha-se levantado vento; sentiam-se as suas rajadas lugubramente assobiadas; nas janelas da vizinhança uma portada batia e o cão não cessara de uivar.

Amélia tinha trazido duas cadeiras pequenas de pinho para o pé do lume e um cobertor para o pároco pôr os pés. Acomodaram-se e ficaram calados.

— Por que está assim a olhar tão fito para mim? disse Amélia sorrindo.

— Nada, disse Amaro. — E depois de um curto silêncio: — Sabe? Tenho uma coisa muito séria que lhe dizer.

Ela olhou para ele um pouco corada.

— A respeito do seu casamento.

— Ah!

Entraram no quarto da entrevada. Tinha a cabeça virada para a parede; dos seus beijos abertos saía um gemido muito débil e contínuo. Sobre a mesa agora, uma grossa vela benta, de morrão negro, erguia uma luz triste; e ao canto, transida de medo, a *Ruça*, segundo as recomendações da S. Joaneira, ia rezando a coroa.

— O senhor doutor, disse Amélia baixo, diz que morre sem o sentir... Diz que há-de gemer, gemer, e de repente acabar como um passarinho...

— Seja feita a vontade de Deus, murmurou gravemente o padre Amaro.

Voltaram à sala de jantar. Toda a casa estava silenciosa: fora ventava forte. Havia muitas semanas que não se encontravam assim sós. Muito embaraçado, Amaro aproximou-se da janela: Amélia encostou-se ao aparador.

— Vamos ter uma noite de água, disse o pároco.

— E está frio, disse ela, encolhendo-se no xale. Eu tenho estado passada de medo...

— Nunca viu morrer ninguém?

— Nunca.

Calaram-se — ele imóvel ao pé da janela, ela encostada ao aparador, de olhos baixos.

— Pois está frio, disse Amaro, com a voz alterada da perturbação que lhe ia dando a presença dela àquela hora da noite.

— Na cozinha está a braseira acesa, disse Amélia. É melhor irmos para lá.

— É melhor.

Foram. Amélia levou o candeeiro de latão: e Amaro, indo remexer com as tenazes o brasido vermelho, disse:

— Há que tempo que eu não entro aqui na cozinha!... Ainda tem os vasos com os raminhos fora da janela?

— Ainda, e um craveiro...

Sentaram-se em cadeirinhas baixas, ao lado da braseira. — Amélia, inclinada para o lume, sentia os olhos do padre Amaro devorá-la silenciosamente. Ele ia falar-lhe, decerto! Tinha as mãos a tremer; não ousava

437: repente] repente,

442: assim] assim,

454-5: irmos para] irmos pra

459: cozinha!...] cozinha...

Amélia encolheu os ombros com um sorriso de desdém e de tristeza; e abaixando os olhos para o lume pôs-se a remexer as brasas com as grossas tenazes de ferro.

— Faz mal em se casar, disse Amaro sem transição, com uma voz grave.

Amélia ficou calada, com os olhos dilatados, fixos no lume, um rubor no rosto.

— Faz mal, continuou Amaro, baixo. Digo-lho como padre e como amigo. Esse homem vai fazer a sua desgraça.

Ela ia a falar...

— Oiça, interrompeu ele. — E chegando mais para junto dela a cadeira: — A menina não sabe nada. Esse homem é um desavergonhado, um caluniador, um mau homem!

— O que está a dizer? disse ela assombrada, quase ofendida.

— Digo-lhe isto. A menina não o conhece. É um mau homem.

— Oh! sr. pároco...

— Escute, menina Amélia. Oiça. Eu não lho queria dizer. Lembra-se daquele artigo da *Voz do Distrito* em que eu, nós todos éramos insultados, caluniados, escarnecidos? Em que a menina, mesma, a sua honra era ofendida? Lembra-se?

— Então? perguntou Amélia, com os olhos muito abertos, aterrada.

— Foi ele que o escreveu!

— Não pode ser!

Tinha-se erguido de pé, direita, escandalizada, fitando Amaro.

A voz do pároco continuou calma, baixa, paciente e suave:

— Oiça. Sente-se. Foi ele; tenho provas, minha amiga. O Natário viu o original escrito pela letra dele. Oiça. A menina não o conhece...

E então acumulando os factos, baixo, começou a contar-lhe o que Natário lhe dissera de João Eduardo, os seus vícios, a sua irreligião e as suas intrigas. Lamentava-a, chamava-lhe *santa, sua pobre filha*. E os seus olhos negros e grandes cobriam-na, dominavam-na. Estava pálido, falava devagar com gestos lentos que acariciavam.

— Fica em pecado mortal. Liga a sua alma a um herético. Há quatro anos que ele não se confessa!

Ela só dizia com espanto, com os braços caídos no regaço, sucumbida:

— Jesus! Jesus!

— E de resto — e a voz de Amaro era baixa, lúgubre e pungente — veja que destino se casar com ele. Teria de abandonar as suas práticas, as suas devoções, não voltar à igreja. Se se quisesse confessar, o que ele

485-8: erguido de pé, direita, escandalizada, fitando Amaro. // A voz do pároco continuou calma, baixa, paciente e suave: // — Oiça. Sente-se. Foi ele; tenho provas, minha amiga. O

488-522: letra dele. [...] educados! Por

465 mover-se, erguer as pálpebras, com medo que lhe rompessem as lágrimas; mas ansiava pelas suas palavras, ou amargas ou doces...

Elas vieram enfim, muito graves.

— Menina Amélia, disse, eu não esperava poder assim falar-lhe a sós. Mas as coisas arranjaram-se... É decerto a vontade de Nosso Senhor!
470 É depois, como as suas maneiras mudaram tanto...

Ela voltou-se bruscamente, toda escarlate, o beicinho trémulo:

— Mas bem sabe porquê! exclamou quase chorando.

— Sei. Se não fosse aquele infame *Comunicado*, e as calúnias... nada se tinha passado, e a nossa amizade seria a mesma, e tudo iria bem...
475 É justamente a esse respeito que eu lhe quero falar.

Chegou a cadeira mais para junto dela, e muito suave, muito tranquilo:

— Lembra-se desse artigo em que todos os amigos da casa eram insultados? Em que eu era arrastado pela rua da amargura? Em que a menina mesma, a sua honra era ofendida?... Lembra-se, hem? Sabe quem o escreveu?
480

— Quem? perguntou Amélia toda surpreendida.

— O sr. João Eduardo! disse o pároco muito tranquilamente, cruzando os braços diante dela.

— Não pode ser!

485 Tinha-se erguido. Amaro puxou-lhe devagarinho pelas saias para a fazer sentar; e a sua voz continuou paciente e suave:

— Ouça. Sente-se. Foi ele que o escreveu. Soube ontem tudo. O Natário viu o original escrito pela letra dele. Foi ele que descobriu. Por meios dignos decerto... E porque era a vontade de Deus que a verdade aparecesse. Agora escute. A menina não conhece esse homem. —
490 Então, baixo, contou-lhe o que sabia de João Eduardo, por Natário; as suas noitadas com o Agostinho, as suas injúrias contra os padres, a sua irrelição...

— Pergunte-lhe se ele se confessa há seis anos, e peça-lhe os bilhetes da confissão!
495

Ela murmurava, com as mãos caídas no regaço:

— Jesus... Jesus!...

— Eu então entendi que como íntimo da casa, como pároco, como cristão, como seu amigo, menina Amélia... Porque acredite que lhe quero... Enfim, entendi que era o meu dever avisá-la! Se eu fosse seu irmão,
500

469: as coisas] as cousas

482: Eduardo!] Eduardo, / pároco] pároco,

497: — Jesus... Jesus!...] — Jesus, Jesus...

faria, que discussões, que desavenças! Tinha de romper com todas as amigas de sua mãe, com as suas relações. A gente de bem voltava-lhe as costas. Não imagina que inimigos tem esse homem! Não há ninguém que ele não tenha escandalizado...

Ela escutava abstracta, com os olhos fitos no lume.

— E depois lembre-se que perdição para a sua alma. Se tivesse filhos como eles seriam educados! Por tudo uma questão, por ir à missa, por jejuar. Ou tinha de se fazer, como ele, uma hereje, uma perdida, ou a sua casa seria um inferno.

dizia-lhe simplesmente: «Amélia, esse homem fora de casa!» Não o sou, infelizmente. Mas venho, com dedicação de alma, dizer-lhe: «O homem com quem quer casar surpreendeu a sua boa fé e de sua mamã; vem aqui, sim senhor, com aparências de bom moço, e no fundo é...»

505 Ergueu-se, como ferido duma indignação irreprimível:

— Menina Amélia, é o homem que escreveu esse *Comunicado!* Que fez ir o pobre Brito para a serra de Alcobaça! Que me chamou a mim *sedutor!* Que chamou devasso ao senhor cônego Dias! *Devasso!* Que lançou veneno nas relações de sua mamã com o cônego! E que a acusou à
510 menina, em bom português, de se deixar seduzir! Diga, quer casar com esse homem?

Ela não respondeu, com os olhos cravados no lume, duas lágrimas mudas sobre as faces.

Amaro deu passos irritados pela cozinha; e voltando ao pé dela, com
515 a voz abrandada, gestos muito amigos:

— Mas suponhamos que não era ele o autor do *Comunicado*, que não tinha insultado em letra redonda a sua mamã, o senhor cônego, os seus amigos: resta ainda a sua impiedade! Veja que destino o seu se casasse com ele! Ou teria de condescender com as opiniões do homem, abandonar as suas devoções, romper com os amigos de sua mãe, não pôr os pés na igreja, dar escândalo a toda a gente honesta, ou teria de se pôr em oposição com ele, e a sua casa seria um inferno! Por tudo uma questão! Por jejuar à sexta-feira, por ir à exposição do Santíssimo, por cumprir o domingo... Se se quisesse confessar, que desavenças! Um horror!
520 E sujeitar-se a ouvi-lo escarnecer os mistérios da fé! Ainda me lembro, na primeira noite que aqui passei, com que desacato ele falou da santa da Arregaça!... E ainda me lembro uma noite que o padre Natário aqui falava dos sofrimentos do nosso Santo Padre Pio IX, que seria preso, se os liberais entrassem em Roma... Como ele tinha risinhos de escárnio, como
530 disse que eram exagerações!... Como se não fosse perfeitamente certo que por vontade dos liberais veríamos o chefe da Igreja, o vigário de Cristo, dormir num calabouço em cima dumas poucas de palhas! São as opiniões dele, que ele apregoa por toda a parte! O padre Natário diz que ele e o Agostinho estavam no café ao pé do Terreiro a dizer que o baptismo era
535 um abuso, porque cada um devia escolher a religião que quisesse, e não

504: sim] sim,

522: ele.] ele

531: liberais] liberais,

534: Terreiro] Terreiro,

Amélia começava a fazer-se pálida; os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas. Amaro tinha-lhe tomado uma das mãos:

— E pensa que um homem assim pode ter bom coração, continuava ele, estimá-la, ser-lhe fiel? Sem religião não há carácter. O homem que não crê, que não pratica — é um animal. Nada lhe repugna, nem a calúnia, nem o roubo, nem a traição. Veja o que ele fez. Escrever aquele artigo! E depois repare, quase que a ia desacreditando a si. É capaz de tudo. E à hora da morte que remorsos! Quando visse chegado o último momento! Sabe que esses ímpios nem a extrema-unção recebem? Que destino, morrer sem sacramentos, sem confissão, sem consolação, como um cão...

— Não! Não! gritou ela, toda nervosa, alucinada, agarrando-lhe fortemente no braço.

— E depois o Inferno, os tormentos, a agonia eterna...

— Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! dizia ela.

E começou a chorar baixo, com soluços e grandes lágrimas que lhe corriam entre os dedos.

Amaro tinha-se chegado para ela, quase lhe tocava os vestidos.

— Não chore, minha filha. Vê? É porque gosta dele que está a chorar. É porque gosta dele, não é verdade?

Ela fez uma negação com a cabeça, soluçando.

— Escute, olhe, fie-se em mim. Abra-se comigo! — E afastava-lhe as mãos do rosto, trémulo, todo ardente.

— Mas que hei-de eu fazer? Que hei-de eu fazer?

— Não case. Não há banhos publicados, não há nada. Diga-lhe que não quer casar, que sabe tudo, que o detesta. Eu a guiarei, eu a aconselharei. Sim? — E como ela não respondia: — Sim? repetia-lhe, com o olhar absorvente, apertando-lhe as mãos ambas.

546-60: coração, [...] a agonia eterna...

561-5: Deus! Pelo amor de Deus! [...] Diga-lhe

566-76: que o detesta. [...] tinha-lhe passado um braço

ser forçado, de pequeno, a ser cristão! Hem, que lhe parece? Como seu amigo lho digo... Para bem de sua alma antes a queria ver morta do que ligada a esse homem! Case com ele, e perde para sempre a graça de Deus!

540 Amélia levou as mãos às fontes, e deixando-se cair para as costas da cadeira, murmurou, muito desgraçada:

— Oh, meu Deus, meu Deus!

Amaro então sentou-se ao pé dela, tocando-lhe quase o vestido com o joelho, pondo na voz uma bondade paternal:

545 — E depois, minha filha, pensa que um homem assim pode ter bom coração, apreciar a sua virtude, querer-lhe como um marido cristão? Quem não tem religião não tem moral. Quem não crê não ama, diz um dos nossos santos padres. Depois de lhe passar o fogacho da paixão, começaria a ser duro consigo, mal-humorado, voltaria a frequentar o Agostinho e as mulheres da vida, e maltratá-la-ia talvez... E que susto constante para si! Quem não respeita a religião não tem escrúpulos: mente, rouba, calunia... Veja o *Comunicado*. Vir aqui apertar a mão ao senhor cônego, e ir para o jornal chamar-lhe devasso! Que remorsos não sentiria a menina, mais tarde, à hora da morte! É muito bom enquanto se tem saúde e se é nova; mas quando chegasse a sua última hora, quando se achasse, como aquela pobre criatura que está ali, nos últimos arrancos, que terror não sentiria de ter de aparecer diante de Jesus Cristo, depois de ter vivido em pecado ao lado desse homem! Quem sabe se ele não recusaria que lhe dessem a extrema-unção! Morrer sem sacramentos, morrer como um animal!...

560 — Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus, senhor pároco! exclamou Amélia rompendo num choro nervoso.

565 — Não chore, disse ele tomando-lhe suavemente a mão entre as suas, muito trémulas. Escute, abra-se comigo... Vá, esteja sossegada, tudo se remedeia. Não há banhos publicados... Diga-lhe que não quer casar, que sabe tudo, que o odeia...

Esfregava, apertava devagarinho a mão de Amélia. E subitamente, com voz dum ardor brusco:

— Não se importa com ele, não é verdade?

570 Ela respondeu muito baixo, com a cabeça caída sobre o peito:

— Não.

537: morta] morta.

542: — Oh.] — Oh

Amélia estava como num fundo de um sonho. Sentia a voz de Amaro, o calor das suas mãos, a força da sua presença, sem compreender bem e vendo que ia a desfalecer. A braseira esmorecia.

Amaro então tinha-lhe passado um braço sobre o ombro, atraía-lhe docemente a cabeça e a sua voz trémula murmurava:

— Estarei sempre ao pé de si. Oiça. Serei tão seu amigo! Deixe-se estar! Magoo-a? É como se fosse seu irmão... Está a tremer. — E mais baixo, junto ao rosto dela, com uma voz que a beijava: — Sou tão seu amigo! Quero ser o seu guia, o seu confessor. Deixe-se estar! Faça-lhe mal? Oiça: perde um marido, mas ganha um irmão. Não imagina. Desde o princípio tenho tido por si uma amizade... Mais que isso. Desejava estar assim toda a vida, ficar aqui, ao pé de si, como agora.

E ia atraindo-a devagar, tonto de paixão e de desejo.

— Olhe para mim, continuou ele, diga-me: é minha amiga?...

Ela não respondeu, deixou-lhe cair a cabeça sobre o peito, abandonada, os olhos húmidos e quase em branco, os lábios entreabertos, pálida, vencida, a garganta túmida de suspiros.

Mas então de repente a voz da *Ruça* dentro gritou:

— Senhora! Senhora!

Amaro ergueu-se, correu à porta que dava para o quarto da idiota. Estava fechada. Foi de volta, pelo quarto da S. Joaneira, e Amélia, atrás, tremendo, dizia:

— Deus da minha alma! Deus da minha alma!

Entraram no quarto. A idiota dava arrancos soturnos, arqueava-se; o lenço tinha-se-lhe desmanchado, os cabelos estavam todos espalhados em redor; na boca torcida um líquido espumava. Os seus dois braços, estendidos em cruz, pendiam como já mortos e os seus dedos agitavam-se convulsamente. Por fim teve uma vibração e ficou imóvel, com a boca revirada, os olhos abertos, fixos, horríveis. Amaro cerrou-lhos e ajoelhou ao pé do leito.

— Então, aí tem! fez excitado. E diga-me, gosta doutro?

Ela não respondeu, com o peito a arfar fortemente, os olhos dilatados para o lume.

575 — Gosta? Diga, diga!

Passou-lhe o braço sobre o ombro, atraindo-a docemente. Ela tinha as mãos abandonadas no regaço; sem se mover voltou devagar para ele os olhos resplandecentes sob uma névoa de lágrimas, e entreabriu devagar os lábios, pálida, toda desfalecida. Ele estendeu os beijos a tremer —
580 e ficaram imóveis, colados num só beijo, muito longo, profundo, os dentes contra os dentes.

— Minha senhora! Minha senhora! gritou de repente, num terror, a voz da *Ruça*, dentro.

Amaro ergueu-se dum salto, correu ao quarto da entrevada. Amélia
585 estava tão trémula, que precisou encostar-se à porta da cozinha um momento, com as pernas vergadas, a mão sobre o coração. Recuperou-se, desceu a acordar a mãe.

Quando entraram no quarto da idiota, Amaro ajoelhado, com a face
590 quase sobre o leito, rezava: as duas senhoras rojaram-se no chão; uma respiração acelerada sacudia o peito, as ilhargas da velha: e à medida que o arquejo se tornava mais rouco, o pároco precipitava as suas orações. Subitamente o som agonizante cessou: ergueram-se: a velha estava imóvel, com os bugalhos dos olhos saídos e baços. Expirara.

O padre Amaro trouxe logo as senhoras para a sala; — e aí a
595 S. Joaneira, curada, pelo choque, da sua enxaqueca, desabafou, em acessos de choro, recordando o tempo em que a pobre mana era nova, e que bonita era! E que bom casamento estivera para fazer com o morgado da Vigareira!...

— E o génio mais dado, senhor pároco! Uma santa! E quando a
600 Amélia nasceu, e que eu estive tão mal, que não se tirou de ao pé de mim, noite e dia!... E alegre, não havia outra... Ai, Deus da minha alma, Deus da minha alma!

Amélia, encostada à vidraça na sombra da janela, olhava entorpecida a noite negra.

572: fez excitado.] fez ele excitado.

578: lágrimas.] lígrimas;

579: lábios.] líbios

580: imóveis.] imóveis

589: chão:] chão:

601: Ai.] Ai

A S. Joaneira tinha acudido, em saia branca, chorando, aos gritos. A *Ruça* estava de pé encostada à parede, com os olhos arregalados, imóvel de medo. E Amélia atirara-se de bruços sobre uma arca, com um choro aflito e nervoso.

Amaro começou a falar-lhes, a acalmá-las: tinha tomado as mãos da S. Joaneira e sossegava-a:

— Então! É resignarem-se! A pobre criatura deve estar no Céu, dizia ele gravemente. Acabaram-lhe os tormentos! É melhor irem para o seu quarto. Eu fico aqui. Vão. Então, não chorem! Vamos! Coragem!

E com outras palavras brandas foi-as levando para o quarto da S. Joaneira, em baixo.

Tornou a subir, esteve a olhar um momento o cadáver; depois tomou o lençol e cobriu-lhe o rosto lívido; esportou as velas e tirando do bolso da batina o *Breviário* abriu-o, sentou-se ao pé da cama e começou a ler baixo o ofício dos mortos. Ainda ouviu algum tempo em baixo as duas mulheres soluçarem; depois ficou tudo em silêncio. Só no pátio vizinho o cão uivava sem cessar!

605 Bateram então à campainha. Amaro desceu, com uma vela. Era João Eduardo, que ao ver o pároco àquela hora na casa, — ficou petrificado, junto da porta aberta; enfim balbuciou:

— Eu vinha saber se havia novidade...

— A pobre senhora expirou agora mesmo...

610 — Ah!

Os dois homens olharam-se um instante fixamente.

— Se eu sou preciso para alguma coisa... disse João Eduardo.

— Não, obrigado. As senhoras vão-se deitar.

615 João Eduardo fez-se pálido da cólera que lhe davam aqueles modos de dono da casa. Esteve ainda um momento, hesitando — mas vendo o pároco abrigar a luz, com a mão, contra o vento da rua:

— Bem, boa-noite, disse.

— Boa-noite.

620 O padre Amaro subiu: — e depois de deixar as duas senhoras no quarto da S. Joaneira (porque, cheias de terror, queriam dormir juntas), voltou ao quarto da morta, despertou a vela sobre a mesa, acomodou-se numa cadeira, e começou a ler o Breviário.

625 Mais tarde, quando toda a casa estava silenciosa, o pároco, sentindo o sono entorpecê-lo, veio à sala de jantar; recomfortou-se com um cálice de vinho do Porto que achara no aparador; e saboreava regaladamente o cigarro, quando ouviu na rua passos de botas fortes que iam, vinham, por baixo das janelas. Como a noite estava escura não pôde distinguir «o passeante». — Era João Eduardo que rondava a casa, furioso.

611: Os dois] Os dous

612: alguma coisa...] alguma cousa...

XIII

Logo ao outro dia, pela manhã cedo, Amaro foi a casa do cônego falar com a irmã. Encontrou-a na sala do jantar, arranjando, numa grande travessa azul, ladrilhos de marmelada: estava com um vestido de vareja¹ curto, já roto, arqueado em redor dos tornozelos, como um arco de pipa, por uma *crinoline*; os pés chatos e largos, numas grandes botinas de duraque velho, arrastavam-se devagar em redor da mesa; tinha na cabeça um lenço de seda preta, todo puxado para diante e trazia uns óculos azuis.

— Viva! disse ela, isso é que foi madrugar! Pois olhe, já cá tenho a primeira missinha. Fui ali à capela de Nossa Senhora do Rosário. Disse-a o padre Vicente. Fez-me hoje muita virtude.

Falaram então da morte da idiota: Amaro contou a agonia da velha, a aflição da S. Joaneira; e de repente, chegando-se mais para D. Josefa, sem transição:

¹ vareja: conforme o original; corruptela de barege.

1-9: Logo ao outro dia, [...] roto, arqueado

10-4: tornozelos, [...] Pois olhe, já

15: Fui ali à

15-6: Rosário.

16-24: Vicente. [...] sem transição: // — E

XII

Ao outro dia cedo, a sr.^a D. Josefa Dias que entrara, havia pouco, da missa, ficou muito surpreendida, ouvindo a criada que lavava as escadas dizer de baixo:

— Está aqui o senhor padre Amaro, sr.^a D. Josefa!

5 O pároco ultimamente raras vezes vinha a casa do cônego; e D. Josefa gritou logo lisonjeada e já curiosa:

— Que suba para aqui, não é de cerimónia! É como de família! Que suba!

Estava na sala de jantar, arranjando numa travessa ladrilhos de marmelada, com um vestido de barege preto esgaçado na ilharga e arqueado
10 em redor dos tornozelos por uma *crinoline* dum só arco; trazia nessa manhã óculos azuis; e foi logo ao patamar, arrastando os seus medonhos chinelos de ourelo, e preparando, por debaixo do lenço preto repuxado sobre a testa, um ar agradável para o senhor pároco.

— Ora ditosos olhos! exclamou. Eu entrei há bocadinho, e já cá
15 tenho a primeira missinha. Fui hoje à Capela de Nossa Senhora do Rosário... Disse-a o padre Vicente. Ai! E que virtude que me fez hoje, senhor pároco! Sente-se. Aí não, que lhe vem ar da porta... E então a pobre entrevada lá se foi... Conte lá, senhor pároco...

O pároco teve de descrever a agonia da entrevada, a dor da
20 S. Joaneira; como depois de morta a face da velha parecera remoçar; o que as senhoras tinham decidido a respeito da mortalha...

— Aqui para nós, D. Josefa, é um grande alívio para a S. Joaneira... — E de repente, puxando-se para a beira da cadeira, assentando

7: suba para] suba pra

9: ilharga] ilharga,

14: olhos!] olhos,

16: virtude] virtude,

22: — Aqui para] — Aqui pra

— E que me diz à do sr. João Eduardo?... Já sabe que foi ele quem escreveu o artigo?

A velha interrompeu, erguendo as mãos ao céu:

— Ai! Nem me fale nisso, sr. pároco, nem me fale nisso, que até tenho estado doente!

— Então já sabe?...

— E mais que sei, sr. pároco. O sr. padre Natário, devo-lhe esse favor, esteve aqui e contou-me tudo! Ai! Aquele maroto! Ai! Aquela alma perdida! Escrever semelhante desaforo!

— E ainda a senhora não sabe o melhor.

E então Amaro contou à sr.^a D. Josefa Dias a biografia moral de João Eduardo, segundo Natário — a sua impiedade, o seu desleixo pelos deveres católicos, o seu ódio ao clero, a irregularidade dos seus costumes...

— Que me está a dizer, sr. pároco! Que me está a dizer! exclamava a sr.^a D. Josefa assombrada.

— É isto que lhe digo, minha rica senhora.

— Pois sr. pároco, disse a sr.^a D. Josefa, a mim queria-me parecer isso mesmo. Eu nunca o disse! Nunca o disse! Que lá isso esta boquinha nunca se pôs em vidas alheias. Mas tinha cá um palpite. Ele ia à missa, falava sempre com muito respeito... Mas eu cá tinha uma desconfiança: aquilo era para enganar a S. Joaneira e a pequena. Agora bem se vê tudo pelo claro. Uma coisa assim! Eu foi criatura que nunca me caiu em graça, o tal sr. João Eduardo. Nunca, sr. pároco! — E depois de um momento, com os olhos luzidios, um sorriso desdentado, inclinando-se toda para Amaro, baixando a voz, com uma alegria feroz de velha celibatária irritada: — Mas então agora, sr. pároco, o casamento desmancha-se, hem?

— Pois aí é que está a dificuldade, minha rica senhora, disse Amaro. O casamento é impossível, isso está claro. Não se pode deixar uma pobre rapariga ir unir-se por toda a vida a um maroto, um pedreiro-livre, um hereje, um homem que não se confessa há quatro anos!

24-5: do sr. João Eduardo?... Já sabe que foi ele quem escreveu o artigo?

26: velha interrompeu, erguendo as mãos ao céu:

27: nisso, sr. pároco,

29: — Então já sabe?...

30: sei, sr. pároco. O sr.

31-40: Ai! Aquele maroto! [...] isso mesmo. Eu

41: disse! Nunca / isso

42: alheias. / cá um

42-3: missa, falava sempre com muito respeito... Mas

43: tinha uma desconfiança: aquilo

44: Agora bem se vê tudo pelo claro. Uma coisa assim! Eu

45-50: em graça, [...] pedreiro-livre, um hereje, um homem que

50-5: há quatro anos! [...] para isso mesmo que

as mãos nos joelhos: — E que me diz à do senhor João Eduardo? Já sabe? Foi ele que escreveu o artigo!

A velha exclamou, levando as mãos à cabeça:

— Ai! Nem me fale nisso, senhor pároco! Nem me fale nisso, que até tenho estado doente!

— Ah, já sabe?

— É mais que sei, senhor pároco! O senhor padre Natário, devolhe esse favor, esteve aqui ontem e contou-me tudo! Ai, que maroto! Ai, que alma perdida!

— E sabe que é o íntimo do Agostinho, que são bebedeiras na redacção até de madrugada, que vai para o bilhar do Terreiro achincalhar a religião...

— Ai, por quem é, senhor pároco, nem me diga, nem me diga! Que ontem, quando o senhor padre Natário esteve aí, até tive escrúpulos de ouvir tanto pecado... Que lhe devo esse favor, ao senhor padre Natário, logo que soube veio-me contar... É de muito delicado... E olhe, senhor pároco, a mim sempre me quis parecer isso mesmo do homem. Eu nunca o disse, nunca o disse! Que lá isso, esta boquinha nunca se pôs em vidas alheias... Mas tinha cá dentro um palpite. Ele ia à missa, cumpria o jejum; mas eu cá tinha a desconfiança que aquilo era para enganar a S. Joaneira e a pequena. Agora se vê! Eu foi criatura que nunca me caiu em graça! Nunca, senhor pároco! — E de repente, com os olhinhos luzidios duma alegria perversa: — E agora, já se sabe, o casamento desmancha-se?

O padre Amaro recostou-se na cadeira, e muito pausadamente:

— Ele, minha senhora, seria notório que uma rapariga de bons princípios fosse casar com um pedreiro-livre, que não se confessa há seis anos!

24: do senhor] do sr.

34: vai para] vai pra

36: nem me diga, nem me] nem mo diga, nem mo

37: escrúpulos de] escrúpulos em

— Credo! sr. pároco, nem diga isso!

— Não se confessa há quatro anos, digo-lhe isto!

— Mas é necessário falar à S. Joaneira, avisar a pequena! exclamou a sr.^a D. Josefa.

— Pois minha senhora, foi justamente para isso mesmo que eu a vim procurar. Eu ontem já falei com a rapariga. Disse-lhe tudo. Aconselhei-a, por bons modos, já se vê; expus-lhe que ia perder a sua alma, ter uma vida desgraçada... Enfim fiz o que pude, minha senhora, como amigo e como pároco. E disse-lhe claramente que rompesse com o João Eduardo.

— E ela, já se sabe, concordou?

— Pois aí é que está. Não disse que *sim*, nem que *não*. Pôs-se a fazer biquinho, a choramingar, a soluçar. Enfim a rapariga não sabe o que quer! Ela não gosta dele, isso é claro; mas quer casar, tem medo que a mãe morra, que se veja só... Enfim sabe o que são raparigas. Ora eu pensei que o melhor era a senhora falar-lhe. A senhora é uma amiga da casa, é madrinha, conheceu-a de pequena...

— Ai, isso fica por minha conta, sr. pároco, fica por minha conta.

— Oiça. A rapariga o que precisa é quem a dirija... Aqui para nós, precisa quem a confesse. Ela confessa-se ao padre Silvério, mas, sem querer dizer mal, o padre Silvério não vale nada. Muito boa pessoa, muita virtude, mas o que se chama *jeito* não tem nenhum. É um acanhado,

55-6: procurar. Eu

56-8: a rapariga. Disse-lhe tudo. Aconselhei-a,

58-9: modos, já se vê; expus-lhe

59: desgraçada... Enfim fiz

60-5: E disse-lhe claramente que rompesse com o João Eduardo. // — E ela, já se sabe, concordou? //

— Pois aí é que está. Não

65: *sim*,

65-7: choramingar, a soluçar. Enfim a rapariga não sabe o que quer! Ela não gosta dele, isso

68-70: raparigas. Ora eu

70: é uma

71-4: pequena... // — Ai, isso

74-6: conta, sr. pároco, fica por minha conta. // — Oiça. A

76: dirija...

77: confesse. / Silvério,

78-9: Silvério não vale nada. Muito boa pessoa, muita virtude,

79-83: tem nenhum. É um acanhado, qualquer coisa o assusta: o que

— Credo, senhor pároco! Antes vê-la morta! É necessário dizer tudo à rapariga...

O padre Amaro interrompeu, chegando rapidamente a cadeira para ao pé dela:

55 — Pois foi justamente para isso que eu a vim procurar, minha senhora. Eu ontem já falei com a pequena... Mas compreende, no meio daquele desgosto, com a pobre senhora a expirar ao lado, não pude insistir muito. Enfim disse-lhe o que havia, aconselhei-a por bons modos, expus-lhe que ia perder a sua alma, ter uma vida desgraçada, etc. Fiz o
60 que pude, minha senhora, como amigo e como pároco. E como era o meu dever (ainda que me custou, realmente custou-me), lembrei-lhe que, como cristã e como senhora, tinha obrigação de romper com o escrevente.

— E ela?

O padre Amaro fez uma visagem descontente:

65 — Não disse que *sim* nem que *não*. Pôs-se a fazer biquinho, a choramingar. É verdade que estava muito alterada com a morte em casa. Que a rapariga não morre por ele, isso é claro; mas quer casar, tem medo que a mãe morra, que se veja só... Enfim sabe o que são raparigas! Que as minhas palavras fizeram-lhe efeito, ficou muito indignada, etc... Mas
70 enfim, eu pensei que o melhor era a senhora falar-lhe. A senhora é a amiga da casa, é madrinha, conheceu-a de pequena... Estou certo que no seu testamento havia de lhe deixar uma boa lembrança... Tudo isto são considerações...

75 — Ai, fica por minha conta, senhor pároco! exclamou a velha; hei-de-lhas cantar!...

— A rapariga o que precisa é quem a dirija. Aqui para nós, precisa quem a confesse! Ela confessa-se ao padre Silvério; mas, sem querer dizer mal, o padre Silvério, coitado, pouco vale. Muito caridoso, muita virtude; mas o que se chama *jeito* não tem. Para ele a confissão é a *desobriga*.

53-4: para ao] para o

55: isso que] isso mesmo que

74: pároco!] pároco,

76: Aqui para] Aqui pra

79: *jeito*] *jeito*.

qualquer coisa o assusta: o que ela precisa é um confessor *teso*, que lhe diga — *para ali!* e sem réplica. A rapariga é uma alma fraca; precisa um homem que a dirija com uma vara de ferro.

— O sr. pároco é que a devia confessar.

Amaro fez-se vermelho e sorrindo, modestamente:

— Não digo que não. Havia de aconselhá-la bem; sou amigo da mãe, acho que ela é boa rapariga e digna da graça de Deus. Mas enfim eu não posso ir dizer-lhe — a menina agora há-de confessar-se a mim! Eu nisso sou muito escrupuloso...

— Mas digo-lho eu, sr. pároco, mas digo-lho eu...

— Ora isso é que era um grande favor; era um bem que fazia àquela alma. — E erguendo-se com gravidade: — Porque enfim, minha senhora, o que nós queremos é salvar aquela alma!

E então Amaro explicou à velha a maneira de convencer Amélia: que lhe falasse das penas do Inferno, que a aterrasse, que lhe citasse os exemplos desta e daquela que tinham tido destinos miseráveis e fins desastrosos por desobedecer à Igreja, ligarem-se a homens sem religião e não terem um confessor severo.

— Fique descansado, sr. pároco, fique descansado.

— Mas fale-lhe, fale-lhe *teso*, dizia o pároco, baixo, com grandes gestos; diga-lhe o pecado que é, represente-lhe a hora da morte...

— Deixe-a comigo, deixe-a comigo!

— Minha senhora, acredite no que lhe digo, é um serviço que faz à religião.

E ia a sair apressado, radioso.

— Então não quer provar da minha marmelada? disse a beata.

— Não! Não!

E já nos degraus da escada, voltou atrás para lembrar à velha que mandasse chamar Amélia para a desviar daqueles aspectos da morte e dos preparativos do enterro.

— E para lhe dar os bons conselhos, acrescentou.

— Vá descansado, sr. pároco. Vou mandar já um recado!

84-6: é uma alma fraca; precisa um homem que a dirija com

86-8: ferro. // — O sr.

88-9: que a devia confessar. // Amaro fez-se vermelho e sorrindo,

91-5: Deus. Mas

96: dizer-lhe — a menina agora há-de confessar-se a mim! Eu

98: eu, sr. pároco, mas digo-lho eu...

99: favor;

100-26: alma. — [...] — Então

80 Pergunta doutrina, depois faz o exame pelos mandamentos da lei de Deus... Veja a senhora!... Está claro que a rapariga não furta, nem mata, nem deseja a mulher do seu próximo! A confissão assim não lhe aproveita: o que ela precisa é um confessor *teso*, que lhe diga — *para ali!* e sem réplica. A rapariga é um espírito fraco; como a maior parte das
85 mulheres não se sabe dirigir por si; necessita por isso um confessor que a governe com uma vara de ferro, a quem ela obedeça, a quem conte tudo, de quem tenha medo... É como deve ser um confessor.

— O senhor pároco é que lhe servia...

Amaro sorriu modestamente:

90 — Não digo que não. Havia de aconselhá-la bem; sou amigo da mãe, acho que ela é boa rapariga e digna da graça de Deus. Que eu, sempre que converso com ela, todos os conselhos que posso, em tudo, dou-lhos... Mas a senhora compreende, há coisas em que se não pode estar a falar na sala, com gente à volta... Só se está à vontade no confessionário. E é
95 o que me falta, são as ocasiões de lhe falar só. Mas enfim eu não posso ir dizer-lhe: «A menina agora há-de-se confessar comigo!» Eu nisso sou muito escrupuloso...

— Mas digo-lho eu, senhor pároco! Ah, digo-lho eu!...

100 — Ora isso é que era um grande favor! Era um bem que fazia àquela alma! Porque se a rapariga me entrega a direcção da sua alma, então podemos dizer que lhe acabaram as dificuldades, e temo-la no caminho da graça... E quando lhe vai falar, D. Josefa?

D. Josefa, «como julgava pecado adiar», estava decidida a falar-lhe essa mesma noite.

83: diga — *para*] diga — *pra*

93: há coisas] há cousas

127-210: marmelada? [...] E saiu furioso.

105 — Não me parece, D. Josefa. Hoje é noite de pêsames... O escrevente naturalmente está lá...

— Credo, senhor pároco! Pois eu e as outras pequenas havemos de passar a noite debaixo das mesmas telhas com o herege?

110 — Tem de ser. Enfim o rapaz por ora é considerado da família... Além disso, D. Josefa, a senhora, a D. Maria e as Gansosinhos são pessoas da maior virtude... Mas nós não devemos ter orgulho da nossa virtude. Arriscamo-nos a perder-lhe todos os frutos. E é um acto de humildade, que agrada muito a Deus, o misturar-nos às vezes com os maus; é como quando um grande fidalgo tem de estar lado a lado com um trabalhador de enxada... É como se disséssemos: «Eu sou-te superior em
115 virtude, mas comparado com o que devia ser para entrar na glória, quem sabe se não sou tão pecador como tu!...» E esta humilhação da alma é a melhor oferta que podemos fazer a Jesus.

D. Josefa escutava-o, babosa; e numa admiração:

120 — Ai, senhor pároco, que até dá virtude ouvi-lo!

Amaro curvou-se:

125 — Deus às vezes, na Sua bondade, inspira-me justas palavras... Pois minha senhora, eu não quero maçar mais. Ficamos entendidos. A senhora fala à pequena amanhã; e se, como é de crer, ela consentir em escutar os meus conselhos, traz-ma à Sé no sábado, às oito horas. E fale-lhe teso, D. Josefa!

— Deixe-a comigo, senhor pároco!... Então não quer provar da minha marmelada?

122: Pois] Pois,

124: e] e,

— Provarei, disse Amaro tomando um ladrilho em que cravou os dentes com dignidade.

130 — É dos marmelos da D. Maria. Saiu-me melhor que a das Gansosinhos...

— Pois adeus, D. Josefa... Ah, é verdade, que diz o nosso cônego deste caso do escrevente?

— O mano?...

135 Neste momento a campainha em baixo repicou com furor.

— Há-de ser ele, disse logo D. Josefa. E vem zangado!

Vinha, com efeito, da fazenda — furioso com o caseiro, o regedor, o Governo e a perversidade dos homens. Tinham-lhe roubado uma porção de cebolinho; e, abafado de cólera, aliviava-se repetindo com gozo o nome do Inimigo.

140 — Credo mano, que até lhe fica mal! — exclamou D. Josefa tomada de escrúpulos.

— Ora mana, deixemos essas pieguices para a Quaresma! Digo *cos diabos!* e repito *cos diabos!* Mas eu lá disse ao caseiro, que se sentir gente na fazenda, carregue a espingarda e faça fogo!

145 — Há uma falta de respeito pela propriedade... disse Amaro.

— Há uma falta de respeito por tudo! exclamou o cônego. Um cebolinho que dava saúde só olhar para ele! Pois senhores, lá vai! Isto é o que eu chamo um sacrilégio!... Um desaforado sacrilégio! — acrescentou convictamente; porque o roubo do seu cebolinho, o cebolinho dum cônego, parecia-lhe um acto tão negro de impiedade como se tivessem sido furtados os vasos santos da Sé.

— Falta de temor a Deus, falta de religião, observou D. Josefa.

155 — Qual falta de religião! replicou o cônego exasperado. Falta de cabos de polícia, é o que é! — E voltando-se para Amaro: — Hoje é o enterro da velha, hem? Inda mais essa! Vá, mana, mande-me lá dentro uma volta lavada e os sapatos de fivela!

O padre Amaro então, retomado pela sua preocupação:

— Estávamos cá a falar do caso do João Eduardo: o *Comunicado!*

160 — Isso é outra maroteira que tal! fez logo o cônego. Vejam essa, também! Que quadrilha vai pelo mundo, que quadrilha! — E ficou de

128: Amaro] Amaro,

141: D. Josefa] D. Josefa,

148: olhar para] olhar pra

149-50: acrescentou convictamente;] acrescentou com convicção;

151: impiedade] impiedade,

155: é!] é.

157: lavada] lavada,

160: tal!] tal,

165 braços cruzados, com os olhos arregalados, como contemplando uma legião de monstros, soltos pelo universo, e arremessando-se com impudência contra as reputações, os princípios da Igreja, a honra das famílias e o cebolinho do clero.

Ao sair, o padre Amaro renovou ainda as suas recomendações a D. Josefa, que o acompanhara ao patamar:

170 — Então hoje, noite de pêsames, não se faz nada. Amanhã fala à rapariga, e lá para o fim da semana leva-ma à Sé. Bem. E convença a rapariga, D. Josefa, trate de salvar aquela alma! Olhe que Deus tem os olhos em si. Fale-lhe teso, fale-lhe teso!... E o nosso cónego que se entenda com a S. Joaneira.

— Pode ir descansado, senhor pároco. Sou madrinha, e, quer ela queira quer não, hei-de pô-la no caminho da salvação...

175 — *Amen*, disse o padre Amaro.

Amélia veio, com efeito, era meio-dia na Sé, para casa de D. Josefa Dias. Vinha de luto e estava tão nervosa que ao desabotoar o casaco de pano preto as mãos tremiam-lhe, não podia acertar com os colchetes; uma vermelhidão irritava-lhe a pele da face, os olhos negros destacavam encovados no fundo batido das olheiras. A irmã do cônego veio abraçá-la, beijá-la com grandes lamentações sobre a *pobre alminha de Deus* (falava da idiota) e considerações sobre a morte.

— A mamã, coitada, sempre está com uma pena! disse Amélia. Sempre era irmã. Eu não preguei olho toda a noite. Um desgosto assim!

E como estava sobreexcitada pôs-se a conversar com grande melancolia, dizendo a tristeza do seu destino, a pouca fortuna que tinham, que a mãe também lhe podia faltar de um momento para o outro; e a cada instante suspirando levava aos olhos a ponta do seu avental de seda preta.

A irmã do cônego então principiou a falar-lhe do escrevente.

— Foi o sr. pároco que lhe disse? perguntou Amélia. — E depois de um silêncio, com um grande soluço: — Custa-me a acreditar tanta coisa!

Mas a sr.^a D. Josefa Dias encetou logo a história dos erros de João Eduardo, as suas irregularidades, as suas irreligiões; e num ímpeto piedoso, julgando servir o Céu, inventava.

— Mas que hei-de fazer? perguntava Amélia.

E contava a sua situação; porque enfim, depois de ter dito a João Eduardo que *sim*, de começar o enxoval, de estar nas vésperas de casar — não podia ir agora romper com ele, só porque ele tinha escrito um artigo num jornal!

— Cala-te, rapariga, cala-te, que estás a meter a tua alma no Inferno, gritou a velha. Pois casa-se lá com um homem que se não confessa há quatro anos, que é um herege, que desacredita os padres e que escreve nos periódicos contra a religião!

— Mas talvez ele depois mudasse! disse timidamente Amélia.

— Defende-o! Defende-o! Bem se vê que estás pelo beijo, minha rica.

E como se de repente à sua memória celibatária viessem ideias de felicidades que não tivera e de gozos de que fora privada, teve uma cólera e atirou-lhe as mais duras palavras:

— Aí está o que vocês são todas! Sem os homens não há coisa nenhuma! Nos homens é em que pensam! E a tua alma, criatura! E a salvação da tua alma! Isso sim!

Amélia choramingava e dizia que *não* com a cabeça.

— Qual! Tu és como as outras! Bem te importa a ti com Deus, com as chagas de Cristo e com as dores de Nossa Senhora! O que tu queres é um marido!

Amélia soluçava.

Nessa noite, com efeito, D. Josefa «não fez nada». Eram os pêsames na Rua da Misericórdia. Estavam em baixo, na saleta, alumiada lugubrememente por uma só vela com um *abat-jour* verde-escuro. A S. Joaneira e Amélia, de luto, ocupavam tristemente o canapé ao centro; e em redor, nas fileiras de cadeiras apoiadas à parede, as amigas, cobertas de negro pesado, conservavam-se funebremente imóveis, de faces contristadas, num torpor mudo: às vezes duas vozes ciciavam, ou dum canto, na sombra, saía um suspiro: depois o Libaninho, ou Artur Couceiro, ia em bicos de pés espezitar o morrão da vela: a sr.^a D. Maria da Assunção expectorava o seu catarro com um som choroso: e no silêncio ouviam tamancos bater o lajedo da rua, ou os quartos de hora no relógio da Misericórdia.

A intervalos a *Ruça*, toda de negro, entrava com o tabuleiro de doces e copos de chazada; levantava-se então o *abat-jour*; e as velhas, que já iam cerrando as pálpebras, sentindo a sala mais clara, levavam logo os lenços aos olhos, e, com *ais*, serviam-se de bolinhos da Encarnação.

— Ai! filha, — e a sua voz afectando de repente uma indiferença tinha quase tons joviais — olha que eu digo-te isto para teu bem! A mim bem se me dá! Casa! Casa!

Houve um silêncio.

— Mas se a mamã me falta! disse Amélia enxugando os olhos e com a face toda cheia de nódoas rosadas, os beiços trémulos.

— Olha, sabes o que eu te digo, é que quem mais sofre, mais agrada ao Senhor! Não te hão-de faltar maridos. E no último caso tinhas o recolhimento de Jesus! Não te havia de faltar o pão!

Amélia chorava mais então: a perspectiva do recolhimento aterrava-a; via-se já na fria cela de Jesus, nos estreitos corredores, enquanto a sineta toca melancolicamente e as figuras abatidas e desoladas caminham para o coro.

A sr.^a D. Josefa insistia; repetia os seus conselhos, ora com uma secura de beata irritada, ora com uma caridade trivial, chamando-lhe *filha, minha pequena...*

— Mas, dizia Amélia, depois de lhe ter dito que *sim*, hei-de ir agora...

— Olha, sabes que mais? Confessa-te.

— A quem?

— Ao sr. pároco, disse a velha baixo.

E começou então a dizer-lhe que se guiasse pelo pároco, que lhe contasse a sua situação, que lhe pedisse os bons conselhos, a santa direcção, que se abandonasse a ele. E fazia o elogio do pároco; a sua virtude, a sua ciência, as suas palavras persuasivas, e até a sua economia e os seus bons costumes.

— É um santo! Confessa-te a ele!

— Valha-me Deus! Valha-me Deus! dizia Amélia com um grande abatimento.

A velha então erguendo-se de pé diante dela, com um ar frio:

— Ai, se te custa muito é outro caso. Deixa. Casa, casa com o homem! Eu digo-te isto para te levar no bom caminho, assim Nosso Senhor me alumie e me tenha na sua guarda. Mas bem, se não podes... O sr. pároco tinha-me falado nisto. Eu lhe direi que tu queres a todo o custo... Que estás apaixonada pelo homem.

— Mas não estou, exclamou Amélia, não lhe diga isso! Jesus! Que hei-de eu fazer!

E nervosa, irritada, começou a falar de si, a contar à velha as suas torturas secretas, que andava como louca, que não dormia, que tinha sonhos maus, que não lhe saíam certas ideias da cabeça.

Então a beata olhou-a muito e disse-lhe baixo num tom lúgubre:

— Castiga esse corpo, filha! Castiga esse corpo!

Amélia não respondeu.

João Eduardo lá estava, a um canto, ignorado, ao pé da Gansoso surda que dormia com a boca aberta: toda a noite o seu olhar procurara debalde o olhar de Amélia, que não se movia, com o rosto sobre o peito, as mãos no regaço, torcendo e destorcendo o seu lenço de cambraieta.

195 O padre Amaro e o cônego Dias vieram às nove horas: o pároco com passos graves foi dizer à S. Joaneira:

— Minha senhora, o golpe é grande. Mas consolemo-nos, pensando que sua excelentíssima mana está a esta hora gozando a companhia de Jesus Cristo.

200 Houve em redor uma murmuração de soluços; e como não restavam cadeiras, os dois eclesiásticos sentaram-se aos dois cantos do canapé, tendo no meio a S. Joaneira e Amélia em lágrimas. Eram assim reconhecidos pessoas de família; a sr.^a D. Maria da Assunção notou baixinho a D. Joaquina Gansoso:

205 — Ai, até dá gosto vê-los assim todos quatro!

195: O padre Amaro e o cônego] O senhor padre Amaro, o senhor cônego
201: os dois] os dois / aos dois] aos dois

— Bem sei! Bem sei! dizia-lhe a beata. Tive isso em nova. Às vezes parece que a gente tem brasas cá por dentro. É preciso a gente penitenciar-se e dizer: *Pelas chagas do Senhor que padeceu por mim, padeço eu por ele!*... Confessa-te, rapariga. — E baixo ensinava-lhe certas rezas, falava-lhe de disciplinas, aconselhava que rezasse o terço com os joelhos nus em cima de uma pedra, que trouxesse um cilício na cinta. — E a cada momento repetia novas injúrias contra os homens!

Mas então sentiram na igreja, que era perto, o dobre de finados: era pela morte da idiota. Amélia começou a chorar baixo e a velha, sentada à janela, fazia meia em silêncio, depressa, com os óculos na ponta do nariz, enquanto o sino deixava cair as badaladas espaçadas e lamentosas como tristes lágrimas que rolam no ar.

Mas abriu-se a porta e o cónego entrou numa grande excitação. Vinha da fazenda. Tinham-lhe roubado uma porção de cebolinho e clamava contra o regedor, contra o Governo, dizia pragas medonhas:

— Então! Então mano! gritou D. Josefa escandalizada.

— Ora, mana, deixemos essas pieguices para a igreja. Digo *com seiscentos mil diabos!* e repito *com seiscentos mil diabos!*...

O sino continuava.

— Inda mais esta! Tenho de ir ao enterro da velha! Mande-me lá dentro uma volta lavada e os sapatos de fivela.

E saiu furioso.

Ao outro dia muito cedo a irmã do cónego foi levar Amélia à Sé para se confessar. Ela tinha cedido, enfim, mas não tinha querido ir só. O padre Amaro estava prevenido e desde as sete horas esperava na sacristia. O dia enublado estava pesado de electricidade e a uma grande distância arrastava-se uma trovoada. Havia chuvereiros. A igreja estava deserta.

A sr.^a D. Josefa Dias foi bater à porta da sacristia com aspecto discreto, fazendo genuflexões, persignando-se.

— Então? disse o padre Amaro.

Estava muito pálido e com a barba escrupulosamente feita.

— Ficou a rezar ao pé do altar de Nossa Senhora, disse a velha baixinho. Não imagina, sr. pároco! Está de todo! Ora quer casar com o escrevente, ora não quer; não lhe quer dizer que não! Depois diz que o detesta! Tem coisa má! Bem pode sossegar aquela alminha, sr. pároco.

E até às dez horas a noite de pêsames continuou soturna e sonolenta, perturbada apenas pela tosse constante de João Eduardo que estava constipado, e que — na opinião da sr.^a D. Josefa Dias que o disse a todos, depois — «tossia só para fazer troça e para achincalhar o respeito aos mortos».

Daf a dois dias, às oito horas da manhã, a sr.^a D. Josefa Dias e Amélia entraram na Sé — depois de terem falado no terraço à Amparo, mulher do boticário, que tinha uma criança com sarampo, e, apesar de não ser coisa de cuidado, «viera à cautela fazer uma promessa».

O dia estava enevoadado, a igreja tinha uma luz parda. Amélia, pálida sob a sua mantilha de renda, parou defronte do altar de Nossa Senhora das Dores, deixou-se cair de joelhos, e ficou imóvel, com o rosto sobre o livro de missa. A sr.^a D. Josefa Dias, com passos fofos, depois de se ter prostrado diante da capela do Santíssimo e do altar-mor, foi empurrar devagarinho a porta da sacristia: o padre Amaro lá passeava, com os ombros vergados, as mãos atrás das costas.

— Então? perguntou logo, erguendo para D. Josefa a sua face muito barbeada, onde os olhos reluziam inquietos.

— Está ali, disse a velha baixinho, numa expressão de triunfo. Fui eu mesmo buscá-la! Ai, falei-lhe teso, senhor pároco, não lhas poupei! Agora é consigo!

206: horas] horas,

206-7: sonolenta,] sonolenta —

208: que —] que (

209: depois — «tossia só para fazer troça e para] depois) «tossia, só pra fazer troça, e pra

211: a dois] a dois

214: ser coisa] ser cousa

Saíram ambos da sacristia. Amélia toda vestida de preto, com uma mantilha de renda na cabeça, as mãos postas, rezava, curvada numa grande prostração, diante do altar de Nossa Senhora. Uma luz parda entristecia a igreja.

— Pst! disse a velha.

Amélia voltou a cabeça, ergueu-se e veio, toda corada, ter com o pároco.

— Aqui lha deixo, sr. pároco. Eu vou fazer aqui uma visita à Amparo da Botica e à volta, quando vier rezar ao Santíssimo, venho-a buscar. — Ora vai! Deus te alumie essa alma, filha!

E saiu, ajoelhando diante de cada altar.

O padre Amaro, calado, dirigiu-se para o confessionário. Amélia, atrás, com a cabeça baixa, foi-o seguindo devagar.

O confessionário era na ala lateral à direita, quase escondido num vão da parede, largo, de pau preto; ao pé, na capela, havia um altar elevado com velhas decorações de pau doirado. Os castiçais tinham as velas meias gastas, todas grossas de cera derretida e suja. Ramos artificiais engelhavam-se em vasos azuis. Por cima uma janela com cortina verde corrida dava uma luz fúnebre. E exposta à adoração e ao sacrifício das almas, uma Nossa Senhora de rosto envernizado, com o seu manto azul de pregas tristes, abria os braços mostrando o seio crivado de espadas: as moscas tinham sujado a sua túnica branca e o verniz das mãos estalara. Em toda a capela havia um cheiro de feno seco.

O padre Amaro tinha-se sentado no confessionário e fora, encostada ao ralo, Amélia rezava a confissão. O padre Amaro sentia o murmúrio triste da sua voz. Estava trémulo e como na entrada de um destino desejado e temido.

Quando ela acabou o *confiteor* houve um grande silêncio. Amaro hesitava e ela de vez em quando dava um suspiro. Amaro não a podia ver; e então abrindo resolutamente a porta do confessionário, com a voz baixa e mal segura:

— É melhor vir para aqui, disse ele.

Amélia veio ajoelhar, toda corada, aos pés do padre; o seu vestido quase tocava a capa de Amaro.

— Aqui está melhor, disse ele. Não é uma confissão, são conselhos que lhe quero dar. É para contar o que tem, o que sente...

E falando reparava no seu cabelo preto, um pouco anelado, forte, contornando harmoniosamente a firme brancura da testa, sob os recortes franjados da mantilha negra.

— Obrigado, obrigado, D. Josefa! disse o padre, apertando-lhe as mãos ambas com força. Deus há-de-lho levar em conta.

230 Olhou em redor, nervoso; apalpou-se para sentir o lenço, a carteira dos papéis; e, cerrando devagarinho a porta da sacristia, desceu à igreja. Amélia ainda estava ajoelhada, fazendo um vulto negro imóvel contra o pilar branco.

— Pst, fez-lhe D. Josefa.

235 Ela ergueu-se devagar, muito escarlate, compondo tremulamente com as mãos as pregas da mantilha em roda do pescoço.

— Aqui lha deixo, senhor pároco, disse a velha. Vou à Amparo da Botica, e venho depois por ela... Ora vai, filha, vai, Deus te alumie essa alma!

E saiu, com medidas a todos os altares.

240 O Carlos da Botica — que era inquilino do cônego e um pouco ronceiro na renda — desbarretou-se com espalhafato apenas D. Josefa apareceu à porta, e conduziu-a logo acima, à sala de cortinas de cassa, onde a Amparo costurava à janela.

240: cônego] cônego.

— Diga-me então. Tem estado muito triste?

Ela disse que sim com um gesto de cabeça.

— E pensou no que eu lhe disse? Diga!

Amélia abaixou mais a cabeça, toda corada.

— Fale! disse Amaro todo curvado para ela. Tem receio, de quê? Sou seu amigo, é como se fosse seu irmão.

— Que lhe hei-de dizer? perguntou Amélia erguendo para ele os olhos meigos, suplicantes, rasos de lágrimas.

Amaro sentiu tomá-lo uma piedade infinita, uma adoração e quase tinha o desejo de ajoelhar diante dela, santamente. Amélia baixou os olhos e com voz sumida:

— Pergunte; eu lhe direi, disse ela.

Amaro estava embaraçado e passava com um gesto errante os dedos trémulos pela testa.

— Gosta muito desse homem? perguntou ele enfim.

Ela não respondeu.

— Vê! disse Amaro. — E tinha-lhe vindo uma certa impaciência, o desejo de a dominar, de arrancar João Eduardo de uma vez da ideia daquela mulher. — Vê! É que gosta dele! É que anda doida por ele! É que há alguma coisa!

— Não! Não! disse ela rapidamente com uma voz que implorava.

— Gosta! Gosta! Bem conheço! Pensa em tudo menos em romper com ele! É um feitiço! É um encanto! — E depois de um momento: — Que culpada que é!

Amaro queria dizer-lhe uma palavra profunda que a convencesse; mas não lhe acudia nada e com a voz lenta:

— E não se lembra do que Cristo padeceu por si?

— Mas que quer então? disse Amélia.

— Que quero? exclamou Amaro. — E ia a dizer: Que me ame! Mas reteve-se e continuou com voz grave: — Quero que salve a sua alma, que esqueça esse homem, que é para si o inimigo, o tentador, como se fosse o Demónio! Quero que se deixe guiar por mim... Sabe o que quero? Não sou eu que o quero. Eu não falo aqui pela minha boca. É Deus que lhe fala, é esta igreja, esses santos que vê, a Virgem que tanto sofreu, Cristo que agonizou por si! É toda a religião que lhe pede que seja boa, caridosa, temente ao Senhor, pontual nos seus deveres cristãos. Ora com esse homem não seria senão uma herege, uma mulher fora da Igreja, uma ovelha má!

A sua voz era ora untuosa, ora colérica. Amélia sentia-lhe a doçura penetrante e o domínio vitorioso. Começou a chorar.

— Por que chora?

— Não sei o que tenho. Tenho sofrido, disse ela. Nem eu sei explicar. Aconselhe-me, diga-me o que hei-de fazer? Eu obedeço-lhe; mas não me ralhe. Que hei-de eu fazer?

— Ai, não se prenda, sr. Carlos, dizia-lhe a velha. Não largue os
245 seus afazeres. Eu deixei a afilhada na Sé, e venho aqui descansar um bocadinho.

— Então, se me dá licença... E como vai o nosso cônego?

— Não tornou a ter a dor. Mas tem sofrido de tonturas.

— Começos da Primavera, disse o Carlos que retomara o seu ar
250 majestoso, de pé no meio da sala, com os dedos nas aberturas do colete. Também eu me tenho sentido perturbado... Nós, as pessoas sanguíneas, sofremos sempre disto que se pode chamar o renascimento da seiva... Há uma abundância de humores no sangue, que, não sendo eliminados pelos canais próprios, vão, por assim dizer, abrir caminho, aqui e além, pelo
255 corpo, sob a forma de furúnculo, espinha, nascida, às vezes em lugares bem incómodos, e, ainda que em si insignificantes, acompanhados sempre, por assim dizer, dum cortejo... Perdão, sinto o praticante a falar... Se me dá licença... Respeitos ao nosso cônego. Que use a magnésia de James!

— Esqueça-o, rompa com ele.

Amélia disse com voz sumida:

— Estou resolvida a fazê-lo.

Amaro teve um sobressalto de alegria; mas contendo-se:

— Oh! Minha querida filha! disse com voz piedosa. Creia que Deus está consigo! Pertence toda a Deus!

Tinha-o tomado uma perturbação extrema, faltavam-lhe as palavras; sentia os soluços de Amélia, baixos, brandos. Tomou-lhe a mão:

— Amélia, diga-me...

Mas não terminou. Ficou um momento com as mãos dela entre as suas e tomado de uma curiosidade repentina:

— E outra coisa: ele falava-lhe muito de amor?

— Pouco, disse ela com um grande rubor.

— E já esteve só com ele alguma vez?

Ela hesitou.

— Uma só! respondeu.

— E diga-me... Ele deu-lhe um beijo, por exemplo?

Ela não respondeu.

— Deu? insistiu Amaro.

— Para que me faz tanta pergunta?

— Percebo. — E depois de um silêncio: — Sabe uma coisa? — E a sua voz era seca, gutural: — Devia mandá-la sair daqui sem absolvição! — Mas retomando um tom grave: — E tem cartas dele?

— Duas.

— E que dizem?

— Que quer casar comigo, só; são coisas sem maldade; até diz *minha senhora*.

— É necessário mandar-lhas imediatamente. — E com uma pausa, mais baixo: — Pensava nele com paixão desejando o dia do casamento...

Ela não respondeu; tinha a cabeça baixa e ele via o seu corpete arfar agitado.

— Não. Mas para que me faz tantas perguntas? disse suplicante. E os seus olhos erguidos para o padre, pretos, destacando na palidez da pele, tinham uma imploração infinita.

Amaro teve uma comoção violenta.

— Bem! disse secamente. Faça o acto de contrição.

Ela começou: — Senhor Deus todo poderoso...

— Não! interrompeu ele. Escute. Ainda não! — E hesitando: — E diga-me, gosta doutro?

E calou-se.

— Gosta? Mas diga-mo! Diga-mo!

E a sua voz era suplicante, fazia desfalecer Amélia.

— Bem sabe que sim, respondeu ela deixando-se cair sentada, as mãos abandonadas no regaço, os olhos erguidos para ele.

260 D. Josefa então quis ver a menina com o sarampo. Mas não passou da porta do quarto, recomendando à pequena, que arregalava uns olhos de febre, muito abafada na roupa, «não se descuidasse das suas oraçõezinhas de manhã e à noite». Aconselhou à Amparo alguns remédios, que eram milagrosos no sarampo; mas se a promessa fora feita com fé, a menina
265 podia-se considerar curada... Ai, todos os dias dava graças a Deus de se não ter casado! Que filhos eram só para dar trabalho e canseiras; e com as quezílias que traziam e o tempo que tomavam, eram até causa duma mulher se descuidar das suas práticas e meter a alma no Inferno...

— Tem razão, D. Josefa, disse a Amparo, é um castigo... E eu com
270 cinco! Às vezes fazem-me tão doida, que me sento aqui na cadeirinha, e ponho-me a chorar só comigo...

Tinham voltado para junto da janela, e gozaram muito, espreitando o senhor administrador do concelho, que, por trás da vidraça da reparição, namorava de binóculo a do Teles alfaiate. — Ai, era um escândalo!
275 Que nunca houvera em Leiria autoridades assim! O secretário-geral era um desaforo com a Novais... Que se podia esperar de homens sem

261: pequena,] pequena

266: e com] e, com

270: tão doida,] tão doida,

Ele levantou-a um pouco pelo braço, atraiu-a brandamente para si, sem resistência.

— E eu! Se soubesse! Estou louco por si! Adoro-a! Não se assuste. É um amor puro, é uma adoração, nem eu sei! É como se fosse uma santa! Tenho às vezes vontade de lhe rezar! De dia, de noite, não penso senão em si! Ao dizer a missa tenho-a tão presente... Nem eu sei! É tu?

— Eu! — E sorria-se amargamente. — Bem sabe como eu ando!

Estiveram um instante calados. Amaro estava lívido, tinha os beijos trémulos. Tirou do bolso da batina uma pequena medalha que reluzia, com um cordão:

— Olhe. Tome esta medalha. Deite-a ao pescoço. É para se lembrar de mim. Beije-a, reze-lhe todas as noites. É como se estivesse ao pé de si!

Amélia deitou o cordão ao pescoço; as suas mãos tremiam como folhas que o vento agita.

Havia um silêncio absoluto, pesado; uma ligeira chuva fustigava em cima os vidros. Amaro começou a olhar Amélia. Ela então de repente tomou a medalha entre as mãos, beijou-a febrilmente e ia levantar-se, fugir...

— Não! Não! disse Amaro prendendo-lhe as mãos.

Ela caiu de novo de joelhos. Os seus olhos fitavam-se, absorviam-se. Amaro aproximou o rosto e estendendo os lábios a tremer beijou-lhe a boca longamente, longamente, profundamente, de um só beijo. Ela cerrara os olhos, quase desmaiada; mas erguendo-se de repente:

— Oh! Fazes-me doida! murmurou.

— Escuta! disse ele.

— Não! Não!

Mas então Amaro ergueu-se de repente aterrado. Tinha sentido ao fundo da igreja a muleta do sineiro, que era coxo.

— Vai-te! disse ele. Depressa!

— Adeus! murmurou ela.

E fitando-o um momento, pôs-lhe rapidamente as mãos sobre os ombros e deu-lhe outro beijo nos lábios; deixou cair sobre o rosto a mantilha, atravessou a nave rapidamente e saiu da igreja.

O dia aclarara e entre nuvens, como flocos de algodão, havia grandes espaços azuis, húmidos, lavados, que luziam alegremente.

Amaro ficou imóvel no confessionário; estava entorpecido de sensações; tinha uma fadiga como um homem que emerge da imobilidade de um sonho. Saiu da capela devagar, extremamente pálido, com as mãos nos bolsos da batina.

— Nosso Senhor nos dê muitos bons-dias, disse o sineiro, vindo para ele com os bruscos movimentos da sua muleta.

— Adeus! tio António.

religião, educados em Lisboa, que, segundo D. Josefa, estava predestinada a perecer como Gomorra pelo fogo do Céu? — A Amparo cosia com a cabeça baixa, envergonhada talvez diante daquela indignação piedosa, dos desejos culpados que a roíam de ver o Passeio Público e de ouvir os cantores em S. Carlos.

Mas bem depressa a sr.^a D. Josefa começou a falar do escrevente. A Amparo não sabia nada; e a velha teve a satisfação de contar prolixamente, «tintim por tintim», a história do *Comunicado*, o desgosto na Rua da Misericórdia, e a campanha de Natário para descobrir o *liberal*. Alargou-se principalmente sobre o carácter de João Eduardo, a sua impiedade, as suas orgias... E, considerando um dever de cristã aniquilar o ateu, deu mesmo a entender que alguns roubos, ultimamente cometidos em Leiria, eram «obra de João Eduardo».

A Amparo declarou-se «banzada». O casamento então, com a Ameliazinha...

278: Céu?] Céu!

290: casamento] casamento,

— Ó sr. pároco — e o sineiro hesitou, coçando a perna com o bonet de pala de verniz — morreu aí uma pobre de Cristo lá na minha rua. Coitada! E então o filho tinha assim a modo repugnância que ela fosse atirada à vala.

— E que quer que eu lhe faça? disse o pároco encolhendo os ombros.

— Sim: mas é que quando o sr. chantre quer pode conceder uma migalhita de terreno. Se Vossa Senhoria falasse ao sr. chantre: a gente não gosta lá muito da vala: como diz lá a cantiga:

A vida dá-nos tristeza
Prà morte nos dar a vala.

O padre Amaro sentiu a necessidade de ser bom:

— Pois está bem. Eu falarei ao sr. chantre.

— Beijo-lhe as mãos, sr. pároco. Seja pelo amor de Deus!

E saiu atrás do pároco batendo rijamente com a sua muleta e cantarolando pelo adro:

A vida dá-nos tristeza
Prà morte nos dar a vala...

O sineiro era um homem jovial e cheio de cantigas.

Mas ao entrar em casa, daí a pouco, Amaro teve uma contrariedade. A criada que havia dois dias se queixava e andava pelos cantos tremendo de febre, tinha repentinamente piorado nessa manhã. Estava com uma sezão terrível; a irmã dela, a tia Dionísia, tinha vindo à pressa e tinham chamado o doutor. O doutor declarou que era uma escarlatina e mandou-lhe dar entrada no hospital: deviam-na levar nessa mesma noite numa maca:

— E quem me há-de servir agora? perguntou Amaro todo contrariado.

— Se Vossa Senhoria quiser, disse a Dionísia, eu não sirvo para muito. Mas lá para o que é fazer a cozinha e os arranjos da casa, enquanto não arranjar coisa melhor, estou às ordens.

Amaro hesitava. A Dionísia tinha em Leiria uma popularidade equívoca. Nos últimos dez anos não houvera na cidade adultério, parto oculto, intriga amorosa em que ela não tivesse tido uma cumplicidade. Era sobretudo conhecida por fornecer aos velhos recatados e divertidos lavradeirinhas frescas ou criadas enfastiadas da vassoira. Mas como era serviçal, subtil, discreta e calada como uma esfinge, cheia de expediente, boa pessoa, risonha, pródiga de *excelências* e de cortesias — todos a desculpavam, sorrindo, e dizia-se geralmente: — No fundo é uma pobre

— Isso pertence à história, declarou com júbilo D. Josefa Dias. Vão pô-lo fora de casa! É por muito feliz se deve o homem dar em não ir parar ao banco dos réus... Que a mim o deve, e à prudência do mano e do senhor padre Amaro. Que havia motivos para o ferrar na cadeia!

— Mas a pequena gostava dele, ao que parece.

D. Josefa indignou-se. Credo, a Amélia era uma rapariga de juízo, de muita virtude! Apenas conheceu os desaforos, foi a primeira a dizer que não, e que não! Ai! Detestava-o... — E D. Josefa, baixando a voz em confidência, contou «que era positivo que ele vivia com uma desgraçada para os lados do quartel».

— Disse-mo o senhor padre Natário, afirmou. E aquilo é homem que da sua boca nunca sai senão a verdade pura... Foi muito delicado comigo, devo-lhe esse favor. Apenas soube, veio-mo logo dizer a casa, pedir-me conselhos... Enfim, muito atencioso.

305: muito atencioso.] muito atento.

de Cristo! — Amaro sabia isto e realmente, repugnava-lhe introduzir em casa, numa intimidade equívoca, aquela velha remexedora das ignomínias da cidade.

Ja recusar secamente quando lhe veio uma certa ideia:

— Quem sabe se eu precisarei dela?

E voltando-se para a Dionísia:

— Pois está dito, fique, Dionísia, enquanto não arranjo criada; venha por aí fazer o serviço. Mas é escusado dar à língua a este respeito, hem?

E foi assim que a Dionísia, que ostensivamente continuou a viver em sua casa que era ao pé, desde a manhã seguinte estabeleceu-se realmente na casa do padre Amaro.

Mas o Carlos apareceu de novo. Tinha a botica desembaraçada um momento (que não o tinham deixado respirar toda a manhã!) e vinha fazer companhia às senhoras.

— Então já sabe, sr. Carlos, exclamou logo D. Josefa, o caso do
310 *Comunicado* e do João Eduardo?

O farmacêutico arregalou os seus olhos redondos. Que relação havia entre um artigo tão indigno e esse mancebo que lhe parecia honesto?

— Honesto!?! ganiu a sr.^a D. Josefa Dias. Foi ele que o escreveu, sr. Carlos!

315 E vendo o Carlos morder o beijo de surpresa, D. Josefa, entusiasmada, repetiu a história da «maroteira».

— Que lhe parece, sr. Carlos, que lhe parece?

O farmacêutico deu a sua opinião, numa voz vagarosa, sobrecarregada da autoridade dum vasto entendimento:

312: [indigno] indigno,

313: — Honesto!?! — Honesto?

XIV

Amélia saiu da igreja, depois da confissão, como louca; entrou em casa, fechou-se no seu quarto, atirou a mantilha para cima da cama e foi-se ver ao espelho. Os seus olhos pareceram-lhe mais vivos e com uma outra expressão. Uma coisa suprema, imprevista, entrara na sua vida; e sentada aos pés da cama, encostada à barra de ferro, perdia-se num pensamento ilimitado. Amava o padre Amaro! Não sabia mais. E sentia-se absorver, afundar-se, desaparecer nos ardores daquele sentimento.

Via os seus olhos negros, amorosos, veementes; a sua estatura magra; a comprida batina preta. Recordava o timbre da sua voz, o contacto húmido dos seus beijos quentes! E parecia-lhe que ele era o seu universo, o seu destino, a sua alegria, o seu fim!

Queria penetrar profundamente na vida dele, escrever-lhe, vê-lo rezar, servi-lo; queria fugir com ele para bem longe, para um país desconhecido; ali ele não seria um padre, seriam amantes, seriam esposos; teriam uma casinha baixa, com um quintal e craveiros para regar; leriam ambos no mesmo livro de orações, passeariam pelas longas alamedas, ou sós, enlaçados, sentados no banco do seu quintal veriam luzir as estrelas; ela tomar-lhe-ia a cabeça e beijá-lo-ia sobre os lábios, sempre, infinitamente, sem cessar, até morrerem.

Esteve todo o dia com febre.

Durante o jantar, calada, diante da mãe, comia devagar, distraíndo-se, esburacando com a ponta dos dedos o miolo do pão; e a cada momento com a pontinha vermelha da língua humedecia os lábios.

De repente à sobremesa disse à mãe:

— Minha mãe, parece-me que é melhor dizer ao sr. João Eduardo que não volte aqui.

— Faze o que quiseres, disse a mãe.

Houve um silêncio.

— Parece que a mãe não está muito por isto.

320 — Nesse caso digo, e todas as pessoas de bem o dirão comigo, é
uma vergonha para Leiria. Eu já tinha observado, quando li o *Comuni-*
cado: a religião é a base da sociedade, e miná-la é, por assim dizer, querer
aluir o edificio... É uma desgraça que haja na cidade desses sectários do
325 o que existe; proclamam que os homens e as mulheres se devem unir
com a promiscuidade de cães e cadelas... (Desculpem exprimir-me assim,
mas a ciência é a ciência). Querem ter o direito de entrar em minha casa,
levar-me as pratas e o suor do meu rosto; não admitem que haja autori-
dades, e se os deixassem seriam capazes de cuspir na sagrada hóstia...

330 D. Josefa encolheu-se com um gritinho, muito arrepiada.

— E ousa esta seita falar em liberdade! Eu também sou liberal...
Que, francamente o digo, eu não sou fanático... Nem pelo facto dum
homem pertencer ao sacerdócio, o julgo um santo, não... Por exemplo,
sempre embirrei com o pároco Miguéis... Era uma jibóia! Desculpe-me a

— Eu não estou por isto nem por aquilo, filha. Faze o que quiseses. Cuidados de mais tenho eu...

Amélia exasperou-se com a tranquila indiferença da mãe.

— Mas, minha mãe, parece-me que isto lhe deve interessar...

E a sua voz tremia, quase chorava.

A S. Joaneira disse então com um tom piedoso:

— Oh! filha, mas que queres tu que eu te diga? Eu bem sei, o sr. cónego disse-me tudo. Foi o João Eduardo que escreveu o artigo; lá isso, portou-se como um mau homem. Tem-me feito uma impressão! Eu cá por mim penso que ele é um ingrato, uma criatura sem coração, um desencaminhado. Mas tu talvez penses outra coisa, filha. Eu o que não quero é ser chamada ou ouvida nesse negócio. Lá se ele é o que dizem, um perdido, um desbocado, um caloteiro, isso não sei. A mim sempre me pareceu um rapaz de bem e tenho esta ferrada, que é um moço muito honrado. Não se confessar... é mau, é uma desgraça; mas quem sabe? Talvez ele se emendasse. Lá o artigo do periódico, a falar a verdade, é uma velhacada; mas sempre direi, eu não o vi escrever. Tu também não. Depois, rapaziadas todos as fazem. Enfim faze o que quiseses.

Amélia encostada à janela não respondia nada.

A S. Joaneira desceu para o seu quarto, eram as horas de ir rezar a sua coroa. Amélia só na sala do jantar via a tarde descorar, encher-se de crepúsculo.

Daí a pouco o escrevente entrou.

Amélia sem falar acendeu uma vela, pô-la sobre a mesa, sentou-se, tomou a costura, sem o olhar, sem lhe estender a mão.

— Que é? disse-lhe o escrevente, que tem?

Amélia ficou calada.

— Fiz-lhe alguma coisa? Está zangada? Oiça. Olhe que não lho mereço!

— Que hei-de eu ter! disse-lhe ela encolhendo os ombros.

E depondo a costura abriu um livro de orações, o *Mês de Maria*.

O escrevente olhou-a um momento e tomado de uma cólera, dando desdenhosamente com a ponta dos dedos no livro devoto:

— São as rezas? É o beatério?

Ela ergueu-se com ímpeto:

— O que é, é que o senhor é um homem sem religião e anda por aí a desacreditar todo o mundo.

— Eu?! disse ele abrindo os braços.

— O senhor. Pois quem? Quem é que escreveu aquele desaforo no *Distrito*?

— Quem lho disse? gritou João Eduardo fazendo-se lívido.

— Todo o mundo o sabe, disse ela. O sr. padre Amaro é que o conhece bem.

335 senhora, mas era uma jibóia. Disse-lho na cara, porque a lei das rolhas
já lá vai... Derramámos o nosso sangue nas trincheiras do Porto, justa-
mente para não haver lei das rolhas... Disse-lho na cara: «V. S.^a é uma
jibóia!» Mas, enfim, quando um homem veste uma batina deve ser res-
peitado... E o *Comunicado*, repito, é uma vergonha para Leiria... E tam-
340 bém lhe digo, com esses ateus, esses republicanos, não deve haver consi-
deração!... Eu sou homem pacífico, aqui a Amparozinho conhece-me bem;
pois se eu tivesse de aviar uma receita para um republicano declarado,
não tinha dúvida, em lugar de lhe dar uma dessas composições benéficas
que são o orgulho da nossa ciência, de lhe mandar uma dose de ácido
345 prússico... Não, não direi que lhe mandasse ácido prússico... Mas se es-
tivesse no banco dos jurados havia de lhe fazer cair em cima todo o peso
da lei!

E balançou-se um momento sobre a ponta das chinelas, lançando
um grande gesto em redor, como se esperasse os aplausos dum conselho
350 de distrito ou duma municipalidade em sessão.

345: Mas] Mas,

346: jurados] jurados,

João Eduardo esteve um momento calado.

— Ah! É o sr. padre Amaro! disse enfim lentamente. — E procurando as palavras: — É por causa do sr. padre Amaro que...

Ela ergueu-se rapidamente e foi encostar-se à vidraça com as costas voltadas para ele.

A noite caíra.

João Eduardo esteve um momento olhando para ela e com uma voz grave:

— Oiça, menina Amélia...

Ela teve um movimento de ombros impaciente e sacudido.

— Oiça-me pelo amor de Deus, continuou ele com a voz toda trémula.

Amélia ia voltar-se e escutá-lo; mas de repente veio-lhe à ideia Amaro, a medalha, toda a confissão, — e a exaltação da paixão tornou-a cruel.

— Não tenho que ouvir, sr. João Eduardo. O que lhe peço é que não torne a voltar aqui. Está tudo acabado!

A voz embarçou-se-lhe e calou-se.

O escrevente esteve um momento imóvel, com o beiço a tremer, como para chorar; mas de repente voltou-se e desceu a escada rapidamente.

Amélia fez-se muito pálida; ia chamá-lo, quando sentiu a porta da rua bater com força. E sentando-se com a cabeça entre as mãos desatou a chorar.

João Eduardo foi caminhando pelas ruas ao acaso. Sentia-se de repente só, numa desgraça infinita como a negrura de um mar. Entrou em casa, queimando os dedos ao acender os fósforos, tropeçando nos degraus. Tinha acumulado uma grande cólera e como lhe tremesse a mão e não acertasse a desabotoar o colete, fez saltar os botões, amarrotou, mordeu o pano; e nervoso, miserável, cheio de lágrimas, deitou-se de bruços sobre o leito e esteve ali muito tempo num grande entorpecimento. Depois ergueu-se e começou a passear no quarto como um animal numa jaula.

Revolvía toda a sorte de planos. Lembrava-lhe ir acusar o pároco ao chantre:

— Ora! Tudo são padres, dizia.

Mas devia decerto haver uma lei! Um padre não podia aniquilar assim os casamentos, a paixão, a família. Porque tudo tinha acabado decerto. Nunca mais lhe falaria! Nunca mais a veria! E voltavam-lhe as lágrimas. Vinham-lhe então desejos de se vingar de tudo, dos padres, do Governo, dos homens ricos de Leiria, dos móveis que o cercavam. Queria escrever na *Voz do Distrito* toda aquela história infeliz; preparava mesmo frases; desejava uma revolução! Era madrugada quando adormeceu.

Mas na Sé bateram então devagar as onze; e D. Josefa embrulhou-se à pressa no seu mantelete para ir buscar a pequena, coitada, que havia de estar farta de esperar.

355 O Carlos acompanhou-a, desbarretando-se, e dizendo-lhe (como um mimo que remetia ao seu senhorio):

— Repita ao nosso cónego quais são as minhas opiniões... Que nessa questão do *Comunicado* e de ataques ao clero, estou de alma e coração com Suas Senhorias... Criado seu, minha senhora... O tempo vai-se a embrulhar.

360 Quando D. Josefa entrou na igreja, Amélia estava ainda no confessional. A velha tossiu alto, ajoelhou, e, com as mãos sobre a face, abismou-se numa devoção à Senhora do Rosário. A igreja ficou numa imobilidade e num silêncio. Depois D. Josefa, voltando-se para o confes-

358: senhora...] senhora.

No outro dia o tempo estava nublado e chuvoso; um sino tocava a finados. E a velha que lhe vinha trazer o almoço disse-lhe que tinha morrido o Bento Ferreira, o negociante. Sem saber porquê aquilo entristeceu-o:

— Pobre homem! dizia.

Lembrava-se bem dele, com o seu bonet de casimira de mescla, suíças brancas, carregando nos *rr* com uma voz fina. E o mundo aparecia-lhe com uma dissolução infinita em que tudo finda e acaba — a vida, as alegrias e os amores das mulheres.

Mas ao mesmo tempo com o dia viera-lhe uma esperança. A S. Joaneira estimava-o, tudo se arranjaría talvez: lembrava-se agora que deveria ter falado à S. Joaneira, ter-se explicado mais dignamente com Amélia; vinham-lhe mesmo à ideia frases convincentes e comoventes que lhe deveria ter dito! Ao lavar-se viu dentro da bacia um pequeno ramo de violetas que arranjaría na véspera e que era para Amélia. Pô-lo com cuidado num copo com água. Talvez naquela mesma tarde lho desse na alegria da reconciliação.

365 sionário, espreitou por entre os dedos; Amélia conservava-se imóvel, com a mantilha muito puxada para o rosto, a roda do vestido negro espalhada em redor; e D. Josefa recai na sua reza. Uma chuva fina fustigava agora os vidros duma janela ao lado. Enfim houve no confessionário um rangido da madeira, um frou-frou de vestidos nas lajes, — e D. Josefa, voltando-se, viu de pé diante dela Amélia com a face escarlate e o olhar
370 reluzindo muito.

— Está há muito tempo à espera, madrinha?

— Um bocadinho. Estás prontinha, hem?

Ergueu-se, persignou-se, e as duas senhoras saíram da Sé. Ainda caía uma chuva fina; mas o sr. Artur Couceiro, que passava no largo com
375 officios para o Governo Civil, foi levá-las à Rua da Misericórdia debaixo do seu guarda-chuva.

Bateram então à porta. Foi abrir. Era a *Ruça!* Que alvoroço! Trazia uma carta! Era a letra de Amélia! Tudo estava harmonizado talvez!

Ai! Dentro do sobrescrito vinham as duas cartas dele, as duas únicas cartas que lhe tinha escrito, mais nada! Ficou a olhar como idiota, dizendo à *Ruça* — Obrigado! Obrigado! — maquinalmente, até que ela fechou a porta. E com a carta na mão, no alto da escada, sentia-lhe ainda na calçada o ruído dos tamancos.

Então num desespero saiu quase correndo e foi a casa do dr. Godinho. Ia consultá-lo; se havia um meio de castigar o padre Amaro, de recuperar Amélia. E falava, queixava-se confusamente, de um fôlego. O dr. Godinho com o seu xale-manta pelos ombros, um barrete de veludo bordado, um grande *cache-nez*, escutava folheando uns autos; e ao lado um lavrador sentado, com o cajado entre os joelhos, limpava o chapéu com a manga da jaqueta, devagar, monotonamente.

O dr. Godinho teve um certo sorriso.

— Que quer você que se faça? Sabe o que eu fazia no seu caso? Quebrava-lhe a cabeça. Com padres só cajado!

Mas João Eduardo revoltava-se; não podia ficar assim sem reagir, sem tentar alguma coisa! Era uma infâmia!

O advogado acendia vagarosamente o seu cigarro.

— Para que diabo se foi você meter com beatas?

Mas o escrevente pôs-se a defender Amélia; a culpa, a intriga, a desgraça era o padre!

— É uma corja! disse o doutor resumindo.

E preparou-se para escrever o requerimento do homem do campo, voltando-se para ele, interrogando-o.

XIII

João Eduardo, à noitinha, ia sair de casa para a Rua da Misericórdia, levando debaixo do braço um rolo de amostras de papel de parede para Amélia escolher, quando à porta encontrou a *Ruça* que ia puxar a campainha.

5 — Que é, *Ruça*?

— As senhoras foram passar a noite fora de casa, e aqui está esta carta que manda a menina.

João Eduardo sentiu apertar-se-lhe o coração, e seguia com o olhar pasmado a *Ruça*, que descia a rua, batendo os tamancos. Foi ao pé do
10 candeeiro, defronte, abriu a carta:

«Sr. João Eduardo.

O que estava decidido a respeito do nosso casamento era na persuasão que era V. S.^a uma pessoa de bem e que me poderia fazer feliz; mas como se sabe tudo, e que foi o senhor que escreveu o artigo do *Distrito*,
15 e caluniou os amigos da casa e me insultou a mim, e como os seus costumes não me dão garantia de felicidade na vida de casada, deve desde hoje considerar tudo acabado entre nós, pois não há banhos publicados nem despesas feitas. E eu espero, bem como a mamã, que o senhor seja bastante delicado para não nos voltar a casa, nem perseguir-nos na rua.
20 O que tudo lhe comunico por ordem da mamã, e sou

criada de V. S.^a
Amélia Caminha.»

7: a menina.) a senhora.

João Eduardo saiu. Deu uma volta na Praça. Mas de repente quase deu um grito: tinha-lhe lembrado Agostinho, a redacção do *Distrito*, o artigo, toda a origem das suas desgraças. Foi logo à viela da Escusa, à redacção. Agostinho escrevia, com o almoço ao pé, e às vezes poisando a pena barrava de manteiga grandes fatias de pão.

João Eduardo entrou empurrando furiosamente a porta:

— És um canalha, tu! gritou ele a Agostinho.

E deixando-se cair no velho canapé de palhinha exalou a sua cólera, insultando Agostinho, chamando-lhe traidor, que tinha revelado o segredo do artigo, e atirava-lhe as palavras à cara como escarros.

Agostinho tinha-se feito muito amarelo. Levantou-se, deu duas voltas na sala e veio estacar diante de João Eduardo com as mãos nos bolsos.

— É verdade. Fui eu que disse ao padre Natário tudo, mostrei-lhe até o original escrito pela tua mão. É verdade. Mas se eu tivesse guardado o segredo estava a estas horas na enxovia de S. Francisco. O padre Natário tem um segredo meu, sabes tu? Para que ele o não revele tenho de lhe descobrir todos os que sei, compreendes agora? Tenho de lhe contar tudo, de espreitar às portas para lhe ir dizer o que vejo, de ser uma espécie de seu beleguim e de seu cão. Uma desgraça! meu amigo. Um inferno, um horror! Mas que queres tu, com os diabos, é necessário comer!

João Eduardo ficou a olhar estupidamente a parede defronte onde batia a claridade do candeeiro, imóvel como uma pedra, com o seu rolo de papéis pintados debaixo do braço. Maquinalmente voltou a casa. As
 25 mãos tremiam-lhe tanto, que mal podia acender o candeeiro. De pé, junto da mesa, releu a carta. Depois ficou ali, fatigando a vista contra a chama da torcida, com uma sensação arrefecedora de Imobilidade e de Silêncio, como se subitamente, sem choque, toda a vida universal tivesse emudecido e parado. Pensou onde teriam *elas* ido passar a noite. Lembranças de
 30 serões felizes na Rua da Misericórdia atravessaram-lhe devagar na memória: Amélia trabalhava, com a cabeça baixa, e entre o cabelo muito preto e o colar muito branco o seu pescoço tinha uma palidez que a luz amaciava... Então a ideia de que a perdera para sempre varou-lhe o coração com um frio de punhalada. Apertou as fontes entre as mãos,
 35 tonto. Que havia de fazer? Que havia de fazer? Resoluções bruscas relampejavam-lhe um momento no espírito, esvaíam-se. Queria escrever-lhe! Tirá-la por justiça! Ir para o Brasil! Saber quem descobrira que ele era o autor do artigo! — E como isto era o mais praticável àquela hora, correu à redacção da *Voz do Distrito*.

Agostinho, estirado no canapé, com a vela ao pé sobre uma cadeira, saboreava os jornais de Lisboa. A face descomposta de João Eduardo assustou-o.

— Que é?

45 — É que me perdeste, maroto!

E dum só fôlego acusou furiosamente o corcunda de o ter traído.

Agostinho erguera-se devagar, procurando imperturbável a bolsa do tabaco na algibeira da jaqueta.

50 — Homem, disse, nada de espalhafatos... Eu dou-te a minha palavra de honra que não disse a ninguém do *Comunicado*. É verdade que ninguém me perguntou...

— Mas quem foi, então? gritou o escrevente.

Agostinho enterrou a cabeça nos ombros.

55 — Eu o que sei é que os padres andavam numa azáfama para saber quem era. O Natário esteve aí uma manhã, por causa do anúncio de uma viúva que recorre à caridade pública, mas do *Comunicado* não se disse nem palavra... O doutor Godinho é que sabia, entende-te com ele! Mas então fizeram-te alguma?

25: Maquinalmente] Maquinalmente.

47: procurando imperturbável] procurando, sem perturbação.

João Eduardo saiu assombrado, sucumbido, sem esperança. Pensava em ir para o Brasil, mas faltava-lhe o dinheiro. Foi ao acaso até junto do rio; o chão estava molhado, um vento frio cortava. João Eduardo não o sentia e pela estrada de Lisboa chegou até aos Açudes. O rio engrossado pela chuva corria numa grande largura de água lisa, um pouco escura. Do outro lado, na margem coberta de ervas e de juncos, há velhos moinhos de água abandonados já, com as portadas das janelas fechadas, destelhados, e vêem-se ainda rodas carcomidas, quase podres, negras e todas musgosas: um monte alto, pelado, escuro e triste, ergue a sua corpulência por trás, tendo no alto a Igreja da Encarnação e as suas longas arcarias.

— Mataram-me! disse João Eduardo lugubrememente.

60 Ficou um momento a fixar o soalho, aniquilado, e saiu arremessando a porta. Passeou na Praça; foi ao acaso pelas ruas; depois, atraído pela obscuridade, à estrada de Marrazes. Abafava, sentindo uma intolerável palpação surda latejar-lhe interiormente contra as fontes; apesar de ventar forte nos campos, parecia-lhe seguir num silêncio universal; por vezes
65 a ideia da sua desgraça rasgava-lhe subitamente o coração, e então imaginava ver toda a paisagem oscilar e o chão da estrada afigurava-se-lhe mole como um lamaçal. Voltou pela Sé quando batiam onze horas; e achou-se na Rua da Misericórdia, com o olhar cravado para a janela da sala de jantar, onde havia ainda luz; a vidraça do quarto de Amélia alumiu-se
70 também; ela ia deitar-se, decerto... Veio-lhe um desejo furioso da sua beleza, do seu corpo, dos seus beijos. Fugiu para casa: uma fadiga intolerável prostrou-o sobre a cama; depois uma saudade indefinida, profunda, foi-o amolecendo, e chorou muito tempo, enternecendo-se mais com o som dos seus próprios soluços, — até que ficou adormecido, de bruços,
75 numa massa inerte.

Ao outro dia, cedo, Amélia vinha da Rua da Misericórdia para a Praça, quando ao pé do Arco João Eduardo lhe saiu de emboscada.

— Quero-lhe falar, menina Amélia.

Ela recuou assustada, disse a tremer:

80 — Não tem que me falar...

Mas ele plantara-se diante dela, muito decidido, com os olhos vermelhos como carvões:

— Quero-lhe dizer... Lá do artigo, é verdade, fui eu que o escrevi, foi uma desgraça; mas a menina tinha-me ralado de ciúmes... Mas o que
85 a menina diz de maus costumes é uma calúnia. Eu sempre fui um homem de bem...

— O senhor padre Amaro é que o conhece! Faz favor de me deixar passar...

Ao nome do pároco, João Eduardo fez-se lívido de raiva:

90 — Ah! É o senhor padre Amaro! É o maroto do padre! Pois veremos! Ouça...

68: sala de] sala do

71: casa:] casa;

74: soluços, —] soluços —

84: desgraça:] desgraça.

— Faz favor de me deixar passar! disse ela irritada, tão alto, que um sujeito gordo de xale-manta parou olhando.

95 João Eduardo recuou, tirando o chapéu; e ela, imediatamente, refugiou-se na loja do Fernandes.

Então, num desespero, correu a casa do doutor Godinho. Já na véspera, por entre os seus acessos de choro, sentindo-se tão abandonado, se lembrara do doutor Godinho. Fora outrora seu escrevente; e como por pedido dele entrara no cartório do Nunes Ferral, e por sua influência ia ser acomodado no Governo Civil, julgava-o uma Providência pródiga e inesgotável! Demais, desde que escrevera o *Comunicado* considerava-se da redacção da *Voz do Distrito*, do grupo da *Maia*; agora, que era atacado pelos padres, devia claramente ir acolher-se à forte protecção do seu chefe, do doutor Godinho, do inimigo da reacção, o «Cavour de Leiria», como dizia, arregalando os olhos, o bacharel Azevedo, autor dos *Ferrões*. — E João Eduardo, dirigindo-se ao casarão amarelo, ao pé do Terreiro onde o doutor vivia, ia num alvoroço de esperanças, contente em se refugiar, como um cão escorraçado, entre as pernas daquele colosso.

105 O doutor Godinho descera já ao escritório, e repoltreado na sua poltrona abacial de pregos amarelos, com os olhos no tecto de carvalho escuro, acabava com beatitude o charuto do almoço. Recebeu com majestade os «bons-dias» de João Eduardo.

— Então que temos, amigo?

115 As altas estantes de in-fólios graves, as resmas de autos, o aparatoso painel representando o marquês de Pombal, de pé num terraço sobre o Tejo, expulsando com o dedo a esquadra inglesa — acanharam como sempre João Eduardo; e foi com voz embaraçada que disse vinha ali para que Sua Excelência lhe desse remédio numa desgraça que lhe sucedia.

— Desordens, bordoadas?

120 — Não, senhor, negócios de família.

Contou então, prolixamente, a sua história desde a publicação do *Comunicado*: leu, muito comovido, a carta de Amélia; descreveu a cena ao pé do Arco... Ali estava agora, escorraçado da Rua da Misericórdia por obras do senhor pároco! E parecia-lhe a ele, apesar de não ser formado em Coimbra, que contra um padre que se introduzia numa família,

105: *Ferrões*.] *Ferrões!*

106: Terreiro] Terreiro.

107: [Em 1889: consente com; seguimos a lição de 1880]

108: colosso.] colosso!

desinquietava uma menina simples, a levava por intrigas a romper com o noivo e ficava de portas adentro senhor dela — devia haver leis!

— Eu não sei, senhor doutor, mas deve haver leis!

O doutor Godinho parecia contrariado.

130 — Leis!? exclamou traçando vivamente a perna. Que leis quer você que haja? Quer querelar do pároco?... Porquê? Ele bateu-lhe? Roubou-lhe o relógio? Insultou-o pela imprensa? Não. Então?...

— Oh, senhor doutor! Mas intrigou-me com as senhoras! Eu nunca fui homem de maus costumes, senhor doutor! Caluniou-me!

135 — Tem testemunhas?

— Não, senhor.

— Então?

E o doutor Godinho, assentando os cotovelos sobre a banca, declarou que como advogado não tinha nada a fazer. Os tribunais não tomavam conhecimento dessas questões, desses dramas morais por assim dizer, que se passavam nas alcovas domésticas... Como homem, como particular, como Alípio de Vasconcelos Godinho também não podia intervir porque não conhecia o senhor padre Amaro, nem essas senhoras da Rua da Misericórdia... Lamentava o facto, porque enfim fora novo, sentira a poesia da mocidade, e sabia (infelizmente sabia!) o que eram esses transes do coração... E aí está tudo o que ele podia fazer — lamentar! Também para que tinha ele dado a sua afeição a uma beata?...

João Eduardo interrompeu-o:

150 — A culpa não é dela, senhor doutor! A culpa é do padre que anda a desencaminhar! A culpa é dessa canalha do cabido!

O doutor Godinho estendeu com severidade a mão, e aconselhou o sr. João Eduardo que tivesse cuidado com semelhantes asserções! Nada provava que o senhor pároco possuisse nessa casa outra influência que não fosse a dum hábil director espiritual... E recomendava ao sr. João Eduardo, com a autoridade que lhe davam os anos e a sua posição no país, que não fosse espalhar, por despeito, acusações que só serviam para destruir o prestígio do sacerdócio, indispensável numa sociedade bem constituída! — Sem ele, tudo seria anarquia e orgia!

130: — Leis!? — Leis!

131: [querelar do: conforme 1889]

133: — Oh, senhor doutor! — Oh senhor doutor,

139: que como advogado) que, como advogado,

142: Godinho) Godinho,

153: influência) influencia,

E recostou-se, pensando, satisfeito, que estava nessa manhã com
160 «o dom da palavra».

Mas a face consternada do escrevente, que não se movia, de pé junto à banca, impacientava-o; e disse com secura, puxando para diante de si um volume de autos:

— Enfim, acabemos, que quer o amigo? Já vê, eu não lhe posso dar
165 remédio.

João Eduardo replicou, com um movimento de coragem desesperada:

— Eu imaginei que o senhor doutor podia fazer alguma coisa por mim... Porque enfim eu fui uma vítima... Tudo isto vem de se saber que eu escrevi o *Comunicado*. E tinha-se combinado que havia de ser segredo.
170 O Agostinho não o disse, só o senhor doutor o sabia...

O doutor pulou de indignação na sua cadeira abacial:

— Que quer o senhor insinuar? Quer-me dar a entender que fui eu que o disse? Não disse... Isto é, disse; disse-o a minha mulher, porque numa família bem constituída não deve haver segredos entre esposo e
175 esposa. Ela perguntou-me, disse-lho... Mas suponhamos que fui eu que o espalhei pelas ruas. De duas uma: ou o *Comunicado* era uma calúnia, e então sou eu que devo acusá-lo de ter poluído um jornal honrado com um acervo de difamações; ou era verdade, e então que homem é o senhor que se envergonha das verdades que solta, e que não se atreve a
180 manter à luz do dia as opiniões que redigiu na escuridão da noite?

Duas lágrimas enevoaram os olhos de João Eduardo. Então, diante daquela expressão esmorecida, satisfeito de o ter esmagado com uma argumentação tão lógica e tão poderosa, o doutor Godinho abrandou:

— Bem, não nos zanguemos, disse. Não se fala mais em pontos de honra... O que pode acreditar é que lamento o seu desgosto.
185

Deu-lhe conselhos de uma solicitude paternal. Que não sucumbisse; havia mais meninas em Leiria e meninas de bons princípios que não viviam sob a direcção da sotaina. Que fosse forte, e que se consolasse pensando que ele, doutor Godinho — e era ele! — também tivera em
190 moço desgostos do coração. Que evitasse o domínio das paixões que lhe seria prejudicial na carreira pública. E que se o não fizesse por seu interesse próprio, o fizesse ao menos em atenção a ele, doutor Godinho!

João Eduardo saiu do escritório, indignado, julgando-se «traído» pelo doutor.

167: alguma coisa] alguma cousa

168: Porque enfim] Porque, enfim.

171: abacial:] abacial.

193: «traído»] traído

195 — Isto sucede-me a mim, resmungava, porque sou um pobre diabo, não dou votos nas eleições, não vou às *soirées* do Novais, não subscrevo para o club. Ah, que mundo! Se eu tivesse um par de contos de réis!...

Veio-lhe então um desejo furioso de se vingar dos padres, dos ricos, e da religião que os justifica. Voltou muito decidido ao escritório, e entreabrindo a porta:

— Vossa Excelência ao menos agora dá licença que eu desabafe no jornal?... Queria contar esta maroteira, cascar nessa canalha...

Esta audácia do escrevente indignou o doutor. Endireitou-se com severidade na poltrona, e cruzando terrivelmente os braços:

205 — O sr. João Eduardo está realmente a abusar! Pois o senhor vem-me pedir que transforme um jornal de ideias num jornal de difamações!? Vá, não se prenda! Peça-me que insulte os princípios da religião, que achincalhe o Redentor, que repita as baboseiras de Renan, que ataque as leis fundamentais do Estado, que injurie o rei, que vitupere a instituição da família! O senhor está ébrio!

— Oh, senhor doutor!

— O senhor está ébrio! Cuidado, meu caro amigo, cuidado, olhe que vai por um declive! É por esse caminho que se chega a perder o respeito da autoridade, da lei, das coisas santas e do lar. É por esse caminho que se vai ao crime! Escusa de arregalar os olhos... Ao crime, digolho eu! Tenho a experiência de vinte anos de foro. Homem, detenha-se! Refreie essas paixões! Safa! Que idade tem o senhor?

— Vinte e seis anos.

— Pois não há desculpa para um homem de vinte e seis anos ter essas ideias subversivas. Adeus, feche a porta. E escute: escusa de pensar em mandar outro *Comunicado* para outro qualquer jornal. Não lho consinto, eu que o tenho protegido sempre! Havia de querer fazer espalhafato... Escusa de negar, estou-lho a ler nos olhos. Pois não lho consinto! É para seu bem, para lhe poupar uma má acção social!

225 Tomou uma grande atitude na poltrona, repetiu com força:

— Uma péssima acção social! Aonde nos querem os senhores levar com os seus materialismos, os seus ateísmos?! Quando tiverem dado cabo da religião de nossos pais, que têm os senhores para a substituir?! Que têm?! Mostre lá!

206: difamações!?) difamações?

211: — Oh.] — Oh

214: das coisas] das cousas

217: paixões!]) paixões.

227: ateísmos?!]) ateísmos?

228-9: substituir?! Que têm?!] substituir? Que têm?

230 A expressão embaraçada de João Eduardo (que não tinha ali, para a mostrar, uma religião que substituísse a de nossos pais) fez triunfar o doutor.

— Não têm nada! Têm lama, quando muito têm palavreado! Mas enquanto eu for vivo, pelo menos em Leiria, há-de ser respeitada a Fé e o princípio da Ordem! Podem pôr a Europa a fogo e sangue, em Leiria não hão-de erguer cabeça. Em Leiria estou eu alerta, e juro que lhes hei-de ser funesto!

240 João Eduardo recebia de ombros vergados estas ameaças, sem as compreender. Como podia o seu *Comunicado* e as intrigas da Rua da Misericórdia produzirem assim catástrofes sociais e revoluções religiosas! Tanta severidade aniquilava-o. Ia perder decerto a amizade do doutor, o emprego no Governo Civil... Quis abrandá-lo:

— Oh, senhor doutor, mas Vossa Excelência bem vê...

O doutor interrompeu-o com um grande gesto:

245 — Eu vejo perfeitamente. Vejo que as paixões, a vingança o vão levando por um caminho fatal... O que espero é que os meus conselhos o detenham. Bem, adeus. Feche a porta. Feche a porta, homem!

250 João Eduardo saiu acabrunhado. Que havia de fazer agora? O doutor Godinho, aquele colosso, repelia-o com palavras tremendas! E que podia ele, pobre escrevente de cartório, contra o padre Amaro que tinha por si o clero, o chantre, o cabido, os bispos, o Papa, classe solidária e compacta que lhe aparecia como uma medonha cidadela de bronze erguendo-se até ao céu?! Eram eles que tinham causado a resolução de Amélia, a sua carta, a dureza das suas palavras. Era uma intriga de párocos, cónegos e beatas. Se ele pudesse arrancá-la àquela influência, ela tornaria a ser bem depressa a sua Ameliuzinha que lhe bordava chinelas, e que vinha toda corada vê-lo passar à janela! As suspeitas que outrora tivera tinham-se desvanecido naqueles serões felizes, depois de decidido o casamento, quando ela, costurando junto do candeeiro, falava da mobília que havia de comprar e dos arranjos da sua casinha. Ela amava-o, decerto... Mas quê! Tinham-lhe dito que ele era o autor do *Comunicado*, que era herege, que tinha costumes devassos; o pároco, na sua voz pedante, ameaçara-a com o Inferno; o cónego, furioso, e todo-poderoso na Rua da

240: religiosas!] religiosas?

243: — Oh,) — Oh

244: interrompeu-o] interrompeu-o,

253: céu?!] céu!

261: quê!] quê,

Misericórdia porque dava para a panela, falara teso — e a pobre menina, assustada, dominada, com aquele bando tenebroso de padres e de beatas a cochicharem-lhe ao ouvido, coitada, cedera! Estava talvez persuadida, de boa fé, que ele era uma fera! E àquela hora, enquanto ele ali andava pelas ruas, escorraçado e desgraçado, o padre Amaro, na saleta da Rua da Misericórdia, enterrado na poltrona, senhor da casa e senhor da rapariga, de perna traçada, palavra de alto! Canalha! E não haver leis que o vinguassem! E não poder sequer «fazer escândalo», agora que a *Voz do Distrito* se lhe tornava inacessível!

Vinham-lhe então desejos furiosos de demolir o pároco aos murros, com a força do padre Brito. Mas o que o satisfaria mais seriam artigos tremendos num jornal que revelassem as intrigas da Rua da Misericórdia, amotinasse a opinião, caíssem sobre o padre como catástrofes, o forçassem a ele, ao cônego e aos outros a desaparecerem corridos da casa da S. Joaneira! Ah! Estava certo que a Ameliazinha, livre daqueles galfarros, correria logo aos seus braços, com lágrimas de reconciliação...

Procurava assim à força convencer-se que «a culpa não era dela»; recordava os meses de felicidade antes da chegada do pároco; arranjava explicações naturais para aquelas maneirinhas ternas que ela outrora tinha para o padre Amaro, e que lhe tinham dado ciúmes desesperados: — era o desejo, coitada, de ser agradável ao hóspede, ao amigo do senhor cônego, de o reter para vantagem da mãe e da casa! E além disso, como ela andava contente depois de resolvido o casamento! A sua indignação contra o *Comunicado*, estava certo, não era natural dela — vinha-lhe soprada pelo pároco e pelas beatas. E achava uma consolação nesta ideia que não era repellido como namorado, como marido — mas que era uma vítima das intrigas do torpe padre Amaro, que lhe desejava a noiva e que o odiava como liberal! Isto acumulava-lhe na alma um rancor desordenado contra o padre; descendo a rua procurava ansiosamente uma vingança, atirando a imaginação aqui e além — mas vinha-lhe sempre a mesma ideia, o artigo de jornal, a verrina, a imprensa! A certeza da sua fraqueza desprotegida revoltava-o. Ah, se tivesse por si um «figurão»!

Um homem do campo, amarelo como uma cidra, que ia caminhando devagar, com o braço ao peito, deteve-o a perguntar-lhe onde morava o doutor Gouveia.

— Na primeira rua, à esquerda, o portão verde ao pé do lampião, disse João Eduardo.

275: jornal] jornal,

295: «figurão=!» figurão!

E uma esperança imensa alumiu-lhe bruscamente a alma: o doutor Gouveia é que o podia salvar! O doutor era seu amigo; tratava-o por *tu* desde que o curara havia três anos da pneumonia; aprovava muito o seu casamento com Amélia; havia ainda semanas perguntara-lhe ao pé da Praça: — «Então, quando se faz essa rapariga feliz?» E que respeitado, que temido na Rua da Misericórdia! Era médico de todas as amigas da casa que, apesar de se escandalizarem com a sua irreligião, dependiam humildemente da sua ciência para os achaques, os flatos, os xaropes. Além disso, o doutor Gouveia, inimigo decidido da «padraria», decerto se ia indignar com aquela intriga beata: e João Eduardo via-se já entrando na Rua da Misericórdia atrás do doutor Gouveia, que repreendia a S. Joaneira, arrasava o padre Amaro, convencia as velhas, — e a sua felicidade começava, inabalável agora!

— O senhor doutor está? perguntou ele quase alegre, à criada que no pátio estendia a roupa ao sol.

— Está na consulta, sr. Joãozinho, faça favor de entrar.

Em dias de mercado os doentes do campo afluam sempre. Mas àquela hora — quando os vizinhos das freguesias se reúnem nas tabernas — havia só um velho, uma mulher com uma criança ao colo e o homem do braço ao peito, esperando numa saleta baixa com bancos, dois manjericões na janela e uma grande gravura da Coroação da Rainha Vitória. Apesar do sol claro que entrava do pátio, e de uma fresca folhagem de tília que roçava o peitoril da janela, a saleta dava tristeza, como se as paredes, os bancos, os mesmos manjericões estivessem saturados da melancolia das doenças que ali tinham passado. João Eduardo entrou e sentou-se a um canto.

Tinha batido meio-dia, e a mulher estava-se queixando de ter esperado tanto: era de uma freguesia distante, deixara no mercado a irmã, e havia uma hora que o senhor doutor estava com duas senhoras! A cada momento a criança rabujava, ela sacudia-a nos braços: calavam-se depois: o velho arregaçava a calça, contemplava com satisfação uma chaga na canela envolta em trapos: e o outro homem dava bocejos desconsolados que tornavam mais lúgubre a sua longa face amarela. Aquela demora enervava, amolecia o escrevente; sentia perder gradualmente o ânimo de ocupar o doutor Gouveia; preparava laboriosamente a sua história, mas ela

301: alma:] alma!

319: colo] colo,

320: bancos, dois] bancos, dous

parecia-lhe agora bem insuficiente para o interessar. Vinha-lhe então um desalento, que as faces insípidas dos doentes tornavam ainda mais intenso. Positivamente era uma coisa bem triste esta vida, cheia só de misérias, de sentimentos traídos, de aflições, de doenças! Erguia-se; e com as mãos atrás das costas ia olhar desconsoladamente a Coroação da Rainha Vitória.

De vez em quando a mulher entreabria a porta, a espreitar se as duas senhoras ainda lá estariam. Lá estavam; e através do batente de baeta verde, que fechava o gabinete do doutor, sentia-se as suas vozes pachorrentas palrarem.

— Em caindo aqui é dia perdido! rosnava o velho.

Também ele deixara a cavalgada à porta do Fumaça, e a rapariga na praça... E o que teria a esperar na botica, depois! Com três léguas ainda a fazer para voltar à freguesia!... Ser doente é bom, mas para quem é rico e tem vagares!

A ideia da doença, da solidão que ela traz, faziam agora parecer a João Eduardo mais amarga a perda de Amélia. Se adoecesse teria de ir para o hospital. O malvado do padre tirara-lhe tudo — mulher, felicidade, confortos de família, doces companhias da vida!

Enfim sentiram no corredor as duas senhoras que saíam. A mulher com a criança apanhou o seu cabaz, precipitou-se. E o velho, apoderando-se logo do banco junto da porta, disse com satisfação:

— Agora cá o patrão!

— Vossemecê tem muito que consultar? perguntou-lhe João Eduardo.

— Não senhor, é só receber a receita.

E imediatamente contou a história da sua chaga: fora uma trave que lhe caíra em cima; não fizera caso; depois a ferida assanhara-se; e agora ali estava, manco e curtidinho de dores.

— E Vossa Senhoria, é coisa de cuidado? perguntou ele.

— Eu não estou doente, disse o escrevente. São negócios com o senhor doutor.

Os dois homens olharam-no com inveja.

338: uma coisa] uma cousa

348: mas para] mas pra

351: adoecesse] adoecesse.

354: Enfim] Enfim,

354-5: mulher com a criança] mulher, com a criança.

359: — Não] — Não,

363: é coisa] é cousa

366: Os dois] Os dous

Enfim foi a vez do velho, depois a do homem amarelo de braço ao peito. João Eduardo, só, passeava nervoso pela saleta. Parecia-lhe agora muito difícil ir assim, sem cerimónia, pedir protecção ao doutor. Com
370 que direito?... Lembrou-se de se queixar primeiro de dores do peito ou desarranjos de estômago, e depois, incidentalmente, contar os seus infortúnios...

Mas a porta abriu-se. O doutor estava diante dele, com a sua longa barba grisalha que lhe caía sobre a quinzena de veludo preto, o largo
375 chapéu desabado na cabeça, calçando as luvas de fio de Escócia.

— Olá! És tu, rapaz! Há novidade na Rua da Misericórdia?

João Eduardo corou.

— Não senhor, senhor doutor, queria-lhe falar em particular.

Seguiu-o ao gabinete — o conhecido gabinete do doutor Gouveia, que com o seu caos de livros, o seu tom poeirento, uma panóplia de
380 flechas selvagens e duas cegonhas empalhadas, tinha na cidade a reputação duma «cela de alquimista».

O doutor puxou o seu *cebolão*.

— Um quarto para as duas. Sê breve.

A face do escrevente exprimiu o embaraço de condensar uma nar-
385 ração tão complicada.

— Está bom, disse o doutor, explica-te como pudeses. Não há nada mais difícil que ser claro e breve; é necessário ter génio. Que é?

João Eduardo então tartamudeou a sua história, insistindo sobretudo
390 do na perfídia do padre, exagerando a inocência de Amélia...

O doutor escutava-o, cofiando a barba.

— Vejo o que é. Tu e o padre, disse ele, quereis ambos a rapariga. Como ele é o mais esperto e o mais decidido, apanhou-a ele. É lei natu-
395 ral: o mais forte despoja, elimina o mais fraco; a fêmea e a presa pertencem-lhe.

Aquilo pareceu a João Eduardo um gracejo. Disse com a voz perturbada:

— Vossa Excelência está a caçar, senhor doutor, mas a mim retalha-se-me o coração!

— Homem, acudiu o doutor com bondade, estou a filosofar, não
400 estou a caçar... Mas enfim, que queres tu que eu te faça?

Era o que o doutor Godinho lhe tinha dito, também, com mais pompa!

376: — Olá! — Olá,

396: Disse) Disse.

— Eu tenho a certeza que se Vossa Excelência lhe falasse...

O doutor sorriu:

405 — Eu posso receitar à rapariga *este ou aquele xarope*, mas não lhe posso impor *este ou aquele homem!* Queres que lhe vá dizer: «A menina há-de preferir aqui o sr. João Eduardo»? Queres que vá dizer ao padre, um maganão que eu nunca vi: «O senhor faz favor de não seduzir esta menina»?

410 — Mas caluniaram-me, senhor doutor, apresentaram-me como um homem de maus costumes, um patife...

— Não, não te caluniaram. Sob o ponto de vista do padre e daquelas senhoras que jogam à noite o *quino* na Rua da Misericórdia tu és um patife: um cristão que nos periódicos vitupera abades, cónegos, curas, personagens tão importantes para se comunicar com Deus e para se salvar a alma, é um patife. Não te caluniaram, amigo!

— Mas, senhor doutor...

— Escuta. E a rapariga, descartando-se de ti em obediência às instruções do senhor padre fulano ou sicrano, comporta-se como uma boa católica. É o que te digo. Toda a vida do bom católico, os seus pensamentos, as suas ideias, os seus sentimentos, as suas palavras, o emprego dos seus dias e das suas noites, as suas relações de família e de vizinhança, os pratos do seu jantar, o seu vestuário e os seus divertimentos — tudo isto é regulado pela autoridade eclesiástica (abade, bispo ou cónego), aprovado ou censurado pelo confessor, aconselhado e ordenado pelo *director da consciência*. O bom católico, como a tua pequena, não se pertence; não tem razão, nem vontade, nem arbítrio, nem sentir próprio; o seu cura pensa, quer, determina, sente por ela. O seu único trabalho neste mundo, que é ao mesmo tempo o seu único direito e o seu

420
425
430
435

único dever, é aceitar esta direcção; aceitá-la sem a discutir; obedecer-lhe, dê por onde der; se ela contraria as suas ideias, deve pensar que as suas ideias são falsas; se ela fere as suas afeições, deve pensar que as suas afeições são culpadas. Dado isto, se o padre disse à pequena que não devia nem casar, nem sequer falar contigo, a criatura prova, obedecendo-lhe, que é uma boa católica, uma devota consequente, e que segue na vida, logicamente, a regra moral que escolheu. Aqui está, e desculpa o sermão.

João Eduardo ouvia com respeito, com espanto estas frases, a que a face plácida, a bela barba grisalha do doutor davam uma autoridade maior. Parecia-lhe agora quase impossível recuperar Amélia, se ela pertencia assim

440

tão absolutamente, alma e sentidos, ao padre que a confessava. Mas enfim, porque era ele considerado um marido prejudicial?

— Eu compreenderia, disse, se fosse um homem de maus costumes, senhor doutor. Mas eu porto-me bem; eu não faço senão trabalhar; eu não frequento tabernas nem troças; eu não bebo, eu não jogo; as minhas noites passo-as na Rua da Misericórdia, ou em casa a fazer serão para o cartório...

— Meu rapaz, tu podes ter socialmente todas as virtudes; mas, segundo a religião de nossos pais, todas as virtudes que não são católicas são inúteis e perniciosas. Ser trabalhador, casto, honrado, justo, verdadeiro, são grandes virtudes; mas para os padres e para a Igreja não contam. Se tu fores um modelo de bondade mas não fores à missa, não jejuares, não te confessares, não te desbarretares para o senhor cura — és simplesmente um maroto. Outros personagens maiores que tu, cuja alma foi perfeita e cuja regra de vida foi impecável, têm sido julgados verdadeiros canalhas porque não foram batizados antes de terem sido perfeitos. Hás-de ter ouvido falar de Sócrates, dum outro chamado Platão, de Catão, etc... Foram sujeitos famosos pelas suas virtudes. Pois um certo Bossuet, que é o grande chavão da doutrina, disse que das virtudes desses homens estava cheio o Inferno... Isto prova que a moral católica é diferente da moral natural e da moral social... Mas são coisas que tu comprehendes mal... Queres tu um exemplo? Eu sou, segundo a doutrina católica, um dos grandes desavergonhados que passeiam as ruas da cidade; e o meu vizinho Peixoto, que matou a mulher com pancadas e que vai dando cabo pelo mesmo processo de uma filhita de dez anos, é entre o clero um homem excelente porque cumpre os seus deveres de devoto e toca figle nas missas cantadas. Enfim, amigo, estas coisas são assim. E parece que são boas, porque há milhares de pessoas respeitáveis que as consideram boas, o Estado mantém-as, gasta até um dinheirão para as manter, obriga-nos mesmo a respeitá-las — e eu, que estou aqui a falar, pago todos os anos um quartinho para que elas continuem a ser assim. Tu naturalmente pagas menos...

— Pago sete vinténs, senhor doutor.

442: se fosse] se eu fosse

443: bem:] bem. / trabalhar:] trabalhar.

444: tabernas nem troças:] tabernas, nem troças. / jogo:] jogo.

451: bondade] bondade,

455: canalhas] canalhas, / [Em 1889: antes de ter; seguimos a lição de 1880]

460: são coisas] são cousas

465: excelente] excelente,

466: estas coisas] estas cousas

469: respeitá-las —] respeitá-las, —

— Mas enfim vais às festas, ouves música, sermão, desferras-te dos teus sete vinténs. Eu, o meu quartinho perco-o; consolo-me apenas com
475 a ideia de que vai ajudar a manter o esplendor da Igreja — da Igreja que em vida me considera um bandido, e que para depois de morto me tem preparado um Inferno de primeira classe. Enfim, parece-me que temos cavaqueado bastante... Que queres mais?

João Eduardo estava acabrunhado. Agora que escutava o doutor, parecia-lhe, mais que nunca, que se um homem de palavras tão sábias, de
480 tantas ideias, se interessasse por ele, toda a intriga seria facilmente desfeita e a sua felicidade, o seu lugar na Rua da Misericórdia recobrados para sempre.

— Então Vossa Excelência não pode fazer nada por mim? disse muito
485 desconsolado.

— Eu posso talvez curar-te de outra pneumonia. Tens outra pneumonia a curar? Não? Então...

João Eduardo suspirou:

— Sou uma vítima, senhor doutor!

— Fazes mal. Não deve haver vítimas, quando não seja senão para impedir que haja tiranos — disse o doutor, pondo o seu largo chapéu desabado.

— Porque no fim de tudo, exclamou ainda João Eduardo que se prendia ao doutor com uma sofreguidão de afogado, no fim de tudo o que o patife do pároco quer, com todos os seus pretextos, é a rapariga!
495 Se ela fosse um camafeu, bem se importava o maroto que eu fosse um ímpio ou não! O que ele quer é a rapariga!

O doutor encolheu os ombros.

— É natural, coitado — disse, já com a mão no fecho da porta. Que queres tu? Ele tem para as mulheres, como homem, paixões e órgãos; como confessor, a importância dum Deus. É evidente que há-de utilizar essa importância para satisfazer essas paixões; e que há-de cobrir essa satisfação natural com as aparências e com os pretextos do serviço divino... É natural.

João Eduardo então, vendo-o abrir a porta, desvanecer-se a esperança que o trouxera ali, disse, furioso, vergastando o ar com o chapéu:
505

— Canalha de padres! Foi raça que sempre detestei! Queria-a ver varrida da face da terra, senhor doutor!

— Isso é outra tolice, disse o doutor, resignando-se a escutá-lo ainda, e parando à porta do quarto. Ouve lá. Tu crês em Deus? No Deus

496: não!] não.

510 do Céu, no Deus que lá está no alto do Céu, e que é lá de cima o princípio de toda a justiça e de toda a verdade?

João Eduardo, surpreendido, disse:

— Eu creio, sim senhor.

— E no pecado original?

515 — Também...

— Na vida futura, na redenção, etc.?

— Fui educado nessas crenças...

— Então para que queres varrer os padres da face da terra? Deves pelo contrário ainda achar que são poucos. És um liberal racionalista nos limites da Carta, ao que vejo... Mas se crês no Deus do Céu, que nos dirige lá de cima, e no pecado original, e na vida futura, precisas duma classe de sacerdotes que te expliquem a doutrina e a moral revelada de Deus, que te ajudem a purificar da mácula original e te preparem o teu lugar no Paraíso! Tu necessitas dos padres. E parece-me mesmo uma terrível falta de lógica que os desacredites pela imprensa...

525 João Eduardo, atônito, balbuciou:

— Mas Vossa Excelência, senhor doutor... Desculpe-me Vossa Excelência, mas...

— Dize, homem. Eu quê?

530 — Vossa Excelência não precisa dos padres neste mundo...

— Nem no outro. Eu não preciso dos padres no mundo, porque não preciso do Deus do Céu. Isto quer dizer, meu rapaz, que tenho o meu Deus dentro em mim, isto é, o princípio que dirige as minhas acções e os meus juízos. Vulgo Consciência... Talvez não compreendas bem...

535 O facto é que estou aqui a expor doutrinas subversivas... E realmente são três horas...

E mostrou-lhe o *cebolão*.

À porta do pátio, João Eduardo disse-lhe ainda:

— Vossa Excelência então desculpe, senhor doutor...

540 — Não há de quê... Manda a Rua da Misericórdia ao diabo!

João Eduardo interrompeu com calor:

— Isso é bom de dizer, senhor doutor, mas quando a paixão está a roer cá por dentro!...

518: — Então] — Então,

539: doutor...] doutor.

— Ah! fez o doutor, é uma bela e grande coisa a paixão! O amor
545 é uma das grandes forças da civilização. Bem dirigida levanta um mundo
e bastava para nos fazer a revolução moral... — E mudando de tom: —
Mas escuta. Olha que isso às vezes não é paixão, não está no coração...
O coração é ordinariamente um termo de que nos servimos, por decên-
cia, para designar outro órgão. É precisamente esse órgão o único que
550 está interessado, a maior parte das vezes, em questões de sentimento.
E nesses casos o desgosto não dura. Adeus, estimo que seja isso!

544: grande coisa] grande coisa

545: dirigida] dirigida,

547: Mas] Mas,

551: casos] casos,

João Eduardo olhava abstractamente.

— Olá! fez alguém por trás dele.

Era um rapaz pálido, com um buço escuro; estava sentado numa pedra debaixo de uma oliveira, fumando tranquilamente.

— Que estás tu aqui a fazer? disse-lhe o escrevente.

— Estou a fazer horas para jantar.

E bateu na algibeira fazendo sentir o tinir de dinheiro.

João Eduardo conhecia-o há muito, sabia a sua história: era um tipógrafo da *Voz do Distrito*: ultimamente uma mulher, criada do delegado do procurador régio, apaixonara-se por ele. Era uma mulher de

XIV

João Eduardo desceu a rua, embrulhando o cigarro. Sentia-se enervado, todo cansado da noite desesperada que passara, daquela manhã cheia de passos inúteis, das conversas do doutor Godinho e do doutor Gouveia.

5 — Acabou-se, pensava, não posso fazer mais nada! É aguentar.

Tinha a alma extenuada de tantos esforços de paixão, de esperança e de cólera. Desejaria ir estirar-se ao comprido, num sítio isolado, longe de advogados, de mulheres e de padres, e dormir durante meses. Mas como já passava das três horas, apressava-se para o cartório do Nunes.
10 Teria talvez ainda de ouvir um sermão por ter chegado tão tarde! Triste vida a sua!

Dobrava a esquina no Terreiro, quando ao pé da casa de pasto do Osório se encontrou com um moço de quinzena clara, debruada de uma fita negra muito larga, e com um bigodinho tão preto que parecia posição
15 sobre as suas feições extremamente pálidas.

— Olé! Que é feito, João Eduardo?

Era o Gustavo, tipógrafo da *Voz do Distrito*, que havia dois meses fora para Lisboa. Segundo dizia o Agostinho, era «rapaz de cabeça e instruidote, mas de ideias do diabo». Escrevia às vezes artigos de Política
20 Estrangeira, onde introduzia frases poéticas e retumbantes, amaldiçoando Napoleão III, o czar e os opressores do povo, chorando a escravidão da Polónia e a miséria do proletário. A simpatia entre ele e João Eduardo proviera de conversas sobre religião, em que ambos exalavam o seu ódio ao clero e a sua admiração por Jesus Cristo. A revolução de Espanha

12: esquina no] esquina do

13: clara.] clara

17: havia dois] havia dois

meia-idade, trigueira, de formas pesadas; vestia-o, dava-lhe dinheiro, camisas que roubava ao amo e importunava-o com um amor ciumento e feroso. O tipógrafo desleixava o trabalho, andava pelas tavernas, fizera-se imoral; mas emagrecia e andava taciturno.

— Queres tu vir jantar comigo? disse ele. Anda daí. Estou hoje secado.

— Também eu não estou lá muito contente, não! disse João Eduardo.

Resolveram ir à taverna do Osório, que fica do outro lado da Ponte, ao pé do quartel. E caminhando, com as mãos nos bolsos, olhavam

25 entusiasmará-o tanto que aspirara a pertencer à Internacional; e o desejo de viver num centro operário, onde houvesse associações, discursos e fraternidade, levá-lo a Lisboa. Encontrara lá bom trabalho e bons camaradas. Mas como sustentava a mãe, velha e doente, e como era mais económico viverem juntos, voltara a Leiria. O *Distrito*, além disso, na
30 perspectiva de eleições, prosperava a ponto de aumentar o salário aos três tipógrafos.

— De modo que lá estou outra vez com o *Raquítico*...

Vinha jantar, e convidou logo João Eduardo a que lhe fizesse companhia. Não havia de acabar o mundo, que diabo, por ele faltar um dia
35 ao cartório!

João Eduardo então lembrou-se que desde a véspera não tinha comido. Era talvez a debilidade que o trouxera assim estonteado, tão pronto a desanimar... Decidiu-se logo — contente, depois das emoções e das fadigas da manhã, de se estirar no banco da taberna, diante dum prato
40 cheio, na intimidade com um camarada de ódios iguais aos seus. Demais, os repelões que sofrera davam-lhe uma necessidade, uma avidéz de simpatia; e foi com calor que disse:

— Homem, valeu! Cais-me do céu! Este mundo é uma choldra. Se não fosse por alguma hora que se passa em amizade, caramba, não valia
45 a pena andar por cá!

Este modo, tão novo no João Eduardo, no *Pacatinho*, espantou Gustavo.

— Porquê? As coisas não correm bem? Turras com a besta do Nunes, hem? perguntou-lhe.

50 — Não. Um bocado de *spleen*.

— Isso de *spleen* é de inglês! Oh menino, havias de ver o Taborda no *Amor londrino!*... Deixa lá o *spleen*. É deitar lastro para dentro e carregar no líquido!

Travou-lhe do braço, meteu-o pela porta da taberna.

55 — Viva o tio Osório! Saúde e fraternidade!

O dono da casa de pasto, o tio Osório, personagem obeso e contenta da vida, com as mangas da camisa arregaçadas até aos ombros, os braços nus muito brancos apoiados sobre o balcão, a face balofa e finória, felicitou logo Gustavo de o ver de novo em Leiria. Achava-o mais

32: *Raquítico*...] *Raquítico*.

48: *As coisas*] *As cousas*

52: *lastro para*] *lastro pra*

a Balseira — uma casa no meio de arvoredos de quinta, que fica na baixa do monte e que é do morgado Basílio. Tinha-se ouvido um tiro para esse lado.

— Andam à caça dos patos bravos na lagoa, disse o tipógrafo. Parece que tem hóspedes de Lisboa. Aquilo é que é vida, meu rico!

O escrevente apoiou com uma afirmação de cabeça.

E o tipógrafo continuava:

— A gente então para ganhar oito vinténs trabalha desde madrugada! Corja! — E parando, voltando-se para o escrevente: — Tu conheces a mulher do morgado, uma loira, bonita?

60 magrito... Havia de ser das más águas de Lisboa e do muito *pau-campeche* nos vinhos... E que havia de ele servir aos cavalheiros?

Gustavo, plantando-se diante do contador, de chapéu para a nuca, apressou-se a soltar o gracejo, que tanto o entusiasmara em Lisboa:

— Tio Osório, sirva-nos fígado de rei, com rim grelhado de padre!

65 O tio Osório, pronto à réplica, disse logo, dando um raspão de rodilha sobre o zinco do contador:

— Não temos cá disso, sr. Gustavo. Isso é petisco da capital.

— Então estão vocês muito atrasados! Em Lisboa era todos os dias o meu almoço... Bem, acabou-se, dê-nos duas iscas com batatas... E bem saltadinho, isso!

— Hão-de ser servidos como amigos.

Acomodaram-se à «*mesa dos envergonhados*», entre dois tabiques de pinho fechados por uma cortina de chita. O tio Osório, que apreciava Gustavo, «*moço instruído e de pouca troça*», veio ele mesmo trazer a garrafa do tinto e as azeitonas; e limpando os copos ao avental enxovalhado:

— Então que há de novo pela capital, sr. Gustavo? Como vai por lá aquilo?

80 O tipógrafo deu imediatamente seriedade ao rosto; passou a mão pelos cabelos, e deixou cair algumas frases enigmáticas:

— Tremidito... Muito pouca-vergonha em política... A classe operária começa a mexer-se... Falta de união, por ora... Está-se à espera de ver como as coisas correm em Espanha... Há-de havê-las bonitas! Tudo depende de Espanha...

85 Mas o tio Osório, que juntara alguns vinténs e comprara uma fazenda, tinha horror a tumultos... O que se queria no país era paz... Sobretudo o que lhe desagradava era contar-se com espanhóis... De Espanha, deviam os cavalheiros sabê-lo, «*nem bom vento nem bom casamento*»!

90 — Os povos são todos irmãos! exclamou Gustavo. Quando se tratar de atirar abaixo Bourbons e imperadores, camarilhas e fidalguia, não há portugueses nem espanhóis, todos são irmãos! Tudo é fraternidade, tio Osório!

72: entre dois] entre dous

79: rosto:] rosto:

83: as coisas] as cousas

88: sabê-lo, «nem] sabê-lo, nem

88-9: casamento=!] casamento!

O escrevente deu sinal que sim, distraidamente.

— Hem?! continuava o tipógrafo. — E luziam-lhe os olhos. — Hem?!
A gente então é para aí a ralé das mulheres!

Ficaram um momento calados.

— Como vão os amores? disse João Eduardo, para falar, para romper o silêncio.

— Vão um diabo! respondeu o outro. Estou farto da criatura, mas o que se chama farto! — E parando, com uma cólera na fisionomia: — Mas que queres tu?... Que diabo havia de eu fazer a ganhar lá no *Distrito* oito vinténs por dia, com mãe velha, renda de casa e o diabo?

— Pois então é beber-lhe à saúde, e beber-lhe rijo, que isso é que
95 faz andar o negócio, disse o tio Osório tranquilamente, rolando a sua
obesidade para fora do cubículo.

— Elefante! rosnou o tipógrafo, chocado com aquela indiferença pela
Fraternidade dos Povos. Que se podia esperar, de resto, dum proprietá-
rio e dum agente de eleições?

100 Trauteou a *Marselhesa*, enchendo os copos de alto, e quis saber o
que tinha feito o amigo João Eduardo... Já se não ia pelo *Distrito*?
O *Raquítico* dissera-lhe que não havia despegá-lo da Rua da Misericórdia...

— E quando é esse casamento, por fim?

João Eduardo corou, disse vagamente:

105 — Nada decidido... Tem havido dificuldades. — E acrescentou com
um sorriso desconsolado: — Temos tido arrufos.

— Pieguices! soltou o tipógrafo, com um movimento de ombros,
que exprimia um desdém de revolucionário pelas frivolidades do senti-
mento.

110 — Pieguices... Não sei se são pieguices, disse João Eduardo. O que
sei é que dão desgostos... Arrasam um homem, Gustavo...

Calou-se, mordendo o beijo, para recalcar a emoção que o revolvia.

Mas o tipógrafo achava todas essas histórias de mulheres ridículas.
O tempo não estava para amores... O homem do povo, o operário que
115 se agarrava a uma saia para não despegar, era um inútil... Era um ven-
dido! Em que se devia pensar não era em namoros: era em dar a liber-
dade ao povo, livrar o trabalho das garras do capital, acabar com os
monopólios, trabalhar para a república! Não se queria lamúria, queria-se
acção, queria-se a força! — E carregava furiosamente no *r* da palavra
120 — a forrrça! — agitando os seus pulsos magríssimos de tísico sobre o
grande prato de iscas que o moço trouxera.

João Eduardo, escutando-o, lembrava-se do tempo em que o tipó-
grafo, doido pela Júlia padeira, aparecia sempre com os olhos vermelhos
como carvões, e atroava a tipografia com suspiros medonhos. A cada *ai*
125 os camaradas, troçando, davam uma tossezinha de garganta. Um dia
mesmo, Gustavo e o Medeiros tinham-se esmurrado no pátio...

— Olha quem fala! disse por fim. És como os outros... Estás aí a
palrar, e quando te chega és como os outros.

94: rijo.] rijo

119: acção.] acção.

120: a forrrça!] a Forrrça!

122-3: tipógrafo, doido] tipógrafo, doido

Arranji este emprego, acrescentou com um mau sorriso.

— Mas ela gosta de ti, disse o escrevente.

— Que vá gostar para o inferno! Tu imaginas lá a seca! Um mostrengo de cinquenta anos! — E depois de um silêncio: — Mas meu rico é necessário comer!

João Eduardo ergueu a cabeça; era a segunda vez nesse dia que ouvia aquela frase amarga.

— É verdade, é necessário comer! disse ele como um eco.

— Lá se fosse como aqueles senhores! continuou o tipógrafo. —

O tipógrafo então — que, desde que em Lisboa frequentara um Club Democrático de Alcântara e ajudara a redigir um manifesto aos irmãos cigarreiros em *grève*, se considerava exclusivamente votado ao serviço do Proletariado e da República — escandalizou-se. Ele? Ele como os outros? Perder o seu tempo com saias?...

— Está Vossa Senhoria muito enganado! — E recolheu-se a um silêncio chocado, partindo com furor a sua isca.

João Eduardo recebeu tê-lo ofendido.

— Ó Gustavo, sejamos razoáveis: um homem pode ter os seus princípios, trabalhar pela sua causa, mas casar, arranjar o seu conchego, ter uma família.

— Nunca! exclamou o tipógrafo exaltado. O homem que casa está perdido! Daí por diante é ganhar a papa, não se mexer do buraco, não ter um momento para os amigos, passear de noite os marmanjos quando eles berram com os dentes... É um inútil! É um vendido! As mulheres não entendem nada de política. Têm medo que o homem se meta em barulhos, tenha turras com a polícia... Está um patriota atado de pés e mãos! E quando há um segredo a guardar? O homem casado não pode guardar um segredo!... E aí está às vezes uma revolução comprometida... Sebo prà família! Outra de azeitonas, tio Osório!

A pança do tio Osório apareceu entre os tabiques.

— Então que estão os senhores aqui a questionar, que parece que entraram os da *Maia* no conselho de distrito?

Gustavo atirou-se para o fundo do banco, de perna estirada, e interpellando-o de alto:

— O tio Osório é que vai dizer. Diga lá o amigo. Vossemecê era homem de mudar as suas opiniões políticas para fazer a vontade à sua patroa?

O tio Osório acariciou o cachaço e disse com um tom finório:

— Eu lhe respondo, senhor Gustavo. Mulheres são mais espertas que nós... E em política, como em negócio, quem for com o que elas dizem vai pelo seguro... Eu sempre consulto a minha, e se quer que lhe diga, já vai em vinte anos e não me tenho achado mal.

Gustavo pulou no banco:

— Você é um vendido! gritou.

137: razoáveis:] razoáveis!

155: políticas] políticas,

156: cachaço] cachaço,

161: banco:] banco.

E voltando-se para a Balseira que aparecia, na sua fachada principal, com uma escadaria cercada de vasos e um balcão largo de pedra de aspecto senhorial e tosco: — Canalhas! murmurou. — E parando, com voz rancorosa: — Isto há um dia uma revolução que vai tudo pelos ares!

E até à taverna foram calados.

O jantar foi demorado. Era numa mesa oblonga, num cubículo encostado ao muro, formado por tabiques até meia altura: a toalha estava cheia de nódoas; havia um cheiro abafado e não cessava o frigir do peixe.

Conversaram e beberam. O escrevente, ao fim do jantar, fez ao tipógrafo as suas confidências com grande cólera e juramentos terríveis;

O tio Osório, acostumado àquela expressão querida do tipógrafo, não se escandalizou; gracejou até, com o seu amor às boas réplicas:

165 — Vendido não direi, mas vendedor prò que quiser... Pois é o que lhe digo, sr. Gustavo. O senhor casará, e depois mas contará.

— O que lhe hei-de contar, é quando houver uma revolução, entrar-lhe por aqui de espingarda ao ombro, e metê-lo em conselho de guerra, seu capitalista!

170 — Pois enquanto isso não chega é beber-lhe e beber-lhe rijo, disse o tio Osório retirando-se com pachorra.

— Hipopótamo! resmungou o tipógrafo.

E, como adorava discussões, recomeçou logo — sustentando que o homem, embeaçado por uma saia, não tem firmeza nas suas convicções políticas...

175 João Eduardo sorria tristemente, numa negação muda, pensando consigo que, apesar da sua paixão por Amélia, não se tinha confessado nos dois últimos anos!

— Tenho provas! berrava Gustavo.

180 Citou um livre-pensador das suas relações que, para manter a paz doméstica, se sujeitava a jejuar às sextas-feiras, e a palmilhar aos domingos o caminho da capela de ripanço debaixo do braço...

185 — E é o que te há-de suceder!... Tu tens ideias menos más a respeito de religião, mas ainda te hei-de ver de opa vermelha e cário na mão na procissão do Senhor dos Passos... Filosofia e ateísmo não custam nada quando se conversa no bilhar entre rapazes... Mas praticá-los em família, quando se tem uma mulher bonita e devota, é o diabo! É o que te há-de suceder, se é que te não vai sucedendo já: hás-de atirar as tuas convicções liberais para o caixão do cisco, e fazer barretadas ao confessor da casa!

190 João Eduardo fazia-se escarlate de indignação. Mesmo nos tempos da sua felicidade, quando tinha Amélia certa, aquela acusação (que o tipógrafo fazia só para questionar, para palrar) tê-lo-ia escandalizado. Mas hoje! Justamente quando ele perdera Amélia por ter dito de alto, num jornal, o seu horror a beatos! Hoje que se achava ali, com o coração

164: escandalizou:] escandalizou:

167: é] e,

170: chega] chega,

173: E:] E

177-8: nos dois] nos dois

181: a palmilhar] a palmear

o tipógrafo enchia-lhe o copo, que ele bebia de um trago, na efervescência das palavras, poisando-o de rijo sobre a mesa.

Então recorrendo a sua vida e vendo as suas desgraças, excitado pelo vinho, fazia planos, queria ir para o Brasil, para Lisboa, queria-se vingar em alguém; e o tipógrafo falava de novo na esperança de uma revolução, na injustiça das riquezas, no que sofrem os pobres, dando grandes murros na mesa.

O escrevente queria matar um padre e dizia blasfêmias. Excitavam-se. O tipógrafo ao pagar ao taverneiro mostrou o seu dinheiro — prata e duas libras — e disse lugubrememente ao escrevente:

— Suor do meu rosto, filho!

partido, roubado de toda a alegria, exactamente pelas suas opiniões liberais!...

— Isso dito a mim tem graça! disse com uma amargura sombria.

O tipógrafo galhofou:

200 — Homem, não me constou ainda que fosses um *mártir da liberdade!*

— Por quem és não me apoquentes, Gustavo, disse o escrevente muito chocado. Tu não sabes o que se tem passado. Se soubesses não me dizias isso...

205 Contou-lhe então a história do *Comunicado* — calando todavia que o escrevera num fogo de ciúmes, e apresentando-o como uma pura afirmação de princípios... E que notasse esta circunstância, ia então casar com uma rapariga devota, numa casa que era mais frequentada por padres que a sacristia da Sé...

— E assinaste? perguntou Gustavo, espantado da revelação.

210 — O doutor Godinho não quis, disse o escrevente corando um pouco.

— E deste-lhes uma desanda, hem?

— A todos, de rachar!

O tipógrafo, entusiasmado, berrou por «outra de tinto!»

215 Encheu os copos com transporte, bebeu uma grande saúde a João Eduardo.

— Caramba, quero ver isso! Quero mandá-lo à rapaziada em Lisboa!... E que efeito fez?

— Um escândalo-mestre.

— E os padrecas?

220 — Em brasa!

— Mas como souberam que eras tu?

225 João Eduardo encolheu os ombros. O Agostinho não o dissera. Desconfiava da mulher do Godinho, que o sabia pelo marido, e que o fora meter no bico do padre Silvério, seu confessor, o padre Silvério da Rua das Teresas...

— Um gordo, que parece hidrópico?

— Sim.

— Que besta! rugiu o tipógrafo com rancor.

230 Olhava agora João Eduardo com respeito, aquele João Eduardo que se lhe revelava inesperadamente um paladino do livre-pensamento.

202: soubesses] soubesses.

203: isso...] isso!..

Acenderam os cigarros. João Eduardo oscilava um pouco.

— Para onde vais tu? disse ele vendo o tipógrafo tomar por uma rua estreita para o bairro do quartel.

— Vou à vida. É a hora em que lá o sujeito vai à assembleia tomar café. O estafermo está à minha espera.

E vendo aquele homem que era amado por uma mulher, sustentado por uma mulher, que a possuía, que a ia encontrar, João Eduardo, na perturbação do vinho, teve por Amélia um desejo pungente, frenético, grosseiro. Sentia-se violento, musculoso; um grande desejo de lutas impelia-o e toda uma natureza animal e rude vibrava nele. Estava na Rua Direita e entrou no café.

— Bebe, amigo, bebe! — dizia-lhe, enchendo-lhe o copo com afecto, como se aquele esforço heróico de liberalismo necessitasse ainda, depois de tantos dias, reconfortos excepcionais.

235 E que se tinha passado? Que tinha dito a gente da Rua da Misericórdia?

Tanto interesse comoveu João Eduardo: e dum fôlego fez a sua confidência. Mostrou-lhe mesmo a carta de Amélia que ela decerto, coitada, fora levada a escrever num terror do Inferno, sob a pressão dos padres furiosos...

240 — E aqui tens a vítima que eu sou, Gustavo!

Era-o com efeito; e o tipógrafo considerava-o com uma admiração crescente. Já não era o *Pacatinho*, o escrevente do Nunes, o chichisbêu da Rua da Misericórdia — era uma *vítima das perseguições religiosas*. Era a primeira que o tipógrafo via; e, apesar de não lhe aparecer na atitude tradicional das estampas de propaganda, amarrado a um poste de fogueira ou fugindo com a família espavorida a soldados que galopam da sombra do último plano, achava-o interessante. Invejava-lhe secretamente aquela honra social. Que *chic* que lhe daria a ele entre a rapaziada de Alcântara! Famosa pechincha, ser uma *vítima da reacção* sem perder o conforto das iscas do tio Osório e os salários inteiros ao sábado! — Mas sobretudo o procedimento dos padres enfurecia-o! Para se vingarem dum liberal, intrigarem-no, tirem-lhe a noiva! — Oh, que canalha!... E esquecendo os seus sarcasmos ao Casamento e à Família, trovejou de alto contra o clero, que é quem sempre destrói essa instituição social, perfeita, de origem divina!

255 — Isso precisa uma vingança medonha, menino! É necessário arrasá-los!

Uma vingança? João Eduardo desejava-a, vorazmente! Mas qual?

— Qual? Contar tudo no *Distrito*, num artigo tremendo!

260 João Eduardo citou-lhe as palavras do doutor Godinho: dali por diante o *Distrito* estava fechado aos senhores livre-pensadores!

— Cavalgada! rugiu o tipógrafo.

Mas tinha uma ideia, caramba! Publicar um folheto! Um folheto de vinte páginas, o que se chama no Brasil uma *mofina*, mas num estilo floreado (ele se encarregava disso), caindo sobre o clero com um desabamento de verdades mortais!

250-1: Mas sobretudo] Mas, sobretudo.

252: Oh.] Oh

— Cognac! gritou.

Dois homens que tomavam café e liam o jornal, ergueram os olhos e vendo-o falaram baixo, admirados.

— Então? gritou ele ao criado.

— Pronto!

E tendo deitado o cognac com a mão que tremia, bebeu de um trago, atirou o chapéu, e, com os cotovelos fincados na mesa e a cabeça entre os punhos cerrados, olhava vagamente em redor com uma fisionomia hostil. Bebeu mais quatro cálices de cognac e de repente, dando uma punhada, disse uma praga e fitou os outros com aspecto de desafio.

João Eduardo entusiasmou-se. E diante daquela simpatia activa de Gustavo, vendo nele um irmão, soltou as últimas confidências, as mais dolorosas. O que havia no fundo da intriga era a paixão do padre Amaro pela pequena, e era para se apoderar dela que o escorraçava a ele...
270 O inimigo, o malvado, o carrasco — era o pároco!

O tipógrafo apertou as mãos na cabeça: semelhante caso (que todavia era para ele trivial, nas locais que compunha) sucedido a um amigo seu que estava ali bebendo com ele, a um democrata, parecia-lhe monstruoso, alguma coisa semelhante aos furores de Tibério na velhice, violando, em banhos perfumados, as carnes delicadas de mancebos patrícios.
275

Não queria acreditar. João Eduardo acumulou as provas. E então Gustavo, que tinha molhado vastamente de tinto as iscas de fígado, ergueu os punhos fechados, e com a face entumecida, dente rilhado, berrou em rouco:
280

— Abaixo a religião!

Do outro lado do tabique uma voz trocista grasnou em réplica:

— Viva Pio Nono!

285 Gustavo ergueu-se para ir esbofetear o entremetido. Mas João Eduardo sossegou-o. E o tipógrafo, sentando-se tranquilamente, rechupou o fundo do copo.

Então, com os cotovelos sobre a mesa, a garrafa entre eles, conversaram baixo, de rosto a rosto, sobre o plano do folheto. A coisa era fácil: escrevê-lo iam ambos. João Eduardo queria-o em forma de romance, de enredo negro, dando ao personagem do pároco os vícios e as perversidades de Calígula e de Heliogábalo. O tipógrafo porém queria um livro filosófico, de estilo e de princípios, que demolisse duma vez para sempre o ultramontanismo! Ele mesmo se encarregava de imprimir a obra aos serões, *grátis*, já se sabe. — Mas apareceu-lhes então, bruscamente,
290 uma dificuldade.

— O papel? Como se há-de arranjar o papel?

Era uma despesa de nove ou dez mil réis; nenhum os tinha — nem um amigo que, por dedicação aos princípios, lhos adiantasse.
295

— Pede-os ao Nunes por conta do teu ordenado! lembrou vivamente o tipógrafo.
300

275: alguma coisa] alguma coisa

280: entumecida, dente] entumecida, de dente

289: A coisa] A coisa

O dono do café com o seu bonet de pala de verniz, as mãos nos bolsos, espreitava-o, hesitando, mordendo o bigode; mas o escrevente atirou uma placa de cinco tostões sobre a mesa e entrou no bilhar.

Um homem alto e trigueiro, de barbas negras, jogava com o marcador; outros, sentados no estreito banco de palhinha, olhavam, com o palito na boca. Uma luz escassa entristecia. O escrevente atirou violentamente com a porta de vidraças e estacou; e o homem trigueiro que ia jogar parou olhando, pasmado com o braço estendido e o taco em posição.

João Eduardo coçou desconsoladamente a cabeça. Estava justamente pensando no Nunes e na sua indignação de devoto, de membro da junta de paróquia, de amigo do chantre, apenas lesse o panfleto! E se soubesse
 305 que era o seu escrevente que o compusera, com as penas do cartório, no papel almaço do cartório... Via-o já roxo de cólera, alçando sobre o bico dos sapatos brancos a sua pessoa gordalhufa, e gritando na voz de grilo: — «Fora daqui, pedreiro-livre, fora daqui!»

— Ficava eu bem arranjado, disse João Eduardo muito sério, nem
 310 mulher nem pão!

Isto fez lembrar também a Gustavo a cólera provável do doutor Godinho, dono da tipografia. O doutor Godinho, que depois da reconciliação com a gente da Rua da Misericórdia, retomara publicamente a sua considerável posição de pilar da Igreja e esteio da Fé...

— É o diabo, pode-nos sair caro, disse ele.

— É impossível! disse o escrevente.

Então praguejaram de raiva. Perder uma ocasião daquelas para pôr a calva à mostra ao clero!

O plano do folheto, como uma coluna tombada que parece maior, afigurava-se-lhes, agora que estava derrubado, duma altura, duma importância colossal. Não era já a demolição local dum pároco celerado, era a ruína, ao longe e ao largo, de todo o clero, dos jesuítas, do poder temporal, de outras coisas funestas... — Maldição! Se não fosse o Nunes, se não fosse o Godinho, se não fossem os nove mil réis do papel...

Aquele perpétuo obstáculo do pobre, falta de dinheiro e dependência do patrão, que até para um folheto era estorvo, revoltou-os contra a sociedade.

— Positivamente é necessário uma revolução! afirmou o tipógrafo. É necessário arrasar tudo, tudo! — E o seu largo gesto sobre a mesa indicava, num formidável nivelamento social, uma demolição de igrejas, palácios, bancos, quartéis e prédios de Godinhos! — Outra do tinto, tio Osório!...

Mas o tio Osório não aparecia. Gustavo martelou a mesa a toda a força com o cabo da faca. E enfim, furioso, saiu fora ao contador «para arrebentar a pança àquele vendido que fazia assim esperar um cidadão».

303: Nunes] Nunes,

306: cartório...] cartório?...

308: — «Fora] — Fora / daqui!») daqui!

323: outras coisas] outras cousas

324: papel...] papel!

328: revolução!] revolução,

— Que tem você que olhar para mim, seu negreiro? gritou de repente João Eduardo.

O homem endireitou-se e arremetendo para ele com o taco erguido:

— Ah! Seu bêbado! Você chama-me negreiro?

— Olá! Olá! exclamaram os outros.

E agarraram João Eduardo que se debatia num frenesi, arquejando, os olhos extremamente dilatados, os cabelos confusos. Atiraram-no para cima do banco, domaram-no, seguraram-no pelos braços.

— Que bebedeira! diziam.

Encontrou-o desbarretado, radiante, conversando com o barão de Via-Clara, que, em vésperas de eleições, vinha pelas casas de pasto apertar a mão aos compadres. E ali na taberna, parecia magnífico o barão, com a sua luneta de ouro, os botins de verniz sobre o solo térreo, tossicando
 340 ao cheiro acre do azeite fervido e das emanações das borras de vinho.

Gustavo, avistando-o, recolheu discretamente ao cubículo.

— Está com o barão, disse numa surdina respeitosa.

Mas vendo João Eduardo aniquilado, com a cabeça entre os punhos, o tipógrafo exortou-o a não esmorecer. Que diabo! No fim, livrava-se de casar com uma beata...
 345

— Não me poder vingar daquele maroto! interrompeu João Eduardo com um repelão ao prato.

— Não te aflijas, prometeu o tipógrafo com solenidade, que a vingança não vem longe!

Fez-lhe então, baixo, a confidência «das coisas que se preparavam em Lisboa». Tinham-lhe afiançado que havia um club republicano a que até pertenciam figurões — o que era para ele uma garantia superior de triunfo. Além disso, a rapaziada do trabalho mexia-se... Ele mesmo — e murmurava quase contra a face de João Eduardo, estirado sobre a mesa —
 350 fora falado para pertencer a uma secção da Internacional, que devia organizar um espanhol de Madrid; nunca vira o espanhol, que se disfarçava por causa da polícia; e a coisa falhara porque o *Comité* tinha falta de fundos... Mas era certo haver um homem, que possuía um talho, que prometera cem mil réis... O exército, além disso, estava na coisa: tinha visto numa reunião um sujeito barrigudo que lhe tinham dito que era major, e que tinha cara de major... — De modo que, com todos estes elementos, a opinião dele Gustavo, era que dentro de meses, Governo, rei, fidalgos, capitalistas, bispos, todos esses monstros iam pelos ares!
 355

— E então somos nós os reizinhos, menino! Godinho, Nunes, toda a cambada ferramo-la na enxovia de S. Francisco. Eu a quem me atiro é ao Godinho... Padres, derreamo-los à pancada! E o povo respira, enfim!

— Mas daqui até lá! suspirou João Eduardo, que pensava com amargura que quando a revolução viesse já seria tarde para recuperar a Ameliazinha...
 360

O tio Osório então apareceu com a garrafa.

350: «das coisas» «das cousas

357: a coisa] a cousa

359: na coisa:] na cousa:

As pessoas do café tinham corrido; alguns curiosos entraram.

— Parece incrível!

— Pois ele não costuma!

— Ora! Ora!

João Eduardo começava a empalidecer. Atiraram-lhe água, desfizeram-lhe a gravata e alguns aconselharam o amoníaco. Ele, encostado à parede, estava imóvel, os cabelos caídos, os olhos pisados, a face lívida e áspera, os cantos da boca descaídos e negros do vinho, o nariz afilado, com um arquejar seco. Esteve assim um momento. Tinham falado mesmo em o levar a casa. Mas de repente ergueu-se e começou a procurar

— Ora até que enfim, «seu fidalgo»! disse o tipógrafo a trasbordar de sarcasmo.

— Não se pertence à classe, mas é-se tratado por ela com consideração, replicou logo o tio Osório, a quem a satisfação fazia parecer mais pançudo.

— Por causa de meia dúzia de votos!

— Dezoito na freguesia, e esperanças de dezanove. E que se há-de servir mais aos cavalheiros? Nada mais? Pois é pena. Então é beber-lhe, é beber-lhe!

E correu a cortina, deixando os dois amigos em frente da garrafa cheia, aspirarem a uma Revolução que lhes permitisse — a um reaver a menina Amélia, a outro espancar o patrão Godinho.

Eram quase cinco horas quando saíram enfim do cubículo. O tio Osório, que se interessava por eles por serem rapazes de instrução, notou logo, examinando-os do canto do balcão onde saboreava o seu *Popular*, que «vinham tocaditos». João Eduardo, sobretudo, de chapéu carregado e beijo trombudo: «pessoa de mau vinho», pensou o tio Osório, que o conhecia pouco. Mas o sr. Gustavo, como sempre, depois dos seus três litros, resplandecia de júbilo. Grande rapaz! Era ele que pagava a conta; e gingando para o balcão, batendo de alto com as suas duas placas:

— Encafua mais essas na burra, Osório pipa!

— O que é pena é que sejam só duas, sr. Gustavo.

— Ah bandido! Imaginas que o suor do povo, o dinheiro do trabalho é para encher a pança dos Filistinos? Mas não as perdes! Que no dia do ajuste de contas quem há-de ter a honra de te furar esse bandulho há-de ser cá o Bibi... E o Bibi sou eu... Eu é que sou o Bibi! Não é verdade, João, quem é o Bibi?

João Eduardo não o escutava: muito carrancudo, olhava com desconfiança um borracho, que na mesa do fundo, diante do seu litro vazio, com o queixo na palma da mão e o cachimbo nos dentes, embasbacara, maravilhado, para os dois amigos.

O tipógrafo puxou-o para o balcão:

— Dize aqui ao tio Osório quem é o Bibi! Quem é o Bibi?... Olhe pra isto, tio Osório! Rapaz de talento, e dos bons! Veja-me isto! Com

371: «seu fidalgo»] *seu fidalgo!*

374: Osório, a quem] Osório que

378: mais?] mais?...

380: os dois] os dois

385-6: *Popular*, que «vinham tocaditos».] *Popular*; que vinham tocaditos.

396: Bibi!] Bibi!...

401: os dois] os dois

o chapéu. Deram-lho amassado, cheio do pó do chão. João Eduardo limpou-o com a manga e deitando a gola para cima, abotoou o casaco e saiu devagar.

— É melhor ir alguém com ele, não vá fazer alguma, disse um velho de chapéu desabado e com uma capa à espanhola.

— Nada, disse o dono do café, ele é sossegado! Isto para mim é novidade. Vai para casa.

Com efeito, viram-no tomar para a Rua do Esteves, onde ele vivia ao fundo, numa casa amarelada, de uma janela só.

405 duas penadas dá cabo do ultramontanismo! É cá dos meus! Também entre nós é prà vida e prà morte. Deixa lá a conta, Osório barrigudo, ouve o que te digo! Este é dos bons... E se ele aqui voltar e quiser dois litros a crédito, é dar-lhos... Cá o Bibi responde por tudo.

— Temos pois, começou o tio Osório, iscas a dois, salada a dois...

410 Mas o borracho arrancara-se com esforço ao seu banco: de cachimbo espetado, arrotando forte, veio plantar-se diante do tipógrafo, e, tremelando nas pernas, estendeu-lhe a mão aberta.

Gustavo considerou-o de alto, com nojo:

415 — Que quer você? Aposto que foi você que berrou há pouco «Viva Pio Nono»? Seu vendido... Tire pra lá a pata!

O borracho, repellido, grunhiu; e, embicando contra João Eduardo, ofereceu-lhe a mão espalmada.

— Arrede pra lá, seu animal! disse-lhe o escrevente desabrido.

— Tudo amizade... Tudo amizade... resmungava o borracho.

420 E não se arredava, com os cinco dedos muito espetados, despedindo um hálito fétido.

João Eduardo, furioso, atirou-o de repelão contra o contador.

— Brincadeiras de mãos, não! exclamou logo severamente o tio Osório. Brutalidades, não!

425 — Que se não metesse comigo, rosou o escrevente. E a você faça-lhe o mesmo...

— Quem não tem decência vai prà rua, disse muito grave o tio Osório.

430 — Quem vai prà rua, quem vai prà rua? rugiu o escrevente, empinando-se, de punho fechado. Repita lá isso de ir prà rua! Com quem está você a falar?

O tio Osório não replicava, apoiado sobre as mãos ao balcão, patenteando os seus enormes braços que lhe faziam o estabelecimento respeitado.

435 Mas Gustavo, com autoridade, pôs-se entre os dois, e declarou que era necessário ser-se cavalheiro! Questões e más palavras, não! Podia-se chalacear e troçar os amigos, mas como cavalheiros! E ali só havia cavalheiros!

407: quiser dois] quiser dous

409: a dois,] a dous, / a dois...] a dous...

414-5: pouco «Viva Pio Nono»?] pouco: Viva Pio Nono!

416: e,] e

435: os dois,] os dous,

437: [Em 1889: troçar os amigos]

— Safa! disse o velho da capa entrando para dentro do café. Aquela era de mestre!

Então falou-se em bebedeiras e cada um se gabou de as ter tomado maiores.

O homem das barbas negras viera ouvir a conversação e dando giz no taco:

— Em África é que elas se apanham! dizia ele. E lá é com aguardente!

Arrastou para um canto o escrevente, que resmungava muito res-
sentido.

— Oh, João! Oh, João! dizia-lhe com grandes gestos, isso não é dum
homem ilustrado!

Que diabo! Era necessário ter-se boas maneiras! Com repentes, com
vinho desordeiro, não havia pândega, nem sociedade, nem fraternidade!

445 Voltou ao tio Osório, falando-lhe sobre o ombro, excitado:

— Eu respondo por ele, Osório! É um cavalheiro! Mas tem tido
desgostos, e não está acostumado a um litro de mais. É o que é! Mas é
dos bons... Você desculpe, tio Osório. Que eu respondo por ele...

Foi buscar o escrevente, persuadiu-o a apertar a mão ao tio Osório.
450 O taberneiro declarou com ênfase que não quisera insultar o cavalheiro.
Os *shake-hands* então sucederam-se com veemência. Para consolidar a re-
conciliação, o tipógrafo pagou três «canas brancas». João Eduardo, por
brio, ofereceu também um «giro» de cognac. E com os copos em fila
sobre o balcão, trocavam boas palavras, tratavam-se de cavalheiros —
455 enquanto o borracho, esquecido ao seu canto, derreado para cima da mesa,
a cabeça sobre os punhos e o nariz sobre o litro, se babava silenciosa-
mente, com o cachimbo cravado nos dentes.

— Disto é que eu gosto! dizia o tipógrafo a quem a aguardente au-
mentara a ternura. Harmonia! Cá o meu fraco é a harmonia! Harmonia
460 entre a rapaziada e entre a humanidade... O que eu queria era ver uma
grande mesa, e toda a humanidade sentada num banquete, e fogo preso,
e chalaça, e decidirem-se as questões sociais! E o dia não vem longe em
que você o há-de ver, tio Osório!... Em Lisboa as coisas vão-se prepara-
ndo pra isso. E o tio Osório é que há-de fornecer o vinho... Hem, que
465 negociozinho! Diga que não sou amigo!

— Obrigado, sr. Gustavo, obrigado...

— Isto aqui entre nós, hem, que somos todos cavalheiros! E cá este —
abraçava João Eduardo — é como se fosse irmão! Entre nós é pra vida e
pra morte! E é mandar a tristeza ao diabo, rapaz! Toca a escrever o
470 folheto... O Godinho, e o Nunes...

441: — Oh, João! Oh, João! — Oh João, oh

452: «canas brancas»] *canas brancas*.

453: «giro»] *giro*

454: cavalheiros —] cavalheiros, —

458: gosto!] *gosto*.

463: as coisas] *as coisas*

463-4: preparando pra] *preparando para*

467: hem.] *hem?*

E começaram a discutir licores enquanto as bolas batiam com um ruído seco, e a voz monótona e arrastada do marcador dizia os pontos.

No entanto João Eduardo não entrara em casa e fora caminhando ao acaso, cambaleando ligeiramente. Passou a Praça, penetrou nas ruas estreitas até ao largo da Sé. Algumas pessoas olhavam-no pasmadas, riam. Subiu os degraus da igreja e pelo Terreiro chegou ao pé do adro que há defronte do cemitério. A grade estava aberta, entrou no cemitério. A tarde ia caindo; entre a folhagem escura branquejavam os túmulos. João Eduardo lembrou-se vagamente que àquela hora era o enterro do Bento Ferreira. O enterro com efeito acabara; pessoas de casaca saíam; um sacristão passou com o hissope e a caldeira, rindo com outro que levava uma porção de tochas apagadas; os convidados vestiam o paletot que traziam no braço, erguiam a gola, acendiam o cigarro, formavam grupos; os velhos guardavam cuidadosamente as suas luvas pretas; um parente dava em redor apertos de mão lúgubres. Um coxo pedia esmola, resmungando padre-nossos.

— O Nunes racho-o! soltou com força o escrevente, que, depois das «saúdes» com cana, parecia mais sombrio.

Dois soldados entraram então na taberna — e Gustavo julgou que eram horas de ir para a tipografia. Senão, não se haviam de separar todo o dia, não se haviam de separar toda a vida!... Mas o trabalho é dever, o trabalho é virtude!

Saíram, enfim, depois de mais *shake-hands* com o tio Osório. À porta, Gustavo jurou ainda ao escrevente uma lealdade de irmão; obrigou-o a aceitar a sua bolsa de tabaco; e desapareceu à esquina da rua, de chapéu para a nuca, trauteando o *Hino do trabalho*.

João Eduardo, só, abalou logo para a Rua da Misericórdia. Ao chegar à porta da S. Joaneira, apagou com cuidado o cigarro na sola do sapato, e deu um puxão tremendo ao cordão da campainha.

A *Ruça* veio, correndo.

— A Ameliuzinha? Quero-lhe falar!

— As senhoras saíram, disse a *Ruça* espantada do modo do sr. Joãozinho.

— Mente, sua bêbeda! berrou o escrevente.

A rapariga, aterrada, fechou a porta de estalo.

João Eduardo foi-se encostar à parede defronte, e ficou ali, de braços cruzados, observando a casa: as janelas estavam fechadas, as cortinas de cassa corridas: dois lenços de rapé do cônego secavam em baixo na varanda.

Aproximou-se de novo e bateu devagarinho a aldrava. Depois repicou com furor a campainha. Ninguém apareceu: então, indignado, partiu para os lados da Sé.

Ao desembocar no largo, diante da fachada da igreja, parou, procurando em redor com o sobrolho carregado: mas o largo parecia deserto; à porta da farmácia do Carlos um rapazito, sentado no degrau, guardava pela arreata um burro carregado de erva; aqui e além, galinhas iam picando o chão vorazmente; o portão da igreja estava fechado; e apenas se ouvia o ruído de marteladas numa casa ao pé em que havia obras.

472: «saúdes»] saúdes

473: Dois] Dous

492: corridas: dois] corridas: dois

493-4: varanda. // Aproximou-se] varanda. Aproximou-se

496: para os lados] para o lado

E o escrevente sem saber porquê esperava, passeando, com as mãos atrás das costas e o chapéu carregado. De repente afirmou-se, viu passar um padre com a sobrepeliz sobre a batina negra e pelas costas conheceu-o. Era Amaro. Ia só.

— Pst! Olá! gritou-lhe João Eduardo.

O padre Amaro voltou-se e outras pessoas também.

O escrevente foi direito a ele.

— Ah! Seu maroto! disse ele e deu-lhe um violento murro no ombro.

Mas agarraram-no logo, cercaram-no, empurraram-no, num grande alarido.

Todos tinham corrido, perguntando:

— Que foi? Que foi?

Um homem novo, de bigode loiro, penetrou no grupo todo azafamado e tomando o escrevente pela manga gritou-lhe:

— Está preso!

Era o administrador do concelho.

Havia uma grande indignação.

— Que mariola! Que desavergonhado! diziam.

E João Eduardo ia seguir para os lados da Alameda — quando apa-
 505 receram no terraço da igreja, da banda da sacristia, o padre Silvério e o
 padre Amaro, conversando, devagar.

Batia então um quarto na torre, e o padre Silvério parou a acertar
 o seu *cebolão*. Depois os dois padres observaram maliciosamente a janela
 da administração, de vidraças abertas, onde se via, no escuro, o vulto do
 senhor administrador de binóculo cravado para a casa do Teles alfaiate.
 510 E desceram enfim a escadaria da Sé, rindo de ombro a ombro, divertidos
 com aquela paixão que escandalizava Leiria.

Foi então que o pároco viu João Eduardo que estacara no meio do
 largo. Parou para voltar à Sé decerto, evitar o encontro; mas viu o portão
 fechado, e ia seguir de olhos baixos, ao lado do bom Silvério que tirava
 515 tranquilamente a sua caixa de rapé, — quando João Eduardo, arremes-
 sando-se, sem uma palavra, atirou a toda a força um murro ao ombro de
 Amaro.

O pároco, aturdido, ergueu frouxamente o guarda-chuva.

— Acudam! berrou logo o padre Silvério, recuando de braços no
 520 ar. Acudam!

Da porta da administração um homem correu, agarrou furiosamente
 o escrevente pela gola:

— Está preso! rugia. Está preso!

— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância.

525 Janelas no largo abriam-se à pressa. A Amparo da Botica, em saia
 branca, apareceu à varanda, espavorida; o Carlos precipitara-se do labo-
 ratório em chinelas; e o senhor administrador, debruçado na sacada,
 bracejava, com o binóculo na mão.

Enfim o escrivão da administração, o Domingos, compareceu, muito
 530 grave, de mangas de lustrina enfiadas; e com o cabo de polícia levou logo
 para a administração o escrevente, que não resistia, todo pálido...

O Carlos, esse, apressou-se a conduzir o senhor pároco para a bo-
 tica; fez preparar, com estrépito, flor de laranja e éter; gritou pela espo-
 sa, para arranjar uma cama... Queria examinar o ombro de Sua Senhoria:
 535 haveria intumescência?

— Obrigado, não é nada, dizia o pároco muito branco. Não é nada.
 Foi um raspão. Basta-me uma gota de água...

505-6: devagar. // Batia] devagar. Batia

507: os dois] os dois

528: bracejava,] bracejava

E já havia versões, falava-se mesmo de um punhal. O padre Amaro tinha-se afastado, todo excitado, acompanhado por algumas pessoas. Um oficial de diligências apareceu logo e levou o escrevente para casa do administrador. Muita gente seguia atrás, enchendo as ruas de rumor; pessoas chegavam às janelas; os caixeiros vinham às portas das lojas, os garotos corriam. Ao pé do oficial de diligências, o escrevente, pálido e desfigurado, caminhava com um movimento febril.

Mas a Amparo achava melhor um cálice de vinho do Porto; e correu acima a buscar-lho, tropeçando nos pequenos que se lhe penduravam das saias, dando *ais*, explicando pela escada à criada que tinham querido matar o senhor pároco!

À porta da botica juntara-se gente, que embasbacava para dentro; um dos carpinteiros que trabalhavam nas obras afirmava que «fora uma facada»; e uma velha por trás debatia-se, de pescoço esticado, para ver o *sangue*. Enfim, a pedido do pároco, que receava escândalo, o Carlos veio majestosamente declarar que não queria motim à porta! O senhor pároco estava melhor. Fora apenas um soco, um raspão de mão... Ele respondia por Sua Senhoria.

E, como o burro ao lado começara a ornear, o farmacêutico voltando-se indignado para o rapazito que o segurava pela arreata:

— E tu não tens vergonha, no meio dum desgosto destes, um desgosto para toda a cidade, de ficar aqui com esse animal, que não faz senão zurrar! Para longe, insolente, para longe!

Aconselhou então os dois sacerdotes a que subissem para a sala, para evitar a «curiosidade da população». E a boa Amparo apareceu logo com dois cálices do Porto, um para o senhor pároco, outro para o senhor padre Silvério que se deixara cair a um canto do canapé, apavorado ainda, extenuado de emoção.

— Tenho cinquenta e cinco anos, disse ele depois de ter chupado a última gota de *porto*, e é a primeira vez que me vejo num barulho!

O padre Amaro, mais sossegado agora, afectando bravura, chasqueou o padre Silvério:

— Você tomou o caso muito ao trágico, colega... E lá ser a primeira, vamos lá... Todos sabem que o colega esteve pegado com o Natário...

— Ah, sim, exclamou o Silvério, mas isso era entre sacerdotes, amigo!

Mas a Amparo, ainda muito trémula, enchendo outro cálice ao senhor pároco, quis saber «os particulares, todos os particulares...»

— Não há particulares, minha senhora, eu vinha aqui com o colega... Vínhamos cavaqueando... O homem chegou-se a mim, e, como eu estava desprevenido, deu-me um raspão no ombro.

— Mas porquê? Porquê? exclamou a boa senhora, apertando as mãos, num assombro.

549: E,] E

553: zurrar! Para longe, insolente, para] zurrar? Pra longe, insolente, pra

554: os dois] os dous

555-6: com dois] com dous

560: de porto,] de Porto,

O Carlos então deu a sua opinião. Ainda havia dias, ele dissera, diante da Amparozinho e de D. Josefa, a irmã do respeitável cônego Dias, que estas ideias de materialismo e ateísmo estavam levando a mocidade aos mais perniciosos excessos... E mal sabia ele então que estava profetizando!

— Vejam Vossas Senhorias este rapaz! Começa por esquecer todos os deveres de cristão (assim no-lo afirmou D. Josefa), associa-se com bandidos, achincalha os dogmas nos botequins... Depois (sigam Vossas Senhorias a progressão), não contente com estes extravios, publica nos periódicos ataques abjectos contra a religião... E enfim, possuído de uma vertigem de ateísmo, atira-se, diante mesmo da catedral, sobre um sacerdote exemplar (não é por Vossa Senhoria estar presente) e tenta assassiná-lo! Ora, pergunto eu, o que há no fundo de tudo isto? Ódio, puro ódio à religião de nossos pais!

— Infelizmente assim é, suspirou o padre Silvério.

Mas a Amparo, indiferente às causas filosóficas do delito, ardia na curiosidade de saber o que se passaria na administração, o que diria o escrevente, se o teriam posto a ferros... O Carlos prontificou-se logo a ir averiguar.

— De resto, disse ele, era o seu dever, como homem de ciência, esclarecer a justiça sobre as consequências que podia ter trazido um murro, a força de braço, na região delicada da clavícula... (ainda que, louvado Deus, não havia fractura, nem inchaço), e sobretudo queria revelar à autoridade, para que ela tomasse as suas providências, que aquela tentativa de espancamento não provinha de vingança pessoal. Que podia ter feito o senhor pároco da Sé ao escrevente do Nunes? Provinha duma vasta conspiração de ateus e republicanos contra o sacerdócio de Cristo!

— Apoiado, apoiado! disseram os dois sacerdotes gravemente.

— E é o que eu vou provar cabalmente ao senhor administrador do concelho!

Na sua precipitação zelosa de conservador indignado, ia mesmo de chinelas e quinzena de laboratório: mas Amparo alcançou-o no corredor:

— Oh, filho! A sobrecasaca, põe a sobrecasaca ao menos, que o administrador é de cerimónia!

581: progressão,] progressão)

595: inchaço,] inchaço).

600: os dois] os deus

604: mas Amparo] mas a Amparo

605: — Oh, filho! — Oh filho,

606: de cerimónia!] de cerimónias!

Em casa do administrador acenderam-se luzes e o escrivão, que chegara correndo, começou a lavrar o auto. Alguns indivíduos tinham subido para depor; a escada estava cheia de gente e de vozes. À porta os curiosos estacionavam. Dizia-se que um homem quisera matar o pároco.

De repente houve um murmúrio:

— É o pároco! É o pároco! disseram.

Todos se arredaram com respeito, com curiosidade.

E o padre Amaro apareceu à porta da sala, de batina, pálido, o seu barrete na mão, cumprimentando.

As pessoas que estavam ergueram-se. Houve um silêncio simpático.

Ela mesmo lha ajudou a enfiar, enquanto o Carlos, com a imaginação trabalhando viva (aquela desgraçada imaginação que, como ele dizia, até às vezes lhe dava dores de cabeça), ia preparando o seu depoimento, que faria ruído na cidade. Falaria de pé. Na saleta da administração seria um aparato judicial: à sua mesa, o senhor administrador, grave como a personificação da Ordem; em redor os amanuenses, activos sobre o seu papel selado; e o réu, defronte, na atitude tradicional dos criminosos políticos, os braços cruzados sobre o peito, a fronte alta desafiando a morte.

610
615 Ele, Carlos, então, entraria e diria: *Senhor administrador, aqui venho espontaneamente pôr-me ao serviço da vindicta social!*

— Hei-de-lhes mostrar, com uma lógica de ferro, que é tudo resultado duma conspiração do racionalismo. Podes estar certa, Amparozinho, é uma conspiração do racionalismo! disse, puxando, com um gemido de esforço, as presilhas dos botins de cano.

620

— E repara se ele fala da pequena, da S. Joaneira...

— Hei-de tomar notas. Mas não se trata da S. Joaneira. Isto é um processo político!

Atravessou o largo majestosamente, certo que os vizinhos, pelas portas, murmuravam: *Lá vai o Carlos depor...* Ia depor, sim, mas não sobre o murro no ombro de Sua Senhoria. Que importava o murro? O grave era o que estava por trás do murro — uma conspiração contra a Ordem, a Igreja, a Carta e a Propriedade! É o que ele provaria de alto ao senhor administrador. Este murro, excelentíssimo senhor, é o primeiro excesso duma grande revolução social!

625
630

É empurrando o batente de baeta que dava acesso para a administração do concelho de Leiria, ficou um momento com a mão no ferrolho, enchendo o vão da porta da pompa da sua pessoa. Não, não havia o aparato judicial que ele concebera. O réu lá estava, sim, pobre João Eduardo, mas sentado à beira do banco, com as orelhas em brasa, olhando estupidamente o soalho. Artur Couceiro, embaraçado com a presença daquele íntimo dos serões da S. Joaneira, ali no assento dos presos, para o não olhar fixara o nariz sobre o imenso copiador de officios, onde desdobrara o *Popular da véspera*. O amanuense Pires, de sobranceiras muito erguidas e muito sérias, embebia-se na ponta da pena de pato que

635
640

611: judicial:] judicial;

612: Ordem:] Ordem;

625: sim,] sim.

626: Senhoria.] Senhoria!

629: murro, excelentíssimo] murro, ilustríssimo

aparava sobre a unha. O escrivão Domingos, esse, sim, vibrava de actividade! O seu lápis rascunhava com furor; o processo estava-se decerto apressando; era tempo de trazer a sua ideia... E o Carlos então adiantando-se:

645 — Meus senhores! O senhor administrador?

Justamente a voz de Sua Excelência chamou de dentro do seu gabinete:

— Ó sr. Domingos?

O escrivão perfilou-se, puxando os óculos para a testa.

650 — Senhor administrador!

— O senhor tem fósforos?

O Domingos procurou ansiosamente pela algibeira, na gaveta, entre os papéis...

— Algum dos senhores tem fósforos?

655 Houve um rebuscar de mãos sobre a mesa... Não, não havia fósforos.

— Ó sr. Carlos, o senhor tem fósforos?

— Não tenho, sr. Domingos. Sinto.

660 O senhor administrador apareceu então, ajeitando as suas lunetas de tartaruga:

— Ninguém tem fósforos, hem? É extraordinário que não haja aqui nunca fósforos! Uma repartição destas sem um fósforo... Que fazem os senhores aos fósforos? Mande buscar por uma vez meia dúzia de caixas!

665 Os empregados olhavam-se consternados dessa falta flagrante no material do serviço administrativo. E o Carlos, apoderando-se logo da presença e da atenção de Sua Excelência:

— Senhor administrador, eu aqui venho... Aqui venho solícito e espontâneo, por assim dizer...

670 — Diga-me uma coisa, sr. Carlos, interrompeu a autoridade. O pároco e o outro ainda estão lá na botica?

— O senhor pároco e o senhor padre Silvério ficaram com minha esposa a repousar da comoção que...

— Tem a bondade de lhes ir dizer que são cá precisos...

641: esse,] esse

646: Justamente] Justamente,

651: tem fósforos?] tem aí fósforos?

664: consternados dessa] consternados desta

669: uma coisa,] uma coisa,

672: a repousar] a repousarem

E então, dirigindo-se ao administrador:

— Eu vinha pedir um obséquio muito especial a Vossa Senhoria, disse ele.

O administrador curvou-se.

— Aquele homem — e indicava o escrevente, imóvel, numa grande prostração, com o rosto baixo — não estava no seu juízo. Estava embriagado. Eu não posso ser parte. — E com um sorriso resignado: — A religião manda-nos perdoar. Ele não me ofendeu com intenção. Até, a falar a verdade, mal me tocou; foi apenas um gesto de ameaça.

O administrador ia interromper, dar razões policiais.

— Eu estou à disposição da lei.

675 — Que venham quanto antes... São cinco horas e meia, queremos ir embora! Vejam que maçada tem sido esta aqui, todo o dia! A repartição fecha-se às três!

680 E Sua Excelência, rodando sobre os tacões, foi debruçar-se à sacada do seu gabinete — àquela sacada donde ele diariamente, das onze às três, retorcendo o bigode louro e entesando o plastron azul, depravava a mulher do Teles.

O Carlos abria já o batente verde, quando um *pst* do Domingos o deteve.

685 — Ó amigo Carlos — e o sorrisinho do escrivão tinha uma suplicação tocante — desculpe, hem? Mas... Traz-me de lá uma caixita de fósforos?

Neste momento à porta aparecia o padre Amaro; e por trás a massa enorme do Silvério.

690 — Eu desejava falar ao senhor administrador em particular, disse Amaro.

700 Todos os empregados se ergueram; João Eduardo também, branco como a cal do muro. O pároco, com as suas passadas subtis de eclesiástico, atravessou a repartição, seguido do bom Silvério que ao passar diante do escrevente descreveu de esguelha um semicírculo cauteloso, com terror ao réu; o senhor administrador acudira a receber Suas Senhorias; e a porta do gabinete fechou-se discretamente.

— Temos composição, rosnou o experiente Domingos, piscando o olho aos colegas.

705 O Carlos sentara-se descontente. Viera ali para esclarecer a autoridade sobre os perigos sociais que ameaçavam Leiria, o Distrito e a Sociedade, para ter o seu papel naquele processo, que, segundo ele, era um processo político — e ali estava calado, esquecido, no mesmo banco ao lado do réu! Nem lhe tinham oferecido uma cadeira! Seria realmente intolerável que as coisas se arranjassem entre o pároco e o administrador sem o consultarem a ele! Ele, o único que percebera naquele murro dado no ombro do padre — não o punho do escrevente, mas a mão do racionalismo! Aquele desdém pelas suas luzes parecia-lhe um erro funesto na administração do Estado. Positivamente o administrador não tinha a

674: lei.] lei...

692: pároco.] pároco

— Ah! Sim, bem sei, disse o pároco, é verdade. A autoridade tem de proceder. Mas eu sou o único ofendido e como sou eu que peço, parece-me... Enfim Vossa Senhoria fará o que entender; mas se o meu pedido vale alguma coisa, eu desejaria por tudo que aquele pobre rapaz fosse solto. Quanto mais que, repetiu ele, quase me não tocou.

Houve uma aprovação vagamente murmurada. O administrador e o escrivão consultaram-se baixo. O pároco tinha ficado de pé, pálido e tranquilo.

capacidade necessária para salvar Leiria dos perigos da revolução! Bem se dizia na Arcada — era uma bambocha!

A porta do gabinete entreabriu-se, e as lunetas do administrador reluziram.

— Ó sr. Domingos, faz favor, vem-nos falar? disse Sua Excelência.

O escrivão apressou-se com importância; e a porta cerrou-se de novo, confidencialmente. Ah! Aquela porta, fechada diante dele, deixando-o de fora, indignava o Carlos. Ali ficava, com o Pires, com o Artur, entre as inteligências subalternas, ele que prometera à Amparozinho falar de alto ao administrador! E quem era ouvido, e quem era chamado? O Domingos, um animal notório, que começava *satisfação* com um *c* cedilhado! Que se podia de resto esperar duma autoridade que passava as manhãs de binóculo a desonrar uma família? Pobre Teles, seu vizinho, seu amigo!... Não, realmente devia falar ao Teles!

Mas a sua indignação cresceu quando viu o Artur Couceiro, um empregado da repartição, na ausência do seu chefe, erguer-se da sua escrivaninha, vir familiarmente junto do réu, dizer-lhe com melancolia:

— Ah, João, que rapaziada, que rapaziada!... Mas a coisa arranja-se, verás!

João tinha encolhido tristemente os ombros. Havia meia hora que ali estava, sentado à beira daquele banco, sem se mexer, sem desprezar os olhos do soalho, sentindo-se interiormente tão vazio de ideias, como se lhe tivessem tirado os miolos. Todo o vinho, que na taberna do Osório e no largo da Sé lhe acendia na alma fogachos de cólera, lhe retesava os pulsos num desejo de desordem, parecia subitamente eliminado do seu organismo. Sentia-se agora tão inofensivo como quando no cartório aparava cautelosamente a sua pena de pato. Um grande cansaço entorpecia-o; e ali esperava, sobre o banco, numa inércia de todo o seu ser, pensando estupidamente que ia viver para uma enxovia em S. Francisco, dormir numa palhoça, comer da Misericórdia... Não tornaria a passear na Alameda, não veria mais Amélia... A casita em que vivia seria alugada a outro... Quem tomaria conta do seu canário? Pobre animalzinho, ia morrer de fome, decerto... A não ser que a Eugénia, a vizinha, o recolhesse...

710: era uma] era um

723: cresceu] cresceu,

726: a coisa] a coisa

741: fome,] fome

O administrador disse então:

— Bem, parece-me que não pode haver dúvida. Era necessário um exemplo, mas enfim atendendo ao pedido de Vossa Senhoria...

— Que eu faço com o maior empenho. É para mim um caso de consciência.

— Bem, bem... — E voltou-se para o escrivão.

O escrivão encolheu os ombros e dirigindo-se a João Eduardo com um modo áspero:

— Está bom, pode-se ir! Agradeça aqui ao sr. pároco. Tinha para pêras.

O escrevente ergueu-se; quase não podia andar. O oficial de diligências foi-o levando pelo braço, brandamente, dizendo-lhe baixo, com bonomia:

— Vá! Vá! Safe-se!

O Domingos de repente saiu do gabinete de Sua Excelência, e fechando vivamente a porta sobre si, em triunfo:

745 — Que lhes dizia eu? Composição! Arranjou-se tudo!

E para João Eduardo:

— Seu felizão! Parabéns! Parabéns!

O Carlos pensou que era aquele o maior escândalo administrativo desde o tempo dos Cabrais! E ia retirar-se enojado (como no quadro
750 clássico o Estóico que se afasta duma orgia patrícia) quando o senhor administrador abriu a porta do seu gabinete. Todos se ergueram.

Sua Excelência deu dois passos na repartição, e revestido de gravidade, destilando as palavras, com as lunetas cravadas no réu:

755 — O senhor padre Amaro, que é um sacerdote todo caridade e bondade, veio-me expor... Enfim, veio-me suplicar que não desse mais andamento a este negócio... Sua Senhoria com razão não quer ver o seu nome arrastado nos tribunais. Além disso, como Sua Senhoria disse muito bem, a religião, de que ele é... de que ele é, posso dizê-lo, a honra e o modelo, impõe-lhe o perdão da ofensa... Sua Senhoria reconhece que o ataque foi
760 brutal, mas frustrado... Além disso parece que o senhor estava bêbedo...

Todos os olhos se fixaram em João Eduardo, que se fez escarlate. Aquilo pareceu-lhe nesse momento pior que a prisão.

765 — Enfim, continuou o administrador, por altas considerações que eu pesei devidamente, tomo a responsabilidade de o soltar. Veja agora como se porta. A autoridade não o perde de olho... Bem, pode ir com Deus!

E Sua Excelência recolheu-se ao gabinete. João Eduardo ficou imóvel, como parvo.

— Posso ir, hem? balbuciou.

770 — Prà China, pra onde quiser! *Liberus, libera, liberum!* exclamou o Domingos que, interiormente detestando padres, jubilava com aquele final.

João Eduardo olhou um momento em redor os empregados, o carancudo Carlos; duas lágrimas bailavam-lhe nas pálpebras; de repente
775 agarrou o chapéu e abalou.

— Poupa-se um rico trabalhinho! resumiu o Domingos, esfregando vivamente as mãos.

752: deu dois] deu dois

759: Sua Senhoria] Sua Excelência

775: chapéu] chapéu.

780 Imediatamente a papelada foi arrumada, aqui e além, à pressa. É que era tarde! O Pires recolhia as suas mangas de lustrina e a sua almofadinha de vento. O Artur enrolou os seus papéis de música. E no vão da janela, amuado, esperando ainda, o Carlos olhava sombriamente o largo.

785 Enfim os dois padres saíram acompanhados até à porta pelo senhor administrador, que, terminados os deveres públicos, reaparecia homem de sociedade. — Então porque não tinha o amigo Silvério vindo a casa da baronesa de Via-Clara? Houvera um voltarete furibundo. O Peixoto levava dois codilhos. Tinha dito blasfêmias medonhas!... Criado de Suas Senhorias. Estimava bem que tudo se tivesse harmonizado. Cuidado com o degrau... Às ordens de Suas Senhorias...

790 Ao voltar porém ao seu gabinete dignou-se parar diante da mesa do Domingos, e retomando alguma solenidade:

795 — A coisa passou-se bem. É um bocado irregular, mas sensata! Bem basta já os ataques que há contra o clero nos jornais... A coisa podia fazer barulho. O rapaz era capaz de dizer que tinham sido ciúmes do padre, que queria desinquietar a rapariga, etc. É mais prudente abafar a coisa... Quanto mais que, segundo o pároco me provou, toda a influência que ele tem exercido na Rua da Misericórdia ou onde diabo é, tem tido por fim livrar a rapariga de casar com aquele amigo, que, como se vê, é um bêbedo e uma fera!

800 O Carlos roía-se. Todas aquelas explicações eram dadas ao Domingos! A ele, nada! Ali ficava, esquecido no vão da janela!

Mas não! Sua Excelência, de dentro do seu gabinete, chamou-o misteriosamente com o dedo.

805 Enfim! Precipitou-se, radiante, subitamente reconciliado com a autoridade.

— Eu estava para passar pela botica — disse-lhe o administrador baixo e sem transição, dando-lhe um papel dobrado — para que me mandasse isto a casa, hoje. É uma receita do doutor Gouveia... Mas já que o amigo aqui está...

783: os dois] os dois

787: levava dois] levava dois

787-8: Suas Senhorias.] Suas Excelências.

789: Suas Senhorias...] Suas Excelências...

792: — A coisa] — A coisa

793: A coisa] A coisa

795-6: a coisa...] a coisa...

806: estava para] estava pra

807: dobrado — para] dobrado — pra

No entanto o padre Amaro tinha saído contente, cumprimentando; e durante algum tempo os grupos, que conheciam a solução do caso, celebraram a brandura do seu génio, toda a sua pessoa exemplar e compassiva. Alguns censuravam-no:

— Devia ter deixado a autoridade proceder.

O dr. Godinho que tinha passado ali e estava entre os grupos disse:

— Ele lá se entende! Olha quem!

E contou então as queixas que lhe fizera João Eduardo.

Mas sob a impressão do movimento generoso do padre ninguém acreditou, porque demais conheciam-se os hábitos difamadores do dr. Godinho e a sua hostilidade aos padres. E nessa noite por toda a parte

810 — Eu tinha vindo para me pôr à disposição da vindicta...
 — Isso está acabado! interrompeu vivamente Sua Excelência. Não se esqueça, mande-me isso antes das seis. É para tomar ainda esta noite. Adeus. Não se esqueça!

— Não faltarei, disse secamente o Carlos.

815 Ao entrar na botica, a sua cólera flamejava. Ou ele não se chamava Carlos, ou havia de mandar uma correspondência tremenda ao *Popular!*... Mas a Amparo, que lhe espreitara a volta da varanda, correu, atirando-lhe as perguntas:

820 — Então? Que se passou? O rapaz foi prà rua? Que disse ele? Como foi?

O Carlos fixava-a, com as pupilas chamejantes.

— Não foi culpa minha, mas triunfou o materialismo! Eles o pagarão!

— Mas tu que disseste?

825 Então, vendo os olhos da Amparo e os do praticante abertos para devorar a citação do seu depoimento — o Carlos, tendo de ressaltar a dignidade de esposo e a superioridade de patrão, disse laconicamente:

— Dei a minha opinião, com firmeza!

— E ele que disse, o administrador?

830 Foi então que o Carlos, recordando-se, leu a receita que amarrotara na mão. A indignação emudeceu-o — vendo que era aquele todo o resultado da sua grande entrevista com a autoridade!

— Que é? perguntou sofregamente a Amparo.

O que era? E no seu furor, desdenhando o segredo profissional e o bom renome da autoridade, o Carlos exclamou:

835 — É um frasco de xarope de Gibert para o senhor administrador! Aí tem a receita, sr. Augusto.

A Amparo, que, com alguma prática de farmácia, conhecia os benefícios do mercúrio, fez-se tão escarlate como as fitas flamejantes que lhe enfeitavam a cuia.

840 Toda essa tarde se falou com excitação pela cidade «da tentativa de assassinato de que estivera para ser vítima o senhor pároco». Algumas pessoas censuravam o administrador por não ter procedido: os cavalheiros da oposição sobretudo, que viram na debilidade daquele funcionário uma prova incontestável de que o Governo ia, com os seus desperdícios
 845 e as suas corrupções, levando o país a um abismo!

810: vindo para] vindo pra

812: É para] É pra

o padre Amaro foi popular e ganhou juízos simpáticos. O chantre ao outro dia foi abraçá-lo.

— Isso, disse-lhe ele sempre afecto às suas comparações clássicas, isso, meu amigo, é aliar a mocidade de Telémaco à prudência de Mentor. Padre Amaro, você era digno de ser sacerdote de Minerva na cidade de Salento!

E saiu, rindo muito.

Na noite seguinte o padre Amaro foi a casa da S. Joaneira; teve de contar miudamente o caso do cemitério; as velhas, o cónego estavam cheios de indignação.

— Mariola! diziam.

— Em minha casa não me torna ele a pôr os pés, exclamou a sr.^a Gansoso.

— Eu é que o conhecia bem, disse a irmã do cónego. A mim não me enganava ele.

Mas o padre Amaro, esse, era admirado como um santo. Que piedade! Que mansidão! O senhor chantre mandou-o chamar à noitinha, recebeu-o paternalmente com um «viva o meu cordeiro pascal!» E depois de escutar a história do insulto, a generosa intervenção...

850 — Filho, exclamou, isso é aliar a mocidade de Telémaco à prudência de Mentor! Padre Amaro, você era digno de ser sacerdote de Minerva na cidade de Salento!

Quando Amaro entrou à noite em casa de S. Joaneira — foi como a aparição dum santo escapo às feras do Circo ou à plebe de Diocleciano!
855 Amélia, sem disfarçar a sua exaltação, apertou-lhe ambas as mãos, muito tempo, toda trémula, com os olhos húmidos. Deram-lhe, como nos grandes dias, a poltrona verde do cônego. A sr.^a D. Maria da Assunção quis mesmo que se lhe pusesse uma almofada para ele apoiar o ombro dorido. Depois teve de contar miudamente toda a cena, desde o momento em
860 que, conversando com o colega Silvério (que se portara muito bem), avistara o escrevente no meio do largo, de bengalão alçado e ar de mata-mouros...

Aqueles detalhes indignavam as senhoras. O escrevente aparecia-lhes pior que Longuinhos e que Pilatos. Que malvado! O senhor pároco devia-
865 -o ter calcado aos pés! Ah! Era dum santo, ter perdoado!

— Fiz o que me inspirou o coração, disse ele baixando os olhos. Lembrei-me das palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: Ele manda oferecer a face esquerda depois de se ter sido esbofetado na face direita...

870 O cônego, a isto, escarrou grosso e observou:

— Eu lhe digo. Eu, se me atirarem um bofetão à face direita... Enfim, são ordens de Nosso Senhor Jesus Cristo, ofereço a face esquerda. São ordens de cima!... Mas depois de ter cumprido esse dever de sacerdote, oh, senhoras, desanco o patife!

875 — E doeu-lhe muito, senhor pároco? perguntou do canto uma vozinha expirante e desconhecida.

Acontecimento extraordinário! Era a sr.^a D. Ana Gapsoso que falara depois de dez longos anos de taciturnidade sonolenta! Aquele torpor que nada sacudira, nem festas, nem lutos, tinha enfim, sob um impulso
880 de simpatia pelo senhor pároco, uma vibração humana! — Todas as se-

859: Depois] Depois,

860: bem),] bem)

874: oh,] oh

877: falara] falara,

Às nove horas o sr. Artur entrou e disse que João Eduardo nessa manhã fora despedido de casa do tabelião.

— Bem feito! exclamaram.

Mas a S. Joaneira lamentava-o:

— Pobre rapaz! Fica sem ter que comer!

— Que beba! Que beba! disse a sr.^a D. Maria da Assunção com um risinho áspero.

Todos riram também. Amélia, calada, cosia com a cabeça baixa.

899: rapaz! / comer!

900-16: beba! [...] grandes apertos de mão, dizendo:

nhoras lhe sorriram, agradecidas, e Amaro, lisonjeado, respondeu com bondade:

— Quase nada, sr.^a D. Ana, quase nada, minha senhora... Que ele deu de rijo! Mas eu sou de boa carnadura.

885 — Ai, que monstro! exclamou D. Josefa Dias, furiosa à ideia do punho do escrevente descarregado sobre aquele ombro santo. Que monstro! Eu queria-o ver com uma grilheta a trabalhar na estrada! Que eu é que o conhecia! A mim nunca ele me enganou... Sempre lhe achei cara de assassino!

890 — Estava embriagado, homens com vinho... arriscou timidamente a S. Joaneira.

Foi um clamor. Ai, que o não desculpasse! Parecia até sacrilégio! Era uma fera, era uma fera!

895 E a exultação foi grande quando Artur Couceiro, aparecendo, deu logo da porta a novidade, a última: o Nunes mandara chamar o João Eduardo e dissera-lhe (palavras textuais): «Eu, bandidos e malfeitores não os quero no meu cartório. Rua!»

A S. Joaneira então comoveu-se:

— Pobre rapaz, fica sem ter que comer...

900 — Que beba! Que beba! gritou a sr.^a D. Maria da Assunção.

Todos riram. Só Amélia, curvada sobre a sua costura, se fizera muito pálida, aterrada àquela ideia que João Eduardo teria talvez fome...

905 — Pois olhem, não acho caso para rir! disse a S. Joaneira. É até coisa que me vai tirar o sono... Pensar que o rapaz há-de querer um bocado de pão e não há-de ter... Credo! Não, isso não! E o senhor padre Amaro desculpe...

910 Mas Amaro também não desejava que o rapaz caísse em miséria! Não era homem de rancor, ele! E se o escrevente viesse à sua porta com necessidade, duas ou três placas (não era rico, não podia mais), mas três ou quatro placas dava-lhas... Dava-lhas de coração.

Tanta santidade fanatizou as velhas. Que anjo! Olhavam-no, babosas, com as mãos vagamente postas. A sua presença, como a dum S. Vicente

896: Eduardo] Eduardo.

903: caso para] caso pra

903-4: até coisa] até cousa

905: pão e não há-de] pão, e não o há-de

908: porta] porta,

909: mais,) mais)

O padre Natário apareceu daí a pouco. Vinha radioso. Deu grandes apertos de mão, dizendo:

— Então já sabem? O patife está escorraçado como um cão.

Todos sabiam e gabaram a habilidade de Natário. Fora ele que descobrira a perfídia de João Eduardo e revelando-o, perseguindo-o, fizera um serviço a todo o clero. Natário repetiu então a sua costumada verrina contra João Eduardo. As velhas estavam horrorizadas.

— Coisa assim! Coisa assim!

Natário exaltava-se e, querendo estender a sua vingança a toda a vida de João Eduardo, exclamava:

— Em tudo o que tentar, em tudo o que pretender há-de-me encontrar pela frente!

A sua índole de intrigante resplandecia com as esperanças daquela luta vil. Estava tão alegre que propôs que o cartão do *quino* fosse a vintém — coisa extraordinária nos seus hábitos avaros. E voltando-se para Amélia disse-lhe muito sério:

— E agora o que lá vai, lá vai! Livrou-se de uma fera, é o que lhe posso dizer.

Todos sabiam já que ela rompera com João Eduardo. Tinham-lhe feito um coro beato de louvores:

— Deus to levará em conta!

— Noivos não te hão-de faltar!

— Foi a graça do Senhor que te tocou!

— Estás em graça, filha!

917-24: patife está escorraçado como um cão. // Todos sabiam e gabaram a habilidade de Natário. Fora ele que

924-6: João Eduardo [...] — Em tudo o que tentar, em

926: pretender há-de-me

927-30: frente! [...] hábitos avaros. E

930-1: Amélia disse-lhe muito sério: // — E agora o

932-6: dizer. [...] — Foi a graça do Senhor

938-1098: A noite passou-se alegremente. [...] João Eduardo só, no

de Paulo, exalando caridade, dava à sala uma suavidade de capela: e a sr.^a D. Maria da Assunção suspirou de gozo devoto.

915 Mas Natário apareceu, radiante. Deu grandes apertos de mãos em redor, rompeu em triunfo:

— Então já sabem? O patife, o assassino, escorraçado de toda a parte como um cão! O Nunes expulsou-o do cartório. O doutor Godinho disse-me agora que no Governo Civil não punha ele os pés. Enterrado, demolido! É um alívio prà gente de bem!

920 — E ao senhor padre Natário se deve! exclamou D. Josefa Dias.

Todos o reconheciam. Fora ele, com a sua habilidade, a sua lábia, que descobrira a perfídia de João Eduardo, salvara a Ameliuzinha, Leiria, a Sociedade.

925 — E em tudo o que pretender, o maroto, há-de-me encontrar pela frente. Enquanto ele estiver em Leiria não o largo! Que lhes disse eu, minhas senhoras?... «Eu é que o esmago!» Pois aí o têm esmagado!

A sua face biliosa resplandecia. Estirou-se na poltrona, regaladamente, no repouso merecido de uma vitória difícil. E voltando-se para Amélia:

930 — E agora, o que lá vai, lá vai! Livrou-se de uma fera, é o que lhe posso dizer!

Então os louvores — que já lhe tinham repetido prolixamente desde que ela rompera com a fera — recomeçaram, mais vivos:

935 — Foi a coisa de mais virtude que tens feito em toda a tua vida!

— É a graça de Deus que te tocou!

— Estás em graça, filha!

940 — Enfim é Santa Amélia, disse o cónego erguendo-se, enfasiado daquelas glorificações. Pois parece-me que temos falado bastante do patife... Mande agora a senhora vir o chá, hem?

Amélia permanecia calada, cosendo à pressa; erguia às vezes rapidamente para Amaro um olhar desassossegado; pensava em João Eduardo, nas ameaças de Natário; e imaginava o escrevente com as faces encovadas de fome, foragido, dormindo pelas portas dos casais... E enquanto as senhoras se acomodavam, palrando, à mesa do chá, ela pôde dizer baixo a Amaro:

945 — Não posso sossegar com a ideia que o rapaz sofra necessidades... Eu bem sei que é um malvado, mas... É como um espinho cá por dentro. Tira-me toda a alegria.

928: sêm] sêm,

935: a coisa] a cousa

938: — Enfim] — Enfim, / cónego] cónego,

950 O padre Amaro disse-lhe então, com muita bondade, mostrando-se superior à injúria, num alto espírito de caridade cristã:

— Minha rica filha, são tolices... O homem não morre de fome. Ninguém morre de fome em Portugal. É novo, tem saúde, não é tolo, há-de-se arranjar... Não pense nisso... Aquilo é palavreado do padre
955 Natário... O rapaz naturalmente sai de Leiria, não tornamos a ouvir falar dele... E em toda a parte há-de ganhar a vida... Eu por mim perdoei-lhe, e Deus há-de tomar isso em conta.

Estas palavras tão generosas, ditas baixo, com um olhar amante, tranquilizaram-na inteiramente. A clemência, a caridade do senhor pároco
960 pareceram-lhe melhores que tudo o que ouvira ou lera de santos e de monges piedosos.

Depois do chá, ao *quino*, ficou junto dele. Uma alegria plena e suave penetrava-a deliciosamente. Tudo o que até aí a importunara e a assustara, João Eduardo, o casamento, os deveres, desaparecera enfim da sua vida:
965 o rapaz iria para longe, empregar-se — e o senhor pároco ali estava, todo dela, todo apaixonado! Por vezes, por baixo da mesa, os seus joelhos tocavam-se, a tremer: num momento em que todos faziam um alarido indignado contra Artur Couceiro que pela terceira vez *quinara* e brandia o cartão triunfante, foram as mãos que se encontraram, se acariciaram;
970 um pequeno suspiro simultâneo, perdido na gralhada das velhas, ergueu o peito de ambos; e até ao fim da noite foram marcando os seus cartões, muito calados, com as faces acesas, sob a pressão brutal do mesmo desejo.

Enquanto as senhoras se agasalhavam, Amélia aproximou-se do piano para correr uma escala, e Amaro pôde murmurar-lhe ao ouvido:

— Oh, filhinha, que te quero tanto! E não podermos estar sós...

Ela ia responder — quando a voz de Natário, que se embrulhava no seu capote ao pé do aparador, exclamou, muito severa:

— Então as senhoras deixam andar por aqui semelhante livro?

980 Todos se voltaram, na surpresa que dava aquela indignação, a olhar o largo volume encadernado que Natário indicava com a ponta do guarda-chuva, como um objecto abominável. D. Maria da Assunção aproximou-se logo de olho reluzente, imaginando que seria alguma dessas

956: Eu por mim] Eu, por mim.

967: tremer:] tremer;

976: — Oh,] — Oh

983: logo] logo.

985 novelas, tão famosas, em que se passam coisas imorais. E Amélia chegando-se também, disse, admirada de tal reprovação:

— Mas é o *Panorama*... É um volume do *Panorama*...

990 — Que é o *Panorama* vejo eu, disse Natário com secura. Mas também vejo isto. — Abriu o volume na primeira página branca, e leu alto: — «*Pertence-me este volume a mim, João Eduardo Barbosa, e serve-me de recreio nos meus ócios.*» Não compreendem, hem? Pois é muito simples... Parece incrível que as senhoras não saibam que esse homem, desde que pôs as mãos num sacerdote, está *ipso facto* excomungado, e excomungados todos os objectos que lhe pertencem!

1000 Todas as senhoras, instintivamente, afastaram-se do aparador onde jazia aberto o *Panorama* fatal, arrebanhando-se, num arrepimento de medo, àquela ideia da Excomunhão que se lhes representava como um desabamento de catástrofes, um aguaceiro de raios despedidos das mãos do Deus Vingador: e ali ficaram mudas, num semicírculo apavorado, em torno de Natário, que, de capotão pelos ombros e braços cruzados, gozava o efeito da sua revelação.

Então a S. Joaneira, no seu assombro, arriscou-se a perguntar:

— O senhor padre Natário está a falar sério?

Natário indignou-se:

1005 — Se estou a falar sério!? Essa é forte! Pois eu havia de gracejar sobre um caso de excomunhão, minha senhora? Pergunte aí ao senhor cónego se eu estou a gracejar!

Todos os olhos se voltaram para o cónego, essa inesgotável fonte de saber eclesiástico.

1010 Ele então, tomando logo o ar pedagógico que lhe voltava dos seus antigos hábitos do seminário sempre que se tratava de doutrina, declarou que o colega Natário tinha razão. Quem espanca um sacerdote, sabendo que é um sacerdote, está *ipso facto* excomungado. É doutrina assente. É o que se chama a excomunhão latente; não necessita a declaração do pontífice ou do bispo, nem o cerimonial, para ser válida, e para que todos os fiéis considerem o ofensor como excomungado. Devem-no tratar
1015 portanto como tal... Evitá-lo a ele, e ao que lhe pertence... E este caso de pôr mãos sacrílegas num sacerdote era tão especial, continuava o cónego num tom profundo, que a bula do Papa Martinho V, limitando os casos de excomunhão tácita, conserva-a todavia para o que maltrata um sacerdote... — Citou ainda mais bulas, as Constituições de Inocêncio IX e de
1020

Alexandre VII, a Constituição Apostólica, outras legislações temerosas; rosnou latins, aterrou as senhoras.

— Esta é a doutrina, concluiu dizendo; mas a mim parece-me melhor não se fazer disso espalhafato...

1025 D. Josefa Dias acudiu logo:

— Mas nós é que não podemos arriscar a nossa alma a encontrar aqui por cima das mesas coisas excomungadas.

— É destruir! exclamou D. Maria da Assunção. É queimar! É queimar!

1030 D. Joaquina Gansoso arrastara Amélia para o vão da janela, perguntando-lhe se tinha outros objectos pertencentes ao homem. Amélia, atarantada, confessou que tinha algures, não sabia onde, um lenço, uma luva desirmanada, e uma cigarreira de palhinha.

— É para o fogo, é para o fogo! gritava a Gansoso excitada.

1035 A sala vibrava agora com a gralhada das senhoras, arrebatadas num furor santo. D. Josefa Dias, D. Maria da Assunção falavam com gozo do *fogo*, enchendo a boca com a palavra, numa delícia inquisitorial de exterminação devota. Amélia e a Gansoso, no quarto, rebuscavam pelas gavetas, por entre a roupa branca, as fitas e as calcinhas, à caça dos «objectos excomungados». E a S. Joaneira assistia, atónita e assustada, àquele alarido de auto-de-fé que atravessava bruscamente a sua sala pacata, refugiada ao pé do cônego, que depois de ter rosnado algumas palavras sobre «a Inquisição em casas particulares», se enterrara comodamente na poltrona.

1045 — É para lhes fazer sentir que se não perde impunemente o respeito à batina, dizia Natário baixo a Amaro.

O pároco assentiu, com um gesto mudo de cabeça, contente daquelas cóleras beatas que eram como a afirmação ruidosa do amor que lhe tinham as senhoras.

1050 Mas D. Josefa impacientava-se. Agarrara já o *Panorama* com as pontas do xale, para evitar o contágio, e gritava para dentro, para o quarto, onde continuava pelos gavetões uma rebusca furiosa:

— Então apareceu?

— Cá está, cá está!

1055 Era a Gansoso que entrava triunfante com a cigarreira, a velha luva e o lenço de algodão.

1027: mesas coisas] mesas cousas

1028: Assunção. É queimar!] Assunção. É queimar.

E as senhoras, em alarido, arremeteram para a cozinha. A mesma S. Joaneira as seguiu, como boa dona de casa, para fiscalizar a fogueira.

Os três padres então, sós, olharam-se — e riram.

1060 — As mulheres têm o diabo no corpo, disse o cónego filosoficamente.

— Não senhor, padre-mestre, não senhor, acudiu logo Natário fazendo-se sério. Eu rio porque a coisa, assim vista, parece patusca. Mas o sentimento é bom. Prova a verdadeira devoção ao sacerdócio, horror à impiedade... Enfim o sentimento é excelente.

1065 — O sentimento é excelente, confirmou Amaro, também sério.

O cónego ergueu-se:

— E é que se pilhassem o homem eram capazes de o queimar... Não lho digo a brincar, que a mana tem fígados para isso... É um Torquemada de saias...

1070 — Está na verdade, está na verdade, afirmou Natário.

— Eu não resisto a ir ver a execução! exclamou o cónego. Eu quero ver com os meus olhos!

E os três padres então foram até à porta da cozinha. As senhoras lá estavam, em pé diante da lareira, batidas da luz violenta da fogueira que fazia destacar estranhamente as mantas de agasalho de que já se tinham coberto. A *Ruça*, de joelhos, soprava esfalfada. Tinham cortado com o facão a encadernação do *Panorama*; e as folhas retorcidas e negras, com um faiscar de fagulhas, voavam pela chaminé nas línguas do fogo claro. Só a luva de pelica não se consumia. Debalde com as tenazes a punham no vivo da chama: tisonava, reduzida a um caroço engrolado; mas não ardia. E a sua resistência aterrava as senhoras.

1075 — É que é a da mão direita com que cometeu o desacato! dizia furiosa D. Maria da Assunção.

1085 — Bufo-lhe, rapariga, bufo-lhe! aconselhava da porta o cónego muito divertido.

— O mano faz favor de não troçar com coisas sérias! gritou D. Josefa.

1090 — Oh, mana! A senhora quer saber melhor que um sacerdote como é que se queima um ímpio? A pretensão não está má! É bufo-lhe, é bufo-lhe!

1062: rio porque a coisa,] rio, porque a coisa,

1084: bufo-lhe!] bufo-lhe,

1086: com coisas] com coisas

1088: — Oh, mana!] Oh mana,

A noite passou-se alegremente. O sr. Artur improvisou à viola cantigas em louvor de Amaro. O pároco sentia uma hora de contentamento tranquilo, seguro, vitorioso e doce. Amélia ao fim da noite estava de uma alegria ruidosa: tocou valsas, propôs jogos de prendas, cantou a *Chiquita*. — Era a hora em que João Eduardo só, no seu quarto, sentado aos pés da cama, vendo-se desamparado de tudo, expulso por Amélia, despedido do seu emprego, odiado na cidade, só na vida, chorava, soluçava e olhava em redor para ver o que havia de empenhar para comer ao outro dia!

Então, confiadas na ciência do senhor cônego, a Gansoso e D. Maria da Assunção, acocoradas, bufaram também. As outras olhavam, num sorriso mudo, o olho brilhante e cruel, no gozo daquela exterminação grata a Nosso Senhor. O fogo estalava, pulando com uma força galharda, na glória da sua antiga função de purificador dos pecados. — E por fim sobre as achas em brasa, nada restou do *Panorama*, do lenço e da luva do ímpio.

A essa hora João Eduardo, o ímpio, no seu quarto, sentado aos pés da cama, soluçava, com a face banhada em lágrimas, pensando em Amélia, nos bons serões da Rua da Misericórdia, na cidade para onde iria, na roupa que empenharia, e perguntando em vão a si mesmo porque o tratavam assim, ele que era tão trabalhador, que não queria mal a ninguém, e que a adorava tanto, a ela?

XV

No domingo seguinte havia uma grande festa.

Era a festa da Senhora da Piedade, mandada celebrar pela sr.^a D. Maria da Assunção: a beata tinha feito aquela promessa no último ano, no Inverno, quando estivera mal com uma pneumonia. Dizia-se que seria magnífica. Sob a influência do padre Amaro, seu confessor, a velha avara tivera generosidades inesperadas. Era aquela a grande preocupação em casa da S. Joaneira: as velhas e os padres passavam horas discutindo a decoração da igreja, a ornamentação dos altares, a orquestra, as vozes, o veludilho das bambinelas. Examinavam-se amostras, liam-se cartas das sociedades filarmónicas, o padre Silvério viera ler mesmo alguns trechos do sermão.

Só Amélia não tomava interesse por aqueles preparativos. Andava triste; a sua paixão por Amaro tomara raízes até às profundidades do seu temperamento. Só, em cima no seu quarto, passava as noites lendo livros piedosos que lhe dera o padre Amaro. Saía daquelas leituras exaltada, deitava-se vestida sobre o leito e ficava de bruços, esquecida, numa sentimentalidade ansiosa, o hálito quente, o peito cheio de um desejo. O que desejava era o amor de Amaro; supunha que ele devia ser melhor do que o dos outros homens, com ternuras doces como orações e êxtases mais profundos que os que dá o contacto da hóstia. Não se fartava assim de o desejar, de o chamar com o pensamento, de idealizar situações amorosas; queria envolvê-lo nos seus braços quando ele viesse de comungar na missa; queria aquecê-lo com o calor do seu peito quando ele voltasse pelas noites frias de levar a extrema-unção; queria beijar aquelas mãos que tocam o cálice, abençoam os noivos, baptizam e invocam sob a luz dos altares!

Mas via a impossibilidade daquele amor. Não lhe poderia pertencer nunca. Vinha-lhe então um grande tédio da vida: passava dias que não se penteava e não se lavava; triste, amarela, arrastava-se pela casa, com

XV

No domingo seguinte havia missa cantada na Sé, e a S. Joaneira e Amélia atravessaram a Praça para ir buscar D. Maria da Assunção, que em dias de mercado e de «populacho» nunca saía só, receosa que lhe roubassem as jóias ou lhe insultassem a castidade.

os pés numas grandes chinelas. Outras vezes tinha alegrias fortes, febris, sem motivo: ria, cantava, enchia a casa do rumor das suas saias, correndo, bulindo em tudo; outros dias tomava-a uma susceptibilidade nervosa, estava áspera com a mãe, gritava com a *Ruça*, despedia rudemente os pobres. Depois vinham-lhe horas de fadiga, de uma preguiça de crioula; sentada numa cadeira, embrulhada num xale, a cabeça deitada para trás, uma roseta de febre nas faces, ficava manhãs a olhar o tecto, a ruminar toda a sorte de pensamentos incoerentes. Tinha vertigens e as mãos escaldavam-lhe.

No domingo, porém, dia da festa, tinha acordado alegre. A manhã estava clara e cheia de sol. Era dia de mercado e viera muita gente das freguesias que ficara para a festa. A Praça estava cheia; via-se, toda endomingada, a forte população dos campos, — os velhos encanecidos e sólidos, os robustos mocetões, as fisionomias bestializadas dos trabalhadores a jornal, a pesada corpulência dos contratadores de gado, com as suas jaquetas de peles; todos tinham as barbas bem feitas, as camisas brancas arroxando os pulsos, e, entre a larga calça de saragoça e o sapato grosso e ferrado, o tornozelo destacava rugoso e escuro. As mulheres cruzavam apressadas, com o seu andar sacudido e quebrado, ostentando a grande saliência dos peitos, os largos chapéus desabados, os grilhões de ouro. Alguns rapazes tinham trazido violas e tocavam aos bandos, dando às ruas estreitas um vago aspecto de arraial. As lojas estavam cheias e vendiam sem cessar; as largas saias das mulheres apertavam-se junto do balcão; os caixeiros corriam com os braços cheios de fazendas, de lenços, de chitas desdobradas; altercavam-se os preços com um burburinho de vozes. As tavernas estavam atulhadas; os homens tinham amarrado à porta, às argolas, as cavalgadas e bebiam dentro em *saúdes* recíprocas, interpellando-se e batendo com o dinheiro no balcão. Tinham acudido pobres pelas ruas, patenteando a sua miséria, ganindo padre-nossos. A burguesia saíra com os seus vestidos novos; chapéus lustrosos reluziam; correntes de relógios aparatosas brilhavam sobre coletes de veludo; os pés caminhavam cuidadosamente apertados no verniz; fumavam-se charutos caros, com as mãos em atitudes salientes para mostrar a cor das luvas. Os soldados passavam aos pares, meneando-se, galhofando; os oficiais do regimento, com os cabelos lustrosos, apertados nas suas fardas, a banda à cinta, iam mirando as janelas onde apareciam senhoras nos seus vestidos de gala, com um lenço sobre o peitoril das varandas para não roçar os cotovelos. Padres atravessavam rapidamente embrulhados nas suas batinas; irmãos do Santíssimo pavoneavam-se nas suas opas escarlates, bem penteados. Tinha já havido desordens e os beleguins rondavam à entrada das tavernas.

5 Nessa manhã, com efeito, a afluência das freguesias enchia a Praça: os homens em grupo, atravancando a rua, muito sérios, muito barbeados, de jaqueta ao ombro; as mulheres aos pares, com uma fortuna de grilhões e de corações de ouro sobre peitos pejados; nas lojas, os caixeiros azafamavam-se por trás dos balcões alastrados de lençaria e de chitas; nas tabernas apinhadas gralhava-se alto; pelo mercado, entre os sacos de
10 farinha, os montões de louça, os cestos de broa, ia um regatear sem fim; havia multidão ao pé das tendas onde reluzem os espelinhos redondos e transbordam os molhos de rosários; velhas faziam pregão por trás dos seus tabuleiros de cavacas; e os pobres, afreguesados à cidade, choramingavam padre-nossos pelas esquinas.

Já senhoras passavam para a missa, todas em sedas, de rostinho sisudo; e a Arcada estava cheia de cavalheiros, tesos nos seus fatos de casimira nova, fumando caro, gozando o domingo.

Amélia foi muito olhada: o filho do recebedor, um atrevido, disse
20 mesmo alto dum grupo: *Ai, que me leva o coração!* E as duas senhoras, apressando-se, dobravam para a Rua do Correio, quando lhes apareceu o Libaninho de luvas pretas e cravo ao peito. Não as tinha visto desde «o desacato do largo da Sé», e rompeu logo em exclamações. *Ai, filhas, que desgosto aquele! O malvado do escrevente! Ele tinha tido tanto que fazer, que só nessa manhã é que pudera ir ao senhor pároco dar-lhe os*
25 *sentimentos; o santinho recebera-o muito bem, estava-se a vestir; ele quis-lhe ver o braço e felizmente, louvores a Deus, nem uma pisadura... E se elas vissem, que carnadura tão delicada, que pele tão branca... Uma pelinha de arcanjo!*

30 — Mas querem vocês saber, filhas? Encontrei-o numa grande aflição!

As duas senhoras assustaram-se. Porquê, Libaninho?

A criada, a Vicência, que havia dias se queixava, tinha ido nessa madrugada para o hospital com um febrão...

35 — E ali está o pobre santo sem criada, sem nada! Vejam vocês! Para hoje bem, que vai jantar com o nosso cónego (também lá estive, ai, que santo!), mas amanhã, mas depois? Que ele já tem em casa a irmã da

35: vocês! Para] vocês! Pra

36: ai,] ai

Vicência, a Dionísia... Mas, oh, filhas, a Dionísia! Foi o que eu lhe disse: a Dionísia pode ser uma santa, mas que reputação!... É que não há pior em Leiria... Uma perdida que não põe os pés na igreja... Tenho a certeza que o senhor chantre até havia de reprovar!

As duas senhoras concordaram logo que a Dionísia (mulher, que não cumpria os preceitos, que representara em teatros de curiosos) não convinha ao senhor pároco...

— Olha, S. Joaneira, disse Libaninho, sabes o que lhe convinha? Eu lá lho disse, lá lhe fiz a proposta. É ferrar-se outra vez em tua casa. Que é onde está bem, com gente que o acarinha, que lhe trata da roupa, que lhe sabe os gostos, e onde tudo é virtude! Ele não disse que *não* nem que *sim*. Mas olha que se lhe podia ler na cara que está a morrer por isso... Tu é que lhe devias falar, S. Joaneirinha!

Amélia fizera-se tão escarlata como a sua gravata de seda da Índia. E a S. Joaneira disse ambigualmente:

— Falar-lhe não... Eu nessas coisas sou muito delicada... Bem comprehendes...

— Era como teres um santo de portas adentro, filha! disse com calor o Libaninho. Lembra-te disso! E era um gosto para todos... Tenho a certeza que até Nosso Senhor se havia de alegrar... E agora adeus, pequenas, que vou de fugida. Não vos demoreis, que está a missinha a cair.

As duas senhoras continuaram caladas até casa de D. Maria da Assunção. Nenhuma queria arriscar primeiro uma palavra sobre aquela possibilidade tão inesperada, tão grave, de o senhor pároco voltar para a Rua da Misericórdia! Foi só quando pararam que a S. Joaneira disse, ao puxar à campainha:

— Ai, o senhor pároco realmente não pode ter a Dionísia de portas adentro...

— Credo, até causa horror!

Foi também a expressão da sr.^a D. Maria da Assunção quando lhe contaram, em cima, a doença da Vicência e a instalação da Dionísia: causava horror!

38: Mas, oh,] Mas, ó

50: S. Joaneirinha!] S. Joaneirinha.

53: — Falar-lhe] — Falar-lhe, / nessas coisas] nessas cousas

56: gosto para] gosto pra

70 — Que eu não a conheço, disse a excelente senhora. E tenho até vontade de a conhecer. Que me dizem que é dos pés à cabeça uma crosta de pecado!

75 A S. Joaneira então falou da «proposta do Libaninho». D. Maria da Assunção declarou logo com ardor que era uma inspiração de Nosso Senhor. Que nunca o senhor pároco devia ter saído da Rua da Misericórdia! Até parece que mal ele se fora embora, Deus retirara a sua graça da casa... Não houvera senão desgostos — o *Comunicado*, a dor de estômago do cônego, a morte da entrevadinha, aquele desgraçado casamento (que estivera por um *triz*, que horror!), o escândalo do largo da Sé... A casa
80 tinha parecido enguiçada!... E era até pecado deixar viver o santinho naquele desarranjo, com a suja da Vicência, que nem lhe sabia dar uma passagem nas meias!

— Em parte nenhuma pode estar melhor que em tua casa... Tem tudo o que necessita, de portas adentro... E para ti é uma honra, é estar
85 em graça. Olha, filha, se eu não fosse só, sempre o digo, quem o hospedava era eu! Que aqui é que ele estava bem... Que salinha para ele, hem?

Riam-se-lhe os olhos, contemplando em redor as suas preciosidades.

A sala com efeito era toda ela uma imensa armazenagem de santaria e de *bric-à-brac* devoto: sobre as duas cómodas de pau-preto com fecha-
90 duras de cobre apinhavam-se, sob redomas, em peanhas, as Nossas Senhoras vestidas de seda azul, os Meninos Jesus frisados com o ventrezinho gordo e a mão abençoadora, os Santo Antónios no seu burel, os S. Sebastões bem frechados, os S. Josés barbudos. Havia santos exóticos, que eram o seu orgulho, que lhe fabricavam em Alcobaça — S. Pascoal
95 Bailão, S. Didácio, S. Crisolo, S. Gorislano... Depois eram os bentinhos, os rosários de metal e de caroços de azeitonas, contas de cores, rendas amarelas de antigas alvas, corações de vidro escarlate, almofadinhas com J. M. entrelaçados a missanga, ramos bentos, palmas de mártires, cartuchinhos de incenso. As paredes desapareciam forradas de estampas
100 de Virgens de todas as devoções, — equilibradas sobre o orbe, enrodilhadas aos pés da cruz, trespassadas de espadas. Corações donde gotejava sangue, corações donde saía uma fogueira, corações donde dardejavam raios:

105 orações encaixilhadas para as festas particularmente amadas — o *Casamento de Nossa Senhora*, a *Invenção da Santa Cruz*, os *Estigmas de S. Francisco*, sobretudo o *Parto da Santa Virgem*, a mais devota, que vem pelas quatro têmeoras. Sobre as mesas lamparinas acesas, para serem colocadas sem demora aos santos especiais, quando a boa senhora tivesse a sua ciática, ou que o catarro se assanhasse, ou lhe viessem as câibras. Ela mesma, só
 110 ela, arrumava, espanejava, lustrava toda aquela santa população celeste, aquele arsenal beato, que era apenas suficiente para a salvação da sua alma e o alívio dos seus achaques. O seu grande cuidado era a colocação dos santos; alterava-a constantemente, porque às vezes, por exemplo, sentia que Santo Eleutério não gostava de estar ao pé de S. Justino, e ia então pendurá-lo a distância, numa companhia mais simpática ao santo. E distinguia-os (segundo os preceitos do ritual que o confessor lhe explicava),
 115 dando-lhes uma devoção graduada, e não tendo por S. José de segunda classe o respeito que sentia por S. José de primeira classe. Aquela riqueza era a inveja das amigas, a edificação dos curiosos, e fazia sempre dizer ao Libaninho, quando a vinha visitar, abrangendo a sala num olhar langoroso: — Ai, filha, é o Reininho dos Céus!

120 — Não é verdade, continuava a excelente senhora radiante, que ele aqui é que estava bem, o santinho do pároco? É como ter o Céu debaixo da mão!

125 As duas senhoras concordaram. Ela podia ter a sua casa arranjada com devoção, ela que era rica...

— Não o nego, tenho aqui empregadinhos alguns centos de mil réis. Sem contar o que está no relicário...

130 Ah, o famoso relicário de sândalo forrado de cetim! Tinha lá uma lascazinha da verdadeira Cruz, um bocado quebrado do espinho da Coroa, um farrapinho do cueiro do Menino Jesus. E murmurava-se com azedume, entre as devotas, que coisas tão preciosas, de origem divina, deviam estar no sacrário da Sé. D. Maria da Assunção, temendo que o senhor chantre soubesse daquele tesouro seráfico, só o mostrava às íntimas, misteriosamente. E o santo sacerdote, que lho obtivera, fizera-a jurar sobre o Evangelho de não revelar a procedência «para evitar falatórios».
 135

107: demora] demora.

119: Libaninho,] Libaninho

131: que coisas] que cousas

Desde as onze horas a igreja estava cheia. Cada capela tinha, em bambinela, uma decoração de veludilho vermelho com galões de ouro. Os altares, com as suas toalhas brancas rendadas, estavam cobertos de vasos azuis onde grandes ramos se desfolhavam de leve. No altar-mor os castiçais acesos estavam dispostos em trono e a imagem de Nossa Senhora da Piedade, bem envernizada, com um manto de seda azul recamado de bordados, immobilizava-se na sua atitude hirta e tosca entre os festões das flores, a cintilação das luzes, as doiraduras desbotadas, as franjas, as lentejoilas, toda a riqueza do artifício.

A S. Joaneira, como sempre, admirou sobretudo o farrapinho do cueiro.

— Que relíquia, que relíquia! murmurava.

E D. Maria da Assunção muito baixo:

140 — Não há melhor. Trinta mil réis me custou... Mas dava sessenta, mas dava cem! Mas dava tudo! — e babando-se toda, diante do trapinho precioso: — O cueirinho! dizia quase a chorar. Meu rico Menino, o seu cueirinho...

Deu-lhe um beijo muito repenicado, e foi fechar o relicário no gavetão.

145 Mas o meio-dia ia bater — e as três senhoras apressaram-se para a Sé, para pilhar lugar no altar-mor.

Já no largo encontraram D. Josefa Dias, que se precipitava para a igreja, sófrega da missa, com o mantelete descaído sobre o ombro e uma pluma do chapéu a despregar-se. Tinha estado toda a manhã num frenesi com a criada! Fora necessário fazer ela todos os preparos para o jantar... 150 Ai, tinha medo que nem a missinha lhe desse virtude, de nervosa que estava...

— Que temos lá o senhor pároco hoje... Vocês sabem que adoeceu a criada... Ah, já me esquecia, o mano quer que tu lá vás jantar também, Amélia. Diz que é para haverem duas damas e dois cavalheiros... 155

Amélia riu de alegria.

— E tu vai depois buscá-la, S. Joaneira, à noitinha... Credo, vesti-me tanto à pressa, que até parece que me está a cair o saiote!

160 Quando as quatro senhoras entraram, a igreja estava já cheia. Era uma missa cantada ao Santíssimo. E apesar de contrário ao rigor do ritual, por um costume diocesano (que o bom Silvério, muito estrito na liturgia, nunca cessava de reprovar) havia, estando presente a Eucaristia, música de rebeca, violoncelo e flauta. O altar, muito ornado, com as relíquias expostas, destacava numa alvura festiva; dossel, frontal, paramentos dos missais eram brancos, com relevos de ouro desmaiado; nos vasos erguiam-se ramos piramidais de flores e folhagens brancas; os veludilhos decorativos, dispostos como velários, punham dos dois lados do 165

156: é para] é pra / e dois] e dous

168: dos dois] dos dous

No tapete do altar-mor apinhavam-se as senhoras, amarrotando os seus vestidos de seda, cochichando com risinhos abafados, folheando os livros, namorando; às duas entradas laterais, entre os reposteiros escarlates, destacava a massa negra dos casacos escuros dos homens que riam, olhavam as raparigas, faziam observações libertinas. A grande nave estava cheia de mulheres do povo sentadas, os lenços da cabeça de cores vivas faziam uma matização mesclada e alegre: ao fundo, de pé, os homens do campo amontoavam-se, com os seus cajados encostados ao corpo, sérios, direitos, olhando de longe, com aspecto pasmado e fatigado, a cintilação dos altares.

Por cima, no coro, por trás dos braços dos rabecões e das estantes, moviam-se vagamente as figuras dos músicos.

Havia uma exalação e um cheiro abafado da amontoação dos corpos; uma névoa estava suspensa em torno das luzes; um grande murmúrio lento, como de uma colmeia, sussurrava; às vezes uma criança chorava; aqui e ali tossia-se; o aroma do incenso, do junquilha e do feno sufocava, e no altar a voz de um padre arrastada, acre, monótona, cantada, ia salmodiando.

A S. Joaneira e Amélia tinham ficado no altar-mor, na frente. Viam de perto os padres sentados nos bancos estofados de velho damasco e no meio, numa alta estante, os livros do cantochão com enormes sinais de música.

O padre Amaro reluzia, todo paramentado de estofos bordados. Amélia estava num enlevo; nunca ele lhe aparecera tão belo e tão irresistível. Que misterioso encanto vê-lo assim na majestade do culto, celebrando à multidão ajoelhada — e saber que ele viria depois falar-lhe baixo, em confiança, amoroso e humilde! Ele também cantara e a sua voz parecia-lhe melhor que o gemer das rabecas, enchia-a de maior piedade divina do que o clamor do órgão. Via-o entre o resplendor das luzes, os incensos, as decorações das flores e às vezes quase não o distinguia bem — parecia-lhe sobre-humano como no fundo de uma glória e como envolto em Deus!

Teve um momento de orgulho exaltado e de paixão ansiosa, quando, numa das cerimónias, como pároco da Sé, ele se adiantou para o altar cercado dos padres que lhe amparavam as pontas da sua capa; ela via por baixo a alva toda bordada de rendas; um sacerdote tinha tomado o rico incensador e balanceando-o devagar, com um rugir de correntes de prata, incensava Amaro, — e um fumo branco elevava-se, perdia-se pela cúpula. Ela não despregava os olhos dele e parecia-lhe que Amaro se transfigurava, se erguia ao Paraíso; tremia, arfava, sentia-se sob uma comoção extática como se fosse amada por um Deus; as vozes então tinham-se erguido num canto de triunfo, as rabecas arrastavam os seus sons dolorosos, os rabecões solenizavam, finas agudezas de flautas atra-

170 tabernáculo a brancura de duas vastas asas desdobradas, lembrando a Pomba Espiritual; e os vinte castiçais erguiam as suas chamas amarelas em trono até ao sacrário aberto, que mostrava de alto, engastada num rebrilhar de ouros vivos, a hóstia redonda e baça. Por toda a igreja apinhada corria uma sussurração lenta; aqui e além um catarro expectorava, uma criança choramingava; o ar adensava-se já dos hálitos juntos e dum cheiro de incenso; e do coro, onde as figuras dos músicos se moviam por 175 atrás dos braços dos rabeções e das estantes, vinha a cada momento um afinar gemido de rebeca, ou um pio de flautim. As quatro amigas tinham-se apenas acomodado junto do altar-mor, quando os dois acólitos, um teso como um pinheiro, o outro gordalhufo e enxovalhado, entraram do lado da sacristia, sustentando alto e direito nas mãos os dois castiçais consagrados; atrás o Pimenta vesgo, com uma sobrepeliz muito vasta para ele, lançando os seus sapatões em passadas pomposas, trazia o incensador de prata; depois sucessivamente, durante o rumor do ajoelhar pela nave e do folhear dos livrinhos, apareceram os dois diáconos; e enfim, paramentado 185 de branco, de olhos baixos e mãos postas, com aquele recolhimento humilde que pede o ritual e que exprime a mansidão de Jesus marchando ao Calvário, entrou o padre Amaro — ainda vermelho da questão furiosa que tivera na sacristia, antes de se revestir, por causa da lavagem das alvas.

190 E o coro imediatamente atacou o *Introito*.

Amélia passou a sua missa embevecida, pasmada para o pároco — que era, como dizia o cônego, «um grande artista para missas cantadas»; todo o cabido, todas as senhoras o reconheciam. Que dignidade, que cavalheirismo nas saudações cerimoniais aos diáconos! Como se prostrava bem diante do altar, aniquilado e escravizado, sentindo-se cinza, sentindo-se pó diante de Deus, que assiste de perto, cercado da sua corte e da sua família celeste! Mas era sobretudo admirável nas bênçãos; passava devagar as mãos sobre o altar como para apanhar, recolher a graça 195 que ali caía do Cristo presente, e atirava-a depois com um gesto largo de caridade por toda a nave, por sobre o estendal de lenços brancos de cabeça, até ao fundo onde os homens do campo muito apertados, de varapau na mão, pasmavam para a cintilação do sacrário! Era então que Amélia o amava mais, pensando que aquelas mãos abençoadoras lhas 200

178: os dois] os dois

180: os dois] os dois

184: os dois] os dois

vessavam a orquestra, o órgão clamava o seu canto metálico, a sinfonia subia — e Amélia pálida, com arrepios, sentia-se tremer, desmaiar, fundir-se numa sensação que era doce como o contacto do cetim e absorvente como as forças do sol. Amava-o! Amava-o! Rezava-lhe! Queria ir atirar-se aos pés dele, beijá-lo, torturá-lo de paixão e amarrotar na violência do seu delírio a sua capa de celebrante. Vinham-lhe estranhos orgulhos de ser amada por ele, servida como uma virgem do Céu; quase tinha vontade de dizer alto que era a sua namorada, a sua amante; agitava-se, fazia a cada momento rugir o seu vestido de seda azul e tilintar os seus dois braceletes; e cada vez que imaginava que ele olhava para ela Amélia volvia os olhos em redor, vaidosa, sorrindo soberbamente. E mesmo dera lugar a uma vizinha, fizera uma pergunta a um sacristão que passava, porque se achava no templo como no domínio da sua casa!

205 apertava ela com paixão por baixo da mesa do *quino*: aquela voz, com que ele lhe chamava *filhinha*, recitava agora as orações inefáveis, e parecia-lhe melhor que o gemer das rebecas, revolvía-a mais que os graves do órgão! Imaginava com orgulho que todas as senhoras decerto o admiravam também; mas só tinha ciúmes, um ciúme de devota que sente os encantos do Céu, quando ele ficava diante do altar, na posição extática
210 que manda o ritual, tão imóvel como se a sua alma se tivesse remontado longe, para as alturas, para o Eterno e para o Insensível. Preferia-o, por o sentir mais humano e mais acessível, quando, durante o *Kirie* ou a leitura da Epístola, ele se sentava com os diáconos no banco de damasco vermelho; ela queria então atrair-lhe um olhar; mas o senhor pároco permanecia de olhos baixos numa compostura modesta.

215 Amélia, sentada sobre os calcanhares, com a face banhada num sorriso, admirava-lhe o perfil, a cabeça bem feita, os paramentos dourados — e lembrava-se quando o vira a primeira vez descendo a escada da Rua da Misericórdia, com o seu cigarro na mão. Que romance se passara desde essa noite! Recordava o Morenal, o salto do valado, a cena da morte da titi, aquele beijo ao pé da lareira... Ai, como acabaria tudo aquilo? Queria então rezar; folheava o livro, mas vinha-lhe à ideia o que o Libaninho nessa manhã dissera: «O senhor pároco tinha uma pelezinha tão branca como um arcanjo...» Devia-a ter decerto muito delicada, muito tenra... Um desejo intenso queimava-a: imaginava que era uma tenta-
220 dora visitação do Demónio, — e para a repelir arregalava os olhos para o sacrário e para o trono que o padre Amaro, cercado dos diáconos, incensava em semicírculos significando a Eternidade dos Louvores, enquanto o coro berrava o *Ofertório*... Depois ele mesmo, de pé, no segundo degrau do altar, de mãos postas, foi incensado; o Pimenta vesgo fazia ranger galhardamente as correntes de prata do turífero; um perfume de incenso derramava-se, como uma anunciação celeste; enevoava-se o sacrário sob os rolos alvos de fumo; e o pároco aparecia a Amélia transfigurado, quase divinizado!... Oh, adorava-o então!

225 A igreja tremia ao clamor do órgão em pleno; de bocas abertas, os coristas solfejavam a toda a força; em cima, alçando-se entre os braços dos rabeções, o mestre da capela, no fogo da execução, brandia desesperadamente a sua batuta feita dum rolo de cantochão.

215: baixos] baixos,

222: livro,] livro

231: [turífero: conforme 1889, por turíbulo]

Aquela exaltação fatigara-a tanto que durante o sermão do padre Silvério esteve constantemente dormitando; era necessário a cada momento a mãe tocar-lhe com o cotovelo para a despertar, para a fazer *estar decente*. Quando a festa acabou estava prostrada como uma noiva depois de uma noite feliz; tinha a cabeça confusa e entorpecida; desejava deitar-se, dormir num repouso largo que não findasse nunca. Mas a irmã do cônego veio pedir à mãe que a deixasse ir jantar com ela: tinham pato com macarrão e aletria.

— E tu aparece à noite para a ir buscar. Talvez vá lá o sr. pároco. E Amélia foi.

Estavam no fim do jantar, em casa do cônego, quando apareceu o padre Amaro.

— Vai um copinho de vinho, sr. pároco? disse D. Josefa.

— Vá lá um copinho de vinho, disse ele.

E sentou-se à mesa entre D. Josefa e Amélia.

Amélia saiu da igreja muito fatigada, muito pálida.

240 Ao jantar, em casa do cônego, a sr.^a D. Josefa censurou-a repetidamente de «não dar palavra».

Não falava, mas debaixo da mesa o seu pezinho não cessava de roçar, pisar o do padre Amaro. Como escurecera cedo tinham acendido as velas; o cônego abria uma garrafa, não do seu famoso *duque* de 1815, 245 mas do «1847», para acompanhar a travessa de aletria, que enchia o centro da mesa, com as iniciais do pároco desenhadas a canela; era, como explicara o cônego, «uma galanteria da mana ao convidado». Amaro fizera logo uma saúde com o 1847 «à digna dona da casa». Ela resplandecia, medonha no seu vestido de barege verde. O que sentia é que o jantar 250 fosse tão mau... Que aquela Gertrudes estava-se a fazer uma desleixada... Ia-lhe deixando esturrar o pato com macarrão!

— Oh, minha senhora, estava delicioso! protestou o pároco.

— São favores do senhor pároco. É porque eu lhe acudi a tempo... 255 Mais uma colherzinha de aletria, senhor pároco.

— Nada mais, minha senhora, tenho a minha conta.

— Então para desgastar, vá mais esse copito do 47, disse o cônego.

Ele mesmo bebeu pausadamente um bom gole, deu um *ah* de satisfação, e repoltreando-se:

— Boa gota! Assim pode-se viver!

260 Estava já rubro, e parecia mais obeso, com o seu grosso jaquetão de flanela e o guardanapo atado ao pescoço.

— Boa gota! repetiu, deste não provou hoje você nas galhetas...

— Credo, mano! exclamou D. Josefa com a boca cheia de fios de aletria, muito escandalizada da irreverência.

265 O cônego encolheu os ombros com desprezo.

— O credo é prà missa! Esta pretensão de se meter sempre em questões que não percebe! Pois fique sabendo que é duma grande importância a questão da qualidade do vinho, na missa. É que é necessário que o vinho seja bom...

270 — Concorre para a dignidade do santo sacrifício, disse o pároco muito sério, fazendo uma carícia de joelho a Amélia.

239: igreja] igreja.

256: — Então para] — Então pra

259: gota!] gota.

263: D. Josefa] D. Josefa,

270: — Concorre para a] — Concorre prà

Um grande candeeiro com *abat-jour* fazia cair a luz sobre a loiça branca e os vidros. O cónego tinha ao pé uma garrafa preta com vinho maduro. E com uma jaqueta de flanela escura, um *cache-nez* ao pescoço, o rosto rubro, servia-se abundantemente, mastigando e arrotando.

— E não é só isso, disse o cónego tomando logo o tom pedagogo. É que o vinho, quando não é bom e tem ingredientes, deixa um depósito nas galhetas; e, se o sacristão não é cuidadoso e não as limpa, as galhetas ganham um cheiro péssimo. E sabe a senhora o que acontece? Acontece que o sacerdote, quando vai a beber o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, não está prevenido e faz-lhe uma careta. Ora aí tem a senhora!

E deu um forte chupão ao cálice. Mas estava falador nessa noite, e depois de arrotar devagar, interpelou de novo D. Josefa, assombrada de tanta ciência.

— E diga-me lá então a senhora, já que é tão doutora: o vinho, no divino sacrifício, deve ser branco ou tinto?

D. Josefa parecia-lhe que devia ser tinto, para se parecer mais com o sangue de Nosso Senhor.

— Emende a menina, mugi o cónego de dedo em riste para Amélia. Ela recusou-se, com um risinho. Como não era sacristão, não sabia...

— Emende o senhor pároco!

Amaro galhofou. Se era erro ser tinto, então devia ser branco...

— E porquê?

Amaro ouvira dizer que era o costume em Roma.

— E porquê? continuava o cónego, pedante e roncão.

Não sabia.

— Porque Nosso Senhor Jesus Cristo, quando pela primeira vez consagrou, fê-lo com vinho branco. E a razão é muito simples: é porque na Judeia nesse tempo, como é notório, não se fabricava vinho tinto... Repita-me a senhora a aletria, faça favor.

Então, a propósito do vinho e da limpeza das galhetas, o padre Amaro queixou-se do Bento sacristão. Nessa manhã antes de se paramentar — justamente quando entrara o senhor cónego na sacristia — acabava de lhe dar uma desanda a respeito das alvas. Em primeiro lugar dava-as a lavar a uma Antónia que vivia amancebada com um carpinteiro, em grande escândalo, e que era indigna de tocar os paramentos santos. Esta era a primeira. Depois, a mulher trazia-as tão enxovalhadas que era um desacato usá-las no divino sacrifício...

277: prevenido] prevenido,

282: doutora:] doutora.

294: Cristo.] Cristo

304: era um] era até um

— Você hoje, disse ele a Amaro, estava um belo mocetão no altar! Cáspite! Olha as moças!

— Credo, mano! disse a beata com a boca cheia de aletria.

E alguns fios que não apanhava bem com os queixos desdentados caíam-lhe pelos cantos da boca.

— Ai, mande-mas a mim, senhor pároco, mande-mas a mim, acudiu D. Josefa. Dou-as à minha lavadeira, que é pessoa de muita virtude e traz a roupa escarolada. Ai, até era uma honra para mim! Eu mesmo as passava a ferro, e até se podia benzer o ferro...

310 Mas o cónego (que positivamente estava naquela noite duma loquacidade copiosa) interrompeu-a, e voltando-se para o padre Amaro, fixando-o profundamente:

— Ora a propósito de eu entrar na sacristia, sempre lhe quero dizer, amigo e colega, que cometeu hoje um erro de palmatória.

315 Amaro pareceu inquieto.

— Que erro, padre-mestre?

— Depois de se revestir, continuou o cónego pausadamente, já com os diáconos ao lado, quando fez a cortesia à imagem da sacristia, em lugar de fazer a cortesia profunda, fez só a meia cortesia.

320 — Alto lá, padre-mestre! exclamou o padre Amaro. É o texto da rubrica. *Facta reverentia cruci*, feita a reverência à cruz: isto é, a reverência simples, abaixar ligeiramente a cabeça...

E, para exemplificar, fez uma cortesia a D. Josefa que lhe sorriu toda, torcendo-se.

325 — Nego! exclamou formidavelmente o cónego que em sua casa, à sua mesa, punha de alto as suas opiniões. E nego com os meus autores. Eles af vão! — E deixou-lhe cair em cima, como penedos de autoridade, os nomes venerados de Laboranti, Baldeschi, Merati, Turrino e Pavonio.

Amaro afastara a cadeira, pusera-se em atitude de controvérsia, contente de poder, diante de Amélia, «enterrar» o cónego, mestre de teologia moral e um colosso de liturgia prática.

330 — Sustento, exclamou, sustento com Castaldus...

— Alto, ladrão, bramiu o cónego, Castaldus é meu!

— Castaldus é meu, padre-mestre!

335 E encarniçaram-se, puxando cada um para si o venerável Castaldus e a autoridade da sua facúndia. D. Josefa pulava de gozo na cadeira, murmurando para Amélia com a cara franzida de riso:

— Ai, que gostinho vê-los! Ai, que santos!

Amaro continuava, com o gesto alto:

340 — E além disso tenho por mim o bom senso, padre-mestre. *Primo*, a rubrica, como expus. *Secundo*, o sacerdote, tendo na sacristia o barrete

307: lavadeira,] lavadeira / virtude] virtude,

308: honra para] honra pra

323: E,] E

337: riso:] riso,

340: disso] disso,

341: sacerdote,] sacerdote

Amélia tinha corado e Amaro, bebendo o seu cálice aos golos, olhava-a de revés.

Tinha crescido o frio e tinham mandado vir uma braseira. Já anoitecia e sentiam-se na rua ainda os rumores de tamancos, descantes de guitarra e ao longe foguetes tardios.

— É beber, é beber, dizia o cônego. E depois salta o cafezinho bem quente, mana Josefa!

Mas bateram à campainha.

— Quem será? disse a velha.

Teresa, a criada, entrou com um xale e uma manta de lã:

— Aqui está isto que vem de casa da menina Amélia. A senhora manda muitos recados, que não pode vir, que se achou incomodada.

— Então com quem hei-de eu ir? disse Amélia.

O cônego inclinou-se para ela e dando-lhe uma palmadinha na mão:

— Em último caso com este seu criado. E podia ir sossegada!

— Tem coisas, mano! disse a velha repreensivamente.

— Deixe lá mana, disse ele com o olho luzidio, o que passa pela boca de um santo, santo fica.

O pároco ergueu o copo e sorrindo-se disse pausadamente:

— Tem muita razão, sr. cônego Dias! O que passa pela boca de um santo santo fica! Para que viva!

— À sua! disse o cônego bebendo e fazendo estalar a língua.

Mas Amélia tinha ficado um pouco preocupada.

363-4: disse Amélia. // O cônego inclinou-se para ela e

366-7: E podia ir sossegada!

368-9: mano! disse a velha repreensivamente. // — Deixe lá mana, disse ele com o olho luzidio, o

369: boca de um

370: pároco ergueu o copo e sorrindo-se disse pausadamente:

371: razão, sr.

371-2: boca de um santo

373-7: sua! disse o cônego bebendo e fazendo estalar a língua. // Mas Amélia tinha ficado um pouco preocupada. // — Jesus!

na cabeça, não deve fazer cortesia inteira, porque lhe pode cair o barrete e temos desacato maior. *Tertio*, seguir-se-ia um absurdo, porque então a cortesia antes da missa à cruz da sacristia seria maior que a que se faz depois da missa à cruz do altar!

— Mas a cortesia à cruz do altar... bradou o cônego.

— É meia cortesia. Leia a rubrica: *Caput inclinat*. Leia *Gavantus*, leia *Garriffaldi*. E nem podia deixar de ser assim! Sabe porquê? Porque depois da missa o sacerdote está no auge da dignidade, uma vez que tem dentro em si o corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Logo, o ponto é meu!

E de pé, esfregou vivamente as mãos, triunfando.

O cônego abatera a papeira sobre as pregas do guardanapo, como um boi atordoado. E depois dum momento:

— Você não deixa de ter razão... Eu foi para o ouvir... Faz-me honra cá o discípulo, acrescentou piscando o olho a Amélia. Pois é beber, é beber! E depois salta o cafezinho bem quente, mana Josefa!

Mas um forte repique à campainha sobressaltou-os.

— É a S. Joaneira, disse D. Josefa.

A Gertrudes entrou com um xale e uma manta de lã:

— Aqui está isto que vem de casa da menina Amélia. A senhora manda muitos recados, que não pode vir, que se achou incomodada.

— Então com quem hei-de eu ir? disse logo Amélia, inquieta.

O cônego estendeu o braço sobre a mesa, e dando-lhe uma palmadinha na mão:

— Em último caso com este seu criado. E essa virtudezinha podia ir sossegada...

— Tem coisas, mano! gritou a velha.

— Deixe lá, mana. O que passa pela boca dum santo, santo fica.

O pároco aprovou ruidosamente:

— Tem muita razão o senhor cônego Dias! O que passa pela boca dum santo, santo fica! Para que viva!

— À sua!

E tocaram os copos, com um olho gaiato, reconciliados da controvérsia.

Mas Amélia ficara assustada.

343: absurdo,] absurdo:

367: sossegada...] sossegada.

368: — Tem coisas,] — Tem coisas,

— Jesus! Que terá a mamã?

— Ora o que há-de ter? Preguiça! disse o pároco rindo para ela. Amélia olhou-o e, corando um pouco, baixou os olhos.

Continuaram conversando sobre a festa, as armações, o sermão do Silvério...

Mas de repente o cônego, que descascava uma pêra, poisou a faca:

— Pois olhem, disse ele com a voz alterada, não me estou a sentir bem.

E passou a mão pelo estômago.

— Que é? disseram.

— Parece-me que me vai dar a dor.

Era uma dor cardiálgica que às vezes lhe dava subitamente no estômago.

Tinha-se calado e empalidecera um pouco.

— Está bom, está bom, passou, disse ele de repente enterrando os dentes na pêra.

Mas tornou a levar a mão ao estômago e afastando a cadeira:

— Não estou bem, não estou bem, disse ele empalidecendo mais. — E cavavam-se-lhe as olheiras.

Levaram-no para o quarto. A criada foi logo calçar os tamancos para ir a casa do médico. D. Josefa foi aquecer uma flanela para lhe assentar sobre o estômago.

377-8: mamã? // — Ora

378-82: há-de ter? [...] do Silvério...

383-518: de repente [...] solço histórico!

— Jesus, que terá a mamã! Que será?

— Ora o que há-de ser! Preguiça! disse-lhe o pároco, rindo.

— Não te agonies, filha, disse D. Josefa. Vou-te eu levar, vamos
380 todos levar-te...

— Vai a menina em charola, rosou o cônego descascando a sua
pêra.

Mas de repente pousou a faca, arregalou os olhos em redor, e pas-
sando a mão pelo estômago:

385 — Pois olhem, disse, não me estou também a sentir bem...

— Que é? Que é?

— Um ameaçozito da dor. Passou, não vale nada.

D. Josefa, já assustada, não queria que ele comesse a pêra. Que a
última vez que lhe dera fora por causa da fruta...

390 Mas ele, obstinado, cravou os dentes na pêra.

— Passou, passou, rosnavá.

— Foi simpatia com a mamã, disse o pároco baixo a Amélia.

De repente o cônego afastou a cadeira, e torcendo-se de lado:

— Não estou bem, não estou bem! Jesus! Oh, diabo! Oh, caramba!

395 Ai! Ai! Morro!

Alvorçaram-se em volta dele. D. Josefa amparou-o pelo braço até
ao quarto, gritando à criada que fosse buscar o doutor. Amélia correu à
cozinha a aquecer uma flanela para lhe pôr no estômago. Mas não apa-
recia flanela. Gertrudes topava contra as cadeiras, espavorida, à procura
400 do seu xale para sair.

— Vá sem xale, sua estúpida! gritou-lhe Amaro.

A rapariga abalou. Dentro o cônego dava urros.

Amaro então, realmente assustado, entrou-lhe no quarto. D. Josefa de
joelhos diante da cómoda gemia orações a uma grande litografia de Nossa
405 Senhora das Dores; e o pobre padre-mestre, estirado de barriga sobre a
cama, rilhava o travesseiro.

— Mas, minha senhora, disse o pároco severamente, não se trata agora
de rezar. É necessário fazer-lhe alguma coisa... Que se lhe costuma fazer?

410 — Ai, senhor pároco, não há nada, não há nada, choramingou a
velha. É uma dor que vem e vai num momento. Não dá tempo pra nada!

377: — Jesus,] — Jesus! / mamã!] mamã?

378: ser!] ser?

387: Passou,] Passou.

394: Oh, diabo! Oh,] Oh! Diabo! Oh

408: alguma coisa...] alguma cousa...

Amélia e Amaro ficaram sós na sala do jantar. Estiveram um momento calados. Amélia foi à janela e levantou a pequena cortina de cassa:

— Olha, disse ela, está a chover!

— Está a chover? disse Amaro indo também à janela.

O céu, com efeito, fizera-se negro, as ruas molhadas já luziam à luz dos candeeiros, sentiam-se os telhados gotejar.

— Vamos ter muita água, disse Amaro.

— Jesus! E agora quem me há-de levar a casa? fez Amélia.

— Se eu pudesse, disse-lhe baixo Amaro cobrindo-a com o olhar. — E mais baixo: — Estava tão linda hoje...

— Pelo muito que olhou para mim, murmurou ela examinando sempre a rua.

— Não podia, bem vê. Diante de todo o mundo.

Mas D. Josefa entrou; o mano ia melhor, disse, tinha ficado numa sonolência; ela tinha acendido uma vela a Santo António e outra a S. Joaquim.

Um chá de tília alivia-o às vezes... Mas por desgraça hoje nem tília tenho!
Ai, Jesus!

Amaro correu a casa a buscar tília. E daí a pouco voltava esbaforido com a Dionísia, que vinha oferecer a sua actividade e a sua experiência.

415 Mas o senhor cônego, felizmente, sentira-se de repente aliviado!

— Muito agradecida, senhor pároco, dizia D. Josefa. Rica tília! É de muita caridade. Ele agora naturalmente cai em sonolência. Vem-lhe sempre depois da dor... Eu vou para ao pé dele, desculpem-me... Esta foi pior que as outras... São estas frutas mald... — Reteve a blasfémia, aterrada.

420 — São as frutas de Nosso Senhor. É a Sua divina vontade... Desculpem-me, sim?

Amélia e o pároco ficaram sós na sala. Os seus olhares reluziram logo do desejo de se tocar, de se beijar, mas as portas estavam abertas; e sentiam no quarto, ao lado, as chinelas da velha. O padre Amaro disse então alto:

— Pobre padre-mestre! É uma dor terrível.

— Dá-lhe todos os três meses, disse Amélia. A mamã já andava com o pressentimento. Ainda me tinha dito antes de ontem: é o tempo da dor do senhor cônego, estou com mais cuidado...

430 O pároco suspirou, e baixinho:

— Eu é que não tenho quem pense nas minhas dores...

Amélia pousou nele longamente os seus belos olhos humedecidos de ternura:

— Não diga isso...

435 As suas mãos iam apertar-se ardentemente por sobre a mesa; mas D. Josefa apareceu, encolhida no seu xale. O mano tinha adormecido. E ela estava que não se podia ter nas pernas. Ai, aqueles abalos arrasavam-lhe a saúde! Acendera duas velas a S. Joaquim e fizera uma promessa a Nossa Senhora da Saúde. Era a segunda aquele ano, por causa da dor do mano. E Nossa Senhora não lhe tinha faltado...

440 — Nunca falta a quem a implora com fé, minha senhora, disse com unção o padre Amaro.

412: Ai,] Ai

418: vou para ao] vou pra o

432: olhos] olhos,

438: S. Joaquim] S. Joaquim,

O relógio da parede bateu oito horas.

— Já oito! disse Amélia. Estou com cuidado na mamã.

— Oh! filha! exclamou D. Josefa, mas agora quem te há-de acompanhar? O mano está com a dor, a criada foi chamar o médico...

— A mim parece-me, interrompeu o pároco, que o melhor é mandar acompanhar a menina Amélia por aquela mulher que me serve, a Dionísia.

Amélia hesitou um pouco; mas estava fatigada, a chuva crescia, receava pela mãe, — aceitou.

Amaro, que morava ao fim da rua, desceu e voltou daí a pouco com a Dionísia. A irmã do cônego emprestou um guarda-chuva a Amélia.

— Também vai, sr. pároco? disse a velha.

— Também, minha senhora. Vou acompanhar a menina Amélia até ao fim da rua e ao mesmo tempo dar um bilhete à Dionísia para ela de caminho levar ao sr. chantre.

Saíram. Amélia, encolhida sob o guarda-chuva, caminhava com passo miúdo, em bicos de pés, sobre a calçada molhada.

— Que tempo! dizia a Dionísia, ao lado, toda embrulhada no seu xale.

Quando passaram defronte da casa de Amaro, ele parou:

— Então dá licença, menina Amélia? Eu vou buscar a cartinha para dar à Dionísia, sim? É um instante. Está já feita. Para não estar à chuva é melhor entrar aqui no portal.

E subiu. A escada estava escura e o padre tropeçava um pouco nos degraus. Amélia, no portal, esperando, sentia em cima no soalho rangerem as botas de Amaro.

— Ó Dionísia, disse o pároco de cima depois de um instante, vindo ao patamar, não acho os fósforos.

— Na prateleira ao pé da chaminé, respondeu a Dionísia de baixo. Mas daí a pouco Amaro gritou outra vez:

— Não acho. Venha você cá acima. Como quer você que eu ache a carta sem luz?

Dionísia subiu e Amaro falando para baixo, para Amélia:

— É melhor subir também um instantinho, minha senhora, disse. Está o chão molhado aí no pátio, está a arrefecer. Suba!

O alto relógio de armário bateu então cavamente oito horas. Amélia falou outra vez no cuidado em que estava pela mamã... Demais a mais ia-se a fazer tão tarde...

— E é que quando eu saí estava a choviscar, disse Amaro.

Amélia correu à janela, inquieta. O lagedo defronte, debaixo do candeeiro, reluzia muito molhado. O céu estava tenebroso.

— Jesus, vamos ter uma noite de água!

D. Josefa estava aflita com o contratempo; mas a Amélia bem via, ela agora não podia despegar de casa; a Gertrudes fora ao doutor; naturalmente não o encontrara, andava a procurá-lo de casa em casa, quem sabe quando viria...

O pároco então lembrou que a Dionísia (que viera com ele e esperava na cozinha) podia ir acompanhar a sr.^a D. Amélia. Eram dois passos, não havia ninguém pelas ruas. Ele mesmo iria com elas até à esquina da Praça... Mas deviam apressar-se, que ia cair água!

D. Josefa foi logo buscar um guarda-chuva para Amélia. Recomendou-lhe muito que contasse à mamã o que tinha sucedido. Mas que não se afligisse ela, que o mano estava melhor...

— E olha! gritou-lhe ainda de cima da escada, dize-lhe que se fez tudo o que se pôde, mas que a dor não deu tempo para nada!

— Sim, lá direi. Boa-noite.

Ao abrirem a porta a chuva caía grossa. Amélia então quis esperar. Mas o pároco, apressado, puxou-a pelo braço:

— Não vale nada, não vale nada!

Desceram a rua deserta, aconchegados debaixo do guarda-chuva, com a Dionísia ao lado, muito calada, de xale pela cabeça. Todas as janelas estavam apagadas; no silêncio as goteiras cantavam de enxurrão.

— Jesus, que noite! disse Amélia. Vai-se-me a perder o vestido.

Estavam então na Rua das Sousas.

— É que agora cai a cântaros, disse Amaro. Realmente parece-me que o melhor é entrar no pátio de minha casa e esperar um bocado...

— Não, não! acudiu Amélia.

— Tolices! exclamou ele impaciente. Vai-se-lhe estragar o vestido... É um instante, é um aguaceiro. Para aquele lado, vê, está a aliviar. Vai

455: Eram dois] Eram deus

461: olha!] olha,

462: tempo para] tempo pra

472: Realmente] Realmente.

473: casa] casa,

475: ele] ele,

476: aguaceiro. Para aquele] aguaceiro. Práquele

Amélia não respondeu, hesitou; mas instintivamente, por uma vaga curiosidade, por um impulso irresistível, quase sem saber, foi subindo devagar, amparando-se ao corrimão; e Amaro em cima, no patamar, todo trémulo, sentia-a subir, subir e o seu vestido de seda roçar vagarosamente a parede.

— Vê? disse ele, é melhor estar aqui. Entre. É o meu quarto. É um instante. Em baixo está tudo molhado.

Amélia entrou no quarto do padre que estava às escuras; mas a Dionísia veio logo da cozinha com o candeeiro aceso.

— Parece-me que entornei a almotolia, vinha ela dizendo. Ora os meus pecados! Então não querem ver?

E poisando o candeeiro sobre a mesa, voltou à cozinha. Mas Amaro seguiu logo atrás dela e agarrando-a por um braço, trémulo, tonto, pálido, falando-lhe ao ouvido:

— Dionísia, minha Dionísia, disse ele, fiquei de confessar hoje aqui a Amélia; volte daqui a meia hora. Tome. — E meteu-lhe na mão uma libra.

passar... É uma tolice... A mamã, se a visse aparecer debaixo duma carga de água, zangava-se, e com razão!

— Não, não!

480 Mas Amaro parou, abriu rapidamente a porta, e empurrando Amélia de leve:

— É um instante, vai passar, entre...

E ali ficaram, calados, no pátio escuro, olhando as cordas de água que reluziam à luz do candeeiro defronte. Amélia estava toda atarantada. 485 A negrura do pátio e o silêncio assustavam-na; mas parecia-lhe delicioso estar assim naquela escuridão, ao pé dele, ignorada de todos... Insensivelmente atraída, roçava-se-lhe pelo ombro; e recuava logo, inquieta de ouvir a sua respiração tão agitada, de o sentir tão junto das saias. Percebia por trás, sem a ver, a escada que levava ao quarto dele; e tinha um desejo 490 imenso de lhe ir ver acima os seus móveis, os seus arranjos... A presença da Dionísia, encolhida contra a porta e muito calada, embarçava-a; todavia a cada momento voltava os olhos para ela, receando que desaparecesse, se sumisse na negrura do pátio ou da noite...

Amaro então começou a bater com os pés no chão, a esfregar as 495 mãos, arrepiado.

— Estamos aqui a apanhar alguma, dizia. As lajes estão regeladas... Realmente era melhor esperar em cima na sala de jantar...

— Não, não! disse ela.

— Pieguices! Até a mamã se havia de zangar... Vá, Dionísia, acenda 500 luz em cima.

A matrona imediatamente galgou os degraus.

Ele então, muito baixo, tomando o braço de Amélia:

— Porque não? Que pensas tu? É uma pieguice. É enquanto não passa o aguaceiro. Dize...

505 Ela não respondia, respirando muito forte. Amaro pousou-lhe a mão sobre o ombro, sobre o peito, apertando-lho, acariciando a seda. Toda ela estremeceu. E foi-o enfim seguindo pela escada, como tonta, com as orelhas a arder, tropeçando a cada degrau na roda do vestido.

— Entra praí, é o quarto, disse-lhe ele ao ouvido.

510 Correu à cozinha. Dionísia acendia a vela.

— Minha Dionísia, tu percebes... Eu fiquei de confessar aqui a menina Amélia. É um caso muito sério... Volta daqui a meia hora. Toma. — Meteu-lhe três placas na mão.

490: ver acima] ver, acima.

Ela olhou para ele, descalçou os sapatos, desceu pé ante pé e meteu-se na loja do carvão.

Amaro tornou a entrar no quarto e, calado, fechou a porta que dava para o corredor da cozinha e a porta que dava para o patamar. Depois vindo a Amélia com os braços abertos:

— Estamos sós!

Ela recuou, toda escarlate, para o pé da mesa.

— Que é? A Dionísia? Onde está a Dionísia?

Estava de pé, com o corpo encostado à mesa, toda trémula. Amaro veio, deixou-se-lhe cair aos pés e passando-lhe os braços pela cinta, com os olhos húmidos e meio cerrados, um sorriso vago, as mãos cheias de carícias errantes sobre as pregas do vestido, dizia-lhe:

— Adoro-te! Meu amor! Vem...

Ela ergueu-o devagar pelas mãos, fascinada, os lábios secos, os olhos cravados nele com a insistência da loucura; poisou-lhe as mãos nos ombros e com os braços estendidos conservou-o afastado dela um momento, fitando-o — até que de repente, com um suspiro, quase um arranco, deixou-se-lhe cair sobre o peito com um grande soluço histérico!

Meia hora depois Dionísia cantarolou na escada. Amélia com o rosto embrulhado na manta desceu rapidamente. Mas ao abrirem a porta da rua passava um grupo onde se tocava guitarra e se cantava o fado. Amélia recuou rapidamente para o recanto escuro, por trás da porta: o ruído dos tamancos e das vozes foi-se perdendo na rua. Dionísia então saiu de mansinho, espreitou cautelosamente, viu a rua deserta e disse para dentro do portal:

— Pst!

Amélia embrulhou mais o rosto e afastaram-se. Já não chovia. O céu desenevoara-se; havia estrelas; um vento frio anunciava o norte e o bom tempo.

519-23: Dionísia [...] — Pst!

524-5: e afastaram-se. Já não chovia. O céu desenevoara-se; havia estrelas; um vento frio

515 A Dionísia descalçou os sapatos, desceu em pontas de pés e fechou-se na loja do carvão.

Ele voltou ao quarto com a luz. Amélia lá estava, imóvel, toda pálida. O pároco fechou a porta — e foi para ela, calado, com os dentes cerrados, soprando como um touro.

520 Meia hora depois Dionísia tossiu na escada. Amélia desceu logo, muito embrulhada na manta: ao abrirem a porta do pátio passavam na rua dois borrachos galrando: Amélia recuou rapidamente para o escuro. Mas Dionísia daí a pouco espreitou; e vendo a rua deserta:

— Está a barra livre, minha rica menina...

525 Amélia embrulhou mais o rosto e apressaram o passo para a Rua da Misericórdia. Já não chovia; havia estrelas; e uma frialdade seca anunciava o norte e o bom tempo.

514: pés] pés,

520-1: rua dois] rua dois

524: rosto] rosto,

XVI

Ao outro dia a manhã estava limpa, cheia de sol. Amaro acordou com uma felicidade exuberante. Só uma coisa o preocupava: era ter introduzido Dionísia naquele segredo. Ele sabia-a fiel, discreta como um túmulo, engenhosa, cheia de expedientes; mas estava vagamente assusta-